

**ISA MARIA APARECIDA SPANGHERO STOEBER**

**Vozes da terapia**

**Fragmentos de um discurso familiar (amoroso?)**

**Universidade de São Paulo**

**ISA MARIA APARECIDA SPANGHERO STOEBER**

**Vozes da terapia**

**Fragmentos de um discurso familiar (amoroso?)**

**Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras da Universidade de São  
Paulo, em cumprimento parcial às  
exigências para a obtenção do grau de  
Doutor em Letras (Área de Filologia e  
Língua Portuguesa)**

**Orientador: Prof. Dr. Manoel Luiz  
Gonçalves Corrêa**

**Universidade de São Paulo**

**2006**

**Catlogação na Publicação**  
**Serviço de Biblioteca e Documentação**  
**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**

S871 Stoeber, Isa Maria Aparecida Spanghero  
Vozes da terapia: fragmentos de um discurso familiar (amoroso?) / Isa Maria  
Aparecida Spanghero Stoeber ; orientador Manuel Luiz Gonçalves Corrêa. --  
São Paulo, 2006.  
247 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua  
Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo.

1. Discurso - Teoria. 2. Análise do discurso - Psicologia. 3. Argumentação  
4. Linguagem - Teoria. 5. Terapia familiar. 6. Monofonia. 7. Polifonia. I. Título.  
II. Corrêa, Manuel Luiz Gonçalves.

Banca Examinadora:

Presidente:

1º Examinador:

2º Examinador:

3º Examinador:

4º Examinador:

5º Examinador:

**Dedicatória:**

**A meu marido e a meus quatro enteados, que primeiro me doutoraram na (intrincada) arte de viver em uma família reconstituída.**

**A minha filha que, respeitando minhas escolhas, me acompanha, sólida, em todo o percurso.**

**Ao Manoel, que não é da família, nunca me viu, e mesmo assim me acolheu.**

**Em tempo (eterno): ao Zeca e à Gui, meus pais e meus ais, que me inscreveram na vida com tanto amor e (que pena!) de quem tive de me despedir tão cedo.**

## **Agradecimentos:**

Ao meu pai, que, apesar de só ter podido estudar até o terceiro ano primário, lutou tanto para que eu me formasse professora, agradeço principalmente por me ter ensinado o valor do amanhecer. Pai, de quantos amanheceres um filho precisa para se fazer na vida...!

À minha mãe, primeira professora da Alta Paulista, que sempre dizia que na casa dela não precisava de dicionário (o dicionário era ela!), agradeço o prazer infinito de penetrar no universo das palavras. Mãe, como eu precisei de dicionário pra este trabalho...!

Ao meu marido, minha filha e meus enteados, agradeço a enorme doação do tempo de lazer de cada um para que eu pudesse fazer minha tese.

Ao Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, agradeço a imensa e generosa dedicação ao meu trabalho e a preciosa ajuda em todas as minhas dúvidas e dificuldades. Jamais poderei me esquecer da risada carinhosa diante das minhas perguntas muitas vezes tão estapafúrdias.

À Profa. Dra. Helena Nagamine Brandão, agradeço toda a orientação que recebi, não só nas aulas como também no Exame de Qualificação. Foi por meio de um de seus livros que, pela primeira vez, tomei contato com a Análise do Discurso e gostei tanto do tema.

À Profa. Dra. Marisa Grigoletto, agradeço toda a dedicação com que me acolheu em seu curso e as valiosas observações no Exame de Qualificação. Agradeço também a possibilidade de contato com sua tese transformada em livro, que serviu, em muitos momentos, de guia para minha trajetória.

Ao Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan agradeço a segurança dos braços abertos pra me receber em cada um de seus cursos, ajudando-me sempre a rever meus conceitos. Foi o Prof. Rajan quem pela primeira vez me falou que tudo é interpretação, e que tudo depende do lugar de onde se fala, o que, em certo sentido, acabou por me fazer decidir pelo tema da tese.

À Profa. Dra. Dina Maria Martins Ferreira, presença tão amiga em minha vida, agradeço por todo o carinho, pela ajuda nas dificuldades lingüísticas e pela deliciosa companhia nas viagens para a Unicamp.

Ao Daniel do Nascimento e Silva, doutorando brilhante da Unicamp, agradeço a ternura com que me ajudou a falar lingüisticamente o que eu só sabia dizer

terapeuticamente. Agradeço também esta amizade profunda, que nos fez ficar “quase da família”.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Práticas de Leitura e Escrita em Português Língua Materna, coordenado pelo Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, agradeço por todas as instigantes interlocuções a respeito da linguagem.

À Eliana Vasconcelos da Silva Esvael, agradeço a companhia tão amiga em todo momento de meu trabalho e a mão estendida a cada entrave meu diante do computador.

Aos professores e colegas do Instituto de Terapia Familiar de São Paulo e do Instituto Sistemas Humanos, Flávia Stockler, Janice Rechulski, Sandra Fedullo Colombo e Tai Castilho, agradeço, além das sessões oferecidas como material para este trabalho, por todas as possibilidades de trocas e de aprendizagem nos atendimentos às famílias.

Ao Dr. Marcos Pontes agradeço a oportunidade de conhecer a dura lida diária de um Pronto Socorro psiquiátrico.

À Profa. Dra. Walderez Bittencourt agradeço a supervisão de meu trabalho com famílias no Centro de Atendimento da Família (CEAF).

À co-terapeuta e amiga Maria da Salette Leite Vianna agradeço a contribuição do olhar sociológico sobre a família brasileira.

Aos professores e colegas do Curso de Terapia Familiar da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), agradeço pela possibilidade de compartilhar cada sessão e cada questão referente aos atendimentos familiares. À coordenadora do grupo, Profa. Dra. Maria Rita D'Ângelo Seixas, agradeço a confirmação permanente de que, diante de qualquer paciente, devem prevalecer sempre o respeito e a compaixão.

À Maria Brandina Mattoso Gioielli, co-terapeuta de tantas jornadas, há tantos anos atendendo famílias ao meu lado, agradeço a ternura e o ombro amigo.

Às famílias com quem tenho trabalhado ao longo dos anos, agradeço a oportunidade constante de aprender.

À Rosângela L. Gonçalves da Silva e à Raquel Cesário da Silva, minhas preciosas secretárias, agradeço por terem cuidado com tanto esmero de minhas coisas, enquanto eu preparava minha tese.

## Resumo

Este trabalho investiga as práticas discursivas de sessões de terapia de família de abordagem sistêmica. Enfoca a (re)construção dos sentidos desse discurso terapêutico, voltando-se para o que se convencionou chamar, dentro da área terapêutica, por re-significação e procurando olhar criticamente o pedido de ajuda do paciente e o ato de dar ajuda do terapeuta. Investigam-se também os lugares sociais/familiares dos sujeitos – aí incluída uma certa representação do terapeuta – quando em interação terapêutica. Partindo da noção de dialogismo proposta por Bakhtin e revisitada pelos estudos sobre a(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s) de Authier-Revuz, são observadas, em diálogos extraídos de três sessões de terapia de família realizadas em institutos de ensino e pesquisa (duas instituições autônomas e uma autarquia federal), as fronteiras da alteridade, evidenciadas no gênero discursivo “sessão de terapia”. Tal gênero discursivo, que, em sua superfície pode ser entendido como encontro com fins terapêuticos para discutir temas de conflitos humanos em situação relacional, evidencia-se, no entanto, como um confronto entre vozes que disputam papéis/lugares sociais e familiares. As análises revelam que as fronteiras, delimitadas pela alternância dos sujeitos falantes, entre perguntas e respostas dos terapeutas e seus pacientes, constituem um processo de interação de vozes sociais, em contínuos entrecruzamentos e reconfigurações. Revelam também que os terapeutas constroem hipóteses para a intervenção nos conflitos familiares por meio dos deslizamentos dos sentidos (re-significação) e que buscam, para a resolução desses conflitos, o deslocamento enunciativo das vozes dos pacientes de uma posição monológica (ainda que presencial) para posições dialógicas.

Palavras-chave: gênero discursivo “sessão de terapia”; terapia de família; dialogismo; heterogeneidades enunciativas; monofonia; polifonia.



## **Abstract**

This thesis investigates the discursive practices in systemic family therapy sessions. It focuses on the (re)construction of meanings in such therapeutic discourse, by focusing on what, within the therapeutic field, is known as re-signification and by attempting to consider critically the patient's request for help and the therapist's act of helping. It investigates also the subjects' social/family places – including a certain representation by the therapist – when interacting at the therapy. Starting from the Bakhtinian notion of dialogism, which is revisited in the studies on enunciative heterogeneities by Authier-Revuz, the frontiers of otherness – evinced in the “therapy session” discourse gender – are observed, specifically in pieces of dialogues taken from three family therapy sessions held in teaching and research institutes (two of them autonomous institutions and a federal autarchy). Such discourse gender, which, in its surface might be understood as meeting aimed at therapeutic ends for discussing themes of human conflicts in relational situation, constitutes, however, a clash of voices that dispute family and social roles/places. The analyses reveal that the frontiers, circumscribed by the alternation of speaking subjects, between questions and answer of the therapists and their patients, consist of a process of social voices interaction, throughout continuous intercrossings and reconfigurations. The analyses demonstrate also that the therapists formulate hypotheses for the intervention in the family conflicts through the meaning slides (re-signification) and that they seek, for solving such conflicts, the enunciative displacing of the patients' voices from a monological position (even though witnessed) to dialogical positions.

Keywords: “therapy session” discourse gender; family therapy; dialogism; enunciative heterogeneities; monophony; polyphony.

## Sumário

Apresentação.....	12
Introdução.....	14
A. A terapia de família: um breve percurso histórico e sua relação com os estudos da linguagem .....	19
B. Questões de linguagem sob o prisma da prática terapêutica da TF: o olho do observador no observado.....	28
C. A prática terapêutica: conceitos de família e características da sala de terapia.....	38
1. Que família é esta?.....	38
2. Na sala de terapia.....	48
D. A TF como uma atividade de linguagem: a instabilidade do sentido nas sessões terapêuticas .....	51
Capítulo 1: Para ouvir as vozes da terapia: pressupostos teóricos.....	56
1.1 A enunciação.....	56
1.1.1 Bakhtin e a Teoria do Enunciado Concreto.....	56
1.1.2 Vozes e auditório social .....	62
1.2 A noção de sujeito .....	67
1.2.1. A(s) Heterogeneidade(s) Enunciativa(s).....	72
1.3 O cenário. ....	78
1.4 Lugares sociais e posições enunciativas.....	81
1.5 A noção de sentido.....	84

Capítulo 2: A interação terapeuta-paciente.....	91
2.1 Material e método.....	91
2.1.1 O <i>corpus</i> : as sessões terapêuticas.....	91
2.1.2 O critério de seleção das sessões.....	92
2.1.3 A transcrição do <i>corpus</i> .....	93
2.2 Modos de representação.....	94
2.3 O Discurso da TF: um gênero e suas partes .....	95
2.3.1 O conteúdo temático .....	95
2.3.2 A construção composicional.....	96
2.3.3 O estilo .....	100
2.4 As palavras e suas heterogeneidades.....	101
2.5 As perguntas do terapeuta.....	103
Capítulo 3: Análise.....	107
3.1 Primeira Sessão.....	107
3.1.1 Os sujeitos falantes.....	108
3.1.2 O Texto.....	111
3.1.3 Fragmento 1: Vozes que embalam a cadeira vazia.....	119
3.1.4 Fragmento 2: Vozes que constroem a parede do meio.....	133
a) a perda da memória.....	138
b) a queda do telhado, o acidente de carro.....	143
3.1.5 Fragmento 3: Vozes que tateiam o disco riscado.....	148
a) 24 horas de convivência íntima.....	153
b) na América, o filho é autônomo.....	159

c) no Brasil, o cofre é vazio.....	168
3.2 Segunda Sessão.....	173
3.2.1 Os Sujeitos Falantes.....	174
3.2.2 O Texto .....	174
3.2.3 Fragmento 1: Vozes que disputam os sentidos das coisas.....	180
3.2.4 Fragmento 2: Vozes que propagam verdades caladas.....	191
3.2.5 Fragmento 3: Vozes que desistem nos desertos silentes..	203
3.3 Terceira Sessão.....	209
3.3.1 Os Sujeitos Falantes.....	210
3.3.2 O Texto .....	211
3.3.3 Fragmento 1: Vozes que penetram territórios invisíveis....	214
3.3.4 Fragmento 2: Vozes que impõem territórios lingüísticos...	223
3.3.5 Fragmento 3: Vozes especializadas em pôr ponto final ....	238
 Considerações Finais.....	 241
 Bibliografia.....	 245

## Apresentação

O interesse pelo estudo da linguagem nas sessões terapêuticas acompanha meu trabalho há um longo tempo e possibilita um espaço de convivência de dois assuntos que sempre mobilizaram minha vida, acabando por constituir-se em mim como numa segunda pele: a linguagem, paixão primeira e avassaladora, que me arrastou para a formação acadêmica inicial (Letras) e a família, matriz de tantos e necessários afetos – alegres ou doloridos –, cuja inscrição inalienável transformou-me posteriormente em terapeuta de família e de casais, prática que exerço diariamente na cidade de São Paulo.

Há muito tempo trabalho com famílias. Inicialmente em escolas, como orientadora. Depois, em consultório particular e em diversas instituições particulares, municipais e estaduais. Já tive oportunidade de exercer essa função no CEAF (Centro de Estudos e Atendimento à Família), que recebe famílias e casais encaminhados pela Vara de Menores da Zona Oeste de São Paulo e pela Febem (Fundação Para o Bem-Estar do Menor). Lá, em parceria com assistentes sociais e psicanalistas, atendi familiares de menores infratores ou em situação de risco.

Exerci também esta atividade, como aluna, no Instituto de Terapia Familiar de São Paulo, instituição-escola que atende gratuitamente a comunidade, com o objetivo de estudo e prática. Em salas providas de espelho unidirecional, as famílias são atendidas por uma dupla terapêutica e supervisionadas por um especialista, que se comunica com os terapeutas por telefone ou diretamente, dentro das salas onde ocorrem as sessões (*setting*). Por detrás do espelho, uma equipe de formandos observa e prepara os dados a serem discutidos após a sessão. Nesse instituto, trabalhei em co-terapia com uma psicóloga e com uma assistente social. As famílias que atendemos nesse local tinham poucos recursos econômicos e moravam em bairros pobres ou na periferia de São Paulo. Grande parte dos inscritos para os atendimentos teve como motivação entrevistas feitas pelas supervisoras a programas de televisão, onde falavam da importância da Terapia de Família e de Casal na constituição de vínculos afetivos mais saudáveis e de relações emocionais mais adequadas.

Outro lugar em que tive oportunidade de exercer a prática foi no Pronto Socorro Municipal de Santo Amaro, onde trabalhei em parceria com psiquiatras. Lá,

atendia os familiares de enfermos principalmente recolhidos das ruas, por alcoolismo, drogas ou surto psicótico. O atendimento tinha de ser sempre bastante rápido, em pé, numa enfermaria, em virtude da infra-estrutura hospitalar; os pacientes eram muito carentes do ponto de vista econômico. Com os psiquiatras havia sempre uma interessante troca de idéias, com referência a possíveis diagnósticos e encaminhamentos.

Em projeto de terapia comunitária, trabalhei em espaço cedido pela Pastoral do Menor de uma igreja católica da região da Cidade Universitária de São Paulo, em co-terapia com uma psicóloga, uma socióloga e uma assistente social, as três em formação no Centro de Terapia Comunitária da Universidade de Fortaleza, que procura estender seu projeto a todo o país. As sessões seguiam o modelo desse projeto e contavam com a presença de muitos fiéis, agregados à igreja católica do bairro em questão. Os temas a serem trabalhados eram escolhidos no momento, a partir de queixas de relacionamentos com membros da família.

Atualmente, trabalho na Escola Paulista de Medicina, em co-terapia. Minha primeira formação universitária foi Letras, e depois Pedagogia, antes da Terapia de Família, curso de especialização de quatro anos no Instituto de Terapia Familiar de São Paulo (ITF), que complementei com mais dois anos e meio, na UNIFESP, Universidade Federal de São Paulo (Escola Paulista de Medicina), numa especialização voltada a pacientes na área psiquiátrica. Nessa universidade sou supervisionada por uma psicóloga sociodramatista e de tempos em tempos, juntamente com uma co-terapeuta, apresento as famílias que atendo para uma equipe, que assiste à sessão por detrás de um espelho unidirecional, conforme relatei anteriormente. Tal equipe apresenta-se aos pacientes nos últimos minutos da sessão, por meio de reflexões que o atendimento lhe despertou, e, neste papel colaborativo, é intitulada “equipe reflexiva”. Esta breve apresentação de minha prática terapêutica, além de pretender mostrar o contexto em que nasceu meu interesse pelo tema, é também uma tentativa de explicitar meu papel de pesquisadora, a um só tempo terapeuta e lingüista.

## Introdução

*Ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência, não poder nem dever terminar.*

*(Mikhail Bakhtin, Problemas da Poética de Dostoiévski)*

*Ora, como em todos os debates sérios, palavras são reis.*

*(Fernand Braudel)*

*Encheram a terra de fronteiras, carregaram  
O céu de bandeiras. Mas só há duas nações:  
a dos vivos e a dos mortos.*

*(Mia Couto, Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra)*

Este trabalho resulta da investigação sobre uma prática discursiva – a terapia de família de abordagem sistêmica –, e propõe uma abordagem dialógica (no sentido bakhtiniano) dos conflitos humanos em situação de família ou de casal, investigando os lugares sociais/ familiares dos sujeitos – aí incluída uma certa representação do terapeuta – quando em interação terapêutica.

Tal tipo de terapia conta já com uma vasta literatura, seja no tocante aos postulados teóricos, seja no relato da própria *práxis*; há algumas décadas muitos autores vêm-se dedicando a narrar suas experiências e a descrever a metodologia utilizada nas sessões. Paradoxalmente, no entanto, quase inexitem pesquisas sobre sua principal ferramenta: a linguagem. Ainda que a terapia de família de abordagem sistêmica, como prática conversacional, centre-se na relação dialógica de seus participantes – terapeutas e pacientes – pouco material se encontra à disposição daqueles que se interessam por aprofundar-se no tema.

Conceitos como os de metáfora, metonímia, ironia, paráfrase, eufemismo, metalinguagem, entre outros, enquadram-se na moldura do que se convencionou chamar por re-significação, instrumento por meio do qual cada terapeuta tenta (muitas vezes em vão!) esquadrihar os sentidos ( e seus efeitos) das narrativas dos pacientes. Sob o mesmo guarda-chuva podem abrigar-se também a negação e o

silenciamento, uma e outro atuando como faca amolada, protetora de algum perigo indevassável, segredo protegido a sete chaves, fantasmaticamente presente (talvez) por muitas gerações. Quem cala consente ou quem cala nega? Quem cala agride? Como re-significar o não? o silêncio? a esfinge? Qual é o véu que reveste as (dramáticas) histórias encantadoras, tão parecidas com o canto das sereias? Como re-significar cada fala, cada argumento, sem correr os riscos de Ulisses ou sem resvalar no engodo do apenas intuitivo? Como, a não ser na e pela linguagem se pode compreender aquilo que se conhece por “cura pela palavra” ?

Estas e tantas outras questões, embora poucas vezes articuladas e nem sempre claramente esboçadas, povoam o dia-a-dia desse profissional que ousa colocar diante de si uma família inteira, esse *kit* sempre incompleto, porém perpetuador dos desígnios do Gênesis: avós, pais e filhos, maridos e ex-maridos, a esposa atual e a “ex”, casais de jovens namorados ou casais já aposentados, sentados, lado a lado, no mesmo sofá, mostram acreditar que “não é bom que o homem esteja só”, independentemente de sentir-se muito mal acompanhado ou sob intenso sofrimento provocado pela vida familiar. Numa sala muitas vezes exígua, esse terapeuta comete a suprema ousadia de aglutinar pessoas que normalmente não conseguem conviver em espaços bem mais amplos, sem se atacar ou se destruir. Junta casais que há muito não se falam, ou que, quando o fazem, só se machucam; incita o pai a escutar o filho e o filho a falar com o pai; propõe-se a construir muros, quando faltam os limites e a derrubar muralhas, quando falha a comunicação; estimula gritos que não querem calar e atenua falas que só sabem ferir, como se pretendesse ensinar a falar as mesmas coisas de que se fala todo dia, há séculos, mas de uma outra maneira, mais clara e mais suportável de ser ouvida, porque amorosamente, na reciprocidade.<sup>1</sup>

Pensando principalmente no universo lingüístico em que, cotidianamente, mergulham esse profissional e seus pacientes e nessa interação terapêutica onde os objetos de desejo (ser ajudado, por parte do paciente e ajudar, por parte do

---

<sup>1</sup> Conforme Maturana (1998), um dos pensadores a que se recorre na TF e do qual falaremos em nosso trabalho, a palavra amor é usada na vida cotidiana para indicar a aceitação do outro ou de algo como legítimo outro na convivência, ou seja, o ato de amar significa abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, cuja presença é legítima. Nesse sentido, o amor deixa de ser um fenômeno biológico eventual para ser um fenômeno biológico cotidiano. Para que possamos pensar, então, numa história de interações recorrentes, é preciso haver uma emoção que constitua as condutas que resultam em interações recorrentes. Caso esta emoção não se dê, não se pode pensar em uma história de interações recorrentes em que há reciprocidade, mas somente em encontros casuais e separações.



terapeuta) se confundem, levantamos a questão norteadora de nosso trabalho: como se dá o processo de (re)constituição desse referente fugidio, que se representa como a concepção de cada um a respeito do lugar que ocupa na vida familiar/social e do significado de viver bem em família e em casal e que os terapeutas conhecem por re-significação?

Consideramos em nosso trabalho, como um *a priori*, que a terapia de família de abordagem sistêmica pertence às atividades humanas relacionadas à saúde, campo que está na base da constituição de “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (Bakhtin, 2000 : 1979, p.280-326), marcados sócio-historicamente e que se relacionam diretamente a diferentes situações sociais; tais situações, por sua vez, determinam o entrecruzamento de gêneros, com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias, como é o caso do gênero “sessão terapêutica”<sup>2</sup>. Os enunciados emergentes das sessões podem, portanto, ser considerados como enunciados genéricos, produzidos no interior de um gênero complexo (“secundário”, na terminologia de Bakhtin), o das sessões terapêuticas. Além de responderem aos enunciados dos interlocutores imediatos, respondem também a enunciados anteriores, inscritos nas experiências de vida do terapeuta e dos pacientes, não limitando a sua ligação apenas “aos elos que o precedem”, mas antecipando também os “que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal”, por um mecanismo de representação de enunciados possíveis.

Esse gênero discursivo, que se assemelha a um diálogo do cotidiano, em sua superfície pode ser entendido como encontro com fins terapêuticos para discutir temas de conflitos humanos em situação relacional, pelas formas de representação dos sujeitos em interação. No entanto, acreditamos que, nas sessões, as interações (terapeuta-paciente; paciente-paciente), voltadas para temas relacionados à família e aos lugares que cada um ocupa dentro dela é, *per se*, um diálogo com parceiros socialmente desiguais, o que nos permite ter como hipótese de trabalho que se trata

---

<sup>2</sup> Dada a extrema heterogeneidade das esferas de utilização da língua, os gêneros também apresentam grande heterogeneidade, e incluem desde o diálogo cotidiano até a tese científica, motivo pelo qual Bakhtin distingue os gêneros primários dos secundários. Os primeiros (diálogo, carta, situações de interação face-a-face) constituem-se em situações de comunicação ligadas à esferas sociais cotidianas de relação humana, enquanto os segundos relacionam-se a esferas mais complexas, de interação social, que muitas vezes são intermediadas pela escrita. Note-se, porém, que o gênero “sessão terapêutica”, embora falado, pode ser classificado como um gênero secundário, se considerarmos a heterogeneidade dos enunciados que o compõem.

de um discurso que não se constitui num encontro, mas num confronto entre vozes que disputam papéis/lugares sociais e familiares. Nas interações paciente-paciente, esse confronto exemplifica, em geral, a tentativa de cada participante de sobrepor, monofonicamente, a sua voz em relação à dos demais, inclusive à do terapeuta. Este, por sua vez, na condição de mediador dessa luta, impõe-se uma abertura dos sentidos, de modo a promover uma redistribuição polifônica dessas vozes.

Ao elegermos como nosso objeto de estudo tal discurso, levamos em consideração os seguintes motivos:

- a) o próprio tipo de terapia, enquanto prática discursiva que pretende auxiliar nos conflitos familiares, vem sendo, cada vez mais, adotado por diversas instituições que se dedicam à saúde mental da família, representando um modelo de eficácia, tanto por seu caráter mais breve (pode ser feita em poucas sessões, de acordo com o enfoque em alguns temas conflitantes), como por seu aspecto econômico, contrário aos altos custos da terapia individual – inacessível à maioria da população –, o que justifica uma investigação a respeito desse tema em nosso país;
  - b) o nosso interesse em observar como se processam as interações entre os sujeitos em situação de terapia; no caso deste trabalho específico, por utilizar como material sessões gravadas em cursos de formação em terapia, as interações permitem várias abordagens, uma vez que, ao mesmo tempo em que os terapeutas se colocam como mediadores do discurso dos pacientes, conta-se, ainda, com a presença de um auditório, representado por uma equipe de observação (alunos e supervisor), o que potencializa interessantes configurações de sentido;
  - c) a expectativa de, com esta investigação, contribuir tanto com os estudos lingüísticos como com a terapia de família de abordagem sistêmica, não só em sua atuação clínica em instituições e consultórios, mas também em sua abordagem científica e pedagógica nos diversos cursos de formação de terapeutas de nosso país. Para tal, propomo-nos a uma análise lingüística com foco na (re)construção dos sentidos desse discurso terapêutico,
-

voltando-nos especialmente para aquilo que se convencionou chamar, dentro da área terapêutica, por re-significação e procurando olhar criticamente o pedido de ajuda do paciente e o ato de dar ajuda do terapeuta.

Para verificar nossa hipótese de trabalho, observaremos, em três sessões terapêuticas, algumas perguntas formuladas pelos terapeutas, partindo do princípio de que as perguntas constituem uma das principais ferramentas desse trabalho. Como supomos que se trata de um discurso que não se constitui num encontro, mas num confronto entre vozes que disputam papéis/lugares sociais e familiares, investigaremos tal hipótese no que consideramos a articulação da heterogeneidade mostrada, marcada ou não, com a heterogeneidade constitutiva do discurso, baseada no dialogismo de Bakhtin e no interdiscurso, por meio dos seguintes *pontos de heterogeneidade* (Authier-Revuz, 2004, p. 246-7):

- a) das palavras dos outros, do discurso dos outros ou de um outro discurso (terapêutico, materno, filial etc);
- b) de outras palavras, de “outros sentidos”, os da polissemia, do equívoco, do avesso do discurso, o que localmente pode ser percebido por metáforas ou outros jogos de palavras como a ironia, por exemplo.

Entre os quadros teórico-metodológicos disponíveis, a escola de Bakhtin/Volochinov/Medvedev (1992, 2000, 2001 e 2002 a, b, c), pareceu-nos a mais adequada a esses propósitos, por permitir abordar, de forma articulada, aspectos lingüísticos em contextos sociais, possibilitando verificar as posições enunciativas, a construção do dialogismo e o lugar determinante da produção de sentidos nesse discurso que predica sobre a vida em família. Em Authier-Revuz (1990, 1994, 2001 e 2004), lingüista que trabalha no campo da enunciação e privilegia o campo da representação de um discurso outro no discurso, buscamos uma articulação da lingüística com os exteriores teóricos, em que se apóia obrigatoriamente a descrição dos fatos enunciativos que pretende dar conta dos dois níveis articulados de heterogeneidade: os "representados na" e "constitutivos da" enunciação. Com tal embasamento teórico, acreditamos ter encontrado a ancoragem necessária para o

estudo do funcionamento discursivo das sessões de terapia de família de abordagem sistêmica.

Ainda à maneira de introdução, apresentamos, neste ponto, o estado da arte no que se refere à Terapia de Família. Para tanto, dividiremos a exposição em quatro partes: (A) um breve percurso sobre o desenvolvimento histórico da terapia de família e sua relação com os estudos da linguagem; (B) algumas questões de linguagem sob o prisma da prática terapêutica da terapia de família, (C) a prática terapêutica, item no qual discorreremos sobre conceitos de família e características da sala de terapia e (D) a TF como uma atividade de linguagem, em que tratamos da instabilidade dos sentidos na interação estabelecida nas sessões terapêuticas.

## **A. A terapia de família: um breve percurso histórico e sua relação com os estudos da linguagem**

A terapia de família de abordagem sistêmica é uma prática relacional, cujos pacientes são atendidos tanto em grupos familiares inteiros, como apenas em parte, dependendo do que se estabelece com os terapeutas; no caso dos atendimentos institucionais, leva-se em consideração o fato de que muitos membros das famílias necessitam trabalhar e as sessões só ocorrem em horário comercial (das oito às dezoito horas). Muitas vezes, também, este tipo de terapia relacional é procurado por casais (com ou sem filhos) que, sentindo dificuldades no convívio, solicitam ajuda terapêutica; a esse tipo de atendimento convencionou-se chamar terapia de casal. A terapia de família pode converter-se em terapia de casal, assim como a de casal pode converter-se em terapia de família, definida ou indefinidamente, mediante decisão dos pacientes com os terapeutas.

Segundo a abordagem sistêmica, a terapia de família procura envolver três gerações (avós, pais e filhos), sendo, por este motivo, considerada um modelo trigeracional. Para tal, costumeiramente se constroem árvores genealógicas incluindo essas gerações, com o objetivo de situar os pacientes dentro de seu contexto histórico-familiar. Traça-se, também, um paralelo entre as famílias de

origem de cada cônjuge, para que se evidencie o sistema de crenças em que cada um foi gerado e criado.

Tal método terapêutico<sup>3</sup> surgiu em período pós-guerra (década de 50), em Palo Alto, nos Estados Unidos, por meio de vários pesquisadores, dos quais destacamos Bateson, Watzlawick e Jackson; logo a seguir, implantou-se na Europa, com a equipe formada por Palazzoli, Cecchin, Boscolo e Prata, conhecida como “grupo de Milão” e, a partir daí, foi divulgado em muitos países, entre eles, o Brasil, onde se fundaram alguns cursos, com o objetivo de formar terapeutas, como, por exemplo, os promovidos pelo Instituto de Terapia de Família de São Paulo, pelo Famíliae, pelos Sistemas Humanos e pela Escola Paulista de Medicina, UNIFESP. O nome de terapia sistêmica deve-se a seus postulados iniciais: mobilizados pela Teoria Geral dos Sistemas, pela Cibernética e pela Teoria da Informação, os pioneiros desse modelo de terapia conceituavam a família como um sistema autônomo, com possibilidades de transformação, “na medida em que a mudança de uma parte do sistema é seguida de uma mudança compensatória de outras partes desse sistema” (BOWEN,1991, p.29).<sup>4</sup> Ou seja, a família passou a ser entendida como organismo social, cuja organização se refere à totalidade de seus membros; acredita-se que as interações terapêuticas com uma família podem, deste modo, provocar uma compensação em todo o sistema, alterando sua estrutura.

Com o passar do tempo e o surgimento de novos pesquisadores, a terapia de família de abordagem sistêmica passou por diversas transformações, procurando, atualmente, inter-relacionar diferentes modelos teóricos, o que dificulta sobremaneira qualquer tentativa de sistematização de seus postulados. Durante as décadas de 80 e 90 houve uma grande polarização e variação entre as diversas escolas, cada uma delas lançando mão de diferentes pressupostos e diferentes técnicas. Breulin et al (2000:1992) descrevem três estágios na evolução da TF: essencialista, concentrado principalmente nos contextos externos, em detrimento dos fenômenos psíquicos e das explicações históricas; transicional, com polarização do modelo original, que se baseara nos campos de estudos citados acima, e

---

<sup>3</sup> Para efeito de facilitação de leitura do texto, a terapia de família e de casais de abordagem sistêmica será, doravante, em muitas situações, nomeada TF, incluindo-se nesta sigla todas as correntes terapêuticas que envolvam famílias e casais, desde que se valham da abordagem sistêmica.

<sup>4</sup> “en la medida en que el cambio de una parte del sistema va seguido de un cambio compensatorio de otras partes de ese sistema.” (tradução nossa).

ecológico, com tentativa (e conseqüentes riscos de perda da integridade original) de integração de outros modelos terapêuticos, como veremos a seguir.

Dentro desses três estágios, o que podemos observar é que a TF foi desenvolvida por um grupo bastante heterogêneo de pesquisadores, que trabalhavam com objetivos diferentes em contextos também diferentes. Essa heterogeneidade manteve-se ao longo dessas seis décadas de atuação, o que dificulta o trabalho de todo aquele que tentar peregrinar por sua história; com efeito, torna-se bastante complexa a descrição das diferentes abordagens do campo. O que aparece em comum entre essas diferentes abordagens da terapia de família sistêmica é o desagrado inicial de alguns psicanalistas, como, por exemplo, Minuchin, em relação à Psicanálise e à convicção de que o indivíduo deve ser visto como o centro do universo psicológico. Por isto, muitos estudos da década de 50 acabaram por convergir para uma nova visão, ou seja, que a família é um sistema vivo, um todo orgânico. Inconformados com o enfoque terapêutico até então centrado no indivíduo, alguns psicanalistas, conjuntamente com antropólogos e estudiosos da linguagem, procederam a inúmeras pesquisas em torno da comunicação entre membros do sistema familiar, desafiando a arraigada crença na autodeterminação, em favor do poder da família. Esta passou a ser entendida como uma estrutura, uma unidade, que, ao agregar diversos membros, deveria ser vista como o local propício para a intervenção.

Na terapia sistêmica, o enfoque estruturalista não só vingou, como criou muitos frutos: embora sua adoção não invalide que o terapeuta se valha concomitantemente de outros enfoques, até os dias de hoje é um dos mais utilizados e reputados como eficaz, tanto pela própria definição da família como uma estrutura, um todo em relação com suas partes, como talvez porque se coadune mais harmoniosamente com os ideais burgueses de uma família “estruturada”, em contraponto com os modelos familiares considerados “pós-modernos”, como veremos quando de nossa discussão sobre o conceito de família dentro da terapia sistêmica.

Deve-se a Minuchin, um dos mais cortejados terapeutas da atualidade, a criação do que se conhece como terapia estrutural, considerada por ele “uma abordagem de tratamento dos problemas humanos que reconcilia as famílias para ajudá-las a trabalhar os conflitos em sua fonte. Mas também uma nova abordagem para entender o comportamento humano como fundamentalmente formado pelo seu

contexto social”. Afirma ainda o autor: “quando a organização familiar é transformada, a vida de cada membro da família é correspondentemente alterada” (MINUCHIN, 1995:1993, p. 37). De acordo com este modelo terapêutico, a família pode ser entendida segundo um princípio fundamental: ela forma um sistema, independentemente da cultura, do tempo e do espaço em que seja tomada; é um arranjo sistemático de partes, cujos elementos se articulam em combinações variáveis, segundo certos princípios de estrutura. Define-se pelo conjunto de relações ou coalizões que os membros mantêm entre si e pelas oposições que estabelecem; seus membros só podem ser determinados no interior desse sistema que os organiza, e uns em função dos outros. Por isto, em primeiro lugar, numa sessão terapêutica que persegue este modelo, é o sistema familiar que deve ser destacado e descrito, e não o indivíduo, o que não impede, segundo o próprio Minuchin, que se ampliem as histórias individuais, de forma a mudar a perspectiva do sistema familiar.

Na TF, diversos tipos de patologias, como a esquizofrenia, por exemplo, passaram a ter, como possibilidade diagnóstica, a dificuldade comunicacional no sistema a que pertence o paciente. Ou seja: os conflitos interacionais começaram a assumir o posto de desencadeantes de múltiplos transtornos emocionais. Várias escolas de terapia sistêmica, tanto na América como na Europa, experimentaram, em seus trabalhos, recursos lingüísticos diversos<sup>5</sup>, cuja coexistência apontou para a

---

<sup>5</sup> Com o desenvolvimento das pesquisas na área da terapia sistêmica, a visão estruturalista, sob o legado de Saussure e o embasamento antropológico de Lévi-Strauss chega aos consultórios. Nada mais natural, se, como já citamos acima, levarmos em conta que, entre os maiores pesquisadores desta modalidade terapêutica, estavam estudiosos da linguagem e antropólogos, fato que, por si só, já era um convite às inovações lingüísticas e sociológicas vindas da França.

Muitos autores trataram, ainda que não especificamente da TF, desses liames das práticas terapêuticas discursivas com a lingüística. Henry (1997:1969, p.27), lingüista francês, por exemplo, ao referir-se ao estruturalismo da França, lembra que este transformou a lingüística em ciência piloto, cujos conceitos foram aplicados a quase todos os domínios das ciências; a identificação entre cultura e linguagem passou a exigir que todo fato cultural fosse submetido a uma análise lingüística. Ao tratar dos desejos inconscientes, tanto na obra de Freud como de Lacan, afirma que a referência à lingüística passa a ter sentido quando se toca na questão do sujeito: a lingüística aponta para algo que se repete materialmente no discurso ou na fala, que não são só palavras ou significações, mas são diferenças ou relações, a que Saussure chamou *significante* (1992, p.161 et seq).

O próprio Lacan, ainda que não pretendesse reduzir a Psicanálise a uma análise lingüística, concebe-a como uma “cura da palavra”, que se opera exclusivamente por meio da fala. Para este mais famoso releitor de Freud, a metáfora explica a condensação, bem como a metonímia elucida o deslocamento: o inconsciente estrutura-se como linguagem e o sujeito assume o estatuto de ser da linguagem. Sendo o inconsciente produto da clivagem do sujeito, despontará, conforme o apontou Freud, nos momentos de ausência, por meio de lapsos, atos falhos e chistes. Marcondes (2003, p.174) explica que em Lacan há uma inversão da proposta de Saussure, pois, enquanto para este o eixo lingüístico se marcava por uma relação biunívoca, em que o signo se caracterizava por um algoritmo (significado/significante), para aquele o privilégio cabia ao significante: a ordem da

possibilidade de múltiplas modalidades comunicacionais na interação terapeuta(s)/paciente(s): algumas dessas escolas, por exemplo, optaram por terapias breves – dez sessões, no máximo – nas quais o terapeuta comandava a sessão por meio de diretrizes, a que o paciente deveria seguir.

Os terapeutas seguidores de tal modelo<sup>6</sup> foram intitulados estratégicos; o tom imperativo de suas sessões revelava a rígida hierarquia que se outorgavam na relação com o paciente. Procediam como se tivessem o demiúrgico dom da palavra; caso esta não apresentasse a eficácia esperada, isto deveria ser atribuído à falta de cumprimento das diretrizes por parte do paciente. Não se questionava, portanto, a *práxis* terapêutica.

Outra linha bastante difundida, cujos representantes foram conhecidos como “grupo de Milão”<sup>7</sup>, primava pelo uso dos paradoxos e contrapara-doxos, considerados intervenções ou táticas que só aparentemente são opostas aos objetivos da terapia, pois, na verdade, são adotadas para alcançá-los, como, por

linguagem era estruturada apenas pela relação entre os significantes, formando uma cadeia, e não por referência dos significantes com os significados. Desta forma, o trabalho de análise constituir-se-ia na captação, por meio da associação livre e da busca de cadeias de significantes, nas quais se entrecruzariam as metáforas e as metonímias, processo a que ele denominava “ponto de capitoné” (MARCONDES, 2003, p. 176).

Goldgrub (2001, p. 306), em estudo a respeito das relações entre a psicanálise e a lingüística, acredita que “há razões para crer que a interlocução com a lingüística é diretamente responsável pela elaboração dos conceitos mais fecundos da teoria lacaniana e que a interrupção do diálogo foi nefasta.” Este autor, que pretendeu “levar até as últimas conseqüências a aproximação entre a psicanálise e a lingüística”, acredita que a diferença entre os respectivos objetos não é obstáculo para um intercâmbio, ainda que polêmico, entre ambas as disciplinas.

No Brasil, Possenti (2001:1988, p.5), ao rever a questão do discurso como problema e objeto de trabalho, lembra algumas questões relevantes, entre elas, por exemplo, essa mesma solicitação que outras áreas do conhecimento fizeram à Lingüística, considerada a ciência modelo das ciências humanas. Cita, a título de revisão histórica, as relações entre a teoria lingüística estrutural e alguns enfoques da antropologia de Lévi-Strauss, tais como as relações de parentesco e a interpretação dos mitos. Recorda, também, as aproximações feitas por Barthes entre a semiologia de alguns produtos culturais da modernidade e os sistemas de signos lingüísticos, e traz à baila nomes como Kristeva, Derrida, Todorov, Greimas e Eco, com questões também relacionadas ao funcionamento das línguas. Destacando a relevância das questões da linguagem para outras áreas, Possenti conclui que “a diferença entre a lingüística e as outras ciências é que, para aquelas, o drama do cientista é a escolha do ponto de vista para tratar de um determinado objeto, enquanto o do lingüista é adotar um ponto de vista que é ao mesmo tempo o criador do objeto” (op.cit, p. 29).

Ao discutir as concepções de Benveniste, Corrêa (2003, p.35), após assinalar que, para aquele lingüista, “a própria idéia do homem pressupõe a do homem que fala”, conclui: “Essa constatação permitirá avançar a hipótese de que somos, em relação à linguagem, mais instrumentalizados do que instrumentalizadores.” Esse fato geral não impede, porém, que a linguagem se realize em termos de hierarquias. Desse modo, o terapeuta ocupa não apenas o lugar daquele que é instrumentalizado pela linguagem, mas também a voz e a posição de poder daquele que pode instrumentalizar, quando, por meio de suas estratégias e pela força performativa de seu ato de fala, acredita permitir, por meio do processo de re-significação, um novo nascimento e uma nova oportunidade de vida ao paciente.

<sup>6</sup> Haley foi o principal representante desse tipo de terapia; definindo-a como diretiva, atribuía o desenvolvimento de muitos de seus métodos a Erickson.



exemplo, conotação positiva e prescrição explícita do sintoma, preocupação manifesta pelo fato de que ele desapareça rápido etc. (cf. Palazzoli et al, 1995, p. 19 et seq). Os terapeutas desse grupo, com pesquisas financiadas por importantes órgãos de saúde, investigaram patologias como anorexia e bulimia, entre outras. Para tais terapeutas, os recursos de linguagem assumiram lugar de destaque: uma das hipóteses da implicação das interações familiares para a anorexia, por exemplo, é a de que ela seja a única forma de linguagem que a paciente (há predominância da patologia no sexo feminino) encontre para se diferenciar de sua mãe ou para discordar da forma como é tratada pelo pai. Ao dizer não ao alimento, também o faz àquela que a gerou. Ou ao pai que não a valorizou. Já o sistema familiar bulímico revelaria uma necessidade muito grande de coesão entre seus membros, com forte anseio de expulsão de qualidades “ruins” ou inaceitáveis. Daí entender-se o vômito como metáfora, nesta linguagem não-verbal, de expulsão de conteúdos emocionais inaceitáveis para aquele sistema. Estas são, a título de exemplificação, apenas algumas possíveis “leituras” ou hipóteses levantadas com relação a determinadas enfermidades, segundo alguns pesquisadores de TF (cf. PALAZZOLI, M. et al, 1995, p.187 et seq; ELKAÏM, M. 1990:1989, p.19 et seq).

Por volta da década de sessenta, embora a terapia sistêmica já criticasse, ao menos teoricamente, a posição do terapeuta como sujeito onisciente, ainda era dele que partiam as diretrizes básicas nas sessões, não muito distintamente dos criticados (e considerados ultrapassados) terapeutas estratégicos citados acima: as ordens paradoxais e contraparádoxais evidenciavam uma relação sujeito-objeto, em que o primeiro tinha absoluto controle sobre o segundo. Um paciente que se caracterizasse pela desobediência, por exemplo, diante das ordens paradoxais do terapeuta, por certo seguiria desobediente. Partindo deste ponto de vista, o terapeuta propunha, então, situações paradoxais: se o paciente desobedecesse, faria a coisa certa. Livros com títulos como *Se você me ama, não me ame*<sup>8</sup> vêm falar das incongruências, muitas vezes de ordem da linguagem, da vida relacional, e oferecer saídas terapêuticas para os paradoxos familiares e de casais.

Prosseguindo neste percurso histórico da TF – em que muitas vezes, sincrônica, e não diacronicamente, observamos os modelos de atuação em (quase) pacífica coexistência, às vezes dentro de uma mesma sessão –, perceberemos que

---

<sup>7</sup> Conforme citamos anteriormente, esse grupo foi formado por Palazzoli, Cecchin, Boscolo e Prata.

<sup>8</sup> Elkaïm, M. **Se você me ama, não me ame**. Campinas: Papirus, 1990:1989.

a questão da subjetividade altera-se completamente a partir do início dos anos 80. A concepção cartesiana estremece. O sujeito, que tudo sabia, passa a vacilar e assumir o desconhecimento de si mesmo; e, em não se conhecendo mais, tampouco pode pretender saber mais do outro do que o próprio outro. O terapeuta, senhor da verdade, dá lugar ao co-construtor do espaço terapêutico: sai da situação privilegiada em que se colocava e passa a ser um a mais na sessão.

Desponta, por meio do australiano White (In NICHOLS, M. e SCHWARTZ, R., 1998: 1995), outro modelo teórico – o construtivismo –, com sua variante – o construcionismo social –, que exerce forte impacto sobre os terapeutas, chamando-lhes a atenção para as narrativas que os pacientes trazem aos consultórios, o que estimula sobremaneira a interlocução com as pesquisas lingüísticas, principalmente no que toca à questão dos significados. O terapeuta, ao mesmo tempo em que precisa ficar atento ao relato do outro, daquele que pede ajuda, e às construções de significado desse discurso, não pode descuidar um só momento de sua própria postura em relação a essas narrativas e aos sentidos que atribui a elas.

A partir dessas questões, alguns terapeutas imprimiram novo rumo a seu discurso clínico: passaram a focalizar a reflexão nas inúmeras possibilidades de re-significação das histórias de vidas de seus pacientes e a buscar ferramentas para sua *práxis*: a elaboração das perguntas, por exemplo, é uma marca registrada desse tipo de terapia. É como se houvesse a crença de que uma boa arte de perguntar incluísse uma boa arte de responder, o que facilitaria a re-significação da fala dos pacientes. O terapeuta especializa-se em formular perguntas: algumas, que se intitulam “circulares” despontam ao lado de outras, que se conhecem como “reflexivas”. Enquanto as primeiras, com intenção exploratória, são feitas com a finalidade de orientar o terapeuta a respeito da situação dos pacientes, conectando as ações e os dizeres de um membro familiar com os de outro(s) membro(s), as segundas buscam ajudar o paciente a refletir sobre sua participação nos acontecimentos familiares e a buscar recursos próprios para a solução de conflitos.

Há também um interesse bastante grande pelas metáforas narrativas, como potencializadoras de mudanças nas inter-relações. Contar histórias mais confortáveis e positivas sobre si mesmo e sobre suas relações é o que se espera do paciente, agora não mais obediente ou desobediente, mas co-construtor do processo terapêutico e da própria vida, segundo expressão muito difundida entre os terapeutas. E para tal, uma abundância de metáforas perpassa a fala dos

profissionais, tanto quando agem em duplas como quando trabalham numa grande equipe.

Bacon dizia (apud WHITE, 2001, p. 35) que, a respeito do conhecimento do mundo, uma hipótese errônea era melhor do que nenhuma hipótese. Esta é a mesma idéia difundida no meio dos terapeutas familiares, e aí entra a importância da metáfora, como tentativa de equiparar uma experiência a outra experiência, por similitude ou analogia, em busca de algum atributo comum entre a fala do paciente e a do terapeuta:

“...mas mesmo a transferência metafórica mais drástica, a catacrese mais paradoxal, o oxímoro mais contraditório ou o trocadilho mais banal produz o efeito de iluminar, se não a realidade, ao menos a relação entre as palavras e as coisas...” (op. cit.).

Assim é que as conversações terapêuticas sistêmicas vão-se expandindo em jogos tropológicos, não só metafóricos, mas também metonímicos. Metáforas que personificam sintomas são vistas como potencializadoras de transformação. Uma criança que se aflige e se isola, em decorrência de situações constrangedoras, como, por exemplo, as causadas pela encoprese<sup>9</sup>, pode aprender a lutar contra um tremendo fantasma, batizado, por exemplo, de Caca Traíçoeira<sup>10</sup>. Este anti-herói pode converter-se, para fins terapêuticos, numa Caca Amiga<sup>11</sup>, transformação que, por sua vez, corresponde ao vínculo metafórico verbal que desfaz a metáfora não-verbal da constipação.

Caso esta mesma criança necessite sentir-se mais forte, pode também, por meio de outro vínculo metafórico, ser comparada a heróis infantis como, por exemplo Superman ou Batman<sup>12</sup>: o terapeuta realiza, pelo novo batizado, o ato ilocutório antes exclusivo dos sacerdotes, ao mesmo tempo em que confirma o que já apregoava Lacan: ao nascer somos seres nomeados pela fala que nos antecede.

Atualmente, a TF pretende aceder ao patamar do que se convencionou chamar pós-modernidade ou pós-estruturalismo, onde a reflexividade escapa da

<sup>9</sup> Encoprese ou incontinência: deve ser entendida em algumas situações como possível sintoma de constipação crônica ou impactação fecal. (cf. Prado, F.C. et al. Atualização terapêutica. São Paulo: Artes Médicas, 2001, p. 413).

<sup>10</sup> White, M. e Epston, D. **Medios narrativos para fines terapêuticos**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993.

<sup>11</sup> Op. cit..

<sup>12</sup> White, M. **Guías para una terapia familiar sistémica**. Barcelona: Gedisa, 1994, p.61 et seq.

reinterpretação da tradição, para ser “introduzida na própria base da reprodução do sistema, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si” (GIDDENS, 1990, p.45). Terapeutas construtivistas mais proeminentes vêm-se defrontando com essa aparentemente insolúvel questão da interpretação. Alguns, como White (1993), apegaram-se a obras de cunho mais sociológico, como as de Bourdieu ou de Goffman, para encontrar um viés de solução para essa questão crucial, esperando, com o recurso a outros métodos, também uma compreensão maior a respeito das questões dos jogos de poder em situações familiares e/ou terapêuticas. O mais conhecido proponente do construcionismo social, o psicólogo social Gergen, enfatiza o poder da interação social na construção dos significados, ressaltando que construímos realidades ancoradas nos sistemas de linguagem em que existimos.

A obra de Foucault é, igualmente, bastante estudada pelos terapeutas de família dessa corrente. Afinal, não nos podemos esquecer de que também este filósofo francês, ao mexer no vespeiro da “arqueologia do saber”, põe a mão na ferida da interpretação de muitos conhecimentos, apresentados como realidade objetiva, mas que, segundo o autor, não passavam de histórias perpetuadas para manter as estruturas de poder, enquanto se marginalizavam histórias alternativas. Foucault considera as mudanças da ordem do saber “uma modificação nas regras de formação dos enunciados que são aceitos como cientificamente verdadeiros” (2001:1979, p. 4). Para ele, não se trata de uma mudança de conteúdo, como forma de refutar os erros passados, diante de novas verdades, nem tampouco uma renovação do paradigma ou uma alteração dos conjuntos sistemáticos. “O que está em questão”, segundo diz,

é o que rege os enunciados e a forma como estes se regem entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente, e, conseqüentemente, susceptíveis de serem verificadas ou confirmadas por procedimentos científicos. Em suma, problema de regime, de política do enunciado científico. (op.cit.).

O mesmo risco, aliás, podem correr algumas construções de hipóteses feitas pelos terapeutas a respeito das narrativas de seus pacientes, o que pode

representar um tiro certo às pretensões da TF de ser uma prática discursiva co-construtora da relação dialógica terapeuta-paciente.

Com efeito, o próprio princípio comunicacional de muitas sessões terapêuticas, principalmente as que ocorrem em instituições, é regido por uma dinâmica característica dos jogos de poder: ao terapeuta parece outorgar-se o poder/dever de decifrar o código do paciente, enquanto a este se oferece, ao menos aparentemente, o poder/direito de proteger-se de qualquer tentativa de exposição de si próprio.

Ao primeiro, o direito/dever de falar em nome da instituição a que pertence (hospitais, institutos, faculdades); ao segundo, o direito de usufruir os benefícios institucionais, aliado ao dever de submeter-se às normas em vigor, que, obrigatoriamente – ainda que se conte com a prerrogativa do silenciamento ou da negação – favorecem a exposição de seus pensamentos/sentimentos a pessoas desconhecidas e muitas vezes invisíveis a seus olhos, ocultas por meio de espelhos.

Essa “microfísica do poder” pode perpetuar a relação assimétrica terapeuta-paciente, cristalizando papéis identitários bastante incômodos para uma prática terapêutica que se pretende reivindicadora da dignidade humana.

Como conclusão de nosso breve percurso histórico pelos caminhos da TF, é importante lembrar que, nos dias atuais, à medida que ela avança em seus estudos, mais e mais procura integrar os diversos modelos terapêuticos existentes. A própria Psicanálise, aparentemente abandonada nos primórdios da TF, revela-se atualmente presente, como importante referencial teórico: é interessante poder observar que os palcos da TF, em poucas décadas, puderam assistir à morte e ressurreição do velho Freud.

Conforme falamos acima, no momento, coexistem, sob a mesma denominação de terapia familiar sistêmica, diversas abordagens terapêuticas, sem que se possa estabelecer com rigor uma nítida fronteira entre elas. O mesmo terapeuta, durante as sessões, vale-se de vários modelos de terapia, muitas vezes sem se aperceber dessa dinâmica polivalente, o que, em lugar de representar uma incongruência, pode revelar o aspecto integrativo pretendido pela TF, segundo alguns autores (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998: 1995).

Nos dias atuais, porém, um dos aspectos mais cruciais com que se debate a TF – sobretudo a partir do construtivismo – é a amplitude da definição de família,

sujeita a variações culturais, locais, étnicas e de gênero, para só citar algumas, e é desse conceito que trataremos no item 1 (Que família é esta?) da parte C desta introdução.

## **B. Questões de linguagem sob o prisma da prática terapêutica da TF: o olho do observador no observado**

Neste item, pretendemos abordar a prática terapêutica da TF, que, ao definir-se como contexto para a reconstrução dos sentidos no que concerne à forma de vida em família, pretende colocar-se como prática social transformadora, priorizando a relação entre os interlocutores do discurso terapêutico e considerando-os sujeitos que constroem discursivamente sua realidade.

Falamos anteriormente que, nos últimos anos, influenciados pelas abordagens *construtivistas* em vários ramos do saber, alguns segmentos da TF, aqui entendida como disciplina ou campo de conhecimentos, vêm considerando as narrativas por meio das quais cada sujeito constrói as histórias de sua vida como reflexo do cenário dos múltiplos contextos em que esse sujeito vive e age. Isto equivale a dizer que alguns ramos da TF consideram que cada sujeito estrutura sua vida por meio de histórias, cujas conseqüências tanto podem ampliar como restringir suas possibilidades existenciais, e que, também, cada um constrói para si narrativas adequadas ao papel que pretende representar (ou que *pode* representar) no contexto relacional. Algumas dessas narrativas podem ser reconfortantes como representações internas; outras, no entanto, reforçam as dificuldades com que os sujeitos lidam com questões próprias e alheias. Como toda conversação a que se atribui significado está estritamente conectada com cada sujeito da interlocução, isto permite à TF supor que, em grande medida, cada sujeito terá sempre sua própria versão dos acontecimentos, a que atribuirá seus próprios significados. Nenhuma dessas atribuições, no entanto, deverá ter, nas sessões, mais valor que as demais. Todas são, segundo a TF, igualmente válidas, pois os postulados desse modelo teórico apregoam que só se pode perceber o que a percepção permite, ou seja, a realidade só existe enquanto realidade do sujeito que percebe. A mesma situação

pode transformar-se, portanto, em muitas “realidades”, e o mesmo referente pode multiplicar-se em um número muito grande de referentes.

Partindo desta visão, a prática terapêutica da TF espera propiciar meios para que um paciente reformule as narrativas que insiste em retomar como mote, dando-lhes novo significado, ou seja, re-significando-as, de forma a possibilitar relacionamentos que considere mais adequados e harmoniosos. Nesse sentido, acredita-se que, quanto mais o terapeuta ajudar o paciente a dar novos significados a seus sentimentos, mais o estará ajudando a enxergar-se (e aos outros) de forma menos angustiante. A questão das narrativas trazidas pelo construtivismo e o emprego de tropos como mecanismo do discurso para re-significar a fala do outro teve seu respaldo em pesquisas da Física, da Cibernética de Segunda Ordem e da Neurobiologia, fato que não é difícil de explicar, segundo Foucault:

De qualquer forma, a biologia e a física foram, de maneira privilegiada, as zonas de formação deste novo personagem, o intelectual específico. A extensão das estruturas técnico-científicas na ordem da economia e da estratégia lhe deu real importância. (FOUCAULT 2001: 1979, p.11).

Mas essas mesmas ciências, que tanto colaboraram na prática terapêutica da TF, ofereceram-lhe seu nó górdio: a importância do papel do observador naquilo que ele observa, o que, dizendo em outras palavras, implica diretamente o conflito do terapeuta como intérprete, tradutor ou re-significador, estando incluído ele próprio, como observador, naquilo que ele observa.

Teóricos como Watzlawick, no campo da Comunicação, Maturana, na Neurobiologia e Foerster, na Cibernética, fazendo-se presentes com relação à dialética observador/observado, destacam a concepção kantiana de que a imagem do mundo que carregamos em nossa mente não é uma réplica direta “do mundo lá fora”, e que as teorias não podem mais ser julgadas por sua correspondência com a realidade, mas sim, por quão úteis ética e ecologicamente podem chegar a ser.

Em suma, nada muito diferente da velha questão dos significados, já levantada por vários filósofos. Um dos mais famosos, Nietzsche (1983, p. 272), acreditava que

não existem fatos, somente interpretações<sup>13</sup>. Pedindo desculpas por não “resistir à maldade de pôr o dedo sobre esse “arranjo ingenuamente humanitário” e essa “distorção de sentido” que satisfazem “aos instintos democráticos da alma moderna”, criticava a questão das “artes-de-interpretação” (à que ele acrescentava o adjetivo “ruins”), lembrando que a “certeza imediata”, a possibilidade de captar “a coisa em si” e o “conhecimento absoluto” encerram uma *contradictio in adjecto*. A respeito da sedução das palavras, repetia ele, tudo “é interpretação, não texto” (NIETZSCHE, 1983, p. 273).

Não é à toa que a TF, enquanto prática terapêutica, ao voltar seu interesse para as narrativas dos pacientes, tenha também se interessado tanto por conceitos como *verdade* e *realidade*: se não existem fatos, mas apenas interpretações, conforme já acreditavam seus primeiros epistemólogos<sup>14</sup>, os terapeutas de família não podem esquivar-se de pensar em questões fundamentais a respeito de sua prática, como, por exemplo: quem analisa quem numa sessão de terapia? Existe algum ponto de partida para a re-significação das narrativas dos pacientes? Se existe, qual é este ponto? Uma possível resposta a essas perguntas vem de um novo sentido dado a “interpretação”. Nesse novo enquadramento, a interpretação deixa de ser vista apenas como uma descrição por parte de um observador neutro para constituir-se em um evento dialógico, onde todos os interlocutores saem modificados.

Como diz Paiva (In: VATTIMO, 2001), o pensamento hermenêutico proposto por esse filósofo italiano [cf. aqui mesmo, nota 13] “destaca o pertencimento do

---

<sup>13</sup> O filósofo italiano Vattimo (2001), ao introduzir uma conferência no Instituto Italiano di Cultura do Rio de Janeiro, faz referência à questão do significado por meio da frase de Friedrich Nietzsche “não existem fatos somente interpretações”. Em seguida, recordou também que o próprio Nietzsche acrescenta, no contexto em que escreve (uma nota de 1886 – 1887) que “isto já é uma interpretação (Auslegung)”. Para Nietzsche, nem a realidade do mundo se reduz à percepção do sujeito nem o sujeito que percebe tem, por sua vez, um estatuto mais sólido do que aquele de suas pretensas “ilusões”. Embora Vattimo afirme que não considera a hermenêutica, sintetizada na frase de Nietzsche como a descrição mais adequada da cultura pós-moderna, defende a idéia de que ela é a interpretação mais razoável. Desta forma, coloca-se além da disputa entre realistas e não-realistas, pois, enquanto os primeiros defendem a existência de um mundo independente dos sujeitos e os segundos se recusam a aceitar semelhante mundo, Vattimo evidencia a violência de sistemas que se supõem verdadeiros e definitivos. Relembra a “história do ser”, expressão com que Heidegger chama esse transmitir-se de interpretações inseparáveis dos fatos que interpretam e o apelo à objetividade que só tem relevância quando há algum interesse em jogo. A realidade não falaria por si: necessitaria de um porta-voz, de intérpretes que decidem “como representar sobre um mapa um território ao qual tiveram acesso através de mapas mais antigos.” Desta forma, Vattimo confirma o que já fora lembrado por Korzybski (1980, apud Bateson, 1986:1979) e aplicado por Bateson (1986:1979): “o mapa não é o território”. Outro dado importante é que a interpretação deixa de ser vista apenas como uma descrição por parte de um observador neutro, para constituir-se em um evento dialógico, onde todos os interlocutores saem modificados.

<sup>14</sup> Quando falamos dos primeiros epistemólogos da TF, referimo-nos a Bateson, Watzlawick e Jackson.



observador e do observado a um horizonte comum, cujo diálogo produz um pensamento, uma reflexão, uma teoria, enfim, capaz de modificar este horizonte”. Tal pressuposto é muito próximo do que afirma Maturana (1999:1997; 1998a;1997): o olho do observador está no observado, ou, no caso da terapia sistêmica, a significação e a re-significação estão tanto no terapeuta como no paciente.

A respeito de todas essas questões que permeiam o significado e as interações comunicacionais, Bateson (1986:1979), imbuído da idéia de que existem melhores e piores maneiras de construir teorias científicas, enumerou algumas pressuposições<sup>15</sup> que considerou básicas para apreender e pensar sobre o mundo, e que influenciaram o modo de agir dos terapeutas na interação com os pacientes.

Tais pressuposições revolucionaram o campo de conhecimentos da TF ao assinalarem que as coisas não são vistas como algo em si, mas sim, como algo diferente de seu entorno, ou seja, que há sempre mais para se ver do que aquilo que se vê. As pesquisas de Bateson colaboraram para disseminar, no contexto terapêutico, a noção de que a unidade elementar de informação é uma diferença que faz uma diferença, e que uma diferença ao longo do tempo é uma mudança.

Numa sessão de terapia, por exemplo, se for aplicado o conceito batesoniano da diferença que faz a diferença às conversações, destacar-se-ão três tipos de diferença, das quais somente uma permitirá uma re-significação importante e promotora de transformação:

- a) uma conversação usual, além de não acrescentar nada, mantém a mesmice, que não acede a uma verdadeira interlocução terapêutica;
- b) uma diferença de informação excessiva tampouco é eficaz, pois é difícil de ser assimilada. As pessoas costumam fechar-se diante do que não compreendem, e então não ocorre mudança terapêutica;
- c) uma nova informação só poderá produzir mudança se não for excessiva nem ultrapassar o ponto que se possa assimilar ou suportar. Esta regra

---

<sup>15</sup>“A Ciência nunca prova nada; o mapa não é o território e o nome não é a coisa designada; não existe experiência objetiva; os processos de formação de imagens são inconscientes; a divisão do universo observado em partes e conjuntos é conveniente e pode ser necessária, mas nenhuma necessidade determina como ela deverá ser feita; seqüências divergentes não são previsíveis; seqüências convergentes são previsíveis; nada virá do nada; número é diferente de quantidade; a quantidade não determina o padrão; algumas vezes o pequeno é belo; a lógica é um modelo medíocre de causa e efeito; a causalidade não trabalha às avessas; a linguagem normalmente enfatiza somente um lado de qualquer interação; a estabilidade e a mudança descrevem partes de nossas descrições”. BATESON, G. **Mente e Natureza**. Tradução: Cláudia Gerpe. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986: 1979, p.31-73.

inclui o contexto, os temas ou as questões, além da forma da conversação.

Os escritos do neurobiólogo Maturana (op.cit.) também foram utilizados para se pensar a questão do significado na interlocução terapeuta-paciente. Segundo ele, “fora da linguagem nada existe. [...] isto é uma condição cognitiva constitutiva do humano, não uma limitação circunstancial sua”. A linguagem é uma forma de operar em coordenações consensuais de conduta, exigindo um espaço de reencontro na aceitação mútua, intensa e recorrentemente. É a forma de viver do homídeo que torna possível a linguagem, assim como também possibilita o amor; como humanos, somos, portanto, seres da linguagem e do amor e podemos viver em família, uma vez que esta se define como um domínio de interações de apoio mútuo, entre duas ou mais pessoas que se permitem a paixão de viver juntas, em proximidade emocional e física. O amor é um fenômeno biológico, fonte da socialização humana, que abre um espaço de coexistência num domínio especial de interações. A aceitação do outro é a única forma de combate à tirania e ao abuso, pois abre espaço para a cooperação. Pela indiferença podemos colocar o outro no lugar de uma não-presença, desconsiderando-o, portanto, ao contrário da legitimidade que atribuímos à presença do outro quando o amamos.

Para Maturana, a autoconsciência é uma operação relacional na linguagem; não ocorre no cérebro nem tampouco é um fenômeno neurofisiológico ou um produto da operação do sistema nervoso, ainda que este seja necessário para que ela ocorra. Toda atividade humana é uma rede de conversações e as diferentes formas de sermos humanos configuram-se como tipos diversos de conversações dependentes das emoções envolvidas. A autoconsciência e o viver na consciência não são característica fundamental; o que é fundamental é o viver na linguagem, pois é através desse viver que nos tornamos seres autoconscientes e podemos ter uma consciência do viver.

A partir da compreensão biológica de que os seres humanos estão fortemente determinados do ponto de vista estrutural, esse pesquisador assinalou que as estruturas biológicas mudam continuamente; ou seja, cada célula do corpo se reconstrói de forma permanente, embora neste processo conserve as funções básicas que lhe permitem a adaptação ao seu meio imediato – às outras células e aos fluidos que cercam as células; apesar de que este meio tenda a mudar com o

tempo, a célula permanece com uma quantidade de funções para adaptar-se a essas mudanças. Além disto, ao reconstruir-se, a célula pode também expandir seu modo de funcionamento em resposta às mudanças do meio.

Maturana utiliza o mesmo princípio para considerar o ser em sua totalidade. Para ele, em certo momento, os seres humanos só podem ser o que são e só podem reagir a uma situação determinada de acordo com suas possibilidades, que mudam, porém, ao longo do tempo. Se um sujeito, numa determinada situação, sente-se perturbado por algo, e não pode reagir, isola-se da perturbação, protegendo-se, ou, conforme o vocabulário de Maturana, conservando a organização que representa. Estes conceitos aproximam Maturana da visão de Bateson a respeito de que uma informação é uma diferença que faz uma diferença e de quanto se pode ou não suportar uma determinada informação.

Vale recordar que a TF teve ainda precursores como Foerster, pensador muito influente da segunda metade do século passado, que conduzia, então, o progresso da cibernética com conceitos como os que se seguem:

Realidade: um apoio confortável mas supérfluo decorrente do diálogo, quando a manifestação (denotativa) da linguagem é confundida com sua função (conotativa)<sup>16</sup>.

Ou:

Diálogo: ver-se com os olhos de outrem <sup>17</sup>.

Com a afirmação de que "não podemos ver que não vemos o que não vemos"<sup>18</sup>, Foerster ajuda a lançar por terra a epistemologia clássica do sujeito que apreende e conhece a verdade.

Dentro desse novo paradigma, que se opõe ao cartesianismo, o teórico da comunicação Watzlawick dedica-se aos estudos da pragmática da comunicação humana, com enfoque nos distúrbios de comportamento. Naquele ínterim, ainda um pouco reticente, afirmava ele que,

---

<sup>16</sup> CERUTI, M. O mito da onisciência e o olhar do observador. In: WATZLAWICK, P; KRIEG,, P. **O Olhar do Observador**. Campinas: Editorial Psy, II, 1995.

<sup>17</sup> Op. cit..

<sup>18</sup> Idem.

numa época em que nem mesmo os códigos gramatical e sintático de comunicação verbal foram formalizados e em que se registra um ceticismo crescente sobre a possibilidade de vazar a semântica da comunicação humana numa estrutura global, abrangente, qualquer tentativa de sistematização de sua pragmática deve parecer uma prova de ignorância ou de presunção (1999:1967, p.13).

Acreditava, no entanto, que a investigação sobre a comunicação pudesse auxiliar a todos os campos que se deparavam com problemas de interação. Ao participar de um projeto de estudos interdisciplinares sobre a comunicação em famílias de esquizofrênicos, ao lado do antropólogo Bateson e de psiquiatras (Jackson e outros), inaugura as pesquisas lingüísticas como constituintes da TF. É importante lembrar, num parêntese, que a terapia de base sistêmica teve início justamente a partir de suposições de que a esquizofrenia<sup>19</sup> poderia revelar uma relação paradoxal entre a mãe e o filho.

Nas pesquisas americanas, encabeçadas principalmente por Watzlawick, Jackson e Bateson, as hipóteses sobre a esquizofrenia saíram do campo exclusivo dos distúrbios intrapsíquicos (desordem de pensamento, funcionamento débil do ego, inundação da consciência por material do processo primário etc), para adentrar no território das interações comunicacionais. Os pesquisadores tinham como hipótese que o paciente com sintomas desse distúrbio era vítima de um contexto onde os hábitos comunicacionais não convencionais eram predominantes e considerados adequados; daí viria, portanto, sua patologia. Marcondes (2003, p.185) lembra que, além de Bateson e seus seguidores na escola norte-americana, também os psicanalistas europeus consideravam a comunicação a matriz social da psiquiatria, uma vez que, ao entrar no mundo regado do social, o psiquismo depara com uma ordem externa, a que tem, obrigatoriamente, de submeter-se. Ocorre, então, que a comunicação passa a constituir-se o processo básico da interação indivíduo/sociedade. O psiquismo individual submete-se, portanto, aos processos supra-individuais, que faz dos indivíduos “agentes ou atores sociais da constituição do real”.

---

<sup>19</sup> Termo criado pelo psiquiatra Bleuler, para denotar uma psicose caracterizada por transtornos fundamentais na percepção da realidade e na formação dos conceitos e dos afetos; por conseguinte, com prejuízo do comportamento geral do paciente.

O grupo de pesquisadores conhecido como o grupo de Palo Alto, de que falamos anteriormente, por exemplo, acreditava que a criança, por estar prisioneira da fala incongruente de uma pessoa com quem tivesse uma relação de dependência extrema, tanto física como psicológica, criava uma relação de duplo-vínculo (*double bind*), inicialmente com essa pessoa e, posteriormente, com o mundo, o que constituiria a esquizofrenia. A relação *double bind* ocorre normalmente entre duas ou mais pessoas (entre a criança e a mãe ou entre diferentes membros da família, importantes na constelação familiar da criança, como, por exemplo, o pai e a mãe), com repetições constantes de contradições: uma ordem positiva e uma contra-ordem negativa, geralmente transmitida de forma averbal. Como acréscimo, segue-se uma terceira ordem negativa, que impossibilita a criança de abandonar o campo (por medo de abandono, de perda de amor etc). O comportamento paradoxal imposto pela relação de duplo-vínculo redundaria, por sua vez, num padrão comunicacional que se autoperpetuaria, pois impediria o indivíduo nele envolvido de discernir as ordens dadas e reagir adequadamente a elas. Watzlawick (1999:1967, p.169) define o paradoxo como “uma contradição que resulta de uma dedução correta a partir de premissas coerentes.” Segundo ele, este tipo de contradição pode invadir qualquer interação e desafiar a coerência de qualquer fala.

Em tal modalidade interacional, uma comunicação seria estruturada de modo que, ao afirmar algo, afirmaria algo sobre sua própria afirmação, e essas duas afirmações se excluíam mutuamente. Desta forma, se o que se dissesse fosse uma intimação, isso deveria ser desobedecido para ser obedecido. O sujeito em posição de alocutário ficaria, então, impedido de sair do quadro de referência estabelecido, tanto pelo comentário sobre ele, como por se retrair da cena.

Os pesquisadores dos aspectos patologizantes das comunicações paradoxais consideravam as mães que se comunicavam segundo essa modalidade como esquizofrenizantes, por construírem com a criança uma relação que não permitia saída, ou seja, aprisionavam o filho num labirinto sem possibilidades de escape. Se a criança atendesse a uma mensagem, imediatamente estaria desqualificando a outra e, portanto, desobedecendo.

Watzlawick (op.cit., p. 46-47) define o que ele chama “esquizofrenês” como “uma linguagem que deixa ao ouvinte fazer a escolha entre muitos significados possíveis, os quais são não só diferentes, mas podem ser até mutuamente incompatíveis”. Desta forma, é possível negar qualquer ou todos os aspectos de

uma fala. Se instada a esclarecer o sentido do dito, a mãe esquizofrenizante sempre poderia argumentar que não teria sido tal o sentido do que dissera.

Com tais pesquisas, surgem questões até então inadmissíveis, como, por exemplo: “A comunicação de uma determinada família é patológica porque um de seus membros é psicótico, ou um de seus membros é psicótico porque a comunicação é patológica?” Uma certa pragmática, representada pelo próprio Watzlawick (ibidem, p. 67), influencia a TF com “*a priori*” do tipo “é impossível não comunicar”, implicando revelar o valor comunicacional, e, portanto, comportamental de qualquer modalidade de interação.

Palavras ou silêncio, atividade ou inatividade, tudo é considerado com valor de interação, seja por meio verbal – incluídos os recursos prosódicos –, postural, contextual ou qualquer outro.

Segundo ainda os mesmos estudos de Watzlawick (ibidem, p. 48), a natureza de uma relação está na contingência da pontuação das seqüências de comunicação entre os falantes; estas se baseiam na igualdade ou na diferença, o que lhes concede, respectivamente, um caráter simétrico ou complementar.

Outro “*a priori*” foi a afirmação de que toda comunicação pressupõe um relato e uma ordem, ou seja, a informação e o comportamento passam “a ser conhecidos como os aspectos de “relato” e “ordem”, respectivamente, de qualquer comunicação.” (WATZLAWICK, 1999:1967, p. 47). Esta é outra forma de se dizer que toda comunicação, além de transmitir informação, impõe um comportamento:

comunicação e comportamento são usados, virtualmente, como sinônimos. Pois os dados da pragmática são, não só, as palavras, suas configurações e significados, que constituem os dados da sintaxe e da semântica, mas também os seus concomitantes não-verbais e a linguagem do corpo.

Resumindo os conceitos batesonianos, Watzlawick afirma que:

O aspecto “relato” de uma mensagem transmite informação, e, portanto, é sinônimo, na comunicação humana, do conteúdo da mensagem. Pode ser sobre qualquer coisa que é comunicável, independentemente de essa informação particular ser verdadeira ou falsa, válida, inválida ou indeterminável. O aspecto “ordem”, por seu

lado, refere-se à espécie de mensagem e como deve ser considerada, portanto, em última instância, refere-se às relações entre os comunicantes (op. cit., p. 48).

Outro aspecto interacional levantado por essa pragmática foi a questão da comunicação analógica e digital. Enquanto esta última, a digital, seria uma sintaxe lógica sumamente complexa, carente, porém, de adequada semântica no campo das relações, aquela, a analógica, já contaria com a semântica, sem, contudo, poder aceder a uma sintaxe adequada para a definição não ambígua das relações.

Contribuiriam para essa pontuação todas as questões culturais e convencionais com que os sujeitos se defrontam no dia-a-dia. A discordância no tocante a essas questões poderia ser considerada a grande questão criadora de conflitos, fossem eles domésticos, nacionais ou internacionais. Seria o caso, por exemplo, de casais que se digladiam em seqüências infinitas, quando, para se defender, um ataca o outro, que revida também, como forma de defesa. Em questões internacionais, a pontuação das seqüências poderia ser notada em temas como o armamento bélico, por exemplo: o país A procura armar-se quanto pode, para prevenir um possível ataque do país B, que também se arma para defender-se do país A, e assim sucessivamente, numa escalada simétrica.

Em se tratando de relações complementares, outra modalidade de relacionamento, conhecida como *simbiótica*, pode ser considerada o paroxismo de uma interação baseada na diferença: os opostos se atraem de tal sorte que não mais se distingue o que pertence a um sujeito ou a outro. Tentar separar as partes seria o mesmo que decretar a morte dos pares, pois, metaforicamente, essas duplas atuam de maneira “xifópaga”.

## **C. A prática terapêutica: conceitos de família e características da sala de terapia**

### **1. Que família é esta?**

Um ponto crucialmente obscuro a exigir revisão dos conceitos da TF é a própria definição de família, que se entrelaça, por sua vez, às questões de cultura, gênero e etnia. Na TF, a noção de família fundamenta-se na dicotomia que se estabelece entre aquele que sabe o que é bom para o bem-estar da vida em comum e aquele que não sabe. Do lado do que sabe, coloca-se o terapeuta, detentor do conhecimento, o especialista, com ferramentas precisas para verificar o que falta ou o que está errado com os participantes das sessões. Deste mesmo lado colocam-se, por vezes, alguns membros da família que sustentam bandeiras consideradas adequadas em certos momentos, cuja enunciação é garantida por fatores como, por exemplo, os papéis que representam (pai, mãe, irmão mais velho etc), as questões de gênero (o homem, a mulher), as posições sociais ou econômicas (quem trabalha fora, quem ganha mais). Do lado incômodo do que não sabe, é colocado, muitas vezes à revelia, aquele que não se adapta ao sistema familiar/social.

Donzelot (1986:1980, p. 10 et seq) acredita que o sentimento moderno da família teria despontado entre as camadas burguesas e nobres do Antigo Regime e daí se teria estendido para todas as classes sociais, entre elas o proletariado do fim do século XIX. Enquanto no Antigo Regime a mulher e os filhos deviam obrigação ao chefe de família, que, por sua vez, mantinha relações de dependência com algumas redes sociais, como a comunidade aldeã, por exemplo, a que devia um sistema de obrigações em nome dos favores recebidos, já no século XIX, o processo de familiarização das camadas populares tem como suporte principal a mulher, a quem se associam alguns instrumentos, tais como instrução primária, ensino da higiene doméstica, e, principalmente, a habitação social, com o objetivo de trazer e manter o marido e os filhos dentro de casa.

O autor chama a atenção para a dificuldade de articular as visões heterogêneas e fragmentadas da família nas sociedades ocidentais e o singular valor social a ela tributado. Realça o fato de que, a intervalos regulares, escruta-se a face da família, “num ritual essencial... a fim de nela decifrar nosso destino, entrever, com sua morte, a iminência de um retorno à barbárie, o afrouxamento de nossas razões de viver ou, então, a fim de regarantir-se diante de sua inesgotável capacidade de sobrevivência.”(op.cit., p.10).

Para ele, a famosa crise da família – crise de liberação – é uma condição de possibilidade de sua existência, pois é “uma instância cuja heterogeneidade face às exigências sociais pode ser reduzida ou funcionalizada através de um processo de



flutuação das normas sociais e dos valores familiares. Assim como se estabelece, ao mesmo tempo, uma circularidade funcional entre o social e o econômico.” (DONZELOT, 1986:1980, p.13).

Russell (1966) lembra que, não obstante a história registre variados tipos de grupos familiares, a família patriarcal sempre foi predominante, com prevalência da monogâmica sobre a poligâmica. Desde a era pré-cristã procurou-se preservar o que se considerava um grau de virtude feminina necessário a essa família patriarcal, uma vez que a paternidade é incerta. O cristianismo acrescentou a esse dado moral a valorização da virtude masculina, o que foi corroborado posteriormente – e até os tempos atuais – pelo ciúme feminino, reforçado pela emancipação da mulher.

A família monogâmica sempre apresentou uma variedade grande de formas, desde casamentos com consentimento dos nubentes ou dos pais, até compra da noiva ou do noivo. Em relação ao divórcio, sempre houve também várias modalidades, desde a proibição pela igreja católica até a banalização, no caso da China, onde se podia divorciar de uma mulher tagarela, por exemplo. Na espécie humana, segundo o autor, a cooperação do pai sempre foi de grande vantagem biológica para os filhos; no entanto, com o crescimento da civilização moderna, o papel de pai vem sendo cada vez mais absorvido pelo Estado e pode-se supor que em tempos não muito longínquos o pai deixará de ser biologicamente vantajoso, ao menos entre os assalariados, o que deve incidir diretamente sobre a moral tradicional, uma vez que a mãe não necessitará mais assegurar a paternidade de seus filhos.

Russell, assim como Donzelot, acentua a importância da questão higiênica no que toca à constituição da família, fazendo referência, inclusive, à importância dos aspectos psicológicos das famílias na formação do caráter das crianças. Aponta também a importância dos aspectos econômicos da família, tanto pessoais como públicos, que teriam ligação direta com a influência da questão demográfica internacional, o que envolve assuntos como a paz mundial, por exemplo. Outro tema relevante é o da eugenia, decorrente das taxas de natalidade/mortalidade das diferentes classes econômicas e sociais. Observando que os pontos de vista individual e político em relação à família sempre apresentaram bastante divergência entre si, Russell acredita que, em quase todos os períodos históricos, “obscuras forças psicológicas” colaboraram para a criação de sistemas humanos cercados de muita crueldade e de muita superstição.

Foucault (2001:1979, p.20-22), ao explicar a genealogia como análise da *proveniência* – modo como traduz o termo *Herkunft*, mais apropriado, segundo ele, do que “origem” –, lembra que ela se situa no ponto de articulação do corpo com a história, mostrando, portanto, o corpo inteiramente marcado pela história e a história que arruina o corpo. Fala desse corpo como “superfície de inscrição dos acontecimentos”, como *proveniência* que se inscreve no sistema nervoso, no humor e no aparelho digestivo, resultado de má alimentação, má respiração e debilidade dos indivíduos cujos ancestrais cometeram erros. Sobre o corpo “se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito.”

A respeito das características da nosopolítica do século XVIII, Foucault aborda o tema do privilégio da infância e da medicalização da família e a gestão das condições físicas e econômicas da sobrevivência das crianças até a idade adulta e dos investimentos necessários para esse período de desenvolvimento. Estabelecem-se, então, novas regras para as relações pais e filhos: além de se manterem as relações de submissão, impõe-se um conjunto de obrigações (para ambas as partes) de ordem física (cuidados com o corpo e proximidade atenta), amamentação das crianças pelas próprias mães, exercícios físicos e preocupação com a indumentária. A família deixa de ser uma “teia de relações que se inscreve em um estatuto social, em um sistema de parentesco, em um mecanismo de transmissão de bens”, para tornar-se “um meio físico denso, saturado, permanente, contínuo que envolva, mantenha e favoreça o corpo da criança” (FOUCAULT, 2001:1979, p.199). Isto, se, de um lado, promove um espaço imediato de sobrevivência e de evolução, de outro, porém, provoca uma limitação ou mesmo uma intensificação do grupo pais-filhos. O laço conjugal passa a ter como principal função a organização da vida futura dos filhos, sendo, portanto, a família considerada a matriz da identidade na formação de um ser humano maduro. Um dos principais escopos dessa família deve ser a saúde dos descendentes, por meio de um corpo sadio, limpo, desenvolvendo-se dentro de um espaço arejado, purificado. A partir dessa época, a família torna-se o agente mais constante da medicalização, devendo ter o cuidado moral, e em parte, econômico, de vacinar seus filhos; os órfãos encontram abrigo em instituições próprias para eles, acolhidos por amas de leite ou por famílias para as quais serão

úteis e recebem desenvolvimento mais favorável e menos dispendioso do que o atendimento que receberiam em um asilo. Em resumo, articula-se uma ética “privada” da boa saúde controlada coletivamente pela higiene e por uma “técnica científica da cura, assegurada pela demanda dos indivíduos e das famílias, por um corpo profissional de médicos qualificados e como que recomendados pelo Estado...”, cujo elemento central, formado no século XVIII, é “a família medicalizada-medicalizante.” (op. cit., p. 201).

Para Costa (1999:1979, p.11-14), tornou-se banal a constatação de que a família vai mal e passa por um sério embate, ao que são atribuídos diversos fatores, como, por exemplo, o afrouxamento dos laços conjugais, o afrouxamento da autoridade dos pais, a emancipação da mulher, o conservadorismo do homem, a rebeldia da adolescência, a repressão da infância e a ausência de amor para com os filhos, entre outros, todos eles sintomas de que estaríamos desaprendendo as regras de convivência necessárias à coesão da família.

Tais fatores, entendidos como desagregadores das relações familiares, e, portanto, como prejudiciais à estabilidade de vínculos tradicionais e ameaçadores da ordem social, estariam na base de muitas propostas atuais de reabilitação familiar, da qual se encarregariam profissionais como pedagogos, psicoterapeutas e outros mais. No Brasil, por exemplo, a assistência à família atingiu enormes proporções, o que indicaria que a pequena, média e, em menor escala, grande burguesia urbanas estariam renunciando ao direito de resolver por conta própria suas complicações familiares, apelando para especialistas.

Esta dependência, no entanto, não consistiria num fato novo com relação ao procedimento da família burguesa, pois a família oitocentista de elite já se submetia a uma tutela semelhante, por meio da política higienizadora apregoada pela medicina social brasileira. Sob o pretexto de exterminar a desordem higiênica dos velhos hábitos coloniais e salvar vidas de crianças e adultos, com base nos altos índices de mortalidade infantil e nas precárias condições de saúde dos adultos, um amplo serviço de pedagogia médica já impunha à família uma educação física, moral, intelectual e sexual, sob a inspiração dos preceitos sanitaristas da época.

A ação dessa política sanitarista, porém, extrapolou os limites da saúde, para interferir também em aspectos sociais, transformando a família burguesa, num esforço conjunto com outras instâncias sociais, numa instituição conjugal, higienicamente tratada e regulada. Essa estratégia acabou por atrelar, de duas

maneiras, a vida privada dos indivíduos ao destino político da burguesia: de um lado, colocando o corpo, o sexo e as relações familiares a serviço da dominação política e, por outro, modelando a forma de viver em família segundo uma ética própria, calcada nos valores burgueses. Desta forma, as relações intrafamiliares passaram a reproduzir as relações entre as classes sociais.

O corpo saudável, finalidade primeira do serviço sanitário, torna-se o representante de uma classe e uma raça, incentivando o racismo e todos os preconceitos dele decorrentes. O corpo, assim como os gestos, a fala e o modo de ser e viver dos desfavorecidos socialmente passam a ser objeto de discriminação por parte da classe privilegiada socioeconomicamente.

A educação moral também teve sucesso, eliminando das escolas e casas os castigos físicos herdados da época colonial e construindo a imagem do indivíduo polido, de fino trato, com comportamento importado segundo um padrão europeu. O sujeito “civilizado” leva a marca daquele que se contém – ainda que tiranicamente –, e que não perdoa as falhas morais, próprias ou alheias.

A educação intelectual, sob a custódia do poder médico, ajuda a refinar a rude sociedade colonial, incentivando, entretanto, a concorrência e acentuando as diferenças de classes e de gênero: os preconceitos envolvendo os binômios culto/inculto e homem/mulher agravam as questões relacionadas ao preconceito, por meio da difusão de falsas noções a respeito da capacidade cerebral dos indivíduos.

A educação sexual almejada pelo serviço médico pressupunha como função principal dos homens e das mulheres a de reprodutores e guardiões de descendentes sadios e “raças puras”, o que reduziu a conduta sexual à função sócio-sentimental de “pai” e “mãe”. Em contraposição, essa educação provocou uma crise de repressão sexual intrafamiliar, que, até épocas recentes, transformou o lar burguês numa verdadeira “polícia médica”. Sob a insígnia da higiene, homens oprimem mulheres com o machismo, mulheres atormentam maridos com seu “nervosismo”, adultos tiranizam crianças que se masturbam, casados humilham solteiros, heterossexuais reprimem homossexuais etc. O sexo tornou-se uma arma poderosa, empregada como prestígio, vingança ou punição.

O sonho do sanitarismo médico a respeito do amor entre pais e filhos tornou-se realidade e as crianças passaram a ser cuidadas com desvelo sem precedentes nos tempos coloniais. No entanto, nunca se chega a um consenso satisfatório, pois, por mais dedicação que possa haver entre pais e filhos, parece, aos olhos dos novos

técnicos, dose ainda insuficiente. Na família burguesa há sempre um espaço para a intervenção dos especialistas, agentes de normatização, sempre presentes para apontar os excessos e as faltas cometidas nos lares.

Costa (1999:1979, p. 15-17) conclui que, em consequência da educação higiênica, a norma familiar estabelecida pela ordem médica passa a exigir constantes intervenções disciplinares por parte dos agentes de normatização e que muitas dessas intervenções seriam as responsáveis por casos de desagregação familiar. Ou seja: muitas famílias se teriam desestruturado por terem seguido à risca as prescrições médicas impostas. Esta constatação elucidaria a provável razão da persistência histórica do mecanismo da tutela familiar por meio da prática terapêutica, que estaria a serviço de normatizar o uso do corpo, do sexo e das relações intrafamiliares, como forma de manutenção e reprodução da ordem social burguesa. No entanto, embora os especialistas encarregados de reeducar terapeuticamente a família apercebam-se de que a desestruturação familiar seja um fato social, não se dão conta de que as terapêuticas educativas sejam um componente importante na construção de tal fato, por estarem apegados à ideologia do “cientificismo”, que os neutralizaria dentro dessas práticas. O controle terapêutico, impregnado desse “cientificismo”, seria redobrado ao se constatar a fragilidade humana, considerada, então, prova inconteste da não submissão às normas higiênicas. Assim, se autoalimentariam a engrenagem do desconforto da família e dos mecanismos de controle médico e social.

Ainda que afirme que nem todos os profissionais da saúde sejam politicamente conservadores e que concorde que a família sofre e precisa ser ajudada, Costa (1999:1979, p. 17) se pergunta se os remédios propostos para o mal-estar da família não estariam a serviço de perpetuar a doença, uma vez que “a lucidez científica das terapêuticas dirigidas às famílias escondem, muitas vezes, uma grave miopia política. Miopia que tende a abolir, no registro do simbólico, o real adjetivo de classe existente em todas estas lições de amor e sexo dadas à família.”

Mey (2001:2000, p. 71 et seq), ao refletir sobre as questões sociais, entre as quais podemos situar as voltadas para o discurso da família, refere-se ao *habitus*, no sentido utilizado por Bourdieu, como princípio que governa a interação societal, mesmo que não seja totalmente consciente. Embora o *habitus* faça parte do processo de formação dos sujeitos, transcende a história pessoal de cada um, como uma lei inata e determinante; a formação dos sujeitos seria, portanto, “a

internalização de estruturas objetivas” como “disposições”, sem ligação com nenhum tempo ou espaço, lugar ou indivíduo especial, por isto podendo ser chamadas de “transportáveis”. Decorre disto o fato de que “divisão sexual do trabalho, moralidade doméstica, cuidados, discordâncias, gostos etc produzem as estruturas do *habitus* que se tornam, por sua vez, as bases da percepção e da apreciação de todas as experiências subseqüentes”, ou seja, *habitus* são “estruturas estruturadas transformando-se em estruturas estruturantes”, “histórias transformadas em natureza”. Por isto:

os conflitos de gerações não opõem faixas etárias separadas por propriedades naturais, mas *habitus* que foram produzidos por diferentes modos de geração, ou seja, por condições de existência que, ao impor diferentes definições de impossível, possível e provável, fazem com que um grupo vivencie como naturais ou razoáveis práticas ou aspirações que outro grupo considera impensáveis ou escandalosas e vice-versa (op. cit., p. 74).

À noção de *habitus* trazida por Bourdieu podemos acrescentar a noção de *doxa*, “opinião”, “crença primitiva”, definida como a classe do que se toma como dado, ou seja, aquilo que é aceito sem necessidade de comprovação, como se fosse uma evidência.

Somente quando há possibilidade de se revogar a *doxa*, pode-se perceber que o que se aceitava como indubitavelmente verdadeiro nada mais era do que uma crença arraigada e irrefletida. Olhando por este prisma, podemos ver a zona de perigo pela qual transitará o discurso terapêutico ao lidar com o conceito de família, caso este, em vez de ser considerado uma *doxa*, constituída ao longo do processo histórico, seja encarado como o único conceito plausível, para o qual não se admite concorrência. Neste caso, o discurso da TF tornar-se-ia muito tendencioso e empobrecido, impedindo qualquer possibilidade de crítica. Com base no conceito de *doxa*, Mey afirma o mesmo:

Quando um “discurso concorrente” aparece no horizonte, podemos nos tornar capazes de, pela primeira vez em nossas vidas, confrontar aquilo em que acreditávamos de forma acrítica com uma alternativa viável. (MEY, 2001:2000, p. 100).

Fairclough (2001:1992, p. 27) também faz referência ao apagamento dos vestígios de certos construtos sociais, que, cristalizados sob forma de crenças, somente poderão ser modificados por meio de mudanças nas práticas discursivas: “As práticas discursivas em mudança contribuem para modificar o conhecimento (até mesmo as crenças e o senso comum), as relações sociais e as identidades sociais.”

A constante flutuação de valores desencadeada pelos sistemas de crenças faz com que os conhecimentos e as práticas aceitos na TF tenham constantemente de readaptar-se. Com efeito, entre os primeiros conceitos de família dos primórdios da TF e os da atualidade, houve uma alteração acentuada, sob a insígnia de muitas transformações institucionais, principalmente as que sugerem que nos estamos deslocando de um sistema enfocado na manufatura dos bens materiais para outro, cujo ponto central é a informação. À descrença na validade absoluta das verdades científicas, políticas e religiosas acresce-se o questionamento da autoridade e as discussões em torno das esferas públicas e privadas. A globalização, por seu lado, faz emergir uma possibilidade muito grande de riscos e incertezas, principalmente os referentes à economia eletrônica global e à utilização dos recursos do planeta.

As relações entre as pessoas são revistas e redimensionadas, tanto no que toca à questão de gêneros, como às formas de casamento e à constituição da família. O interesse pelos estudos culturais, principalmente a partir dos anos setenta, alinhava uma temática de novos objetos (etnicidade, gênero, comportamentos sexuais, gerações etc) que, ao explicitarem a diversidade de traços sociais dos indivíduos, promove questionamentos sobre as identidades, a subjetividade (MATTELART; NEVEU, 2004: 2003, p.147 et seq). Desenvolve-se intensa discussão sobre a igualdade sexual e o futuro da família, que antes era considerada, em diferentes sociedades e culturas, apenas uma unidade econômica.

Segundo um dos arautos da nova era, Anthony Giddens (1990, 2000, 2003), a respeito “do mundo em descontrole”, expressão com que ele batiza um de seus livros, ao mesmo tempo em que o individualismo parece tornar-se a marca registrada da nova época, hoje o casal se situa no centro da vida familiar, e o amor, somado à atração sexual, é a base dos laços conjugais. Para o pensador inglês, as idéias de “união” e “não união” descrevem mais acuradamente a vida pessoal que as de “casamento e família”: o casamento pode significar uma relação estável entre duas pessoas, sem, necessariamente, uma declaração pública de compromisso.

No entanto, na tentativa de compreensão dos fenômenos institucionais que marcam os novos tempos, a lenha nunca é suficiente para a fogueira dos debates: outros arautos de (priscas) novas eras, Bourdieu e Wacquant (2000), acirram o debate, ao afirmarem que as mudanças atuais não passam de um produto “de um imperialismo simbólico, cujos “efeitos sobre a língua são tão mais poderosos e perniciosos” porque veiculados “sob a capa da modernização”, não só pelos partidários da revolução neoliberal, mas “também pelos produtores culturais (pesquisadores, escritores, artistas) e militantes de esquerda que, na sua maioria, consideram-se progressistas”.

Batizando de “nova vulgata planetária” a série de vocábulos que se pretendem pós-modernos, Bourdieu e Wacquant procedem à crítica dessa “novlangue”:

Em todos os países avançados, patrões, altos funcionários internacionais, intelectuais de projeção na mídia e jornalistas de primeiro escalão, se puseram de acordo em falar uma estranha “novlangue” cujo vocabulário, aparentemente sem origem, está em todas as bocas: “globalização”, “flexibilidade”; “governabilidade” e “empregabilidade”; “underclasse”; “exclusão”; “nova economia” e “tolerância zero”; “comunitarismo”, “multiculturalismo” e seus primos “pós-modernos”, etnicidade, minoridade, identidade, fragmentação, etc. (BOURDIEU; WACQUANT, 2000, p. 1).

E apontam duas figuras principais como responsáveis pela “novlangue” da pós-modernidade:

primeiramente o especialista que prepara, na sombra dos bastidores ministeriais ou patronais ou no segredo dos think tanks, documentos de forte cunho técnico, e tanto quanto possível construídos em linguagem econômica e matemática. Em seguida, o conselheiro do príncipe para comunicação, trãnsfugo do mundo universitário a serviço dos dominantes, cujo serviço é dar forma acadêmica aos projetos políticos da nova nobreza de Estado e da empresa. O modelo planetário e incontestado é o sociólogo britânico Anthony Giddens, professor da Universidade de Cambridge, agora à testa da London School of Economics e pai da “teoria da estruturação”,



síntese escolástica de diversas tradições sociológicas e filosóficas.  
(op. cit.).

De todo modo, de qualquer lado do debate em que se esteja, a conceituação da família, em meio a tantas alterações na ordem econômico-social-cultural vigente, pede urgente e constante revisão para a TF.

Como conseqüência da globalização, do contato com os meios de comunicação e dos movimentos migratórios, a tradição etnocêntrica dá lugar a uma grande diversidade de pontos de vista. Diferentes culturas convivem e deste convívio resultam diferentes perspectivas e estilos de vida.

Aliás, na “novlangue planetária”, engordando a lista organizada por Bourdieu e Wacquant, talvez possamos acrescentar a palavra “diferença”, como representativa deste estado de coisas em que etnias variadas se fundem e dão origem a novas formas sociais. Falar em “diferença” é remeter a esse caldo em que pluralisticamente coexistem grupos até então cindidos social e culturalmente.

Essa nova sociedade pluralista ou multiculturalista, que pretende valorizar a diversidade, lança um ataque à confortável imagem de família antes aceita pelos terapeutas como “saudável”. O mapa da família ideal, herdado pelos pioneiros da TF, desenhado com tendências não só etnocêntricas, mas também patriarcais, deixa de ser visto como única possibilidade de ideal de bem-estar.

Vários fatores, como raça, classe econômica e educação tiveram que ser revistos nessa nova conceituação de família. Outros modelos tiveram que ser incluídos na TF: as famílias monoparentais, as de homossexuais (masculinos ou femininos), depois de um longo período de negação, puderam encontrar espaço no palco dos diálogos sobre famílias, à revelia do conservadorismo de alguns terapeutas.

Os movimentos feministas colaboraram muito; talvez se possa dizer que a maior crítica aos postulados da TF tenha vindo justamente desses movimentos, pois evidenciaram o que o sistema patriarcal ocultava: o papel ao mesmo tempo autoritário e periférico do pai na constelação familiar, que se coadunava com o papel complementar da mãe superenvolvida na criação dos filhos, produtos de um processo histórico que há muito perdurava.

Em suma, as descrições dos modelos familiares tradicionais vêm sendo suplantadas, e a TF tem repensado constantemente sua prática, enfocando as

questões identitárias de cada família, tanto do ponto de vista étnico, como cultural ou de gênero.

## **2. Na sala de terapia**

Ao assistirmos às sessões de TF, entendidas aqui como um gênero complexo, observamos a presença de um de seus gêneros constitutivos mais importantes – as conversações – que se vão tecendo como numa trama, onde cada interlocutor constrói – enquanto desconstrói – a rede de significados que atribui ao seu mundo relacional. Quando em instituições de ensino, elas ocorrem em locais especificamente preparados para um tipo de atendimento: conforme relatado no início do trabalho, numa sala, com telefone, sentam-se os terapeutas e pacientes da sessão, munidos de microfones, aparelhos de gravação de fitas ou filmadoras; em outra sala, contígua, também com telefone, separada por um espelho unidirecional, postam-se os observadores, auditório formado por alunos, supervisores e grupos de estudos. Este segundo grupo poderá entrar em contato com o primeiro por meio do supervisor da sessão, que tanto pode entrar na sala de atendimento como pode comunicar-se por telefone.

Os estudos de terapia de família de abordagem sistêmica insistem na importância de que se mude a relação entre o terapeuta e os pacientes: que o contexto terapêutico seja adequado para a construção de uma interação face a face e que os participantes – pacientes, terapeutas e equipe – tentem estabelecer, pela linguagem, uma inter-relação que possa ser entendida como produto de uma prática entre sujeitos socialmente posicionados. Ou seja: por um lado, a TF pretende ser uma ação que reproduz, de algum modo, as práticas cotidianas em que os sujeitos estão inseridos e, por outro, um ato social, produto de uma prática social específica – a terapêutica –, que visa a dar outros sentidos às práticas cotidianas. Por meio dessas conversações, busca-se propiciar a cada participante acesso a novas possibilidades de (re)leitura de mundo e a novas formas de (re)construção de suas relações, a que se convencionou chamar re-significação.

Embora, aprioristicamente, os terapeutas partam de hipóteses que façam sentido apenas para si próprios, somente o gênero conversação pode fazer emergir os significados que os pacientes atribuem às angústias e às insatisfações

decorrentes da vida em casal ou em família. Conversar sobre problemas de relacionamentos é conversar sobre posturas de vida: sobre o que cada um espera do outro, e sobre o sentido que o outro tem para a sua vida: “Quem sou eu então? Quem é este que eu sou? A quem perguntar, senão ao outro?”, como ensina Derrida (2002: 1999, p. 18). Mas, também, e principalmente, conversar sobre relacionamentos é falar sobre si-mesmo e sobre a própria incompletude e a falta do outro, perceptíveis, naturalmente, por meio das relações estabelecidas com outros sujeitos e materializadas em linguagem.

Compondo um gênero maior - a sessão de terapia -, a conversação tem como objetivo terapêutico, tanto durante como após as sessões, o entendimento e a ampliação consensuais de muitos significados, que possibilitem novas re-significações diante da experiência vivida. Quer dizer: acredita-se que, na medida em que se compreendem o ponto de vista e o motivo das atitudes dos sujeitos em interação, torna-se possível criar um espaço comum de interlocução, onde a voz de cada um seja ouvida e re-significada.

O gênero que contextualiza essa conversação exige, porém, que todos sejam autores, vivendo, por meio do processo terapêutico, uma experiência de transformação de si próprios e de suas narrativas. Espera-se, ainda, que tal processo de transformação prossiga além do tempo e do espaço terapêuticos, ao se estabelecerem novas conexões sobre as conexões anteriores, alterando possibilidades passadas e presentes e perspectivas futuras. Segundo Grandesso (2000, p. 240):

cada conversação insere-se em um contexto terapêutico, construindo-se no momento em que se dá, em uma espécie de performativo coletivo, para o qual todos os participantes contribuem de alguma maneira (...). Como o espaço conversacional constrói-se momento a momento, conforme cada ato de fala abre espaço de possibilidades de respostas ao interlocutor, não há como predizer o rumo de uma conversação.

Para a TF, pensar sobre as interações com/entre as famílias, refletir sobre os significados e sua potencialização para cada interlocutor é aceder a um mundo lingüístico de uma riqueza inextricável: é propiciar uma interlocução onde se pretende falar *com* o paciente, e não *para* o paciente, num exercício de alteridade e

legitimação que Maturana (1998: 1995) define como relacionamento amoroso e que Moreno (1983), o criador do Psicodrama, ferramenta bastante utilizada nos encontros terapêuticos, entendia como “olhar o outro com os olhos do outro”.

Espera-se que todos os participantes mudem: os pacientes e os terapeutas. Por essa razão, ao comporem o gênero “sessão de terapia”, as conversações são encaradas como troca mútua, onde cada um necessita coordenar sua ação com as respostas dos outros, entretecendo sentimentos, idéias, reflexões, como numa trama, de modo muito próximo ao que foi percebido por Grigoletto (apud ARROJO, 1992, p. 32), no campo da escritura:

A cada escritura, o texto... é tramado de uma certa forma, segundo um determinado padrão, de modo a construir uma malha fechada, na qual o significante se transforma ilusoriamente em significado. Portanto, a cada escritura encerra-se a busca e o signo se fecha na justaposição de significado e significante, se constrói.

No momento da construção da trama, atribuem-se ilusoriamente ao significante apenas algumas possibilidades de significado. No processo de interlocução, entretanto, sucessivamente novos significados despontarão, de tal forma que podem fazer vacilar anteriores: a trama, antes tão bem urdida, pode, repentinamente, soar como uma ilusão:

a primeira trama, já desfeita, será tecida novamente, mas formando outros desenhos, novas formas, e junto com ela tecendo-se, a cada vez, a ilusão de se prender o signo na nova malha (GRIGOLETTO apud ARROJO, 1992, p. 32).

Outra observação relevante sobre as sessões terapêuticas sistêmicas é a convivência interdisciplinar, já que os terapeutas vêm de formação eclética: a especialização é aberta a profissionais de várias áreas, além da Saúde; há assistentes sociais, psicólogos, psiquiatras, pediatras, pedagogos, entre outros; em decorrência deste fato, cada sessão, embora parta dos mesmos postulados teóricos, pode assumir uma configuração diferente, conforme a orientação de cada

terapeuta: há também variação de nível socioeconômico, entre os sujeitos presentes nas sessões.

Como no Brasil a terapia familiar sistêmica segue os modelos italiano e americano, são convidados muitos profissionais desses países para supervisionar atendimentos em institutos brasileiros, o que potencializa a complexidade lingüística dos encontros terapêuticos, pois tais supervisores falam, durante as sessões, espanhol, italiano ou inglês, com demanda da presença de intérpretes, que são, normalmente, terapeutas bilíngües. Este dado, ao mesmo tempo que gera um problema para a compreensão de muitas interlocuções, amplia a possibilidade de re-significações de muitas falas, incluindo a do tradutor, e evidencia a intersubjetividade.

#### **D. A TF como uma atividade de linguagem: a instabilidade do sentido nas sessões terapêuticas**

Se, numa relação terapeuta-paciente, ambos os sujeitos constroem um gênero discursivo – a conversação – que se circunscreve a um tempo e a um espaço, e se sabemos que uma das características dos enunciados é a sua polissemia, como se processa a negociação de sentidos entre os falantes? Adiantando uma interpretação lingüística para esse tipo de negociação, podemos lembrar do que afirmam Ducrot e Todorov:

...enunciados aparentemente bastante análogos podem na realidade ser muito diferentes, e inversamente. Daí a idéia de que a função profunda dos enunciados não pode ser lida na sua constituição aparente, mas apenas numa organização subjacente: o aparente é apenas superficial. (1998:1972, p. 221).

Desde o início deste trabalho, despontou, como uma das perguntas principais, a questão de como se processam as interações entre os sujeitos do discurso terapêutico de base sistêmica, diante da própria fugacidade ou instabilidade dos sentidos de um discurso.

A prática tem mostrado muitas vezes que os sujeitos, no lugar de pacientes, colocam-se na posição de quem é habitado por vários outros, e acreditam que têm segredos ou motivos ocultos, que devem ser recuperados, como meio de cura ou autoconhecimento. Esperam, então, daquele que ocupa o lugar de terapeuta, a senha para decifrar algum (im)possível código que lhes permitirá o acesso a essa cura ou autoconhecimento.

O terapeuta, por seu lado, ao tentar construir suas hipóteses sobre as dificuldades de relacionamento entre os pacientes, estimula, dialogicamente, uma flutuação constante dos sentidos do discurso, que se ampliam nas sessões que contam com auditório (tornado invisível pelo espelho unidirecionado, mas representado pelas constantes interferências do supervisor). Age, portanto, como sujeito da mediação entre vários alocutários: dialoga com os postulados da TF, com o auditório oculto pelo espelho, com os vários pacientes, e com ele próprio, já que todo ato de fala deve partir, antes de mais nada, do que se conhece em TF pelo conceito de “ressonância”, definido como conjunto de “elementos semelhantes, comuns a diferentes sistemas em intersecção” (ELKAIM, 1990:1989, p. 17). A “ressonância”, que pode – para esse autor – ser entendida também como isomorfismo, manifesta-se em certas situações em que se aplique a mesma regra à família, ao terapeuta, à instituição onde se realiza o atendimento, à equipe de supervisão etc.

Esse mesmo sujeito – o terapeuta – que, na condição de locutor, propicia a mediação entre os vários alocutários, pode tornar-se ele próprio o alocutário, quando os demais participantes da conversação ocupam o lugar de locutores. Independentemente da posição eu-tu, no entanto, o que se busca é sempre o referente, quer pelos locutores quer pelos alocutários. Perseguido durante todo o diálogo terapêutico, esse referente pode aproximar os sujeitos da interação ou afastá-los, segundo leis imprevisíveis, mas emanadas de cada contexto. Simultâneo objeto de desejo e de poder, ele perpassa os enunciados dos sujeitos, como num paradoxo entre a ambigüidade e a polissemia, provocando efeitos de sentido bastante variados, quando não opostos. Segundo um jogo intersubjetivo, esse referente pode ser bastante fugaz, mascarando ou denunciando sentidos, conforme se pretenda estabelecer algum acordo/desacordo entre os agentes enunciativos.

Como o terreno da ação por meio da linguagem situa-se entre o espaço de linguagem que não pode ser trabalhada a nível consciente e o espaço de linguagem

que o sujeito concretiza pela fala, os terapeutas procuram ampliar esse espaço de trabalho, estimulando, por meio do que chamam re-significação, uma intensa (re)construção de sentidos que deslizam no discurso. Por “deslizamento”, utilizamos a interpretação de Corrêa (2003, p. 34-38) – voltada para a prática da leitura e produção de texto – sobre o que Pêcheux chama “deslocamento do elemento dominante nas condições de produção do discurso”. Assinalando que o processo de “referencialização” aparece quando os falantes/escreventes, em situação de comunicação, levam o objeto de seu discurso para a posição de referente, Corrêa (op.cit., p. 36) apresenta dois aspectos da noção de deslizamento: o primeiro deles refere-se a um “jogo de flutuações em que referente, remetente e destinatário estejam num texto sempre sujeitos ao deslizamento de um a outro indefinidamente”, enquanto o segundo diz respeito à dificuldade de estabelecer um ponto de origem que defina “como sujeito o usuário e, como objeto, o mundo e os outros homens transformados em linguagem” (ibidem, p. 37).

Nas conversações terapêuticas, o referente, na qualidade de objeto de discurso, desliza de uma posição a outra e se apresenta como objeto de disputa entre os sujeitos dos diálogos: se aceito pelo locutor e pelo alocutário, assegura-se o diálogo: caso contrário, disputa-se sua posse, monofônica e autoritariamente, como garantia de lugar de poder entre os sujeitos, instituindo-se a solidão de certos modos de expressão do sujeito, que tendem a cristalizar construções dialógicas de sentido como únicas. Cada sujeito age, portanto, como mediador de outros sujeitos/discursos.

A seqüência de nosso trabalho está organizada do seguinte modo: o **Capítulo 1** consistirá numa revisão teórica de estudos lingüísticos relacionados, principalmente, com a enunciação, o sentido e o sujeito, com suas marcas de heterogeneidade, além de uma reflexão sobre nossa opção conceptual e as noções que utilizaremos quando da análise do material escolhido. Introduzimos também alguns postulados da TF, de acordo com seus principais autores, pois nos pareceu importante esse tipo de referência, para maior elucidação do trabalho a que nos propomos.

O **Capítulo 2** será constituído por aspectos metodológicos, questionamentos e implicações teóricas sobre o discurso da TF, além da apresentação do *corpus* e do método da transcrição. A fim de estabelecer o sentido em que entendemos a noção

de interação, mostramos, ainda nesse capítulo, que os encontros das sessões terapêuticas serão focalizados segundo as representações:

- a) dos terapeutas sobre os pacientes e seus co-terapeutas, tendo em vista os postulados da TF e o ato de ajuda;
- b) dos pacientes sobre os terapeutas e o auditório, tendo em vista o ato de pedir ajuda.

Esse recurso, de certo modo organizador da pesquisa, não corresponde, naturalmente, a uma visão da interação como bipartida, já que, segundo a abordagem teórica que utilizamos, é inviável a separação dos interlocutores do discurso terapêutico, uma vez que a compreensão de uma fala viva sempre se faz acompanhar de uma atitude responsiva ativa, o que torna todo ouvinte um locutor e vice-versa.

O **Capítulo 3** consistirá na análise das três sessões terapêuticas, subdivididas em três fragmentos cada uma. Em lugar de apresentarmos os textos anexos, optamos por transcrever, inicialmente, a sessão em sua íntegra, para que o leitor possa compreender melhor o desenvolvimento do tema durante cada encontro terapêutico. A seguir, recortamos o texto total em fragmentos, para facilitar a compreensão da análise.

Encerra o trabalho uma parte dedicada às Considerações Finais a respeito da pesquisa, quando então procuraremos apresentar os resultados considerados mais relevantes na análise, seguidos da Bibliografia consultada.



## Capítulo 1

### Para ouvir as vozes da terapia: pressupostos teóricos

Neste capítulo, procederemos à revisão teórica dos principais conceitos utilizados em nosso trabalho, na seguinte seqüência: 1. a enunciação; 2. a noção de sujeito; 3. o cenário; 4. os lugares sociais e as posições enunciativas e 5. a noção de sentido.

#### 1.1 A Enunciação

##### 1.1.1 Bakhtin e a teoria do enunciado concreto

Utilizamos em nosso trabalho os conceitos de enunciação/*enunciado*<sup>20</sup> do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev<sup>21</sup>, dentro do que se conhece como *teoria do enunciado concreto*, que nos pareceu bastante apropriada para o tipo de material a ser analisado. Incluiremos nesta parte vários conceitos inter-relacionados, que constarão de nossa análise: *dialogismo, tema, significação, alteridade, gêneros, réplicas, fronteiras, alternância dos sujeitos falantes, estilo*, entre outros. Dois outros conceitos – os de *vozes sociais* e *auditório social* –, embora intimamente relacionados aos anteriores, serão tratados num item à parte. Quando falarmos de *vozes sociais*, abordaremos também os conceitos de *polifonia* e *monofonia*.

---

<sup>20</sup> Empregamos os conceitos de enunciação/*enunciado* aleatoriamente, sempre que nos referirmos à obra de Bakhtin/ Volochinov/ Medvedev, em virtude das diferentes formas encontradas nas traduções de que dispomos. Souza (2002, p. 44) aborda o problema da falta de critério da tradução por um ou outro conceito e cita diversas fontes onde isto ocorre. Quando não tratarmos especificamente da obra do Círculo, manteremos as diferentes acepções, segundo Benveniste, citado por Souza (op.cit., p. 47): por *enunciado* entenderemos o produto do discurso, enquanto por *enunciação* entenderemos o processo ou “situação” do discurso.

<sup>21</sup> Em nossa pesquisa foram consultados principalmente alguns livros de Bakhtin e um atribuído a Bakhtin/Volochinov, conforme bibliografia final. Muitas vezes, no entanto, tomaremos a liberdade de atribuir os

Apresentaremos também idéias de outros autores, como Bourdieu, Fairclough, Foucault e Mey a respeito do tema.

Começamos, portanto, com uma definição de enunciação:

...a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor (BAKHTIN, 1992: 1929, p. 112).

A interação verbal – que inclui não só o diálogo, em seu sentido estrito, mas toda comunicação verbal (o livro, por exemplo, é um elemento da comunicação verbal, que se orienta em função de intervenções anteriores dentro da mesma esfera de atividade) – constitui a realidade fundamental da língua. Ao expor as lacunas de duas relevantes orientações do pensamento filosófico lingüístico de então – o “subjetivismo idealista”, centrado na subjetividade do indivíduo e o “objetivismo concreto”, que considera a língua como um sistema fechado (op.cit., p. 72-127) – Bakhtin opõe o enunciado concreto (unidade de comunicação verbal e fonte do sentido) à oração, que ele define como unidade da língua enquanto sistema e portadora de significação.

Toda enunciação é socialmente dirigida e sua estrutura é determinada, a partir de seu próprio interior, pela situação social mais imediata e pelo meio social mais amplo. É sempre uma resposta a alguma coisa, e se constrói sempre como um elo na cadeia dos atos da fala, determinada pelos participantes desses atos, sejam eles explícitos ou implícitos. Tanto a forma como o estilo da enunciação são determinados pela situação e pelos interlocutores. Nem mesmo em seu estágio inicial de desenvolvimento ela foge à orientação social, pois não pode haver atividade mental sem uma orientação social de caráter apreciativo: a estrutura da atividade mental é tão social como a sua objetivação exterior.

Do ponto de vista de sua significação, ainda que partindo de um indivíduo, a enunciação é organizada fora dele, pelas condições do meio social de uma determinada comunidade lingüística; mas, por mais completa e significativa que seja, representa apenas uma “*fração* de uma corrente de comunicação verbal

ininterrupta”, que, por sua vez, representa só um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado.

As fronteiras que delimitam o enunciado concreto são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes. O enunciado não é, então, uma unidade convencional, mas sim, real, delimitada pela alternância dos locutores, o que se pode verificar com mais clareza nos diálogos. Os enunciados dos interlocutores do diálogo – as réplicas – alternam-se regularmente. Estas, por seu lado, ligam-se umas às outras e estabelecem relações (de pergunta-resposta, asserção-objeção, afirmação-consentimento, oferecimento-aceitação, ordem-execução, entre várias) que pressupõem o outro (em relação ao locutor) membro da comunicação verbal. Todo enunciado é preenchido por tonalidades dialógicas, não só decorrentes de nosso próprio pensamento, que nasce e se forma em “interação e luta com o pensamento alheio”, mas também pelo contato com as “palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, com graus diferentes de alteridade” (BAKTHIN, 2000: 1979, p. 318). Na posição de interlocutores, os sujeitos estão sempre procurando interpretar ou compreender outros sujeitos, assumindo, desta forma, uma atitude responsiva ativa. Toda compreensão, assim como a linguagem, é, portanto, dialógica, pois, ao se constituírem os interlocutores, se constroem simultaneamente os sentidos de forma inacabável.

Toda palavra dirige-se a um interlocutor e varia segundo as pessoas a quem se dirija e o contexto onde ocorra. É preciso pressupor sempre um “horizonte social” definido pelo grupo e pela época a que pertencemos, cujas fronteiras não podem ser ultrapassadas. “Toda palavra comporta duas faces” (Idem, 1992: 1929, p.113), ou seja, determina-se por proceder de alguém e se dirigir para alguém, constituindo, justamente, o produto da interação do locutor e do ouvinte, servindo de expressão tanto para um como para outro.

Na fala real, toda palavra, sem exceção, possui um acento de valor ou apreciativo determinado, assim como toda enunciação compreende, em primeiro lugar uma orientação apreciativa. Ou seja, “na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação”. O papel criativo nas mudanças de significação deve-se à apreciação social: mudar de significação é sempre uma *reavaliação*, ou seja, o deslocamento de uma palavra de um contexto apreciativo para outro. A evolução semântica é tão involucrada à evolução do horizonte apreciativo de um determinado grupo social quanto esta

última é determinada pela estrutura econômica. A ampliação do horizonte apreciativo constrói-se dialeticamente, por meio da luta entre aspectos novos e antigos da existência humana, que se tornam objetos de fala e de emoção, o que reflete sobre a semântica.

A compreensão responsiva ativa toma forma material na resposta subsequente, que tanto pode ocorrer por meio de um ato (execução de uma ordem dada, por exemplo), como por meio de uma compreensão responsiva muda ou de ação retardada. O próprio locutor, em certo aspecto, é um *respondente*, pois não inaugura a fala no mundo, como se fosse, no dizer bakhtiniano, um “Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear” (BAKHTIN, 2000: 1979, p. 319). Cada enunciado pressupõe a existência de enunciados anteriores, aos quais se vincula, seja na identificação seja na oposição. “A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa”, ou seja, “toda compreensão é prenhe de resposta”, o que transforma, de uma forma ou de outra, cada ouvinte em um locutor. Para Bakhtin (op. cit., p. 294), o próprio silenciamento é considerado uma compreensão responsiva ativa muda.

A possibilidade de responder, proporcionada pela totalidade acabada do enunciado, é marcada por três fatores. O primeiro deles é o tratamento exaustivo do objeto do sentido (quase total em algumas esferas, como, por exemplo, a vida cotidiana, a militar, a profissional, e muito relativo em outras: por exemplo, esferas criativas, como as ciências); o segundo é o intuito, o querer-dizer do locutor, que determina o todo do enunciado, sua amplitude e suas fronteiras: é o elemento subjetivo, que se liga ao elemento objetivo do enunciado (objeto do sentido), com o qual forma uma “unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados” (ibidem, p. 300); o terceiro fator, considerado o mais importante para o Autor, são as formas típicas de estruturação dos gêneros do enunciado, escolhidas ou determinadas pelo locutor segundo a esfera de comunicação verbal em que se encontra, a necessidade de uma temática (objeto do sentido), o conjunto dos parceiros etc.

O caráter social do enunciado expõe a importância de suas formas e a necessidade de integrá-las ao seu próprio curso histórico. O processo da fala deve

ser compreendido, num sentido amplo, como um processo de linguagem, tanto interior como exterior, ininterrupto, sem começo nem fim, que se remete a seus complementos extraverbais emergentes da vida corrente, que o ampliam pela ação ou pela resposta verbal de outros participantes na situação de enunciação. A forma dos enunciados responde, então, diretamente, a particularidades da vida cotidiana, o que faz despontarem fórmulas especiais de palavras (alusões, subentendidos, reminiscências), de conversas (de salão, familiares, entre marido e mulher, entre desconhecidos etc). O estudo do enunciado revela, por conseguinte, uma gama muito grande de variação em suas formas de construção, de acordo com seus lugares de produção: há formas de construção de enunciado políticas, poéticas, científicas etc, todas elas delimitadas e determinadas pela situação social mais imediata.

Bakhtin (1992: 1929, p. 128-136) estabelece uma distinção entre *tema* e *significação*. É no interior do tema, expressão com que denomina o sentido da enunciação completa - insistindo no fato de que ele deve ser único, individual e não reiterável, assim como a própria enunciação-, que a enunciação se reveste de significação, e por essa denominação se entendem todos os elementos *reiteráveis* e *idênticos*, cada vez que se repetem. Não há tema sem significação nem significação sem tema; este, no entanto, para que mantenha seu sentido, “deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação; caso contrário, ele perderia seu elo com o que precede e o que segue [...]” (op. cit., p. 129).

Não há como estabelecer uma fronteira nítida entre o tema e a significação. Enquanto o primeiro significa de maneira determinada, a segunda “é o estágio inferior da capacidade de significar”, “é apenas um *potencial*, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto.” (ibidem, p. 131, grifo do autor). Segundo essa definição, a investigação da significação de qualquer elemento lingüístico poderá direcionar-se ou para o contextual, para o estágio superior, para o tema, ou para a significação desse elemento no interior do sistema da língua, ou seja, em situação de dicionário. A significação, absorvida pelo tema e por suas contradições amplia-se ou se transforma em novas significações igualmente provisórias.

A distinção entre tema e significação implica o conceito de compreensão. Em lugar da compreensão passiva, que exclui de antemão qualquer resposta, o tema só pode ser apreendido pela compreensão responsiva ativa, que contém em si própria a possibilidade da réplica, seja em forma de adesão, seja em forma de objeção,

execução etc: “compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*” (BAKHTIN, 1992: 1929, p. 132, grifo do autor) de forma que o próprio ouvinte torna-se locutor.

A relação entre o tema e o enunciado concreto possibilita a compreensão do discurso de outrem. O gênero primário mostra como o tema de nossos discursos se locupleta de palavras de outros: “fala-se no cotidiano sobretudo a respeito daquilo que os outros dizem – transmitem-se, evocam-se, ponderam-se, ou julgam-se as palavras dos outros, as opiniões, as declarações, as informações: indigna-se ou concorda-se com elas, discorda-se delas, refere-se a elas, etc” (BAKHTIN, 2002, p. 139).

O tema indica sempre um valor social de natureza interindividual, e por isto é de natureza sociológica, ideológica e dialógica: “o tema e a forma do signo ideológico estão indissolivelmente ligados, e não podem, por certo, diferenciar-se a não ser abstratamente” (Idem, 1992: 1929, p. 45). A cada época corresponde um determinado centro de valores (grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objetos de atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular). Só este grupo de objetos dará origem a signos, tornar-se-á um elemento da comunicação por signos” (op.cit., p. 44). Esse centro de valores constitui-se nos temas básicos de uma certa época, que se conectam, por sua vez, com um repertório de gêneros.

Bakhtin (2000: 1979, p. 280 et seq) denomina *gêneros do discurso aos tipos relativamente estáveis de enunciados* elaborados segundo cada esfera de utilização da língua. Eles refletem as condições próprias de cada uma dessas esferas, tanto por seu *estilo* (seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais segundo o grau de proximidade e/ou valor hierárquico dos locutores), como por seu *conteúdo temático* e, principalmente, por sua *estrutura composicional*. Aprender a falar, no dizer bakhtiniano, “é aprender a estruturar enunciados”. Nossa fala é organizada não só pelas formas gramaticais (sintáticas), mas também pelos gêneros do discurso, de tal sorte que, ao ouvirmos a fala do outro, podemos pressentir-lhe desde logo o gênero, a extensão do todo discursivo e sua estrutura composicional. Sem os gêneros do discurso seria impossível a comunicação verbal. O fato de demorarmos, por vezes, a dominar uma ou outra forma de gênero de alguma esfera não se deve a um problema de estilo ou de vocabulário, mas a uma falta de experiência no domínio de determinados repertórios de gêneros. A marca principal dos gêneros discursivos

é a heterogeneidade, que inclui desde a réplica do diálogo até as cartas, conversas familiares, documentos oficiais, romances etc, dificultando, por vezes, sua definição.

Os gêneros variam de acordo com as circunstâncias, a posição social e a relação entre os parceiros da comunicação, o que os configura em várias modalidades de estilo, desde o mais simples, até o mais elevado, variando também segundo uma dada entonação. Sempre nos utilizamos dos gêneros do discurso para falar, ou seja, todos os enunciados que empregamos possuem “uma *forma* padrão e relativamente estável de *estruturação de um todo*” (BAKHTIN, 2000: 1979, p. 301, grifos do autor). Nossa fala varia segundo as formas de cada gênero utilizado, às vezes mais estereotipados, mais normativos, às vezes mais maleáveis.

É preciso distinguir *gêneros secundários* (complexos) de *gêneros primários* (simples). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc – surgem em meio a uma comunicação cultural mais complexa, como, por exemplo, a artística ou a científica que absorve e transforma os gêneros primários – os tipos de diálogo oral, cotidiano, em interação com determinada hierarquia social, como os da esfera da família, da intimidade, das reuniões sociais etc –, que são constituídos em circunstâncias mais espontâneas. Estes últimos, ao passarem a compor os primeiros, transformam-se e “perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios” (op. cit., p. 281). A inter-relação entre ambos os gêneros, aliada ao processo histórico da formação dos gêneros secundários, esclarece não só a natureza dos enunciados mas também “a correlação entre língua, ideologias e visões de mundo” (ibidem, p. 282). Os gêneros secundários, ao incorporarem os primários, simulam o diálogo, recuperando a alternância dos sujeitos falantes: “nos limites do enunciado, o locutor (ou escritor) formula perguntas, responde-as, opõe objeções que ele mesmo refuta, etc” (ibidem, p. 295).

### **1.1.2 Vozes e auditório social**

As idéias de Bakhtin a respeito da linguagem, do homem e da vida caracterizam-se pelo princípio dialógico: segundo ele, linguagem, homem e vida são partes de um mesmo processo dialético.

Essa visão dialógica leva-o além da descrição dos elementos estritamente lingüísticos, pois incorpora também os elementos extralingüísticos que, direta ou indiretamente, constituem a interação nos planos social, econômico, histórico e ideológico: linguagem e história tornam-se, portanto, fundamentais para compreender as questões humanas e sociais. Os fatores extralingüísticos determinam socialmente as palavras dos interlocutores, sujeitos sócio-históricos constituídos por valores, ideais, desejos e culturas diferentes, que se marcam na materialidade de suas palavras.

Cada enunciação concreta desse sujeito constituído na heterogeneidade revela um embate entre forças centrípetas (de resistência às mudanças sociais) e centrífugas (que estimulam o movimento), cuja ação envolve tanto o campo das relações sociais como as diferentes classes econômicas e as diversas culturas. Não há, portanto, uma única (e nem uma correta) representação da realidade, como tampouco existe uma relação imutável entre as palavras e as coisas: existem, sim, conflitos de vozes sociais. Foucault (2001: 1979, p. 183) defende a mesma idéia, ao estabelecer liames entre discurso e poder, atribuindo ao primeiro a posição de correlato do segundo. Para ele, o discurso é, necessariamente, movido por uma vontade de poder e este, por sua vez, exige o reconhecimento dos que devem ser governados e regulados. O poder, para Foucault, assim como para Bakhtin, circula em cadeias, como forças heterogêneas, em constante transformação, entre indivíduos socialmente organizados: assim como o discurso, o poder é uma prática social e historicamente constituída.

Dentro do que Bakhtin denomina *horizonte ideológico*, o discurso constrói-se tanto entre os interlocutores, que são seres sociais, como entre outros discursos, o que o torna uma construção feita de vozes em concorrência e sentidos em conflito. É por meio da relação entre sujeitos e discursos que se constroem não só o sentido dos textos, mas também a significação das palavras e os próprios sujeitos, o que permite que se analise o dito como réplica do já-dito.

O horizonte social mais imediato e o mais distante surgem por meio da palavra. Bakhtin refere-se a um auditório social imediato e mediato. Se, no processo de interação, um locutor direciona a palavra do outro, este se mantém, porém, ligado a falas, vozes, valores, concepções que se fazem ouvir, embora distantes. Como toda palavra contém em si marcas históricas, sociais e culturais, suas possibilidades de sentidos serão produzidas segundo as mudanças sociais, o que implica dizer que



sujeitos sociais em interação verbal constroem, ao longo da história, e em determinadas circunstâncias, a gama imensa de sentidos das palavras. A intersubjetividade precede a subjetividade, resultados da polifonia das diversas vozes sociais que o indivíduo recebe e reelabora: “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata” (BAKHTIN, 1992: 1929, p. 46). Ao refletir e refratar a complexidade do mundo que a constituiu, a palavra revela-se, ao mesmo tempo, polissêmica e fragmentada, exigindo a marca do outro na construção do sentido.

Como conseqüência dessa dialogia entre discursos e sujeitos, as vozes e sentidos misturam-se e se (re)constroem. Para Bakhtin (2002, p. 21), a essência da polifonia consiste no fato de que as vozes permanecem independentes e plenivalentes, reafirmando convicções ou pontos de vista a respeito de uma multiplicidade de mundos. Ao admitir vários sistemas de referência, a polifonia organiza-se numa ordem superior à monofonia, pois nela se combinam as vontades individuais e ocorre a saída para além dos limites de uma vontade; ou seja, a vontade da polifonia “é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento”. Bakhtin, falando sobre a polifonia dos romances de Dostoiévski, defende a idéia de que o fator que leva esse escritor russo a escapar da monologia – que enfocaria, hegelianamente, a formação contraditória do espírito humano –, é a percepção da multiplicidade de planos e da contrariedade, “não no espírito, mas em um universo social objetivo”, expressa por meio da visão de coexistência e interação, no espaço, e não no tempo (op.cit., p. 27-28).

A interpretação do mundo passa a implicar todos os conteúdos como simultâneos, coexistentes e é essa possibilidade de contigüidade que permite a separação entre o essencial e o secundário. O caráter dialógico não se esgota nos diálogos externos composicionalmente expressos, nas relações entre as réplicas dos diálogos, mas penetra toda a linguagem humana, tudo o que tem sentido e importância. O diálogo, dessa forma, torna-se bivocal, penetrando em cada gesto e em cada palavra e constituindo-se num “microdiálogo”, o que possibilita dizer que a polifonia “desvenda o multifacetado da existência e a complexidade dos sofrimentos humanos” (BAKHTIN, 2002, p. 42-44) .

Cada época e cada grupo social possuem um repertório particular de formas de discurso (gêneros) na comunicação sócio-ideológica, que revelam, mediante uma análise rigorosa, a enorme influência do componente hierárquico no processo de

interação verbal. A classe dominante tende a tornar o signo monovalente, atribuindo-lhe um caráter intangível e superior às diferenças de classe, procurando abafar a luta social que se trava por meio dele. Ao fazer isto, contraria uma característica marcante do signo, que é o fato de ele ter sempre duas faces, dialética esta interna, que se revela sobremaneira nas épocas abaladas por intensas crises sociais.

Corroborando as afirmações de Bakhtin/Volochinov, Mey (2001:2000, p. 24, grifos do autor) considera que o uso das palavras nunca é praticado *in vacuo*, pois as “palavras que usamos *definem* nosso mundo, no sentido original do termo...” e “...as palavras são o limite, mas o limite é igualmente uma questão de nomeação pelas palavras.” As condições sociais e corporais que determinam o sentido de um enunciado jamais serão as mesmas a cada enunciação: o próprio fato de ter mencionado um enunciado tornará impossível para o humano “repetir o experimento” (op.cit., p. 61). Mey utiliza a idéia de *hexis* corporal, no sentido utilizado por Bourdieu: como substantivo derivado do verbo grego *ékhein* – “possuir”, “portar”; como substantivo verbal – “posse”, pode estar ligado ao verbo, assim como “comportar-se; tem o significado de “agir no mundo”. Mey lembra também a denominação de Austin para uma classe de atos de fala: os comportamentais.

O diálogo, “discurso de dupla voz” (ibidem, p. 185), a que se refere Bakhtin não é somente uma oposição entre vozes, mas entre poderes sociais, pois é engendrado e governado pela forças sociais da própria sociedade em que se origina, o que aponta para um dilema interessante:

por um lado, o diálogo é um processo dialético que opera em constante oposição à sociedade e suas normas. Por outro lado, o diálogo re-produz o universo societal de acordo com aquelas mesmas normas [...] (ibidem, p.186).

Reforçando a noção bakhtiniana de vozes com papéis sociais correspondentes, Mey (2001:2000, p. 20 et seq) as considera “instrumentos constitutivos sobre os quais se funde, em última instância, a orquestração da sociedade”, mas que “nunca estão fixadas, reguladas, totalmente determinadas”, naquele sentido que Bakhtin chamou de orquestração de um texto.

À distinção feita por Bourdieu (1977) a respeito de três tipos de conhecimento (a) *fenomenológico*, que torna “explícita a verdade da experiência primária do mundo

social”; *b) objetivista*, que “constrói as relações objetivas, por ex., as econômicas ou lingüísticas, que estruturam a prática e representações da prática”; e *c) das relações dialéticas* “entre as estruturas objetivas... e as disposições estruturadas que tendem a reproduzi-las e em cujo interior aquelas estruturas se atualizam”, Mey (2001:2000, p. 22-24, grifos do autor) faz corresponder três vozes: ( *a*) a voz do *membro* ou participante, à moda de recursos etc; *b)* a voz *descritiva*, à moda da lingüística teórica ou antropologia estruturalista; e *c)* a voz *societal*: diálogo e dialética, conforme Bakhtin).

A essas vozes, Mey faz ainda corresponder três falantes ou personagens: ( *a*) o *membro*, que realiza suas atividades e confirma a ordem existente, sem questionar ou ao menos saber o que está acontecendo; *b)* o *lingüista* ou *cientista social*, que tenta capturar o conhecimento explícito do usuário num sistema de regras; e *c)* o *integracionista dialético*, que se recusa a aprisionar-se a um sistema e se propõe a questioná-lo). Esses três tipos, por sua vez, produzem três tipos de atividade societal: (a) embora não entendendo a formação societal, dela participam ativamente (voz participante); b) descrevendo objetivamente a formação societal (voz descritiva, como, por ex. Saussure com a *langue*, mas não com a *parole*); e c) separando-se da tradição hermenêutica e da objetivista, para interpelar dialogicamente a formação societal (voz dialógica), como o faz Althusser.

Mey lembra ainda que as vozes da sociedade, quando incorporadas às práticas da vida cotidiana de uma comunidade, funcionam como um sistema subjacente de crenças, tradições, valores morais, divisão do trabalho, relações entre sexos, raças, classes sociais etc. A cada voz corresponde um sujeito agente, que é, por sua vez, um agente social. Numa sociedade composta de tantas vozes, um dos aspectos mais facilmente observados é o da dissonância, à que se acrescentará a variação do estatuto das vozes: algumas serão mais ouvidas do que outras, ou para maior exatidão, algumas sequer serão ouvidas, o que confirma Bourdieu:

Em uma sociedade de classes, todos os produtos de um dado agente, em função de uma sobredeterminação essencial, falam inseparavelmente de sua classe – ou mais precisamente, da posição deste na estrutura social, assim como sua trajetória ascendente ou descendente – e de seu corpo – mais especificamente, todas as propriedades, sempre socialmente qualificadas, das quais ele é

portador – propriedades sexuais, é claro, mas também propriedades físicas, admiradas, como força ou beleza, ou propriedade estigmatizadas (apud Mey, 2001:2000, p. 81).

Fairclough (2001: 1992, p. 36 et seq), para quem os enunciados com frequência são ambivalentes para os intérpretes – e não apenas ambíguos –, impossibilitando decidir com clareza sobre seus sentidos, também se refere ao poder como um dos fatores principais nas conversações, o que evidencia que alguns participantes têm mais força do que outros. O discurso é moldado pela estrutura social, tanto pelas relações sociais como pelas relações específicas em instituições particulares, por meio de sistemas de classificação ou por normas e convenções, sejam de natureza discursiva ou não (op.cit., p. 91), e contribui para a construção e transformação do que se costuma chamar de “identidades sociais”, para a construção das relações sociais entre as pessoas e a construção de sistemas de conhecimento e crença (ibidem). Cita alguns tipos de discurso (por ex., os de sala de aula, os de terapia) em que não se encontram regras partilhadas ou assimetrias para a tomada de turno, com direitos e obrigações iguais. Produzir o discurso, portanto, segundo ele, faz parte de processos mais amplos da vida, das relações e das identidades sociais: “O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.” (ibidem).

## **1.2 A Noção de Sujeito**

Bakhtin critica a unicidade do sujeito falante, atribuindo-lhe um estatuto heterogêneo. Para ele, o sujeito é dialógico e seu conhecimento é fundamentado no discurso que produz. Considera que o sujeito só desponta como autoconsciência, quando se reconhece no outro: só tem existência a partir do outro, e como outro do outro e modifica seu discurso em função do contato com outros discursos. O sujeito não é, portanto, a fonte primeira do sentido.

Esse sujeito dialógico, conforme o considera Bakhtin, abala a concepção clássica do sujeito cartesiano, rigidamente circunscrito em uma identidade permanente. Opõe-se também a qualquer possibilidade de assujeitamento: o sujeito de Bakhtin nega a categoria do sujeito assujeitado de Althusser e de Pêcheux, propondo um sujeito ativo, que interfere no processo social da linguagem, por meio de sua constante atividade sócio-interacional.

Ele nunca está concluso, uma vez que se solidariza com as alteridades de seu discurso, numa partição de vozes concorrentes: o *outro* delimita e constrói o espaço de atuação do sujeito no mundo, proporcionando-lhe o acabamento.

Bakhtin retoma e enfatiza este tema em seu estudo sobre o autor e o herói (2000: 1979, p. 43-107). Seu conceito de *excedente de visão* estabelece um conjunto de atos internos ou externos (uma esfera particular de atividade) que só o eu pode “pré-formar a respeito desse outro e que o completa justamente onde ele não pode completar-se” (op.cit., p. 44).

Embora esses atos possam apresentar uma gama muito grande de variação, decorrente das próprias situações de vida (tanto do *eu* como do *outro*), sempre haverá uma tendência à constância. Para Bakhtin, ao tentar estabelecer a relação autor-herói, não importam os “atos propriamente éticos”, que envolvem o *eu* e o *outro* no acontecimento, e que têm como objetivo a mudança efetiva do *outro* e do acontecimento do qual ele participa. Importam, sim, os “atos de *contemplação*”, “propriamente estéticos”, que têm como meta exclusiva a unificação e ordenação do dado representado pelo *outro*, sem pretensão de ultrapassá-lo. Ao assumir o horizonte concreto do *outro*, tal qual ele o vive, o *eu* pode aperceber-se de fatos parcialmente imperceptíveis ao *outro*:

mesmo que ele visse o que vejo – se se encontrasse na frente de um espelho, por exemplo -, não teria um enfoque emotivo-volitivo apropriado a essa visão que, em sua consciência, não se situaria como ela se situa na consciência do contemplador (BAKHTIN, 2000: 1979, p. 45).

A expressividade externa, ao abrir o acesso ao interior do *outro*, permite a fusão com esse interior. “Mas”, pergunta Bakhtin, “será a fusão interna o objetivo principal da atividade estética, para a qual a expressividade externa não seria mais

que um meio, uma fonte de informação?” “De modo algum”, responde ele mesmo, pois a atividade estética propriamente dita nem sequer começou. Acrescenta ele:

Com efeito, vivida internamente, a situação daquele que sofre pode levar a um ato ético – ajuda, reconforto, especulação cognitiva – e, de qualquer modo, após nos termos identificado com o outro, devemos voltar a nós mesmos, recuperar nosso próprio lugar fora daquele que sofre, sendo somente então que o material recolhido com a identificação poderá ser pensado nos planos ético, cognitivo ou estético (BAKHTIN, 2000: 1979, p. 46).

Como conclusão da idéia, Bakhtin reafirma o papel de uma obra de criação verbal, que conserva, na menor de suas palavras, uma dupla função: guia o processo de identificação e proporciona o princípio de acabamento ao outro, com possibilidade de predomínio de um desses aspectos. A palavra passa a ter papel primordial dentro de uma relação dialógica, pois é a partir dela que o sujeito se constitui e é constituído.

Para Bakhtin (op. cit., p. 300) há, por parte do sujeito, um *querer dizer*, que determina a forma do enunciado:

Em qualquer enunciado, desde a réplica cotidiana monolexêmica até as grandes obras complexas científicas ou literárias, captamos, compreendemos, sentimos o **intuito discursivo** ou **querer dizer** do locutor que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras. [...] O intuito, o elemento subjetivo do enunciado entra em combinação com o objeto do sentido – objetivo – para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados. (Ibidem, p. 300).

Esse *querer dizer* realiza-se sobretudo na *escolha de um gênero de discurso*, determinada em função “de uma dada esfera de comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos

parceiros, etc” (Ibidem, p. 301). A partir de então, sem renunciar à individualidade e à subjetividade, o intuito discursivo do locutor adapta-se ao gênero escolhido.

Bakhtin/Volochinov (1992: 1929, p. 59) acreditam que todo produto da ideologia carrega consigo o “selo da individualidade do seu ou dos seus criadores”; no entanto, tal selo é tão social “quanto as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas”. Ou seja, “todo signo, inclusive o da individualidade, é social”. A respeito da diferença entre o signo interior e o exterior, entre o psíquico e o ideológico consideram que “A significação realizada por meio do movimento interior é dirigida ao próprio organismo, a um indivíduo dado, e determina-se, antes de tudo, no contexto de sua individualidade” (BAKHTIN, 1992: 1929, p. 59).

No entanto, o caráter específico do psíquico apóia-se num sistema ideológico também específico, com leis e condições sociais próprias, o que faz com que toda enunciação assuma duas orientações: uma, em direção ao sujeito, e outra, em direção à ideologia. Desta forma, o signo e a situação social no qual se insere estão indissolivelmente imbricados.

Internamente envolvido em múltiplas vozes sociais, o sujeito constitui-se discursivamente, em relações de consonância ou dissonância; e é deste modo que consegue singularizar-se (BAKHTIN, 2000: 1979, p. 290 et seq): na interação com as vozes sociais, num trabalho dialógico com as fronteiras. Para Bakhtin:

O objeto de discurso de um locutor, seja ele qual for, não é o objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências” (op. cit., p. 319).

Abre-se, desta forma, espaço para o sujeito, para o mundo em que ele está inserido e para as práticas discursivas. Estas, ao acentuarem as tensões e contradições existentes entre as classes sociais, numa sociedade pluralista, permitem, por sua vez, a instauração do diálogo no espaço público, pois a palavra funciona como uma arena por meio da qual se digladiam os valores sociais; sua existência só passa a ter sentido dentro de um determinado contexto: “o signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá

infalivelmente debilitar-se [...] e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade“ (BAKHTIN, 1992: 1929, p. 46). O falante constitui sua subjetividade considerando o seu outro, num processo semelhante a um espelho no qual se reflete; por isto, se pode considerar que a palavra tem dupla face, uma vez que procede de alguém e se dirige a alguém e sua existência vincula-se intrinsecamente à realidade social à qual pertence.

Pode-se, então, afirmar que, para Bakhtin, o sujeito é social, pertencente a uma classe social, e múltiplo, complementando-se ao interagir com o outro. A intersubjetividade precede a subjetividade, uma vez que a relação entre os interlocutores, além de fundar a linguagem, dá sentido ao texto e constrói os próprios sujeitos do texto (BARROS; FIORIN, 1999: 1994, p. 28).

Embora apresente diferenças marcantes na problemática da constituição dos sujeitos, Foucault e Bakhtin aproximam-se no tocante à idéia da interação do sujeito com o outro: enquanto para o primeiro o sujeito constantemente conflitua com o outro, por meio de uma “microfísica do poder”, para o segundo nossa fala só se torna concreta na relação com o outro. O sujeito constitui-se, tanto para Foucault como para Bakhtin, nesse processo de confronto social, sem que se atinja um ideal de sujeito.

O que os diferencia é que, para Foucault, o sujeito é determinado pelo discurso, enquanto para Bakhtin o sujeito é também um agente, atuando num processo intersubjetivo. No entanto, pode-se pensar numa aproximação entre os dois autores, se se pensar que, para Foucault, os discursos nunca são internamente homogêneos; não podem formar uma unidade pelo fato de se referirem ao mesmo objeto, uma vez que o próprio objeto é heterogêneo. Essa característica de heterogeneidade aproxima-se das vozes sociais a que se refere Bakhtin.

Possenti (2002a, p. 61), referindo-se à Análise do Discurso Francesa, lembra que a conjunção de um certo estruturalismo, de uma certa psicanálise e de uma certa teoria da ideologia estabelecem “que o indivíduo que fala é pouco mais que um porta-voz de discursos que o antecedem, definindo o sujeito basicamente pelo assujeitamento”. Nesse momento, o eu é dominado e determinado pelo Outro, em contraposição a uma fase posterior da Análise do Discurso, com a qual o autor concorda, que ressalta o papel fundamental da heterogeneidade do discurso.

Lembra que, à frente desta última perspectiva, estão as propostas muito produtivas, derivadas dos trabalhos de Bakhtin e Lacan, que evidenciam o discurso



do outro. Chama a atenção também para o funcionamento inverso do discurso, ou seja, para o trabalho do sujeito “sobre e a partir de outro texto ou de um texto de outro” (op.cit., p. 64). Se a própria idéia de heterogeneidade é constituída pela afirmação do outro, a recíproca também deve ser verdadeira, caso contrário cairíamos, agora de modo inverso, na mesma lógica simplista do Cogito, em que a centralização do eu daria lugar à centralização do outro.

Brandão (1997, p. 38), a respeito da constituição do sujeito na/pela linguagem, afirma:

É porque constitui o sujeito que a linguagem pode representar o mundo; porque falo, aproprio-me da linguagem, instauró a minha subjetividade e é enquanto sujeito constituído pela linguagem que posso falar, representar o mundo (op.cit., p.37).

Koch (2002, p. 17), utilizando uma concepção sociointeracional da linguagem, define os sujeitos como atores/construtores sociais ativos que – dialogicamente – constroem-se e são construídos interacionalmente. Segundo ela, a linguagem é “lugar de “inter-ação” entre sujeitos sociais, isto é, sujeitos ativos, empenhados em uma atividade sociocomunicativa” (op.cit., p. 19), ou:

entidade psicossocial, sublinhando-se o caráter ativo dos sujeitos na produção mesma do social e da interação e defendendo a posição de que os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir (Ibidem, p. 15).

Após esse percurso pelas diversas noções de sujeito apresentadas por vários autores, assinalamos que, em nosso trabalho, consideraremos o sujeito segundo uma concepção bakhtiniana. O sujeito se constitui numa interação com o outro, com outras vozes sociais, modificando seu discurso a partir do contato com outros discursos. Ainda que a sua palavra seja em grande parte a palavra alheia, ela também constitui, de algum modo, a palavra do outro, pois está na própria antecipação que o outro faz do um.

### 1.2.1 A(s) Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)

O termo heterogeneidade refere-se a toda forma de alteridade no discurso, ou seja, toda forma que altera a imagem de um discurso. O tom de um enunciado pode ser identificável, por exemplo, pelo contraste entre idéias heterogêneas no interior de um mesmo texto: podemos falar em tom irônico, tom polêmico etc. A heterogeneidade enunciativa indica que todo discurso é atravessado pelo discurso do outro ou por outros discursos, que mantêm entre si relações de contradição, de dominação, de confronto, de aliança e/ou de complementação. Vários autores vêm-se interessando pelo tema da(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s); dentre eles, citaremos alguns, que fizeram parte de nossa pesquisa.

Authier-Revuz (1990, 1994, 2001 e 2004) distingue duas ordens de heterogeneidade: (1) a heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso, em que a autora mostra “o discurso como produto de interdiscursos, ou, em outras palavras, a problemática do dialogismo bakhtiniano” e (2) a heterogeneidade mostrada no discurso (que indica a presença do outro no discurso do locutor). A heterogeneidade mostrada, por sua vez, ainda segundo a autora, divide-se em duas modalidades: a marcada, da ordem da enunciação e visível na materialidade lingüística e a não-marcada, da ordem do discurso e não provida de visibilidade.

Authier-Revuz, ao estudar as várias formas de complexidade enunciativa, distingue como formas marcadas, que contribuem para manter a distinção entre o eu pleno e o sujeito que ele atropela, as que apontam univocamente para o outro (discurso direto, aspas, itálicos, incisos de glosas), e, como formas não marcadas, aquelas onde o outro se faz reconhecer sem marcação unívoca (discurso indireto livre, ironia, pastiche, imitação): “Efetivamente, as formas não marcadas de heterogeneidade mostrada – discurso indireto livre, ironia... de um lado, metáforas, jogos de palavras... de outro, representam, pelo continuum, a incerteza que caracteriza a referência ao outro, uma outra forma de negociação com a heterogeneidade constitutiva; uma forma mais arriscada porque joga com a diluição, com a dissolução do outro no um, onde este, precisamente aqui, pode ser enfaticamente confirmado mas também onde pode se perder. É deste modo que tais formas, sem ruptura, conduzem aos discursos que, bem mais próximos da

heterogeneidade constitutiva, renunciam a toda proteção diante dela, e tentam o impossível “fazer falar”, no vertiginoso apagamento do enunciador atravessado pelo “isso fala” do interdiscurso ou do significante tal como o desenham, absolutos míticos [...]], livros sem voz do autor, que existem sozinhos” (1990:1984, p. 34).

As alusões, o discurso indireto livre ou qualquer jogo de palavras não marcado, como as metáforas, por exemplo, abrem-se, segundo ela, para a heterogeneidade constitutiva. No caso do discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação da frase; o locutor se apresenta como simples “porta-voz”. Nas glosas, retoques e comentários sobre um fragmento da cadeia (com ou sem aspas ou itálico), que especificam os parâmetros, pontos de vista, um discurso põe explicitamente uma alteridade em relação a si próprio. A ironia, o humor e outras formas podem, por exemplo, ser considerados rupturas no dizer, que permitem a entrada do interlocutor como co-autor do narrado. As antecipações, as correções e as auto-escutas são formas de modalização autonímica que apontam um processo por etapas, que se inscreve no tempo. A paráfrase, as retomadas são uma forma de heterogeneidade mostrada, onde o locutor atua como tradutor.

A autora considera importante que tais noções, que se ancoram no exterior da lingüística, sejam explicitadas, uma vez que de nada adianta limitar a lingüística a aspectos intrínsecos: isto apenas promoverá concepções ingênuas em torno do sujeito e de sua relação com a linguagem. Em se tratando da enunciação, o exterior inevitavelmente retornará, de forma implícita, ao interior da descrição, “sob a forma “natural” de reprodução”, ao se analisarem as evidências vivenciadas pelos sujeitos falantes em sua atividade linguajeira. Desta forma, recusa tanto os enfoques do sujeito como centro de seu dizer como os que se dedicam ao “salvamento do sujeito”.

Para propor aquilo que chama heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso, toma por base os trabalhos que consideram o discurso como produto de interdiscursos (o dialogismo de Bakhtin) e a abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem por meio da releitura que Lacan faz dos conceitos freudianos (Psicanálise). Como vemos, o conceito de heterogeneidade(s) enunciativa(s) inclui, entre outros, a dimensão dialógica da linguagem, segundo Bakhtin, por meio da

qual, ao construir sua fala, o locutor marca, de modo aparente ou não, o lugar do outro, seu provável interlocutor.

Na heterogeneidade constitutiva – espaço interdiscursivo - o discurso não se origina no locutor e surge em uma dimensão de verticalidade, não linear: é o caso da *não coincidência interlocutiva*, *não coincidência do discurso consigo mesmo*, *não coincidência das palavras e das coisas* e *não coincidência das palavras com elas mesmas* (AUTHIER-REVUZ, 2001: 1998, p. 22 et seq).

Na heterogeneidade mostrada – espaço intradiscursivo – o locutor dá conta de sua enunciação, da delimitação que, apesar de ilusória, é necessária, do um, do sujeito e do discurso em relação à pluralidade de outros sujeitos e outros discursos. Lembra que o “dialogismo” do círculo de Bakhtin constitui uma teoria da dialogização interna do discurso, onde as palavras são sempre “as palavras dos outros” e que a saturação da linguagem constitui uma teoria da produção do sentido e do discurso. Desta forma, segundo a visão bakhtiniana, os outros discursos atuam como um centro exterior constitutivo, que pertence ao já-dito e com o qual se constrói a trama do discurso.

É em relação ao exterior da lingüística que Authier-Revuz (1990:1984, p.26) propõe “uma descrição da heterogeneidade mostrada como formas lingüísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso”. Esses exteriores teóricos fundamentam também a retomada da questão da dupla heterogeneidade, em que se toma como objeto a modalização autonímica, configuração enunciativa que se refere a um desdobramento, em um único ato de enunciação, onde há um dizer do elemento lingüístico realizado por um comentário desse dizer.

O estudo lingüístico e discursivo da modalização autonímica é apresentado por meio das não-coincidências do dizer e sua representação meta-enunciativa e remete a uma das formas de dialogismo, tratado por Bakhtin: a do locutor com sua própria palavra. Authier, com base nas reflexões bakhtinianas sobre o dialogismo, tematiza o outro no discurso, focalizando a heterogeneidade do locutor e do discurso: a interação com o outro, questão fundamental do dialogismo, apresenta-se como constitutiva de todo discurso. O lugar do outro insere-se dentro do próprio discurso, uma vez que as palavras são sempre “as palavras dos outros” e um discurso é sempre construído na relação com os outros discursos. Tal conceituação atravessa tanto o plurilingüismo como as fronteiras constitutivas dos “falares sociais”, das

formas lingüísticas e discursivas do hibridismo e da bivocalidade, enfim de todas as formas que permitem a representação no discurso do discurso do outro. O que Bakhtin considera saturação da linguagem constitui-se numa teoria da produção do sentido e do discurso; os outros discursos são colocados como um centro exterior constitutivo, o do já-dito, com o qual se tece a trama do discurso.

Quanto à psicanálise, apoiada na teoria de Saussure e na releitura feita por Lacan da obra de Freud, traz à baila “a dupla concepção de uma fala fundamentalmente heterogênea e de um sujeito dividido” (AUTHIER-REVUZ (1990:1984, p.28), o que revela palavras sob outras palavras, apontando a polifonia não intencional de todo discurso. A esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente articula-se aquela do sujeito dividido, descentrado, clivado, “ferida narcísica” apontada por Freud, ao descobrir-se que “o sujeito não é mais o senhor de sua morada”, o que possibilita seu mascaramento. Para Freud, não passa de uma ilusão – necessária, no entanto –, a idéia da centralização do sujeito. O fundamento do sujeito centralizado muda à medida que se produz seu deslocamento: no sujeito e em seu discurso está o Outro, constitutivamente e em torno dessa afirmação reencontram-se as concepções do discurso, da ideologia e do inconsciente, impossíveis de serem deixadas de lado pelas teorias da enunciação. Tal ponto de vista lingüístico difere bastante da descrição das formas da heterogeneidade mostrada no discurso, por meio das quais se modifica a unicidade aparente da cadeia discursiva, para aí inscrever-se o outro, segundo diferentes modalidades, ancoradas ou não em marcas unívocas.

Maingueneau (1997: 1987, p. 75), ao falar sobre heterogeneidade enunciativa, explica que esta pode resultar da construção pelo locutor de níveis distintos no interior de seu próprio discurso. Num enunciado, o dito é constantemente atravessável por um metadiscurso mais ou menos visível, que manifesta um trabalho de ajustamento dos termos a um código de referência. Esta possibilidade de associar, a todo instante, na seqüência do discurso, os enunciados e seus comentários, evidencia a propriedade que as línguas naturais possuem de se descrever sem passar por um outro sistema semiótico. Num campo de trabalho como o da Análise do Discurso, por exemplo, o metadiscurso do locutor é alvo de grande interesse, pois favorece a descoberta de determinados aspectos no modo como uma formação discursiva define sua identidade em relação à língua e ao interdiscurso. Herdado de Foucault, o conceito de formação discursiva torna-se,

num segundo momento da Análise de Discurso, o ponto central de articulação entre a língua e o discurso: a noção de interdiscurso traz para dentro do discurso os elementos de fora, ou seja, de outras formações discursivas, na forma do pré-construído, identificáveis por meio da análise das marcas lingüísticas e dos implícitos dos textos, marcados pela complexidade e pela heterogeneidade, uma vez que atravessados por várias posições de sujeito ou lugares de fala. Os textos, nos processos discursivos em que se constroem, destacam-se de acordo com o gênero em que são produzidos e com os efeitos de sentido provocados, o que atende a certos propósitos das práticas institucionais.

Eis, a esse respeito, a posição de Maingueneau (1997: 1987, p. 91):

[...] o texto não é um estoque inerte que basta segmentar para dele extrair uma interpretação, mas inscreve-se em uma cena enunciativa cujos lugares de produção e de interpretação estão atravessados por antecipações, reconstruções de suas respectivas imagens, imagens estas impostas pelos limites da formação discursiva.

Para Orlandi (1996, p. 65), o processo de produção de sentidos constitui-se em uma materialidade que lhe é própria, ou seja, a significância estabelece-se na prática material significante, quando os sentidos se atualizam e se corporificam. Ao falar, o sujeito atribui sentido às suas próprias palavras em condições específicas; no entanto, ao se apagarem as condições de produção, ele o faz como se os sentidos estivessem nas palavras. A constituição dos sentidos acontece na relação com o interdiscurso (“uma história que não se situa” [...] “uma trama de sentidos” (ORLANDI, 1996, p. 76)), portanto, fora do alcance direto do sujeito. O que permite a Orlandi concluir, da mesma forma que Pêcheux e Maingueneau, que:

Todo texto tem a ver com outros textos, existentes, possíveis ou imaginários, pois ele tem sobretudo uma relação necessária com a exterioridade, estabelecendo assim suas relações de sentido [...] (op. cit., p. 76-78).

Numa perspectiva diferente, ainda que lidando com um tipo de constituição do sujeito – o sujeito jurídico –, Austin, segundo Osakabe (1979, p. 50), propõe uma reformulação da teoria da significação por meio da distinção entre atos locucionários

e ilocucionários. O problema da significação passa a ser relacionado à ação no mundo, e não ao conhecimento do mundo, o que, em certa medida, segundo o mesmo autor, coincide com trabalhos lingüísticos como os de Ducrot e Benveniste.

Para o que interessa diretamente ao nosso trabalho, deter-nos-emos nas marcas que indicam a ligação do discurso com os outros discursos e com os discursos dos outros; estaremos, então, observando as remissões feitas pelos sujeitos falantes a aspectos exteriores de seu discurso, como, por exemplo a outros registros discursivos, a um outro discurso, a uma outra palavra, a um outro interlocutor.

### **1.3. O Cenário**

O cenário em que ocorrem as sessões de TF, seja sob a forma de aulas para formação de terapeutas ou supervisões para público numeroso reveste-se de uma peculiaridade muito grande. O fato de que alguns institutos divulguem seus trabalhos por meio de programas de entrevistas em televisão já é um primeiro passo para a compreensão dos sujeitos que se colocam na posição de pacientes: atraídos pela possibilidade de acesso a um produto divulgado pela mídia, muitos chegam às salas de terapia ansiosos por posarem diante das câmeras.

Como os institutos costumam filmar as sessões, os que se candidatam aos atendimentos – e muitas vezes aguardam durante meses na lista de espera –, comportam-se de forma semelhante aos participantes de programas televisivos de entrevistas: vários arrumam seus cabelos, olhando-se no espelho unidirecional; vestem-se com apuro; utilizam, no início das sessões, a norma culta da língua; procuram postar-se exatamente no centro das câmeras de filmagem para as quais sorriem e gesticulam de forma antinatural, como se estivessem diante de um grande auditório. Este, embora invisível, marca sua presença pela mediação telefônica ou pessoal do supervisor, que adentra à sala de terapia sempre que necessário, levando seu (ou do grupo) parecer.

Muitas dessas sessões, como já citamos anteriormente, contam com a assistência e participação de uma equipe, que é conhecida como reflexiva, segundo os conceitos de Andersen (1994), terapeuta norueguês, que entende esse papel

como um campo de novos enunciados potencializadores de opções de reformulação de atitudes ou de interrelações familiares.

A sala de terapia confunde a descontração da sala de visitas com o rigor da sala de atendimento médico. O sentar-se junto, em círculo, convida ao aconchego, ao bate-papo informal; a finalidade do encontro, porém, pode impor, em algumas circunstâncias, a sobriedade, a desconfiança, o medo. O auditório oculto, com seu efeito “big brother”, tão apropriado ao sabor de nossas épocas, ao mesmo tempo que suscita o efeito- vaidade, desperta o mecanismo de fuga: a fuga pela palavra, a fuga pelo silêncio, a fuga pela contestação.

Bakhtin fala muito bem desse clima entre sério e descontraído que podemos encontrar nos encontros terapêuticos: para ele, é o sério que “não tem nada de dogmático nem de unilateral; pela sua própria natureza, ele apresenta a forma de um problema, ele é auto-crítico e inacabado...formas variadas de sério profundo, puro, mas aberto, sempre pronto a desaparecer e ser renovado.” (2002, p. 104). O riso carnavalesco não se opõe à situação de terapia de família: pelo contrário. Ele favorece o aparecimento de falas proibidas pela circunspeção. “Ridendo castigat mores”<sup>22</sup>, diria Horácio; brincando colocamos nossas raivas para fora, diriam exorcizadamente alguns pacientes. Brincando podemos falar o que pensamos, subrepticamente dirão outros. A linguagem permite as fissuras e o anúncio das derrubadas de muros e padrões de comportamento. A linguagem sempre permite o anúncio de novas eras, ainda que nos mesmos e familiares espaços.

A distribuição espacial dos participantes é, como dissemos acima, bastante sugestiva: as famílias sentam-se com dois terapeutas numa sala, chamada sala de atendimento, com espelho unidirecional. Por detrás desse espelho há uma equipe de observação, que tanto pode ser composta por alunos em fase de treinamento, como por terapeutas que participam de núcleos de estudos. Essa equipe tem número variável de assistentes, que se postam numa sala escura, em companhia de supervisores ou professores. Estes últimos deslocam-se livremente entre as duas salas, tanto interferindo na atuação dos terapeutas junto às famílias, como discutindo com a equipe que se coloca atrás do espelho. Os supervisores podem funcionar como porta-vozes do grupo ou tomar iniciativas próprias (por microfone, telefone interno ou pessoalmente).

---

<sup>22</sup> “Rindo, castigam-se os costumes”



Ao irromperem na sala de atendimento e expressarem seu (ou do auditório) ponto de vista, esperam contribuir com novas perspectivas e/ou ampliar os recursos dos atendimentos por meio de técnicas terapêuticas. Evidentemente, este é um dos aspectos marcantes das sessões, porque, muitas vezes, os terapeutas que estão diante dos pacientes, tentando dialogar com eles, têm de optar por seguir seu próprio caminho ou enveredar pela hipótese dos supervisores e equipe, cujos sentidos nem sempre ficam muito claros para eles.

Nesses momentos de (in)decisão, os terapeutas costumam apegar-se a um dos postulados da TF, citado anteriormente neste trabalho, segundo o qual só podemos ver o que podemos ver, e que não existe uma realidade “lá fora”, que uns captam, e outros não. A melhor solução, no entendimento do supervisor ou dos assistentes, nem sempre é vista dessa maneira pelos terapeutas. E vice-versa.

Essa condição de produção discursiva aproxima-se daquilo que, a respeito da atribuição de um sentido literal para os enunciados, Arrojo e Rajagopalan (Apud ARROJO, 1992, p. 54) lembram:

a partir do insight freudiano de que o homem carrega consigo um lado desejante e desconhecido, todo o conhecimento, todas as ciências, todas as “verdades”, todos os sentidos “literais” têm que ser necessariamente relativizados e reconhecidos como produto – ou sintoma – de uma interpretação, mediação inevitável entre homem e mundo (ARROJO; RAJAGOPALAN, apud ARROJO, 1992, p. 54).

No cenário da TF, se existe um consenso de que o trabalho terapêutico terá a ajuda da equipe, que se intitula reflexiva, a luz da sala de atendimento, em algum momento, será apagada, enquanto se acenderá a da sala por detrás do espelho. Cada assistente, então, terá um tempo para falar, como se pensasse alto, o que os acontecimentos da sessão lhe sugerem, num cenário que lembra muito o coro do antigo teatro grego.

O número desses assistentes, como já foi dito, varia bastante, podendo, inclusive, ser muito grande (às vezes, mais de 15 participantes, entre as famílias, os terapeutas, os supervisores e a equipe por detrás do espelho). Terminada a reflexão coletiva, volta-se à forma de iluminação anterior e reinicia-se a sessão. Muitas vezes, a atuação dos assistentes ocorre somente no final. A sessão é encerrada

logo após essa intervenção, numa tentativa de que as reflexões despertem algum tipo de *insight*.

O que se pretende, com tal abordagem, é que os pacientes, ao terem acesso a muitas reflexões, opiniões e descrições, encontrem mais possibilidades de atribuir diferentes sentidos às suas questões pessoais e de superar seus problemas por meio de novas formas de compreensão dos fatos de sua própria vida (re-significações). Como se pode depreender, os sentidos que emergem dessas interlocuções tornam-se incontáveis, e podem apresentar uma variação muito complexa.

#### **1.4 Lugares sociais e posições enunciativas**

Se nos distanciarmos dos efeitos desejados pela terapia e dos realmente produzidos por ela, poderemos, do ponto de vista lingüístico, observar como e por que os efeitos de sentido são produzidos. De acordo com Osakabe (1979, p. 46), o problema das condições de produção “como quadro de informação prévio e necessário a uma observação interna de cada realidade discursiva” assume importância dentro de um esquema de funcionamento mais abrangente que as relações intrínsecas existentes em seu interior, de onde se torna irrevogável a necessidade de se assumir uma perspectiva pragmática. Este autor vale-se da esquematização feita por Pêcheux, com opção pelo esquema informacional, oriundo das teorias sociológicas e psicossociológicas da comunicação, que permitem a evidência dos protagonistas do discurso e de seu referente.

Para além das determinações dos protagonistas e do referente do discurso, uma outra razão para observar como e por que os efeitos de sentido são produzidos está no fato de que os sentidos não nascem desse cenário montado pela terapia – que é apenas uma parte das condições de produção do discurso – mas da relação que essa situação terá com outras situações já vividas, ligadas à história de cada paciente (sua posição social, por um lado, mas também sua posição em relação aos vários discursos sociais, ou seja, em relação ao já-dito e ao já-ouvido). Estamos, portanto, falando também da interdiscursividade.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1986, p. 21-23) lembram que “há funções que autorizam – e só elas – a tomar a palavra em certos casos, ou perante certos auditórios; há campos em que tais problemas de habilitação são minuciosamente regulamentados” e que o contato entre o orador e seu auditório é fundamental para o desenvolvimento de toda argumentação, podendo transformar-se em verdadeiro tratado de psicologia e de sociologia, uma vez que as opiniões humanas dependem de seu meio social. O problema da natureza do auditório liga-se ao de seu condicionamento, ou seja, aos fatores extrínsecos que o cercam; e o mais importante em qualquer argumentação – para além daquilo que o próprio orador considera “verdadeiro ou probatório” – é saber o parecer desse auditório, de forma que a ele se adapte o discurso.

Os participantes dos encontros terapêuticos negociam não apenas saberes, mas também os sentidos dos lugares – posições enunciativas – que, simbolicamente, ocupam nesse espaço: lugar social de terapeuta, de paciente, de pai, de mãe, de filho etc. Tais lugares sociais se atravessam, expondo, por meio dos enunciados, diversas categorias sociais, como gênero, etnia, classe social, religião, geração e profissão. A ocupação dessas posições simbólicas muitas vezes expõe contradições, rupturas, idas e vindas na relação dos sujeitos com seu contexto sociocultural: terapeutas e pacientes ora representam fixamente os lugares sociais assumidos ora deles se afastam, correspondendo ou negando as expectativas a eles outorgadas a partir de categorias sociais. Os efeitos de sentido expõem uma duplicidade: se os lugares sociais significam os enunciados do sujeito, este, por seu lado, produz sentidos a partir da posição simbólica que representa.

Foucault (2001: 1979, p. 13), ao analisar as condições históricas das relações de poder, sugere uma correlação entre a constituição de um campo de saber e a instauração de práticas discursivas que correspondem e/ou legitimam estratégias de poder. Desta forma, os diversos campos do conhecimento podem ser entendidos como discursos constituídos com o intuito de exercer dominação com relação ao que se pretende conhecer, que assumem caráter de verdade e se difundem por meio das instituições. Olhando desta perspectiva, podemos pensar que os enunciados que representam certos campos de conhecimento adquirem, em nossa sociedade, *status* de verdade, fortalecendo determinados lugares sociais e assegurando a manutenção dos dispositivos de poder estabelecidos. Foucault (1987: 1969) propõe o conceito de formações discursivas, referindo-se ao fato de os enunciados

constituírem uma regularidade por meio de escolhas temáticas, submetendo-se a regras de formação, a determinadas "condições de existência em uma dada repartição discursiva", instituindo "um conjunto de práticas que regulam o que pode e deve ser dito em uma dada posição e em uma dada conjuntura". Concebe o discurso do sujeito como lacunar, com inúmeras e descontínuas possibilidades de realização.

Em se tratando do contexto terapêutico em instituições (de onde advém nosso material), é importante também lembrar que o terapeuta é uma autoridade devidamente reconhecida e titulada ( em nosso material, alguns são titulados, outros estão em vias de titular-se), cuja voz representa o saber. Seus enunciados em princípio são validados socialmente, bem como a forma de conduzir as sessões; é preciso, no entanto, que ele próprio reafirme um certo modo de produção discursiva. Isto revela um ponto crucial da trama discursiva: os próprios sujeitos se constituem, por meio dos jogos de poder e saber que tramitam em cada esfera social.

Bakhtin (1992: 1929, p. 112) considera que todo indivíduo tem em seu mundo interior e em sua reflexão um *auditório social* próprio e bem estabelecido, onde são construídas suas deduções interiores, suas apreciações e suas motivações. A situação da enunciação e o *auditório* determinam o curso do discurso interior de um locutor, obrigando-o a realizar-se por meio de uma expressão exterior, que, ao inserir-se no contexto não verbalizado da vida cotidiana, nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros interlocutores na situação enunciativa.

## 1.5. A noção de sentido

Saussure (1975, p. 79-84), considera a língua um sistema de signos, os quais dão conta, por meio das relações internas ao próprio sistema, da significação. Ressalta a importância da questão da arbitrariedade do signo lingüístico, deixando, porém, a relação com o mundo fora de sua análise. Os termos implicados no signo lingüístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação; o signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica, que não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação de que nossos sentidos dão testemunho. O signo lingüístico é uma entidade psíquica de duas faces (conceito e imagem acústica, substituídos respectivamente por significado e significante),

intimamente unidas, que apresenta duas características principais: a arbitrariedade e o caráter linear do significante. Chama a atenção, porém, para a palavra *arbitrário*: não se deve pensar que o significante dependa da livre escolha daquele que fala, mas sim, que o significante é imotivado, ou seja, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem, realmente, nenhum laço natural. O que equivale a dizer que, embora o signo lingüístico seja arbitrário, o falante não o pode associar livremente a outras significações que não as estabelecidas num grupo lingüístico, pois a conexão arbitrária ocorre apenas entre o significado e o significante, e não entre o signo e o mundo.

Saussure compara a língua a uma folha de papel (op.cit., p. 131): de um lado, o pensamento, de outro o som; não dá para tocar um lado sem afetar concomitantemente o outro. Somente a Psicologia ou a Fonologia puras poderiam chegar a uma abstração diferente: nunca a lingüística, que se vê obrigada a trabalhar no limite entre as duas ordens. O indivíduo, por si só, não pode fixar valores aos signos lingüísticos, pois esta é uma tarefa exclusiva da coletividade, por meio do uso e do consenso geral.

Segundo Corrêa (2003, p.27):

Essa concepção dual do signo, que exclui de consideração tudo quanto Saussure acreditava não caber na realidade psíquica que defendia para a língua, deixa de lado o referente (a “realidade” denotada).

Os semioticistas americanos, ao criticarem essa exclusão, propuseram uma tríplice relação para o signo. Conforme ainda esclarece Corrêa (2003, p. 27),

Numa aproximação grosseira, pode-se dizer que, nela, além do significante (chamado “símbolo”) e do significado (chamado “referência”) será incluída a “realidade” denotada (chamada “referente”).

Benveniste (1989: 1974, p. 220 et seq), embora parta, assim como Saussure, da noção de língua como sistema de signos, pretende ir além do ponto da análise da língua como sistema significante. A respeito da significação, insiste que é preciso

antes tomar como certo que a linguagem é uma “atividade significativa por excelência, a imagem mesma da significação.” (op.cit., p. 223 et seq).

Referindo-se à questão da arbitrariedade do signo, assinala alguns problemas gerados pela exclusão do mundo na análise que Saussure faz da língua, entendida como um sistema autônomo, ou seja, ao excluir o mundo exterior, Saussure exclui também a questão da arbitrariedade.

Benveniste (ibidem, p. 53-59) acredita que a relação entre significado e significante não é arbitrária, mas sim, arbitrário é que um signo, e não outro, pode-se aplicar a determinado elemento da realidade, mas não a outro.

Para ele, tais questões relacionam-se com “tantas discussões vãs” entre sentido e referência, ou entre referente e signo (BENVENISTE, 1989: 1974, p. 220-242): “o sentido de uma palavra é seu emprego” e o referente “é o objeto particular a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância ou do uso.”

Assim como Saussure, tampouco acredita que a lingüística possa dar conta do problema metafísico da relação entre espírito e mundo, pensamento e realidade, o que pode ser considerado uma forma de aceitar a inclusão da exterioridade nos fenômenos da significação. Para ele, a significação é o problema mais central e importante da linguagem: “Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano”. Para Benveniste, não haveria possibilidade de humanidade ou sociedade sem a função principal da linguagem, que é a significação (1995: 1966, p. 222). Percebia, no entanto, que, além de não existir um ponto de vista comum à maioria dos que tratavam o tema, havia uma tendência grande a deixá-lo fora da lingüística, mais dedicada ao que pode ser apreendido e analisado por técnicas mais concretas (op. cit., p. 220-221).

Corrêa (2003, p. 60), citando Pêcheux, lembra que todo mecanismo de enunciação considera entre os falantes dois tipos de relações: as *relações de força* e as *de sentido*. Entre os interlocutores de um discurso há sempre um jogo de dominância; essas *relações de força* inviabilizam a simetria em qualquer relação e estabelecem, por meio dos jogos de poder, as posições enunciativas de cada participante. Também Foucault (2001: 1979, p. 175) afirma: “Sabemos que o poder não se dá, não se troca, nem se retoma, só existe em ação(...)”.

Para Pêcheux (1997: 1969, p. 61 et seq), as *relações de sentido* marcam que um sentido não é original; pelo contrário: apontam para o fato de que qualquer sentido se relaciona com outros sentidos, o que possibilita a emergência da idéia de interdiscurso. Quer dizer: todo discurso nasce de um discurso prévio, decorrente de um processo discursivo em que está imerso todo discurso.

Além desses autores, a questão da significação, ponto crucial de muitas áreas além da lingüística (Psicologia, Sociologia, Antropologia, Psicanálise), foi discutida por muitos outros: alguns, partidários de uma visão mais conteudista, pressupõem uma relação natural entre o pensamento, a linguagem e o mundo; outros, em contraposição, defendem uma posição sócio-histórica, a qual adotamos em nosso trabalho.

Com a proposta teórica da Análise de Discurso<sup>23</sup>, Pêcheux e Fuchs (1997: 1975, p. 163 et seq) apontam para a linguagem como interação social, em que o outro desempenha papel fundamental na constituição do significado; a linguagem, constituída por processos sócio-históricos, não pode ser entendida fora da sociedade. A língua – não mais pensada como forma abstrata, mas como materialidade –, pressuposta pelas condições de produção de um determinado período histórico, torna-se condição de possibilidade do discurso, entendido como contradição, lugar de conflito e de confronto ideológico.

Pêcheux e Fuchs (idem) colocam-se entre o que se pode chamar “sujeito da linguagem” e “sujeito da ideologia” e colocam o discurso entre a linguagem e a ideologia. Segundo esses autores, o sujeito, interpelado pela ideologia, é afetado por dois tipos de esquecimento, que denominam “esquecimento nº 1” e “esquecimento nº 2”. Enquanto o primeiro, de natureza inconsciente, é vedado ao sujeito, o segundo permite sua entrada de modo consciente, ou seja, permite que o sujeito, em função da imagem que faz do interlocutor, volte-se para seu próprio discurso, tanto para reformulá-lo como para aprofundá-lo; estas operações

---

<sup>23</sup> A Análise de Discurso, fundamentando-se na ideologia, na teoria e na crítica, constrói seu objeto: o discurso. É fruto do trabalho entre historiadores, filósofos, sociólogos e psicanalistas, e se constitui a partir de três áreas de conhecimento: a Lingüística, relida por Pêcheux, pretendendo assegurar a cientificidade da língua; o Marxismo, relido por Althusser, garantindo o materialismo histórico e a Psicanálise freudiana, relida por Lacan com a transferência da noção de homem para sujeito. A partir da década de setenta, a Análise do Discurso sai da lingüística da frase para a lingüística do texto e ocupa um lugar bastante importante nos estudos lingüísticos. Embora tenha seguido por várias direções e correntes, com diferentes concepções metodológicas e epistemológicas, sempre focou como seu objeto a discursividade.

provocam a ilusão de que seu discurso reflete o conhecimento objetivo da realidade e o fazem supor que é senhor de sua palavra, origem e fonte de sentido.

Ao iludir-se, acreditando que o que diz é seu, o sujeito assujeita-se a algum grupo ou classe de uma determinada formação social e discursiva, esquecendo o interdiscurso, que surge como o já-dito, incorporado e dissimulado no intradiscurso. Imerso na ideologia, o sujeito esquece qualquer elemento que faça referência ao exterior de sua formação discursiva, o que o leva a aceitar certas seqüências lingüísticas constituídas de determinados sentidos, enquanto recusa outras.

Bakhtin/Volochinov (1992: 1929, p.106 et seq), por sua vez, consideram o sentido da palavra totalmente determinado por seu contexto, o que acarreta que haja tantas significações possíveis quantos contextos possíveis. Isto não impede, contudo, que a palavra apresente uma unicidade assegurada não só pela unicidade de sua composição fonética como também pela unicidade inerente a todas as suas significações. Os autores relacionam (“de modo grosseiro e elementar”) o problema fundamental da semântica à questão sobre como conciliar a polissemia da palavra com sua unicidade, problema este que só poderá ser resolvido pela dialética.

Criticam a posição do objetivismo abstrato, que salienta a unicidade da palavra em detrimento da pluralidade de suas significações, o que provoca no lingüista uma atitude oposta radicalmente à da viva compreensão, característica dos falantes num processo de comunicação verbal. Ou seja, ao filólogo-lingüista importa encerrar a palavra num dicionário, atribuindo-lhe uma determinação descontextualizada, o que colabora para o congelamento de sua significação.

Outra crítica que Bakhtin/Volochinov fazem ao objetivismo abstrato é situar os diferentes contextos em que uma palavra aparece como se fossem um único e mesmo plano, propiciando uma série de enunciações fechadas, que apontam para a mesma direção. Ao fazerem isto, segundo eles, os lingüistas se esquecem de que os contextos possíveis de uma única e mesma palavra são freqüentemente opostos, como se pode perceber por meio das réplicas de um diálogo, que evidenciam muitas vezes contextos mutuamente conflitantes. Embora o diálogo seja o local de maior evidência de contextualizações opostas de uma mesma palavra, Bakhtin/Volochinov acreditam ser possível afirmar que toda enunciação efetiva, independentemente de sua forma, “contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa” (1992: 1929, p.107). Ainda que os contextos pareçam indiferentemente justapostos, encontram-se numa constante interação e



num ininterrupto conflito, e se tornam vivos pela pluralidade dos acentos avaliativos, que se relacionam estreitamente com a polissemia.

Dessas formulações acerca da noção de sentido, reteremos – com Bakhtin – que a palavra, ao entrar na arena discursiva, sofre constantes transformações. Lançada pelo locutor, ao ser devolvida pelo interlocutor não é mais a mesma: passa a ser a palavra do primeiro locutor mais o sentido impresso pelo interlocutor, o que faz com que ela, em situação de uso, revista-se de sentidos, tons e valores: ela é preñhe de significados e aceita qualquer carga ideológica, fazendo-se presente em todos os domínios sociais. Somente entendida como signo ideológico a palavra pode manifestar sua capacidade de assumir múltiplas tonalidades em campos diferentes, como, por exemplo, o político, o moral e o religioso. O contexto e o lugar social ocupado pelo falante determinam o sentido de cada palavra.

A palavra, por ser polissêmica e dialógica, carrega consigo marcas culturais, sociais e históricas, ou seja, marcas das práticas sociais que as produzem (“esferas de atividade humana” na terminologia do autor). Com este argumento, fica reafirmada sua oposição ao objetivismo abstrato, pois, ao considerar o contexto histórico como parte constitutiva da linguagem, questionam as concepções estruturalistas que transformam a palavra em parte de um sistema abstrato de formas, sem possibilidade de intervenção do falante. O contexto histórico transforma a palavra fria do dicionário em fios dialógicos vivos, que tanto refletem como refratam a realidade. A palavra, em situação de uso, torna-se um espaço de produção de sentido e dela emergem as significações que se caracterizam segundo o espaço criado pelos interlocutores, em um dado contexto sócio-histórico. Ao constituir-se em espaço gerador de sentido, a palavra passa a ser controlada e selecionada por meio dos mecanismos sociais: “ A “palavra” e sua situação no sistema são a parada de uma luta inflamada somente comparável àquela que, na Idade Média, opôs realistas, nominalistas e conceitualistas” (BAKHTIN, 1992: 1929, p.26). Assim, questões como classe social, hierarquia e afetividade são determinantes para a construção dos sentidos. Não há um interlocutor abstrato, pois o horizonte social – internalizado pelo falante – é determinante no processo de uso da palavra.

Bakhtin/Volochinov (op.cit., p.128) consideram a significação um dos problemas mais difíceis da lingüística. Abordam a relação entre interação e

significação, tratando não apenas das interações entre interlocutores, como também entre os textos e discursos produzidos em uma sociedade.

Para eles, tanto os sentidos como os interlocutores são construídos na interação, o que lhes confere um aspecto plural. Ao tratar o dialogismo, destacam a presença do outro no discurso, possibilitando a alteridade e as pluralidades expressas por discursos passados, presentes e futuros.

Bakhtin, em apontamentos de 1970-1971 (2000: 1979, p. 386), chama *sentido* ao que é resposta a uma pergunta; desta forma, o que não responde a nenhuma pergunta deixa de ter algum sentido, pois se separa do diálogo e se constitui na *significação*, que contém apenas um potencial de sentido. O sentido é potencialmente infinito, mas só se atualiza ao entrar em contato com outro sentido (“o sentido do outro”), ainda que isto ocorra “apenas no contato com uma pergunta no discurso interior do compreendente “. Não há um “sentido em si”, solitário: ele existe apenas para outro sentido, com o qual existe de forma conjunta. O sentido se situa entre os sentidos, como um elo na cadeia do sentido, que, na vida histórica, cresce infinitamente: cada um dos elos se renova sempre, como se nascesse novamente.

Cabe, a respeito das potencialidades do sentido, em relação aos estudos do Círculo de Bakhtin, lembrar Barros (apud BARROS; FIORIN, 1999: 1995, p. 35) na distinção que faz entre dialogismo e polifonia: a autora reserva o termo “dialogismo” para “o princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo discurso” e emprega o termo “polifonia” para caracterizar “um certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos que escondem os diálogos que os constituem.” Ou seja, embora o diálogo seja condição da linguagem e do discurso, há textos monofônicos ou polifônicos, segundo as estratégias discursivas utilizadas. Desta forma, podemos considerar tanto a monofonia como a polifonia “efeitos de sentido, decorrentes de procedimentos discursivos, de discursos por definição e constituição dialógicos.” Em nosso trabalho utilizamos essa distinção entre polifonia e monofonia, que nos pareceu muito adequada para a análise, e consideramos o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem e do discurso, fato que impõe a heterogeneidade do sujeito e do(s) sentido(s).

## Capítulo 2

### A interação terapeuta-paciente

#### 2.1 Material e método

##### 2.1.1 O *corpus*: as sessões terapêuticas

O *corpus* do presente trabalho foi coletado de três sessões terapêuticas, cujo objetivo era ensinar a atender segundo o modelo de TF. Além dos pacientes e das co-terapeutas, as sessões contaram com a participação de professoras, supervisoras e de um auditório com número variável de participantes, formado por alunos, ex-alunos e especialistas da área.

Para facilitar o entendimento do todo discursivo, mantivemos, dentro do próprio trabalho, os textos integrais das sessões e, a seguir, recortamos cada sessão em três fragmentos, forma que nos pareceu mais facilitadora da análise e da leitura, do que se acrescentássemos os textos anexos ao final do trabalho. Com o mesmo objetivo de auxiliar a leitura e o entendimento do material selecionado, procuramos explicar algumas circunstâncias em que eles ocorreram, como, por exemplo, o motivo da busca de ajuda alegado pelos pacientes, o contexto familiar e alguns aspectos do desenvolvimento do tratamento terapêutico. Apresentamos, também, os sujeitos falantes, com dados que nos pareceram importantes para o conhecimento do leitor. A primeira sessão mostra um atendimento-modelo, com a atuação de uma professora-supervisora - que buscava disseminar um certo tipo de prática (a TF de base estruturalista); as duas outras sessões mostram terapeutas em fase final de aprendizagem. Essas duas últimas sessões ocorreram no semestre final dos dois cursos dos quais esta pesquisadora participou, num momento em que os terapeutas já são considerados aptos a atender sem muita interferência dos supervisores.

O material foi fornecido por três instituições que trabalham gratuitamente com Terapia de Família e de Casal na cidade de São Paulo: Instituto de Terapia Familiar de São Paulo, Sistemas Humanos e Escola Paulista de Medicina (UNIFESP). No período em que as gravações foram feitas, Sistemas Humanos ainda fazia parte do Instituto de Terapia Familiar de São Paulo, onde ocorreu o curso que deu origem às sessões gravadas em fitas de vídeo. Posteriormente, por questões internas, alguns professores se afastaram desse instituto e fundaram outro, levando para a nova sede o material gravado em sessões que supervisionaram. Algumas fitas utilizadas neste trabalho foram retiradas desse novo instituto, que recebeu o nome de Sistemas Humanos. A Primeira Sessão e a Segunda Sessão foram filmadas. A Terceira Sessão foi gravada em fita. Os pacientes e terapeutas envolvidos dispuseram-se, por meio de contrato de cada instituição, a ter seu material utilizado para fins de estudos.

Apresentamos, portanto, três sessões, assim caracterizadas:

- a) Primeira Sessão: atendimento-modelo, com professora-supervisora atuando como consultora, duas terapeutas e uma família composta de mãe e filha; houve assistência de grande auditório, localizado no andar de baixo do hotel onde ocorreu a sessão.
- b) Segunda Sessão: sessão com atuação de duas terapeutas e uma família composta de padrasto, mãe e filho; houve assistência de um auditório composto por quatro alunas e uma supervisora por detrás do espelho unidirecional.
- c) Terceira Sessão: sessão com atuação de duas terapeutas, uma supervisora e uma família composta de mãe e dois filhos; a família tem uma terceira filha, que faltou à sessão; houve assistência de oito alunas e uma supervisora dentro da própria sala de atendimento.

### **2.1.2 O critério de seleção das sessões**

A seleção das sessões obedeceu aos seguintes critérios:

- a) todas as sessões fizeram parte de trabalhos institucionais;

- b) as sessões de terapeutas-alunas foram feitas em co-terapia, com a participação de um professor-supervisor;
- c) todas as sessões contaram com um auditório constituído de estudantes ou terapeutas de família, que só tinham permissão de ter contato com os pacientes pela mediação do professor-supervisor;
- d) todas as sessões contaram com a presença desta pesquisadora;
- e) as sessões feitas por terapeutas em formação (Segunda e Terceira Sessão) fizeram parte do último semestre dos dois cursos de formação freqüentados pela autora deste trabalho (quando as terapeutas já tinham autorização para atender, mediante supervisão): o primeiro deles, no Instituto de Terapia de Família de São Paulo (ITF), por quatro anos e o segundo, na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), por dois anos e meio.

### **2.1.3 A transcrição do *corpus***

A transcrição da fala das participantes obedeceu às normas para transcrição do Projeto NURC/SP (Projeto de estudo da norma lingüística urbana culta) (PRETI, 1999). Os sinais gráficos não convencionais utilizados no texto pertencem a essas normas. Assim, os sinais -- -- indicam quebra de seqüência temática; :: significa prolongamento de vogal e consoante; (...) indica a tomada ou interrupção da fala em determinado ponto; as letras maiúsculas apontam para uma entonação enfática; as reticências indicam qualquer pausa, que na escrita seria representada por vírgula, ponto e vírgula ou ponto final e (( )) indica comentário do transcritor.

Nesse tipo de transcrição, muitos dados situacionais são deixados de lado, tais como a expressão facial, gestual e corporal, recursos paralingüísticos ou não-verbais (MARCUSCHI, 1991). A prosódia também foi deixada de lado, com exceção de alguns registros possibilitados pelas normas de transcrição adotadas.

Uma vez que nos interessa a questão de como se processa o funcionamento discursivo das sessões terapêuticas, é importante lembrarmos que as famílias ou casais que procuram terapia vivem momentos de muita tensão e conflitos. Os terapeutas, ao procederem aos atendimentos, concentram sua atenção na fala, nas expressões e na movimentação dos pacientes, tentando compreender como se

constrói e se mantém o ciclo daquilo que, em terapia, convencionou-se chamar de “disfuncionalidade”, palavra utilizada como sinônimo de “relacionar-se mal”, “viver brigando”, “ser incapaz de conviver sem altercar-se”. O foco de atenção dos terapeutas recai principalmente nas negações, desqualificações, metáforas, paradoxos, omissões, duplos sentidos, ironias, hipérboles, entre outros recursos lingüísticos utilizados pelos pacientes.

Quanto ao processo interacional, não se trata de diálogos espontâneos no sentido de que tenham ocorrido ao acaso ou tenham sido gravados secretamente. Os interlocutores tinham ciência de que eram observados por muitas pessoas, além das duas terapeutas presentes na sala, e da supervisora que poderia entrar na sala a qualquer momento. Quanto à gravação, vale ressaltar que é praxe fazer-se o registro das sessões de terapia, razão pela qual o material obtido não foi gravado para ser utilizado especificamente por esta pesquisa. Sua utilização, contudo, foi autorizada tanto pelos participantes como pelas instituições que abrigaram as sessões.

## 2.2 Modos de representação

Procederemos a nossa análise segundo dois modos de representação:

- a) o dos terapeutas, em suas interações com pacientes, com seus co-terapeutas, tendo em vista os postulados da TF e o ato de ajudar;
- b) o dos pacientes, em suas interações com terapeutas e com outros pacientes e o ato de pedir ajuda.

Em ambos os modos de representação consideraremos a presença do auditório (terapeutas e supervisores), ainda que invisível.

Quanto ao primeiro modo de representação **(a)**, partiremos da premissa de que o terapeuta lança mão de recursos de várias procedências para conversar com os pacientes, tanto na tentativa de construir hipóteses sobre os problemas como para proceder a uma re-significação desses problemas, re-narrando-os. A variedade desses recursos indica a presença determinante e agregadora dos postulados da TF, o que, como falamos acima, caracteriza claramente um interlocutor fortíssimo, a quem o terapeuta mostra render um compromisso teórico. Devemos considerar, no

entanto, a possibilidade de que muitas vezes ele fale sobre si mesmo, suas crenças e seus conhecimentos de mundo.

Quanto ao segundo modo de representação (**b**), partiremos da premissa de que os pacientes muitas vezes utilizam as sessões e a presença do terapeuta para falar aos demais membros da família o que sempre desejaram, porém não se atreviam, quando na intimidade do ambiente doméstico. Por isto, encorajados pelo contexto e testemunhados pelos terapeutas e pelo auditório, muitas vezes se dirigem à sua família, como se o alocutário fosse o terapeuta.

Como marcas indissociáveis dos dois modos de representação (**a** e **b**), analisaremos as réplicas, que se alternam e pressupõem o outro, em suas seguintes relações: perguntas e respostas; ordem e execução; asserção e objeção. Não nos deteremos em separar item por item, mas buscaremos sempre o procedimento das vozes desse discurso. Acreditamos que tal método seja mais adequado para nosso intuito de falar do funcionamento discursivo dos textos.

## **2.3 O Discurso da TF: um gênero e suas partes**

### **2.3.1 O conteúdo temático**

Ao analisar a problemática e a definição dos gêneros (BAKHTIN, 2000: 1979, p. 279 et seq), Bakhtin ressalta a riqueza na variação dos gêneros discursivos, associando-a à riqueza do repertório de atividades humanas. Tal heterogeneidade de gêneros de discurso, sejam eles orais ou escritos, inclui desde as réplicas mais curtas até os enunciados mais longos, variando conforme os temas, as circunstâncias e a composição.

Quando consideramos a sessão de terapia um gênero, pensamos, inicialmente, na questão do conteúdo temático. Mesmo que varie o estilo dos terapeutas, mesmo que eles privilegiem determinadas construções composicionais, mais próximas do estilo de cada um, em detrimento de outras, o conteúdo temático é sempre o mesmo, ou seja, trata das dificuldades de relacionar-se em família, motivadas por disputas pelo poder, acusações recíprocas, impossibilidade de diferenciação e o sofrimento emocional decorrente de tais dificuldades. O que muda entre uma família e outra é justamente o que causa as dificuldades de relacionamento: a noção de

família e o que se pensa sobre as melhores formas de convivência. Tal conceito e reflexões decorrentes variam não só de um grupo familiar a outro, mas também dentro de cada grupo: cada membro tem suas próprias expectativas em relação aos outros, atribuindo a eles (sempre aos outros) as mazelas do dia-a-dia. Acontece que o terapeuta é informado por conceitos de família advindos da TF e também por noções sobre a convivência familiar ( ele mesmo pode estar sofrendo suas agruras familiares diárias), e, mesmo preparado para abranger ou tentar, ao menos, validar as noções de seus pacientes – sejam eles quais forem –, não pode fugir ao que de humano nele próprio reside.

Poder discutir o tema, sabendo progredir e recuar, respeitando o discurso alheio e negociando verbalmente seus conceitos com o outro, de forma polifônica, é a pedra filosofal da terapia: fora disto habita o despotismo, o autoritarismo, a monofonia. O terapeuta deve saber disto. Como vai (se é que o consegue!), porém, chegar a uma boa consecução discursiva, que permita a polifonia, a aceitação do outro como seu legítimo outro, no dizer de Maturana, é o que tentaremos verificar por meio da análise das sessões terapêuticas.

### **2.3.2 A construção composicional**

Correspondente ao que Bakhtin chama de construção composicional dos gêneros (BAKHTIN, 2000: 1979, p. 279 et seq), as interações entre terapeutas e pacientes nas sessões de TF constituem uma situação face a face, cujo planejamento prévio ocorre apenas por conta das simulações de atendimentos feitas durante os cursos, como forma de ensinar a atender ou como construção de hipóteses do que poderá surgir como tema na próxima sessão, que nem sempre se concretiza, uma vez que os pacientes constantemente trazem novos conflitos para a discussão em sala.

Trata-se, portanto, de uma atividade discursiva que se constrói conjuntamente, no momento em que acontece e tem como característica a fragmentação (CHAFE, apud FÁVERO, 1997), fruto da comunicação aos borbotões. A rapidez com que o locutor expõe seus pensamentos tem influência direta no controle do fluxo do que diz, apresentando descontinuidades, paráfrases, anacolutos, correções, repetições,



hesitações, entre outros fenômenos, cuja variabilidade depende do estilo de cada falante, terapeuta ou paciente.

As sessões organizam-se em turnos de conversação distribuídos regularmente em torno das perguntas dos terapeutas, respondidas ou não pelos pacientes. Os terapeutas tentam controlar a organização básica da interação, abrindo e fechando o que consideram cada ciclo e decidindo quem deve falar e até que momento isto deve acontecer. Desta forma, procuram estar no comando do sistema de turnos conversacionais e das tomadas de turnos por parte dos pacientes. Esta modalidade de interação faz parte do aprendizado de alguns cursos de TF; conhecida como “batalha pela estrutura”, é entendida como fundamental para que se mantenham as rédeas da sessão nas mãos do terapeuta. A organização das perguntas e respostas e a gestão dos turnos indica-nos um locutor que exige que a argumentação se faça segundo determinadas regras e que, para isto, explicita cada passo e determina a entrada de cada falante em cena e o tempo que cada um poderá utilizar para expor seus pontos de vista.

Para explicitarmos melhor o que estamos pretendendo dizer, selecionamos alguns exemplos, que ora apresentamos. No início da **Primeira Sessão**, podemos observar como a terapeuta (T) decide, logo após ser apresentada às pacientes (mãe (M) e filha (F)), qual será sua primeira interlocutora. Desconsidera as interferências da mãe e segue interrogando a filha:

- T**      **y tu? de donde sabes español?**  
**F**      pela convivência com meu pai...  
**T**      ahn...ahn...  
**M**      ele falava portunhol...  
**5**      **T**      ahn...ahn...  
**M**      mistura de português com espanhol...((risos))  
**T**      **sí...sí... hace cuánto tu padre no está com ustedes?**

Quando a mãe tenta interromper o diálogo, procurando acrescentar novas informações, utiliza um tom irônico para mostrar que não aceita interferências:

- T**      hace 22 años que no lo vés?  
**15**      **F**      22...

**M** na época ela tinha onze anos::  
**T** **uhn...uhn... usted funciona como la memória de ella?**

**50** **T** y cómo fue? te caíste? cómo pasó?  
**F** eu ajudava uma pessoa que consertava o telhado::... com as ferramentas... né...ah.... me senti tonta e caí da escada...  
**M** desmaiou...né::...  
**T** **((irônica)) gracias... ella me parece que eso se recuerda... me contaba bien... o no?**

**55**

Na **Segunda Sessão**, encontramos outra interrupção desse tipo. A terapeuta, após tentar convencer, com certa dificuldade, o padrasto de um jovem paciente que vinha cometendo seguidas infrações de que essas atitudes faziam parte de um plano para mantê-lo (ao padrasto) vivo, corta rapidamente essa interlocução, para dirigir-se ao filho, dando mostras de que poderia estabelecer com este uma conversa mais clara:

**T1** então ele fez a tarefa... que era justamente fazer tudo o que ele pudesse para deixar você vivo... como foi que ele fez a tarefa?  
**J** NÃO... ele não fez a tarefa... ele quase me matou... isto sim...  
**T1** pois então: :: a tarefa era deixar você BEM vivo.. . e você está vivo...  
**J** desculpe... mas a senhora está engaNAda... ele apronta  
**10** não é pra me deixar vivo: é pra me maTAR mesmo...  
**T1** **(para F) você aprontou alguma pra deixar o J. vivo?**  
**F** é...eu aprontei... eu dormi fora de casa e não avisei...

Na **Terceira Sessão**, no momento em que a mãe de um jovem que se recusa a crescer descreve as oscilações de humor do filho, a terapeuta desconsidera as informações e pergunta a respeito dos sentimentos da mãe, incluindo-a dentro da problemática familiar.

**M** eu fico contente porque ele não é expressivo:::na semana passada ele teve pico de euforia...ele ri muito...ele agride...perde a paciência fácil...ele é assim mesmo...

**T1** **disso tudo o que ele falou...o que mais te pegou?**

**5** **estou falando do conteúdo e não da forma...**

Tais características de interação confirmam idéias como as de Gnerre (1998:1985, p. 6), de que as regras governantes da produção apropriada dos atos da linguagem levam em conta as relações sociais entre os interlocutores, possibilitando ao ouvinte inclusive alguma expectativa em relação à produção lingüística do falante.

Uma vez que todos nós temos de agir verbalmente segundo tais regras, em relação ao contexto lingüístico e extralingüístico da produção do ato verbal necessitamos sempre levar em consideração os seguintes fatores: a) quando podemos e quando não podemos falar, b) quais conteúdos referenciais nos são permitidos e c) que tipo de variedade lingüística devemos utilizar.

Numa pesquisa cujo ponto de partida é a forma como a interação se organiza em torno das perguntas de médicos, ao pronunciar-se a respeito do que chama de “características de controle interacional”, Fairclough (2001:1992, p. 178) acredita que tais características procuram assegurar um funcionamento regular da interação num nível organizacional, por meio da distribuição regular de turnos na conversação, pela escolha e mudança de tópicos e pelas respostas às perguntas.

Naturalmente, os diálogos observados em nosso material de análise apresentam, além do binômio pergunta/resposta, outras formas típicas de estruturação, como, por exemplo, asserção/objeção, ordem/execução, que caracterizam as relações entre os enunciados provenientes dos diferentes sujeitos em estudo (terapeutas e pacientes). Como forma de facilitação da análise, incluímos todas as formas de estruturação no binômio pergunta/resposta, uma vez que este é característico da conversação do tipo de terapia aqui analisado, ressaltando, porém, o fato de que os demais binômios citados aparecem com freqüência na TF. A tarefa de casa, por exemplo, que pode ser tratada como ordem/execução, é uma das estratégias consideradas importantes no processo de comunicação entre os participantes das sessões e pode expor o binômio asserção/objeção. Algumas

sessões terapêuticas, inclusive, costumam girar em torno do tema das tarefas dadas pelos terapeutas e de seu (não)cumprimento.

### 2.3.3 O estilo

Brait (2005, p. 78) chama a atenção para o fato de que falar de estilo, segundo o pensamento de Bakhtin e seu Círculo, pode parecer um contra-senso, uma vez que toda sua reflexão sobre a linguagem fundou-se na relação, assegurando o primado da alteridade, do outro, das múltiplas vozes, que, ao se defrontarem, constituem a singularidade de um enunciado, de uma autoria ou de um discurso.

Com efeito, de qualquer lado que se olhe, todo o aparato teórico bakhtiniano situa-se absolutamente do lado oposto de qualquer concepção de linguagem que lembre o particular e o subjetivo, atributos costumeiramente atribuídos a *estilo*. Para o Círculo, este conceito, que ocupa uma posição central, bem longe de referir-se a algum aspecto subjetivo, acentua o dialogismo como elemento constitutivo da linguagem, como princípio regente da produção/compreensão dos sentidos e fronteira de interpenetração e interdefinição do eu/outro.

O estilo liga-se indissolivelmente ao enunciado e a formas típicas de enunciados: os gêneros. Uma função específica, científica, técnica, cotidiana etc, somada às condições específicas de cada esfera da comunicação, produz um determinado gênero, com relativa estabilidade quanto ao ponto de vista temático, composicional ou de estilo. Se este último depende das relações entre os parceiros da comunicação, sejam eles próximos ou imaginados (o auditório social, por exemplo), por certo varia conforme as circunstâncias e as diferenças sociais/culturais entre eles.

No caso das sessões da TF, portanto, podemos pensar que o estilo dessa prática terapêutica permite algumas interessantes intercorrências, já que abriga em si, entre vários outros, o estilo familiar, com seus vários graus de intimidade e um estilo de especialista, utilizado pelo terapeuta. Embora o discurso deste último possa parecer semelhante ao outro, ao familiar, ele está bem longe disto, pois vem preparado anteriormente; no entanto, sabemos que, mesmo falando a partir de um

discurso terapêutico aprendido, o terapeuta fala principalmente a partir de suas próprias vivências, a que se atribui, na TF, o nome de *ressonâncias*, conforme já falamos anteriormente. É nesse sentido que podemos nos perguntar de onde vem, de fato, cada enunciado das sessões e a quem se dirige.

Se o estilo, assim como a composição, depende da representação que o locutor faz de seu destinatário e se esse destinatário pode ser desde o interlocutor direto do diálogo até o auditório ou conjunto de especialistas em alguma área do saber, como pensar a complexidade dessa interação?

É justamente a noção de gênero discursivo que nos dá a resposta. Todo gênero discursivo sempre está ligado a uma esfera de atividade humana, em que os vários atores sociais estão, de certo modo, já previstos. É nesse sentido que consideramos a sessão de terapia como um gênero discursivo, uma vez que prevê lugares para os seus participante, em consonância com a esfera de atividade humana – incluindo, naturalmente, a própria prática da TF – que os põe em relação.

## **2.4 As palavras e suas heterogeneidades**

Para Bakhtin (2002b:1929, p. 203), a estilística deveria fundamentar-se mais na metalingüística do que na lingüística, o que permitiria o estudo da palavra em seu autêntico campo: o da comunicação dialógica. Para ele, a palavra nunca basta a uma só consciência ou voz, mas sim, vai de boca em boca, de contexto a contexto, de grupo a grupo, de geração a geração. A palavra é prenhe da palavra do outro e vem carregada de avaliações, aspirações e sensações. A palavra nunca vem neutra para um falante; em seu próprio pensamento ele já a encontra povoada das vozes dos outros. A palavra alheia, a sensação da palavra com seu feixe de possibilidades verbais, a orientação de uma palavra a outra e os diversos meios de reagir a ela são o ponto crucial dos estudos da metalingüística.

Instigados por essa problemática e cientes de que os espaços terapêuticos fornecem um rico arsenal para o estudo das vozes que se deixam espreitar por detrás das palavras, centramos nossa análise nesse campo, investigando como a palavra de um falante na relação com a palavra de outrem pode recobrir-se de sentidos variados e, segundo nossa hipótese, converter-se num foco de luta.

Tomamos a palavra não como um objeto, mas como um instrumento ativo e marcado pela mobilidade de sentidos nos diálogos entre terapeutas e pacientes, ou seja, observamos, segundo Authier-Revuz a respeito do dialogismo bakhtiniano e entendendo o discurso como produto de interdiscursos, como se dá a relação do discurso terapêutico com seu exterior, a partir: a) das palavras dos outros, do discurso dos outros ou de um outro discurso (terapêutico, materno, filial etc) e b) de outras palavras, de “outros sentidos”, os da polissemia, do equívoco, do avesso do discurso, o que localmente pode ser percebido por metáforas ou jogos de palavras como a ironia, por exemplo.

Saímos em busca de pontos de heterogeneidade que apontam para um outro enunciador, seja na fala das terapeutas, seja na fala dos pacientes; por exemplo: a) remissão a um outro discurso, técnico, familiar, moralista, feminista, nacionalista etc; b) remissão a uma outra modalidade de consideração de sentido para uma palavra, recorrendo explicitamente ao exterior ou à língua como lugar de polissemia, homonímia, metáfora; c) remissão a uma outra palavra; d) remissão a um outro, o interlocutor; e) remissão a outros enunciadores por meio da ironia.

Como se trata de um encontro entre sujeitos advindos de mundos (sociais, culturais, econômicos) diferentes, com conceitos diferentes, interessa-nos verificar como a linguagem permite expor tais diferenças e como se procede à negociação entre elas.

Tal fator agrava-se diante do fato de que pode não ser muito agradável (para usar um eufemismo!) abordar assuntos íntimos e revelar sofrimentos, mágoas, decepções e desejos para outros sujeitos, sejam eles quase desconhecidos, como os terapeutas ou suficiente e demasiadamente conhecidos, como os parentes. Também, do lado dos terapeutas, nem sempre é muito cômodo (para já abusar dos eufemismos!) escutar dores e intimidades – algumas bem perversas – de desconhecidos, com os quais se tem de construir uma relação empática, pois sem empatia não há conversação nem falante que resista com certo conforto por, no mínimo, uma hora<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> As sessões de TF em instituições estão previstas para durar uma hora, dependendo, naturalmente, das condições de funcionamento das salas e da presença de todos os participantes; as que ocorrem em consultórios, porém, podem durar várias horas, dependendo dos objetivos dos terapeutas e do número de participantes da família. Whitaker, por exemplo, um dos precursores da TF, atuante nas décadas de 50 a 90, costumava passar um fim de semana inteiro com as famílias, que o procuravam e que vinham de diferentes e às vezes longínquos locais dos Estados Unidos. Na Itália, em alguns

Mey (2001:2000, p. 113) diz que “a tão almejada ‘con-versação’ gira em torno do eu e faz o eu girar em uma eterna ‘virada’ do outro” e lembra que Bakhtin dizia que “ser significa ser para o outro e, através do outro, para si mesmo. Uma pessoa não tem território interno soberano, ela está sempre e integralmente na fronteira; olhando para dentro de si mesma ela olha para dentro dos olhos do outro ou com os olhos do outro”: A grandiosidade desses pensamentos pode ser reencontrada em muitos avatares da terapia, como Moreno (1983), Maturana, Bateson. Em busca desse *outro*, que esconde algum provável *Outro* e do já-dito, partimos por meio das perguntas do terapeuta e dos pontos de heterogeneidade enunciativa, reafirmando, portanto, a idéia de que o sujeito e seu discurso só se podem constituir na relação com outros sujeitos e discursos, o que reafirma também a interdiscursividade, aspecto dialógico de todo discurso, como constituinte do discurso da TF.

## 2.5 As perguntas do terapeuta

No gênero sessão de terapia, a exemplo das entrevistas, a **pergunta** é uma das formas típicas de estruturação para o tratamento do objeto de sentido, e é por meio dela que, com mais freqüência, o terapeuta tenta compreender o tipo de ajuda que o paciente lhe pede. Também é por meio dela que tenta construir hipóteses sobre como ajudar o paciente. Ao constituir-se como locutor, o terapeuta instaura, por meio de sua voz, a posição a partir da qual as falas ganham sentido na problemática trazida para as sessões, como bem o lembra Discini (2003, p. 67), ao falar de estilo: é “por meio de perguntas e respostas, entre vozes que se cortam e se atravessam, na intersecção de linhas quebradas e não-retas, que se constitui o diálogo no discurso.”

No caso dos encontros terapêuticos, o estilo das perguntas faz convergir sobre o terapeuta e polemizar com ele a heterogeneidade de muitas vozes e modos de ver o mundo. A marca da subjetividade do terapeuta inscreve as marcas das demais subjetividades, uma vez que seu ponto de vista não se confunde com os pontos de vista do paciente; as sessões são feitas de tal maneira que somente ele, com suas

questões, pode fazer um dado constituir-se como tal: é seu ponto de vista que determina a partir de que lugar se ouvirão os demais pontos de vista.

O caráter dialógico das sessões deriva desse encontro entre inúmeros (e muitas vezes divergentes) pontos de vista, mas é a partir do lugar do terapeuta que tudo se escuta. Por outro lado, esse lugar também é ocupado por outros *eus*, de outros enunciados, que às vezes podemos considerar um *nós*, quando inclui, entre tantos outros, o *nós* da comunidade intelectual constituída pela TF, com seu cabedal de conhecimentos e premissas. Esse *nós* enuncia sempre a partir de um lugar de poder e legitimidade, garantido pela esfera de atividade definida pela TF e pelo objeto com que se trabalha nas sessões. Desta forma, podemos pensar que o terapeuta, ao formular suas perguntas e expressar seus pontos de vista, situa-se na fronteira entre um *eu* do enunciado e um *eu* da enunciação, conduzindo de uma certa maneira o discurso no interior de uma problemática e funcionando como o modo pelo qual se organiza a narrativa. Amorim (2001, p. 250), em seus estudos a respeito do pesquisador e referindo-se a Bakhtin, lembra que posições como esta constituem-se “o ponto de junção entre a forma e o conteúdo, nas escolhas estilísticas que não são nunca arbitrárias, mas sim impostas pelo objeto e pelo gênero”.

Bakhtin (2000: 1979, p. 298) insiste sempre no fato de que toda pergunta pressupõe uma compreensão responsiva ativa do outro ou dos outros. Diante disto, aquele que pergunta pretende atingir uma série de objetivos, que vai desde a intenção de exercer uma influência sobre o outro, como convencê-lo, fazê-lo refletir sobre determinados aspectos da vida ou simplesmente tomar conhecimento de certos dados factuais. De qualquer modo, toda pergunta, assim como toda réplica, “é um elo na cadeia de comunicação verbal”, ou seja, “relaciona-se com aquelas a que responde e com aquelas que lhe respondem” (op.cit.). Ainda que, nos limites de um enunciado, num gênero secundário do discurso, um locutor formule perguntas a que ele próprio responda ou formule objeções que refute, tais jogos, típicos dos gêneros retóricos, não passam de uma simulação convencional da comunicação verbal e dos gêneros primários do discurso. De qualquer modo, o sujeito falante espera uma compreensão responsiva ativa, e não passiva, que “apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro” (ibidem, p. 291). Espera uma resposta, que pode ser uma concordância, uma discordância, uma adesão, uma oposição, uma execução etc. Esse próprio sujeito falante é também, em certo grau, um



respondente, uma vez que se insere dentro de um mundo falado, que pressupõe a existência de enunciados anteriores

As perguntas podem ainda produzir o efeito de sentido de um sujeito que busca construir um *continuum* discursivo que lhe permita enveredar por sentidos não explícitos, conforme assinala Benveniste (1989: 1974, p. 86):

Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções. É, em primeiro lugar, a *interrogação*, que é uma enunciação construída para suscitar uma “resposta”, por um processo lingüístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada. Todas as formas lexicais e sintáticas da interrogação, partículas, pronomes, seqüência, entonação etc., derivam deste aspecto da entonação (BENVENISTE, 1989: 1974, p. 86).

Assim, podemos conjecturar que perguntar, antes de aferir, é conferir sentidos explícitos e implícitos e que a cada situação enunciativa uma pergunta pode produzir diferentes efeitos de sentidos. O terapeuta, em sua prática discursiva, investido de seu papel, sai sem trégua em busca da referenciação – entendida aqui como “relação entre o texto e a parte não-lingüística da prática em que ele é produzido e interpretado” (RASTIER, 1991, apud MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20) – procurando promovê-la de várias formas, na tentativa de eliminar qualquer possibilidade de dispersão, seja de sua própria fala, seja da fala do paciente ou de seu co-terapeuta. Algumas vezes, intencionalmente, tentando pôr em prática os conhecimentos de técnicas que domina, utiliza recursos pré-estabelecidos nos postulados teóricos da TF; outras vezes procura captar ou ampliar alguma informação (algum saber) que esteja transitando nos atos de fala entre ele e os interlocutores, em alguma situação de comunicação lingüística, conforme observamos em alguns tipos de perguntas (dentre os vários) que colhemos das sessões.

Predomina nos meios da TF um forte consenso a respeito da necessidade de se evitarem perguntas iniciadas pelo interrogativo *por que*, para que se evitem situações discursivas do tipo causa-conseqüência, que são consideradas como provocadoras de “respostas lineares”. Em contextos acusadores, como o são muitas

vezes os encontros de família e de casal, perguntar *por que* equivale a procurar um motivo exato, o que exporia também um culpado certo ou um “certo” culpado. O mesmo se aplica a perguntas iniciadas pelos marcadores *quem, quando, onde e como*. Conforme teremos oportunidade de observar em algumas sessões, contrariamente ao que se apregoa em TF, muitas vezes tais formas de perguntar acabam por ocorrer. Os terapeutas aprendem que, por meio de perguntas, podem re-significar as narrativas de seus pacientes, não apenas promovendo um novo sentido ao que dizem, mas, – e principalmente –, ajudando-os a dialogar, prática às vezes impossível para algumas famílias. Colocando-se, então, como um mediador entre os contundentes monólogos familiares, tenta transformá-los em reconfortantes diálogos, que promovam alívio ao que fala e ao que escuta. Neste sentido, entendem que sua função seja a de tornar audíveis as vozes silentes ou de re-significar emoções confusas, como forma de liberar rancores acumulados.

Como recurso metodológico de tratamento do material, optamos por dividir cada sessão em três fragmentos, dando a cada um deles um título relacionado ao tema discutido por terapeutas e pacientes. Não se trata, porém, de um critério temático estrito. Por meio dele, procuramos levar em conta não só a relação dos interlocutores entre si mas também a relação que eles mantêm com o próprio tema. Tal opção não inviabiliza, naturalmente, outras possibilidades de recortes. Passemos à análise.

## Capítulo 3

### Análise

A pergunta norteadora de nosso trabalho é a respeito de como se dá, nas sessões terapêuticas, o processo de (re)constituição desse referente fugidio, que se representa como a concepção de cada um a respeito do lugar que ocupa na vida familiar/social e do significado de viver bem em família e em casal e que os terapeutas conhecem por re-significação. Nossa hipótese de trabalho é que o gênero discursivo “sessão de terapia de família”, embora se assemelhe a um diálogo do cotidiano e pretenda ser um encontro com fins terapêuticos para discutir temas de conflitos humanos em situação relacional, constitui-se num confronto entre vozes que disputam papéis/lugares sociais e familiares. A partir dessa hipótese, a pergunta inicial deu lugar a algumas novas perguntas, que procuraremos responder:

1. que fronteiras são essas em que vivem as vozes sociais dessa prática discursiva e como se processam os entrecruzamentos e as reconfigurações dessas fronteiras?
2. em quais condições podemos considerar os diálogos da TF como monofônicos ou polifônicos?
3. quais as estratégias usadas pelos sujeitos na manutenção/transformação desses diálogos monofônicos/polifônicos?

Analisaremos três sessões terapêuticas completas, cada uma delas dividida em três fragmentos. As transcrições estão apresentadas na íntegra e antecedem a apresentação dos fragmentos. Passamos neste momento à primeira das sessões.

#### 3.1 Primeira Sessão

A **Primeira Sessão** teve, como objetivo, prestar uma consultoria a um caso de difícil evolução e, ao mesmo tempo, apresentar um modelo de atendimento sistêmico, ou seja, teve também finalidade de aula: uma supervisora, durante uma

consultoria, ensina a atender e verifica as prováveis lacunas nos atendimentos anteriores. Trata-se de uma situação discursiva formal, própria de um evento de fala profissional, cujo assunto foi preestabelecido consensualmente. Todos os interlocutores se prepararam para esse evento, uma vez que, para as pacientes, ele é a seqüência de diversos eventos terapêuticos anteriores, enquanto para a consultora, que é a única terapeuta a participar verbalmente do encontro, trata-se de uma sessão exemplar, como modelo de atendimento, em que procurará demonstrar sua própria *praxis*.

Num palco montado num hotel da cidade de São Paulo, duas pacientes, mãe e filha, são apresentadas à terapeuta, que se dirige a elas em espanhol, cumprimentando-as. A mãe responde em português, enquanto a filha saúda a terapeuta em espanhol, saudação esta que provoca a pergunta com que a terapeuta dá início à sessão, como veremos no trecho abaixo.

As interlocutoras tinham ciência de que eram observadas por muitas pessoas, além das duas terapeutas presentes na sala, e de que a sessão estava sendo gravada e projetada simultaneamente numa sala abaixo. As três participantes sabiam, então, que muitos fatores estavam em jogo: a terapeuta, representante de um modelo de terapia praticada nos Estados Unidos, sabia que poderia ser alvo de muitas críticas, conforme o caminho que trilhasse. A filha e a mãe, por seu lado, sabiam que corriam o risco de expor, a um auditório formado por pessoas desconhecidas, aspectos muito particulares de sua convivência, como, por exemplo, disputas pelo poder, ressentimentos, remorsos e medo de abandono.

### **3.1.1 Os sujeitos falantes**

A terapeuta (T), em torno dos 50 anos, é de origem argentina, e vive há alguns anos nos Estados Unidos, onde trabalha com famílias carentes em um hospital; foi convidada para dar uma aula-modelo de atendimento de terapia de família de abordagem sistêmica (TF), uma vez que é assistente de um dos terapeutas mais importantes da área – Minuchin –, cujas obras são referência. Seu papel é, portanto, o de uma consultora de um atendimento que já se estende há algum tempo.

Ela fala espanhol durante a sessão, embora às vezes tente alguns vocábulos em português, idioma que entende perfeitamente. Conduz a interação, tentando

manter o diálogo assimétrico. A equipe terapêutica é composta de duas terapeutas de família, de formação universitária distinta (psicóloga e pedagoga), que assistem ao evento em silêncio, conforme decisão da equipe. Essas terapeutas são as responsáveis pelo atendimento quinzenal da família em questão. O texto é construído sem sobreposições, o que sugere uma máxima de polidez entre os sujeitos discursivos, obedecendo à regra “fala um de cada vez”.

Participam como pacientes uma mãe (M), enfermeira aposentada, escolaridade primária, 65 anos, e sua filha (F), solteira, curso universitário completo (Educação Artística), 33 anos. Ambas são paulistanas e vivem na zona leste da Capital. O canal utilizado é face a face. Quanto à contextualização, elas solicitaram ajuda terapêutica por brigarem com muita frequência, embora vivam constantemente juntas. A mãe não aceita o namoro da filha. Critica seu namorado, por considerá-lo irresponsável, tanto do ponto de vista profissional como sentimental. Pensa o mesmo sobre a filha, a quem chama de “verdinha”, já que esta não trabalha rotineiramente: apenas se dedica a fazer “bicos”, como pintura em seda, tortas ou lenços. A mãe não aceita que essas atividades sejam consideradas trabalho ou profissão, pois trabalhou duramente, desde muito jovem, para sobreviver.

F é a única filha de M e recebeu, curiosamente, um nome que constitui a soma dos nomes do pai e da mãe. Segundo o que M relata, ela se viu obrigada a expulsar o marido de casa, por considerá-lo um potencial pedófilo. Com isto, teve que criar F sozinha, e hoje se queixa de ter-lhe dado um diploma universitário que nunca foi usado para “ganhar o pão”. Lamenta também o fato de que F perca seu tempo com um namorado irresponsável, que não pretende assumi-la como esposa, e teme que o tempo passe sem que a filha possa casar-se ou tornar-se mãe; quer envelhecer sossegada e não o consegue, já que sua filha não “cresce”.

Esta, por seu lado, apesar de queixar-se muito do peso da vida ao lado da mãe, de seu autoritarismo, de suas manipulações, de suas interferências no namoro, nas amizades, no trabalho e em tudo o que faz, não se mexe para promover qualquer mudança: recusa-se a procurar um trabalho que lhe garanta um rendimento seguro e a sair de casa, pois diz que sua mãe precisa muito dela, já que é enferma.

É importante relatar, à guisa de um “pós-facio”, que, menos de dois anos após esta sessão, F teve uma filha com o namorado, com quem se recusou a casar. Ao nascer a criança, abriu dois processos contra ele: um, como agressor, que não deveria registrar a filha, pois representava um risco de vida para sua própria mãe,

com quem ele vivia se altercando. Outro, paradoxalmente, de pesquisa de DNA, para que ele registrasse a criança, fato que ele nunca recusou e que ela nunca permitiu. O nome escolhido para a criança foi resultado da combinação da primeira sílaba do nome de M e da última do nome de F.

O trecho abaixo é introdutório da sessão, com duração de pouco mais de uma hora. O público é composto de terapeutas de família, que assistem à sessão por meio de um “telão” colocado um andar abaixo, como forma de evitar o encontro com as pacientes. Estas concordaram antecipadamente com a presença do público, segundo contrato escrito, que assinaram por ocasião de sua inscrição no Instituto de Terapia Familiar de São Paulo, onde fizeram terapia por dois anos e meio. É importante lembrar que esses encontros terapêuticos no Instituto eram realizados quinzenalmente e supervisionados por uma terapeuta com formação psicanalítica e especialização em Terapia de Família na Itália, onde este campo se desenvolveu muito.

A consultora desta sessão tivera um encontro anterior com as terapeutas, para ser informada a respeito da questão central da terapia e do trabalho realizado até então. Foi, então, inteirada a respeito do trabalho terapêutico que vinha sendo feito, no sentido de ajudar a transformar a intrincada e difícil relação de M e F, o que, no trabalho sistêmico (TF) se conhece como “tentar romper a simbiose”. Após vários meses de terapia, ambas seguiam absolutamente involucradas uma com a outra, sem conseguir ver o que pertencia a cada uma. M seguia chamando F de “verdinha”, brigando com o namorado dela e se queixando da irresponsabilidade profissional tanto da filha como do namorado. F, por seu lado, prosseguia com as mesmas queixas sobre as manipulações de M, que não podia viver sem ela. Recusava-se, porém, a buscar trabalho, a assumir um compromisso mais sério com seu namorado e a sair de casa. Alegava para isso sérias preocupações com a saúde de M e a necessidade de levá-la semanalmente ao Hospital das Clínicas; tudo seguia, portanto, igual ao início do tratamento, razão pela qual se optou por solicitar a ajuda de uma profissional de reconhecido saber, para tentar novas estratégias de abordagem terapêutica.

Segue a transcrição integral do texto:

## 3.1.2 O Texto

- T y tu? de donde sabes español?  
 F pela convivência com meu pai...  
 T ahn...ahn...  
 M ele falava portunhol...  
 5 T ahn...ahn...  
 M mistura de português com espanhol...((risos))  
 T sí...sí... hace cuánto tu padre no está com ustedes?  
 F há 22 anos::...  
 T ahn... sí... y tu te acuerdas ... te acuerdas del español y  
 10 todo... qué edad tienes?  
 F 33...  
 T y:: nunca más lo viste?  
 M não...  
 T hace 22 años que no lo vés?  
 15 F 22...  
 M na época ela tinha onze anos::  
 T uhn...uhn... usted funciona como la memoria de ella?  
 M ah...não...é porque ela sofreu um acidente... e depois do  
 acidente alguma coisa ela esquece...  
 20 T ah...sí?  
 M bateu a cabeça...foi para o hospital...ficou sem reconhecer  
 ninguém...depois::  
 F você está se relacionando::...à memória do pai... é isso::? quer  
 dizer que ela funciona como a minha memória em função do meu  
 25 pai... é isso?  
 T no...porque te pregunté algo así.... tu me explicaste bien... y  
 tu mamá dijo::...  
 F reforçou?  
 T exacto...me llamó la atención ... y cómo es que tu::... no te  
 30 acuerdas... entonces... como si tu te esquecieras...

- F não...
- T no? pero eh:::....
- F me esqueço das coisas mais recentes... do dia a dia :::....
- T ah... ok... voy preguntar a tu mamá...que accidente ella tuvo?
- 35 M ela teve... num espaço de:: oito meses... dois accidentes onde bateu a cabeça...
- T ah:::.....
- M um foi de carro:... na estrada:... e o outro...ela caiu de uma altura -  
- ela desmaiou -- e caiu de uma altura de TRÊS metros...
- 40 T cuándo fué? hace mucho tiempo?
- F ahn... 96... um em 95 e outro em 96...
- M dois anos:: mais ou menos:::....
- T voy preguntar a su filha... quiero ver cómo le funciona la memoria... qué le parece? puede ser? por qué no me dices cómo fué el accidente...qué pasó?
- 45 F como foi::?
- T sí:::.... qué te pasó? un accidente de carro... dijo tu mamá...
- F o último....um acidente de carro:::.... antes foi uma queda do telhado...né?
- 50 T y cómo fue? te caíste? cómo pasó?
- F eu ajudava uma pessoa que consertava o telhado:::.... com as ferramentas... né...ah.... me senti tonta e caí da escada...
- M desmaiou...né:::....
- T ((irônica))gracias... ella me parece que eso se recuerda... me contaba bien... o no?
- 55 M não...quando ela caiu...ela não se recorda como caiu porque...
- F no momento...
- M no momento ela desmaiou...
- T sí...yo entiendo...sabe que yo entiendo a ella? si no entiendo yo pregunto a ella...
- 60 M tá bom...
- T si no le entiendo le pregunto... qué te parece?
- M tá ótimo...



- 65 T ((irônica)) fanTÁStico... entonces... de qué piso te caíste... de qué altura?  
 F três metros... mais ou menos::  
 T y... y... qué te pasó?  
 F ah...fraturei... fraturei o ombro e fiquei sem consciência no hospital... ahn... mas depois voltei a reconhecer as pessoas...
- 70 T ahn... ahn...  
 F com o passar do tempo...né...só que as coisinhas::... que não são muito marcantes... eu...é como se não desse importância... eu não memorizo...  
 T ah:::...porque no les das importancia...no es que la memoria:...
- 75 F as coisas do dia-a-dia... algumas coisas assim não me:::...  
 T no les das importância...  
 F é difícil...difícil registrar... não?  
 T y tu mamá... entonces... registra por tí?  
 F não...
- 80 T no?  
 F ((risos)) uma agenda...  
 T OK...y el outro accidente que tuviste de carro?  
 F com o carro?  
 T sí...
- 85 F num estado... de um estado para outro... ih:::... eu parei para socorrer... um caminhão que furou um pneu...  
 T ah... sí...sí  
 F talvez socorro... acesso a algum posto... alguma coisa... quando nós íamos saindo – o motorista não quis socorro -- agradeceu –
- 90 quando íamos saindo da pista... um carro... na contra- mão...na pista oposta...veio de encontro...  
 T qué mala suerte...  
 F não foi TÃO grave assim... ( ) se cortou... se machucou  
 T CLARo...
- 95 F só o impacto que foi grande...porque ele vinha em alta velocidade...

- T ahn... y perdiste outra vez:::...
- F não...não cheguei a perder a consciência...
- 100 T o sea... que este accidente no tuvo grande consecuencia para ti....no te hizo nada...
- F não...
- T y quién dirigió?
- F yo
- T ah... tu diriges:::...
- 105 F uhn...uhn...
- T ahn...ahn... OK...y después de eso...
- F mas no momento eu não dirigia... não ((risos))
- T pero?
- F estava parada...
- 110 T no...ya sé... pero tu...después de eso:... seguistes:::..dirigiendo?
- F sem problemas...não tive traumas porque eu não...eu não estava – no momento do acidente – eu não estava em movimento...
- T ahn...o sea...por suerte no pasó nada...
- F não...
- 115 T o sea... que tienes buena memoria... te olvidas ... de las cosas pequeñas que no son muy importantes:... perdón... y usted se queda muy preocupada com los accidentes de tu hija?
- M o primeiro foi muito pior... o segundo nós fomos para o hospital também... mas foi menos...menos ruim... agora às vezes ela esquece até data de aniversário... data de nascimento...essas coisas ela esquece...
- 120 T ah...sí...? del aniversario de ella?
- M um dia nós fomos fazer uma ficha (...)
- F não... uma vez eu estava PREENCHENDO uma ficha... eu estava...ah de 32 para 33 anos...
- 125 T sí...
- F então eu falei:::..eu já tenho 33... estava próximo...né...eu já tenho 33 ou ainda não?
- T ahn...

- 130 F mas eu não achei nada disto grave...  
 T mas tu dijiste eso y tu mamá se preocupa?  
 F sim...se preocupa...mas eu não me preocupo...  
 T ahn...ahn...por que se preocupa tanto?  
 F ah é que somos só nós duas... então...
- 135 T ahn...ahn...  
 F acho que é por isto...  
 T entonces te preocupas TANTO com ella también?  
 F me preocupo TAMBÉM... mas por razão de doença... não assim...  
 T vocês ficam muito tempo juntas?
- 140 M nós estamos 24 horas juntas...  
 F NÃO...  
 M se eu falei que nós ficamos juntas 24 horas é que nós vivemos juntas...é claro que você vai namorar vai namorar...quando você não está aí você está comigo, entendeu? aí você se aborreceu com isso ... e disse... foi isso que eu entendi? e disse que não era bem assim...não é?
- 145 F e na realidade não é bem assim...  
 M não? nós não estamos diretamente juntas...filha?  
 F estamos juntas...demais...é:::: eu sou um pouco radical com as coisas... e 24 horas são 24 horas...e não 20 horas...não são 24 horas...
- 150 M não consegui entender...  
 F e eu não quis dizer que você é autoritária...eu quis dizer que você é teimosa...
- 155 M se eu sou teimosa você entendeu a minha teimosia? aí você fala de uma outra maneira ... você quer dizer que engole tudo?  
 T ustedes viven juntas?  
 F sim...  
 T tu tienes 33 años...no estás casada?
- 160 F no...  
 T ahn...ahn:... pero tienes... un enamorado?  
 F sí...

- T pero... no vives...acá:::...yo no soy de acá...
- F cierto...
- 165 T yo no sé... cómo son las cosas en este país...entonces...a los 33 años... los hijos viven con los padres... con la MAdre...o uno se va a vivir com el enamorado... a qué edad se casan ...no sé cómo es esto en este país:::...
- F aqui:::... acho que o normal é se casar...ahn:::... ultimamente não se casam...as pessoas não se casam muito jovens...né?
- 170 T ahn...ahn...
- F em função do estudo ou do trabalho...
- T ahn...ahn:::...
- F então as pessoas... ou vivem sozinhas... ou vivem com os pais...
- 175 T a los 33 años...sí::?....todavía?
- F eu acho que ainda tem muita gente...ainda... nesta situação...
- T te pregunto porque soy argentina....pero vivo em Nova York... y allá los hijos se van muy jóvenes de la casa...no::?
- F na América sim...
- 180 T entonces no se cómo son las cosas de este país...por esto queria saber:::...o sea...que...no es raro que tu estés a los 36...33 años viviendo:: ...morando...com tu mamá...no es raro acá?
- F acredito que não...
- T ok...
- 185 F pelo menos... conheço muita gente que vive na mesma situação...os que não são casados vivem com os pais...
- T tú trabajas?
- F atualmente eu trabalho pintando...
- T qué pintas?
- 190 F roupa...
- T ahn...ahn:::...
- F eu trabalho em casa...eu trabalhei durante dez anos fora...numa joalheria e numa editora...
- T sabe por qué te pregunto eso? Pregunté porque en Argentina
- 195 lo que la gente tiene como aposentada es muy poquito... a lo

- mejor acá es diferente...no?
- M** NÃO...é POUco...
- T** cómo hacen para vivir? No...porque...
- F** juntamos os dois...as duas coisas...
- 200** **T** quiere decir...usted aposentada y:...
- F** eu faço também doces para fora...
- T** ah...y con eso puedes ganar bien?
- F** mais com as pinturas...
- T** ah... o sea... no trajiste ninguna para mostrar? a cuánto vendes
- 205** un vestido que tu pintas?
- F** a cinqüenta...depende...se for longo um pouco mais caro::...
- M** ela compra o tecido::...a costureira faz:...ela pinta e vende::...
- F** eu pinto antes... o tecido a costureira faz...
- T** y cuántos tecidos puedes producir por mês?
- 210** **F** eu posso produzir bastante...porém o melhor período é no verão...porque como é seda::...
- T** sí::...seguro...
- F** ah...em média vendo cinco ou seis vestidos por mês para amigas...pra um contato...agora estou tentando fazer contato com
- 215** lojas::...mas eu dependo de uma boa oficina de costura pra fornecer pra loja...
- T** o sea...que tuviste::...
- F** mas não é só vestido...não...echarpe...lenços... um preço melhor...não?
- 220** **T** ah...entonces eres una artista?
- F** ah...não...gosto de pintar...
- T** sos una artista...( dirigiendo-se a M) usted tiene una hija que es una artista?
- M** gosta de pintar...
- 225** **T** ella contribui para la casa?
- M** quando consegue...sim...
- T** y cuando no consegue? cómo hace?
- M** a minha aposentadoria resolve...ela faz umas coisinhas...faz

- 230                    doces...algo assim...vende para algumas amigas...mas não tem  
uma grande clientela...
- T**                no?
- M**                não...
- T**                y tu antes trabajabas fuera de la casa...
- T**                estás viviendo con tu mamá y estás dedicada a tu mamá?
- 235      **F**                nós vivemos sempre juntas...
- T**                siempre juntas?
- M**                sempre...
- T**                yo pensaba...entonces trabajas para F... no? Cuando era  
pequenina...y ahora ella se queda en casa para cuidar de usted...
- 240      **M**                NÃO...ela não está em casa para me cuidar::
- T**                não?
- M**                NÃO... nós vivemos em casa juntas...
- T**                ah::
- M**                como ela está sem trabalho...ela faz alguma coisinha que  
aparece...
- 245                    aparece...
- T**                no:: pero ella dice que TIENE trabajo...
- M**                NÃO...trabalho que ela faz é pintura em tecido... quando  
aparece...
- T**                para usted::: no es trabajo eso::
- 250      **F**                trabalho para ela acho que é trabalhar fora...
- M**                NÃO...trabalhar para fora ela não conseguiu mais... é?
- T**                ((para F))pero tu dijiste que no quieres...
- F**                eu não fui buscar mais trabalho fora...
- M**                ela quer trabalhar por conta...
- 255                    ahn...ahn...
- M**                tentou lá em Porto Seguro...voltamos...
- T**                si::: yo YA entendi...pero usted:: usted dijo que ella no trabaja  
porque no trabaja fuera...
- M**                não...fora não...
- 260      **T**                ((para F)) y yo te pregunto si trabajas y tu dices que sí... que  
trabajas...

- F** trabalho por conta própria...
- T** ta bien...y tu mamá dice que esto no es trabajo...
- M** disse que isso não é uma coisa fixa...uma coisa segura...segura de todo mês estar trabalhando e recebendo salário...
- 265**
- T** o sea... que usted gustaria que ella tuviese un trabajo fuera?
- M** não... qualquer coisa que ela fizesse ou fizer daqui prá frente tem que ser uma coisa mais segura... né... uma coisa que:::
- T** ah::
- 270**
- M** eu sou aposentada...ela tem que ganhar para pagar a aposentadoria...o seguro saúde...
- T** ya sé... ya entendi...
- M** tem que ganhar para isso... GANHAR...nós temos uma crise aqui...não está fácil, ENTENDEU?
- 275**
- F** politicamente... economicamente... o país está em crise...
- T** fanTÁStico...ustedes son iGUAles...son GEMELAS...USTED traduce para F y ahora F traduce para usted... como si yo no la entendiera a usted...

### 3.1.3 Fragmento 1: Vozes que embalam a cadeira vazia

Tomemos, para começar, o **Fragmento 1**, extraído do início da sessão:

#### Fragmento 1

- T** y tu? de donde sabes español?
- F** pela convivência com meu pai...
- T** ahn...ahn...
- M** ele falava portunhol...
- 5**
- T** ahn...ahn...
- M** mistura de português com espanhol...((risos))
- T** sí...sí... hace cuánto tu padre no está com ustedes?
- F** há 22 anos::...

- 10 T ahn... sí... y tu te acuerdas ... te acuerdas del español y todo... qué edad tienes?  
 F 33...  
 T y:: nunca más lo viste?  
 M não...  
 T hace 22 años que no lo vés?
- 15 F 22...  
 M na época ela tinha onze anos::  
 T uhn...uhn... usted funciona como la memória de ella?

No **Fragmento 1**<sup>25</sup>, observamos o início da sessão e as perguntas da terapeuta, que apontam a principal hipótese com que trabalhará: **a falta do pai** como foco de luta entre duas pacientes (mãe e filha), cuja relação é muito involucrada. Utilizando como estratégia discursiva a troca de turnos e a escolha das destinatárias, a terapeuta estimula essa disputa. O **Fragmento 1** aponta um enfrentamento discursivo entre três interlocutoras e o lugar dado ao outro no discurso, entendido aqui como “formas sob as quais um discurso designa, na linearidade de sua cadeia, pontos de heterogeneidade, em que dá lugar, ao mesmo tempo que a circunscreve, à presença do outro”(AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 246-247).

O trecho se inicia com uma pergunta própria de quem tenta estabelecer uma polida interação face a face (*y tu? de donde sabes español?*), por meio da qual, já de início, podemos escutar a voz da TF por detrás da terapeuta que constrói hipóteses. Consideramos que, neste caso, a pergunta é recebida como uma antecipação por parte dos pacientes, já que aborda fatos conhecidos num círculo restrito. No entanto, a terapeuta fora avisada previamente sobre o sumiço do pai da paciente e de que ele nascera na Bolívia, o que permitiu que ela simulasse a antecipação como uma técnica.

A *antecipação* é um dos elementos-chave para os deslizamentos de sentidos, tanto por parte dos terapeutas como por parte dos pacientes; ela expõe o que cada interlocutor representa das condições de produção do discurso. Os efeitos de sentido decorrentes nunca são uniformes, independentemente do processo de

<sup>25</sup> Sempre que necessitarmos de destaque para determinados enunciados, demarcaremos a linha (l.) em que ele se encontra, para efeito de facilitação de leitura.



terapia, do terapeuta ou do paciente. Os terapeutas da TF aprendem a formular perguntas que antecipam possíveis respostas dos pacientes, com base na construção de hipóteses a respeito das narrativas que lhe são apresentadas. É preciso ressaltar um fato, porém: por mais que formule perguntas, o terapeuta constrói tais hipóteses sempre a partir de suas próprias questões; essas *antecipações*, por seu lado, provocam diferentes efeitos de sentido, geradores de novas respostas, sempre com diferentes e elucidativos dados. Nos cursos de formação em TF, ele aprende que pode e deve perguntar à vontade, construindo *antecipações* e trilhando hipoteticamente por todos os caminhos que considerar válidos, pois “o paciente nunca o deixa errar muito” (palavras ouvidas em cursos de TF), ainda que aturdido pelos mecanismos de negação e/ou defesa freudianos. Ou seja, o paciente, em princípio, sempre poderia objetar a *antecipações* infundadas ou delírios interpretativos do terapeuta.

Como veremos ao longo de nossa análise, as sessões parecem confirmar – por meio de pontos de heterogeneidades enunciativas em que se pode perceber um *outro* no fio do discurso – que as terapeutas acreditam nesses postulados terapêuticos a respeito de perguntas e enveredam pelas *antecipações* e formulação de hipóteses com base no que crêem perceber ou no que aprenderam como fazendo parte de conflitos familiares.

Podemos conjecturar, com Authier-Revuz (2004, p. 34), que por detrás dessas perguntas antecipatórias que perseguem hipóteses se encontra o jogo difuso da incerteza na referência ao *outro*; trata-se de uma outra forma de negociação com a heterogeneidade constitutiva, forma mais difusa, que expõe o risco da dissolução do *outro* no *um*. Ao falar sobre os modos de perguntar do terapeuta, é dessa heterogeneidade mostrada não marcada que falamos. O *outro* mostrado, o discurso da TF, dilui-se no *um*; perguntas aparentemente espontâneas encobrem aos olhos leigos um estilo de perguntar, um estilo do sujeito que imita o estilo da TF (aprendido como técnica), “dado a reconhecer sem marcação unívoca”: um estilo primeiro que se realiza por meio de um discurso segundo; este, aparentemente casual, liga-se, no entanto, a todos os postulados pressupostos no estilo a que se refere. A técnica das perguntas antecipatórias muitas vezes provoca também outra revelação: uma voz que já sabe espera que uma outra voz confirme o sabido, que passa a ter o estatuto de informação nova, como se, desta forma, o ato enunciativo, vindo do *outro*, assegurasse o caráter de verdade dos acontecimentos revelados. O sujeito que

pergunta não tem nenhuma dúvida, mas ainda assim pergunta e conduz o destinatário ao lugar de locutor, daquele que faz importantes revelações.

Nessas circunstâncias, o ato realizado pela enunciação é um ato derivado, derivação essa fortemente orientada por sistemas de convenções sociais. Cervoni (1989, p. 18), citando um exemplo como “Você pode passar o sal, por favor?” lembra que o sentido injuntivo depende de convenções de polidez, variáveis segundo cada cultura. Muitas vezes, o valor do ato torna-se imprevisível, porque depende de leis muito gerais de comunicação, ou seja, as *leis do discurso* ou *máximas conversacionais*, propostas por Grice (apud CERVONI, 1989, p. 18). Para compreender a força ilocutória de uma pergunta, o alocutário deve deduzi-la por meio de um raciocínio. Segundo Grice, o bom funcionamento da comunicação exige que se respeite um *princípio de cooperação*, objetivo que deve ser compartilhado pelos participantes de uma troca verbal.

Em nosso **Fragmento**, a pergunta inicial que a terapeuta faz à filha, uma pergunta antecipatória (“*y tu? de donde sabes español?*”), provoca uma resposta determinante para introduzir na conversação um sujeito que, ao longo do texto, vai criando um corpo marcante na relação entre a mãe e a filha: o *outro*, o terceiro, o *estrangeiro* que se desloca do discurso para a vida. Nas falas iniciais da sessão, o pai é esse objeto intermediário, ao mesmo tempo elo de ligação e de fissura entre as duas mulheres. No decorrer da sessão, esse corpo-pai é ocupado por outro sujeito – o namorado da filha – igualmente usurpador, igualmente perigoso, num eterno “retorno do recalcado”. A alteridade das figuras masculinas mantém o medo da separação das duas mulheres: muda-se o sujeito, mas sobra a sombra do perigo, fantasma renitente, reiteradamente convidado pela filha, em um momento sob a forma do pai, em outro, sob a forma de um namorado, que é vizinho das duas. Neste último caso, o perigo mora ao lado, bipartido também como objeto de amor e ódio, e, assim como o pai, transformado em objeto de disputa entre ambas. Ao longo do tempo e muito após o decorrer desta sessão, quando a filha teve uma filha com o namorado e, ajudada por sua mãe, expulsou-o de casa, de sua vida e da vida da filha, a família passou a ser constituída de três mulheres presentes e de dois homens expulsos.

Voltando ao início do **Fragmento**, veremos que basta uma única pergunta da terapeuta para que a filha, imediatamente, introduza na sessão o ausente “eternamente presente”:

T: *y tu? de donde sabes español?*

F: *pela convivência com meu pai...*

Se, do ponto de vista da interlocutora, a pergunta convida para o diálogo a alteridade de uma outra voz – a do pai – não podemos deixar de ressaltar que, do ponto de vista da terapeuta, essa mesma pergunta aponta, como dissemos acima, para um discurso que apresenta uma alteridade em relação a si próprio: um outro discurso, caracterizado como o discurso dos outros ou de um outro particular, o discurso terapêutico (AUTHIER-REVUZ, 1990:1984, p. 30), que lança, em direção ao seu exterior, “conhecimentos produzidos e em circulação no *interior* de uma comunidade mais restrita” (AUTHIER-REVUZ, 2001, p. 107). O encontro de duas práticas sociais – a da comunidade da TF e a da sessão terapêutica, marcada pela presença das pacientes – é também o cruzamento entre a prática discursiva da técnica terapêutica e as práticas discursivas motivadoras da queixa, as quais, mostradas, embora não marcadas, reforçam o lugar do terapeuta como o enunciador-mediador entre dois mundos, num dialogismo próprio de quem fala pelos outros e para os outros, numa dupla determinação, a exemplo dos conceitos do círculo de Bakhtin sobre a voz do “eu”, habitada pela voz do “outro”.

Como se trata de uma sessão de terapia familiar, para a qual costumeiramente são convidados todos os membros da família, diante da presença de apenas dois membros é de se esperar que se pergunte sobre a constituição dessa família. Ainda que outras vozes não tivessem assoprado, na coxia, alguns segredos da família, a voz da terapeuta, na interlocução com a voz dos ditames da TF, estaria devida e necessariamente instrumentalizada para indagar a respeito não apenas dos sujeitos presentes, mas também dos ausentes, pois estes, segundo os mesmos ditames, se encontram tão presentes como o mais presente dos pacientes, assim como os mortos estão, muitas vezes, mais vivos do que os que sobrevivem. O lugar do pai, portanto, segue ocupado, como desde o início dos tempos – cadeira de balanço num canto da sala que, embora vazia, movimenta-se lenta e ritmicamente, embalada por algum inaudível e filial acalanto.

No caso em questão, porém, nem foi preciso perguntar nada, ainda que já se soubesse de muitos fatos, pois a própria filha, interlocutora inicial do diálogo, antecipa as perguntas de praxe dos encontros de TF e convida o pai à sessão,

presentificando-o, portanto. Rapidamente a mãe, até então calada (e ainda não convidada à interlocução), ocupando um lugar de poder e de autoridade para dar explicações, retoma e re-significa a fala da filha, colocando o pai no lugar de ausente, ou de morto, por meio de uma forma verbal do passado (“ele *falava* portunhol”).

Essa retomada da mãe, ao lado de outras que veremos ao longo da sessão, vão caracterizando uma forma de comunicação semelhante a um estranho monólogo de duas vozes, em que uma interlocutora faz uma afirmação que a outra retoma, acrescentando algo cujo efeito de sentido é às vezes irônico, negativo ou pejorativo; é como se, em vez de dois sujeitos falantes, como é o caso dessas duas pacientes, um único e mesmo sujeito falasse e reformulasse sua própria fala, o que leva a terapeuta a considerar, no final da sessão, que a mãe e a filha são gêmeas.

Com efeito, a reformulação do dizer da filha, feita pela mãe, aproxima-se daquilo que Authier-Revuz (2004, p. 119-120) denomina *operação de especificação*, onde a relação entre os elementos X (“pela convivência com meu pai”) e Y (“ele falava portunhol”) deve ser construída interpretativamente, uma vez que não corresponde a uma divisão com fronteiras distintas. Se tal procedimento extrai da operação o aspecto unívoco, por outro lado evidencia os elementos pressupostos que não foram submetidos a discussão e sobre os quais se construíram as predicções. Neste caso específico, a mãe, como “enunciadora-gêmea”, procura reconhecer relações implícitas como se fossem evidentes, assegurando, porém o caráter de passado a essa relação, por meio do tempo verbal empregado.

O que estamos tentando dizer é que a relação entre esses dois sujeitos (mãe/filha) se dá de tal sorte que uma análise dos pontos de heterogeneidade enunciativa poderia revelar que temos diante de nós apenas um sujeito, em processo de “duplicação” (op. cit., p. 105) do dizer. Ilustra esse processo o modo pelo qual a TF chama uma relação como esta: “simbiótica”. Isto explica o fato de a terapeuta tê-las classificado como gêmeas. Como se verá em outros segmentos dessa sessão, o efeito de sentido da atividade discursiva das duas é a monofonia: quando uma reformula metaenunciativamente a fala da outra, essa voz tenta tornar-se soberana, abafando a outra voz, o que caracteriza a tentativa de silenciamento, própria de discursos autoritários.

Conjecturando sobre outros aspectos do **Fragmento 1**, observamos que a mãe, ao eliminar a existência do marido, o temido invasor, pelo uso do verbo no

pretérito imperfeito do indicativo, não consegue destruir outra marca de sua presença: o idioma que ele legou à filha que, aliás, é o mesmo da terapeuta. O efeito de sentido desse tempo verbal é, então, bivocal: uma voz de mãe temerosa, obrigada a reconhecer o legado do pai no idioma da filha – o que possibilita uma proximidade (e talvez um perigo) maior com a terapeuta – deixa-se mostrar sob a voz de uma mãe poderosa, que pode minimizar a importância do pai na vida da filha. Esta voz, por sua vez, ocupa o mesmo lugar de poder de uma outra voz, de quem um dia já foi mulher desse homem ausente/presente, podendo, portanto, na qualidade de “ex”, fazer dele um morto, irrevogavelmente expulso da vida e do idioma. Resta, portanto, para a filha, o benefício da dívida da herança paterna, sendo o idioma espanhol uma dessas riquezas; para a mãe, porém, fica o sacrifício da dúvida da existência do marido, sendo a pesquisa que a filha vem fazendo um desses terrores.

Essa voz temerosa/poderosa/parafrástica da mãe, eco deturpado e reformulador da voz da filha, destecendo a trama do diálogo desta com a terapeuta, bem poderia fazer lembrar a lendária Penélope, que, na incansável espera de seu herói grego, desmanchava ponto por ponto a rede que tecera durante o dia. O objetivo, no entanto, é bem outro: subreptícia e defensivamente, ao desenredar a trama do diálogo, a mãe procura tecer uma distância bem segura, que as proteja, a si e a sua filha, de seu arqui-inimigo, um anti-herói boliviano.

Neste ponto, caberia lembrar Benveniste (1989: 1974, p. 84), que, ao propor, no interior do sistema lingüístico, o *aparelho formal da enunciação*, define o passado como um não-presente, como aquilo que já não é mais. Ressalta que “o presente é propriamente a origem do tempo”, a presença que só se torna possível pelo ato de enunciação, pois só podemos viver o “agora” e torná-lo presente, realizando-o por meio da inscrição do discurso no mundo. O presente, que é o do próprio ser, delimita-se “entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais.” (op.cit.p.86). Na sessão analisada, o pai já não existe, portanto, ao menos no discurso da mãe. Podemos acrescentar ainda as observações de Koch (2000, p. 38) a respeito dos estudos de Weinrich, sobre as funções dos tempos verbais no discurso e o uso do pretérito imperfeito do indicativo como parte de um grupo verbal que, ao ser utilizado pelo locutor, transforma-o em narrador; isto representaria um convite ao destinatário a que se transforme em simples ouvinte, provocando um deslizamento em toda a situação comunicativa, que passa a ser deslocada para outro plano de consciência,

para além do plano temporal do mundo comentado, invalidado enquanto durar o relato.

Como se não bastasse a reformulação do dizer da filha, a mãe reformula metaenunciativamente o seu próprio dizer, realizando outra *operação de especificação*, quando predica a equivalência de dois de seus dizeres: *ele falava portunhol / mistura de portugueses com espanhol*.

Por um processo de bivocalidade – utilizando o discurso do outro (da filha) na estruturação de seu próprio discurso – ao ironizar a respeito do idioma falado pelo pai, pela filha e pela terapeuta, a mãe procura distanciar duas proximidades muito ameaçadoras: a da filha com o pai e a da filha com a terapeuta. Profana, desta forma, o mito do poder paterno e o do poder da especialista, por meio da ironia, forma não marcada de representação, onde o outro é reconhecido sem marcação unívoca: uma forma reduzida do riso, cuja força reside na negação. Não estamos aqui falando do riso carnavalesco, aberto, fator de renovação, mas do riso que deixa entrever a impossibilidade de outro modo de comunicação; do riso que expõe cruamente, mas de forma séria, verdades impossíveis de serem reveladas de outro jeito.

Mainueneau (1997:1987, p. 77), falando sobre a ironia, assinala a presença de uma voz diferente da voz do locutor, atribuída a um enunciador que expressa um ponto de vista insustentável. Ou seja: o locutor assume as palavras, mas não o ponto de vista representado por elas. Lembra que é preciso levar em conta o fato de que a ironia é um gesto dirigido a um destinatário, e não uma atividade lúdica. No campo da TF, embora alguns terapeutas considerem a ironia como um elemento de agressividade, outros a interpretam como um gesto neutro ou até mesmo defensivo, com objetivo de desmontar algumas sanções ligadas às normas da instituição da linguagem. Em alguns cursos, uma das técnicas que se aprende é a utilização de ironia nas interlocuções, como potencializadora de novos efeitos de sentido, forma de despertar, por exemplo, novos conteúdos, a partir do que o sujeito (no caso, o terapeuta) aparentemente enuncia, mas que, na verdade, omite. Essa ruptura no discurso do terapeuta provoca, segundo a TF, a emergência de outras narrativas dos pacientes, revestidas de novos sentidos, uma vez que o locutor escapa às normas de coerência exigidas por qualquer estratégia argumentativa. No caso dos pacientes, tenta-se sempre interpretar essa segunda voz como importante relatora de fatos cruciais.

No caso da locutora de que tratamos no momento, podemos supor que o sentido irônico de *falar portunhol* – uma simbiose lingüística em que se ganha e se perde do ponto de vista idiomático – pode trazer à sala de terapia um pai que falava um pouco de português e um pouco de espanhol, ou melhor, nem português nem espanhol. Sem identidade lingüística ou sem identidade paterna?

Esse pai, portanto, re-significado como importante pela filha, ao ser convidado a participar da sessão, é posto para fora pela segunda vez: ao não ser capaz de falar seu próprio idioma, perde sua identidade, pois ele é um *nada*, se levamos em conta o que Gnerre (1998:1985, p. 15) expõe sobre o que chama *renúncia* (vocábulo que, no caso deste pai, podemos substituir por *extirpação*) das próprias raízes culturais, extirpação esta “que fica escondida atrás de uma aparente atitude de afirmação de si, através da própria língua.” Se pensarmos ainda na língua como um dos fatores de identidade, o pai não pertence a lugar nenhum, não fala o idioma de sua origem, não tem voz, não existe, portanto.

Na seqüência, observamos que a terapeuta – que veio de fora para ensinar como se atende, prestando assessoria a um caso considerado de difícil evolução –, também *estrangeira*, cuja língua materna também é o espanhol, logo após saber que a paciente aprendera o idioma com o pai, antecipa, por meio de outra pergunta, um fato marcante na vida das duas interlocutoras (mãe e filha) à sua frente:

“*hace cuánto tu padre no está com ustedes?*”

Ao fazer uma pergunta como esta, antecipando-se mais uma vez a um fato crucial, a terapeuta empenha-se em co-construir a narrativa da família, dando a impressão de que conversa com suas interlocutoras a partir de deduções, conforme falamos quando tocamos no tema das *antecipações* que aparecem pelas perguntas. Esse constructo, no entanto, como já dissemos, se iniciara um pouco antes do início da sessão, nos bastidores terapêuticos, quando outras vozes – a das duas terapeutas e da supervisora que vinham atendendo essa família há alguns meses – sussurraram alguns segredos, entre os quais, o do desaparecimento do pai, ansiosamente procurado pela filha e violentamente rechaçado pela mãe.

Com esta (aparentemente) simples pergunta, a voz da terapeuta garante a assimetria do diálogo e mantém como interlocutora a filha, uma das duas mulheres

que gravitam em torno do mesmo homem, expondo as duas faces de um único objeto; o amor e o ódio se alternando em torno de um só sujeito, num constante e já antigo efeito-bumerangue: ao mesmo tempo em que uma o expulsa de casa e o retém no passado, a outra o acolhe na memória e o mantém no presente. O fantasma aprisionado no porão dos medos da mãe escapa sempre pela janela que a saudade da filha deixa aberta.

Além de reativar uma velha e eterna diferença entre as duas pacientes, a terapeuta consegue, com sua pergunta, o efeito de sentido de uma capacidade dedutiva muito rápida, o que lhe outorga mais poder. A um ouvinte/espectador desavisado, suas perguntas também podem sugerir que tenha poderes de adivinha: poucos segundos de conversação e um verbo no pretérito imperfeito do indicativo (“falava”) são suficientes para que ela já saiba de um terrível abandono: o do pai. Aproveita, então, para fazer uma conexão com a fala da filha, assim que esta “traz” o pai à sessão.

É interessante notar, porém, que, ao referir-se a ele, sempre enfatiza a negação:

*(sí...sí... hace cuánto tu padre **no** está com ustedes?; y:: **nunca** más lo viste? hace 22 años que **no** lo ves?).*

O efeito de sentido é como se ela própria assegurasse a ausência desse pai, o que lhe permitiria seguir pelo caminho das hipóteses que construiu a respeito da extrema imbricação da filha com a mãe, duas mulheres simbiotizadas, às quais faltou o corte pontual, devido e necessário de uma figura masculina: novamente, na voz da terapeuta, o ponto de heterogeneidade de um outro discurso – o discurso técnico, terapêutico – que pode ser caracterizado como o discurso dos outros, de uma outra comunidade, em relação ao discurso familiar estabelecido entre as duas outras locutoras (a mãe e a filha).

Reiterando a pergunta reveladora de um outro discurso, o uso de um indefinido também coopera, apontando para essa linguagem outra que caminha pela sombra da linguagem que se apresenta como a primeira, ou, talvez, como a única:

*ahn... sí... y tu te acuerdas ... te acuerdas del español y **todo**...qué edad tienes?*



Levanta-se a voz da especialista em TF, ao deduzir que, se a filha ainda se recorda do idioma espanhol – não obstante vinte e dois anos sem convívio paterno –, deve recordar-se de **todo** o resto. O pronome **tudo** não é dirigido a nenhum interlocutor externo, mas a ela própria, como se fosse uma polêmica interior, uma voz que lhe indica um bom caminho para trilhar, um farol para não perder-se no emaranhado de efeitos de sentidos de suas interlocutoras. É uma palavra alheia, vinda de seu aprendizado e de sua experiência terapêutica: filha que não vê o pai há tantos anos e ainda mantém vivo o idioma falado por ele deve ser uma filha leal, que mantém também intacto **todo** o arsenal de afetos filiais e ... **tudo**.

Podemos ainda conjecturar que a terapeuta, nesse momento, enuncia ao contexto externo o que o diálogo evidenciava até então: uma filha competente, tornada incompetente por sua mãe. Com isto, começaria, então, a afirmar o lugar de especialista diante de suas interlocutoras e do auditório. Gnerre (1998:1985, p. 5), citando Bourdieu, a respeito de determinados discursos, como o político, o religioso ou a aula, assinala situações como esta: “ O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato lingüístico”. Por meio da palavra, então, a terapeuta começa a estabelecer o lugar de seu discurso no momento dessa pergunta, que encobre uma ordem: ela é a pessoa com poder para avaliar a memória de F e para vencer a “batalha pela estrutura”<sup>26</sup>, princípio fundamental do modelo de TF que ela representa nesse atendimento (o estrutural). Vencer essa “batalha” significa mobilizar, por meio da palavra, a autoridade acumulada em seu papel profissional e estabelecer e garantir as regras que devem governar a produção adequada dos atos de linguagem entre terapeutas e pacientes durante a sessão.

Diante dessas “vozes diferentes, cantando diversamente o mesmo tema” (BAKHTIN, 2002, p. 44), a terapeuta precisa escolher entre a exclusão e a inclusão de suas interlocutoras, o que pode ser feito, por exemplo, com uma negação e uma forma verbal no presente do indicativo, que, se, de um lado confirma a ausência, por outro o mantém vivo. O pai **não** está com as duas, mas em algum lugar ele **está**:

---

<sup>26</sup> A “batalha pela estrutura” refere-se à ação do terapeuta em prol de manter-se no lugar mais alto da hierarquia dos participantes da sessão, estabelecendo as tomadas de turno, o tempo de fala de cada um, podendo, ele próprio, perguntar ou interromper a conversação sempre que o desejar. O objetivo é coordenar as falas e ações dos demais participantes, para não perder de vista os objetivos dos encontros terapêuticos.

(1.7) *sí...sí... hace cuánto tu padre **no** está com ustedes?*

A pergunta, antecipatória dos longos anos de ausência do pai, e, portanto, da convivência íntima e (ir)restrita das duas mulheres, pede uma informação nova, mas mantém a destinatária escolhida de início, recusando aquela que entrou sem ser convidada. O diálogo prossegue, assim, segundo a voz de comando da terapeuta, garantindo o lugar do sujeito da enunciação como fonte da ordem e do poder na sessão. A mãe, agente de exclusão e de apagamento do pai pelo discurso (e pela vida), sujeita-se agora ao discurso da terapeuta, que, num processo de exclusão e apagamento, decide quem fala e quem cala na sessão. Desta forma, prossegue sua conversação com a interlocutora escolhida, num diálogo excludente, que monologiza a fala daquela que entrou sem ser convidada e que, antes de pedir novas informações, acrescenta o não-dito, mas pressentido: a falta do pai, como cicatriz iniludível – apesar do tempo e da distância – imprime sua marca de fogo no idioma e em tudo o que um ser amado pode deixar impresso irreversível e igneamente naquele que (o) ama.

Podemos observar, neste ponto, o efeito de sacralização de um discurso a que se outorga o poder e o saber de um sujeito revestido do grau de especialista, que tudo pode perguntar e a quem todos devem responder. Por meio das perguntas enuncia duplamente, de um lado, o discurso da TF, e de outro, um sujeito que se mostra/oculta, provocando alguns efeitos, como o de *antecipação*, que já vimos apontando (“y:: nunca más lo viste?”) – técnica do terapeuta que necessita de dados para entender a dinâmica do outro, da família à sua frente –, e de *retomada* (“hace 22 años que no lo vés?”) –, técnica do terapeuta que permite transparecer a heterogenidade de um tom surpreso, quase estupefato, de quem tenta recuperar pela fala – e pelo/para a outra ( a filha) – um tempo angustiantemente irrecuperável.

Para assegurar-se de suas conjecturas, a terapeuta encadeia algumas perguntas, como se pedisse informação nova. Quanto mais confirma, porém, a ausência do pai, mais confirma a importância deste na vida da filha

(1.9) *qué edad tienes?*

Quando a interlocutora lhe diz que tem trinta e três anos, faz uma nova pergunta:

(l.12)y:: *nunca más lo viste?*

A resposta negativa provoca uma interrogação em tom admirativo:

(l.14)*hace 22 años que no lo vés?*

Com essas perguntas, misto de assombro e confirmação de dados, a terapeuta dá início a uma re-significação da ausência paterna, com sua correspondente distribuição de responsabilidades. Segundo Fairclough (2001:1992, p. 34), para quem a maioria das provocações surge em forma interrogativa, numa sessão de terapia, uma pergunta, diferentemente de uma consulta médica, pode ser tomada de modo mais conversacional, como um comentário lateral, mostrando que o terapeuta está em sintonia com o paciente. Em nosso texto, podemos conjecturar que a terapeuta, quando oferece à filha o primado de sujeito no vazio deixado pelo pai, ao mesmo tempo se coloca em sintonia com ela e a torna responsável por essa falta:

(l.12) y :: *nunca más lo viste? (=tu)/ hace 22 años que no lo vés? (=tu).*

Não só o pai é responsável pela separação: cabe também à filha o ônus de manter essa ausência, uma vez que não se mobiliza para encontrá-lo<sup>27</sup>.

O *lugar do um*, especialista na “arte de curar famílias”, porém, é disputado acirradamente por um *outro*, um terceiro incluído/excluído, especialista em outra arte: a de “criar filhos sozinha”, com grandes investimentos emocionais e poucos recursos financeiros. Essa especialidade também tem um preço alto e ocupa, assim como a primeira – a terapêutica – um lugar de poder/saber, que se manifesta no discurso. É o que ostensivamente a mãe o demonstra quando se introduz novamente no diálogo, sem ser convidada, e minimiza a ausência paterna,

---

<sup>27</sup> Durante o debate que se sucedeu a essa sessão, a consultora ficou sabendo que a filha, por sugestão da supervisora dos atendimentos quinzenais, vinha fazendo uma pesquisa a respeito do destino do pai, junto à embaixada boliviana, aos cartórios e cemitérios. Ironizou tal empreendimento, que lhe pareceu uma pesquisa mórbida.

reduzindo-a à metade. Em vez de vinte e dois anos sem vê-lo, uns míseros onze anos:

*“na época ela tinha onze anos”*

Esta era a idade da filha por ocasião do sumiço do pai. Para tanta ausência, vivificadora da falta, da saudade, do desejo do encontro, míseros onze anos não significam nada, em termos de convivência: um pai facilmente apagável, sem registro, a não ser o do idioma “y todo”.

A mãe, entretanto, ao assaltar os turnos por meio de reformulações, construídas tanto em relação à palavra alheia quanto em relação à sua própria, assalta também a proximidade da filha com o pai e com a terapeuta, promovendo sucessivos efeitos de sentido de objeção, exemplificando muito bem uma das propriedades da paráfrase de que nos fala Hilgert (1999:111): além de revelar uma descontinuidade no fluxo formulativo do texto, pode aparecer como uma reformulação corretiva, por meio da qual o falante “anula, total ou parcialmente, a formulação anterior”. Tal propriedade, no campo de estudos de TF, aproxima-se muito do que Watzlawick chama de *desqualificação*, quando um falante invalida o que foi dito por outro; desta forma, ele não só desqualifica o que o outro disse, mas também a própria pessoa do outro. Procedimento usual em famílias ou casais disfuncionais, a *desqualificação* faz parte dos jogos de poder, para os quais a linguagem pode servir de instrumento de combate.

O confronto entre sujeitos que se agarram com unhas e falas, ainda que em outras línguas, aos seus lugares de comando, deve ser resolvido de alguma maneira; e é importante, pelo menos segundo o que bem aprendem os terapeutas de família, que a conversação – rede particular de emocionar e linguajar, conforme apregoa Maturana – chegue a um bom termo, desde que esteja assegurada para a terapeuta a vitória da “batalha pela iniciativa”<sup>28</sup>, conforme ensina Minuchin. Precedida por tais vozes, as da formação em TF, a terapeuta de nossa sessão, que justamente é assessora do próprio Minuchin, executa com rigor essa ordem interna, sob a forma de uma pergunta conclusiva, um diagnóstico irônico-interrogativo para a mãe, temerosa invasora:

---

<sup>28</sup> A “batalha pela iniciativa” é a expressão que indica a ação de um terapeuta em prol de tomar as iniciativas necessárias durante as sessões.

(l. 17) *uhn...uhn... usted funciona como la memória de ella?*

Com esta pergunta, que deixa transparecer a ironia e que fornece os primeiros subsídios a respeito dos caminhos para onde as *antecipações* levam a terapeuta, encerramos esse **Fragmento 1**, tendo diante de nós um primeiro diagnóstico da terapeuta, que será explorado nos fragmentos seguintes. Em termos discursivos, o que podemos reter da análise deste **Fragmento** é a construção de perguntas por parte da terapeuta, incessantemente desviadas pela Mãe, quer seja por acréscimo de dados que diluem os objetivos das perguntas, quer por interferência nas respostas da Filha, de modo a confundir a terapeuta. Embora discutam o mesmo tema, as vozes se opõem, como se falassem de temas distintos.

### 3.1.4 Vozes que constroem a parede do meio

Dando seqüência à análise, observemos o **Fragmento 2**:

#### Fragmento 2

- T** uhn...uhn... usted funciona como la memória de ella?
- M** ah...não...é porque ela sofreu um acidente... e depois do  
**20** acidente alguma coisa ela
- T** ah...sí?
- M** bateu a cabeça...foi para o hospital....ficou sem reconhecer  
ninguém...depois::
- F** você está se relacionando::...à memória do pai... é isso::? quer  
**25** dizer que ela funciona como a minha memória em função do meu  
pai... é isso?
- T** no...porque te pregunté algo así.... tu me explicaste bien... y  
tu mamá dijo::...
- F** reforçou?

- 30 T exacto...me llamó la atención ... y cómo es que tu::... no te acuerdas... entonces... como si tu te esquecieras...
- F não...
- T no? pero eh:::....
- F me esqueço das coisas mais recentes... do dia a dia...
- 35 T ah... ok... voy preguntar a tu mamá...que accidente ella tuvo?
- M ela teve... num espaço de:: oito meses... dois accidentes onde bateu a cabeça...
- T ah:::....
- M um foi de carro:... na estrada:... e o outro...ela caiu de uma altura -
- 40 - ela desmaiou -- e caiu de uma altura de TRÊS metros...
- T cuándo fué? hace mucho tiempo?
- F ahn... 96... um em 95 e outro em 96...
- M dois anos:: mais ou menos:::....
- T voy preguntar a su filha... quiero ver cómo le funciona la memoria... qué le parece? puede ser? por qué no me dices cómo fué el accidente...qué pasó?
- 45
- F como foi::?
- T sí::... qué te pasó? un accidente de carro... dijo tu mamá
- F o último....um acidente de carro:::.... antes foi uma queda do telhado...né?
- 50
- T y cómo fue? te caíste? cómo pasó?
- F eu ajudava uma pessoa que consertava o telhado:::.... com as ferramentas... né...ah.... me senti tonta e caí da escada...
- M desmaiou...né:::....
- 55 T ((irônica)) gracias... ella me parece que eso se recuerda... me contaba bien... o no?
- M Não..quando ela caiu...ela não se recorda como caiu porque...
- F no momento...
- M no momento ela desmaiou...
- 60 T sí...yo entiendo...sabe que yo entiendo a ella? si no entiendo yo pregunto a ella...

- M** tá bom...
- T** si no le entiendo le pregunto... qué te parece?
- M** tá ótimo...
- 65** **T** ((irônica)) fanTÁStico... entonces... de qué piso te caíste... de qué altura?
- F** três metros... mais ou menos::
- T** y... y... qué te pasó?
- F** ah...fraturei... fraturei o ombro e fiquei sem consciência no hospital... ahn... mas depois voltei a reconhecer as pessoas...
- 70** **T** ahn... ahn...
- F** com o passar do tempo...né...só que as coisinhas::... que não são muito marcantes... eu...é como se não desse importância... eu não memorizo...
- 75** **T** ah:::... porque no les das importancia...no es que la memoria:...
- F** as coisas do dia-a-dia... algumas coisas assim não me:::...
- T** no les das importância...
- F** é difícil...difícil registrar... não?
- T** y tu mamá... entonces... registra por ti?
- 80** **F** não...
- T** no?
- F** ((risos)) uma agenda...
- T** OK...y el outro accidente que tuviste de carro?
- F** com o carro?
- 85** **T** sí...
- F** num estado... de um estado para outro... ih:::... eu parei para socorrer.... um caminhão que furou um pneu...
- T** ah... sí...sí...
- F** talvez socorro... acesso a algum posto... alguma coisa... quando nós íamos saindo – o motorista não quis socorro -- agradeceu – quando íamos saindo da pista... um carro... na contra- mão...na pista oposta...veio de encontro...
- 90** **T** qué mala suerte...
- F** não foi TÃO grave assim ... ( ) se cortou... se machucou...

- 95 T CLArO...
- F só o impacto que foi grande...porque ele vinha em alta velocidade...
- T ahn... y perdiste outra vez:::...
- F não...não cheguei a perder a consciência...
- 100 T o sea... que este accidente no tuvo grande consecuencia para ti....no te hizo nada...
- F não...
- T y quién dirigió?
- F yo...
- 105 T ah... tu diriges:::...
- F uhn...uhn...
- T ahn...ahn... OK...y después de eso...
- F mas no momento eu não dirigia... não ((risos))
- T pero?
- 110 F estava parada...
- T no...ya sé... pero tu...después de eso:... seguistes:::...dirigiendo?
- F sem problemas...não tive traumas porque eu não...eu não estava – no momento do acidente – eu não estava em movimento...
- T ahn...o sea...por suerte no pasó nada...
- 115 F não...
- T o sea... que tienes buena memoria... te olvidas ... de las cosas pequeñas que no son muy importantes... perdón... y usted se queda muy preocupada com los accidentes de tu hija?
- M o primeiro foi muito pior... o segundo nós fomos para o hospital
- 120 também... mas foi menos...menos ruim... agora às vezes ela esquece até data de aniversário... data de nascimento...essas coisas ela esquece...
- T ah...sí...? del aniversario de ella?
- M um dia nós fomos fazer uma ficha...
- 125 F não... uma vez eu estava PREENCHENDO uma ficha... eu estava...ah de 32 para 33 anos...
- T Sí...



- F então eu falei:...eu já tenho 33... estava próximo...né...eu já  
tenho 33 ou ainda não?
- 130 T Ahn...
- F mas eu não achei nada disto grave...
- T mas tu dijiste eso y tu mamá se preocupa?
- F sim...se preocupa...mas eu não me preocupo...
- T ahn...ahn...por que se preocupa tanto?
- 135 F ah é que somos só nós duas... então...
- T ahn...ahn...
- F acho que é por isto...
- T entonces te preocupas TANTO com ella también?
- F me preocupo TAMBÉM... mas por razão de doença... não assim...

O **Fragmento 2**, que iniciamos com a mesma pergunta com que encerramos o **Fragmento 1** (“*usted funciona como la memoria de ella?*”) acentua a diferença de sentidos que mãe e filha atribuem às palavras e aos acontecimentos e mostra a terapeuta tentando, por meio de perguntas, romper com os monólogos de ambas, construindo uma diferenciação discursiva entre elas. Enfocaremos apenas alguns aspectos desse funcionamento lingüístico, ou seja, procuraremos mostrar a disputa com relação a três acontecimentos: **a perda da memória, a queda do telhado e o acidente de carro.**

Enfocaremos principalmente a disputa pelo sentido da própria palavra **memória**, empregada ora denotativa ora conotativamente<sup>29</sup>, levando em consideração o conceito de Authier-Revuz (2001, p. 19) a respeito de metáforas e outros jogos de palavras como formas puramente interpretativas, que abrem para a heterogeneidade constitutiva.

<sup>29</sup> Para tentar mostrar o funcionamento discursivo mais claramente, tomamos a liberdade lingüística de fazer esse mesmo uso em nossa análise, grafando, no entanto, sempre em negrito a palavra.

Observaremos as estratégias discursivas das pacientes e os recursos utilizados pela terapeuta para tentar separar essas falas. As vozes dissonantes das pacientes, nesse **Fragmento 2**, tentam, assim como no **Fragmento 1** manter-se monológicas, o que sugere, como efeito de sentido, uma tentativa de manter-se como um só corpo.

Em TF aprendemos que membros familiares que funcionam simbioticamente podem viver o temor da separação como perda de partes de si próprios. É em momentos como esses que o terapeuta procura assegurar o que entende por saúde da família, empenhando-se por romper a imbricação das falas dos membros, que costuma aparecer sob forma de eco, repetição, tradução etc. Tenta, então, ajudar a família a praticar o exercício de pensar e falar coisas diferentes, de expor pontos de vista divergentes. Tenta também ajudar a entender que as controvérsias não são perigosas e que nem toda réplica é uma forma de desamor. Tenta, principalmente, apontar as falácias embutidas nas crenças geracionais, herdadas via sangue/sobrenome. O mito da “família feliz”, imerso no já-dito do mundo proverbial, com valores como “unidos venceremos” e “um por todos, todos por um”, carrega consigo, desde os mais remotos (inacessíveis?) tempos a convicção de que é preciso “falar a mesma linguagem”. Cabe ao terapeuta, portanto, ajudar a exercitar a valiosa diferença da voz dissonante, da controvérsia. Muitas vezes, nos fragmentos do discurso familiar (amoroso?), é o terapeuta quem, pela primeira vez, preenche os pontilhados: é ele quem mostra que a palavra alheia nem por ser alheia é inimiga.

### a) a perda da memória

Para tentar criar condições de um diálogo entre as duas pacientes, tirando a mãe da função de **memória** da filha que perde a **memória**, a terapeuta procede a uma série de perguntas e de cortes nas falas de ambas, mudando e decidindo os turnos, de modo que cada uma possa ter voz diante dos fatos e da própria vida.

Se a voz da terapeuta deixa transparecer uma *outra* voz, já entre a mãe e a filha predomina a opacidade discursiva: os diálogos acirram seu efeito monofônico desde o início. A partir da pergunta inicial do **Fragmento 2** (*usted funciona como la memoria de ella?*), veremos que se trata de um diálogo em que cada falante (a mãe e a filha) narra o mesmo acontecimento a seu modo, defendendo seu ponto de vista. A mãe, defendendo-se da pergunta irônica da terapeuta pela negação, justifica a

falta de **memória** da filha (ou o fato de ser ela própria a **memória** da filha) pelo acidente que teve:

(1.19-1.20)*ah...não...é porque ela sofreu um acidente... e depois do acidente alguma coisa ela esquece...*

Ao mesmo tempo em que se torna, mais uma vez, a porta-voz da filha, tenta transformá-la em paciente, apresentando seu próprio diagnóstico, seguido de uma retomada da narrativa, com acréscimo de informações, reafirmando seu lugar de locutora (*bateu a cabeça...foi para o hospital...ficou sem reconhecer ninguém...depois::* ).

Nas sessões com famílias é muito flagrante esse jogo de culpas e doenças entre os pacientes. Procura-se sempre apontar aquele que em TF se conhece por “paciente identificado”, ou seja, o portador do problema e causador dos transtornos domésticos segundo algumas vozes “fortes” na família, como se um só membro do sistema familiar tivesse de carregar nas costas todos os problemas dos demais. Ou tivesse que pagar a conta de todos. Os terapeutas conhecem muito bem esse jogo e por isso procuram dar voz a cada participante da sessão, para que seja apresentado o ponto de vista de todos. No caso de nossa sessão, porém, nem foi preciso que a terapeuta ouvisse o parecer da filha, pois esta retoma a fala, mostrando que guardou muito bem na **memória** o tema do conflito inicial: o pai (*você está se relacionando::...à memória do pai... é isso::? quer dizer que ela funciona como a minha memória em função do meu pai... é isso?*).

Tentando , por meio de uma pergunta, uma operação de especificação da palavra **memória**, forma de heterogeneidade mostrada não marcada (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 120), a filha busca reformular a pergunta da terapeuta (*usted funciona como la memoria de ella?*), buscando um novo efeito de sentido. A retomada, polêmica em relação à fala da mãe, pode representar um convite à aliança com a terapeuta, que, se quiser, tem meios de fazê-la alçar ao pódium dos “sabidos”, dos que entendem bem o sentido do que se fala. A palavra como arena de luta indica aqui a disputa hierárquica do domínio doméstico *versus* o domínio terapêutico. O sentido da **memória** desliza entre os sujeitos, recoberto por diferentes interesses. O poder jovem, por exemplo, neste momento se confronta com o poder do mais velho, tentando destituir o poder da mãe e se aliando à memória do pai e ao

saber da terapeuta. Mas esta não aceita o convite: recupera o lugar de locutora, recusando qualquer oferta de aliança, por uma negação (*no...porque te pregunté algo así... tu me explicaste bien.. y tu mamá dijo::...*), mantendo-se firme em seu propósito de separar a fala imbricada dessas duas parceiras de interação, expondo a concorrente voz materna por outro ponto de heterogeneidade, que anuncia um discurso relatado indireto:

(l.28) *tu mamá dijo...*

É interessante observar que passamos – do **Fragmento 1** para o **Fragmento 2** – à alteração do significado de **memória**, que atravessa todo o texto, numa evidente disputa pelos sentidos das palavras, ocultando outras disputas entre os sujeitos, quer seja entre as duas pacientes, quer seja entre essas e a terapeuta. A **memória** do pai, como sujeito ausente mas presentificado pela filha, dá lugar à “mãe-**memória**”, que age e fala como eco, uma segunda voz da filha. A terapeuta, explorando a polivalência semântica da palavra, procura estabelecer uma diferenciação na percepção que cada uma tem do mesmo acontecimento, ou seja, como é a **memória** de cada uma sobre o fato da perda da **memória** da filha, que, no início da sessão, já tivera oportunidade de mostrar como mantivera – apesar do longo afastamento –, a **memória** do pai viva em sua **memória**.

No decorrer do diálogo, a própria filha explicará sua falta de **memória** relacionada à pouca importância que dá a certos fatos (l.72-74), no que concorda com a terapeuta; esta, por seu lado, considera a função da mãe como a de registro (**memória**) dos acontecimentos que a filha pretende esquecer: *uma agenda*, como esta diria.

A polissemia da palavra permite que a terapeuta estabeleça o lugar de cada uma, inclusive o seu próprio, conforme já o afirmara repetidas vezes Bakhtin, ao lembrar que a palavra entra num diálogo em que o sentido não tem fim e que este depende da relação entre sujeitos e se constrói na interação, na produção e interpretação dos textos. Como especialista, a terapeuta pode verificar o funcionamento da **memória**, assim como o da relação entre a mãe e a filha:

(l.43) *voy preguntar a su filha... quiero ver cómo le funciona la memoria... qué le parece?*

A pergunta, aparente pedido de autorização da mãe (*qué le parece?*) sugere uma negociação, um discurso terapêutico que se submete ao poder materno à sua frente; estamos diante da questão da competência dos sujeitos da interação e da avaliação dos interlocutores, desde sua posição social, sua importância, seu grau de conhecimentos: “o mundo quase imaterial no qual se refrata a inter-relação dos locutores (grau, hierarquia etc), o aspecto que foi menos estudado na vida verbal” (BAKHTIN, 2000, p. 396).

Com essa pergunta feita pela terapeuta à mãe, dois mundos se igualam; sai-se “do mundo do tropos” para entrar no “mundo dos tons pessoais e dos matizes que se exerce, porém não a respeito das coisas (fenômenos, idéias), e sim a respeito do mundo dos outros, do mundo da pessoa” (op. cit.). Mais uma vez o confronto entre dois poderes: de um lado, o poder da especialista que “verifica a **memória**” da filha, de outro, o poder da mãe que é a própria **memória** da filha. O confronto pode, no entanto, estrategicamente, tornar-se um encontro, se uma pergunta-cúmplice como esta (*qué le parece?*) derrubar a parede que separa esses dois mundos tão diferentes (o da terapeuta e o da mãe), para dar lugar a uma nova e urgente parede, porosa a ponto de permitir o diálogo, mas devidamente impermeável para impedir vazamentos identitários de dois mundos muito próximos, mas nem por isto necessariamente iguais (o da mãe e o da filha). Desta forma, ficaria assegurado que o discurso se constrói entre duas interlocutoras – seres sociais – e que o diálogo se constrói na relação com outros discursos.

Ao examinar, então, essa pergunta (*voy preguntar a su filha... quiero ver cómo le funciona la memoria... qué le parece?*), própria de quem pede licença, podemos reiterar nossas considerações sobre algumas perguntas da terapeuta, de efeito polifônico, que deixa entrever ao menos duas vozes: a da especialista, que pode testar o funcionamento da memória da filha e a da *outra*, da que entende o funcionamento dos sentimentos maternos, por também ser mãe, por também ser mulher. Se não bastasse o efeito de sentido evidenciado pelo recurso à pergunta, vale lembrar, ainda, a título de esclarecimento: no diálogo que travou posteriormente com o auditório, essa terapeuta, ao tentar explicar qual o caminho de construção de hipóteses que perfez durante a sessão, explicou que a paciente jovem (a filha), ao

mesmo tempo que a encantara, por sua beleza e graça, a irritara profundamente, por fazê-la lembrar-se de uma filha da mesma idade, que, movida por interesses egoístas, ora agia como criança ingênua ora como mulher autônoma e poderosa. Desta forma, revelou que, em muitos momentos da sessão, se identificara com a mãe a sua frente.

Na TF sempre se aprende que devemos aliar-nos aos pacientes, mas nunca a seus sintomas. “Ame o paciente e odeie seus sintomas” é um lema a ser perseguido por todo terapeuta que não quiser “ser engolido” nas sessões. Mas as sereias não dão trégua. O canto abissal expõe a luta entre as vozes terapêutica, materna e filial. Se a terapeuta tenta separar duas falas enredadas, uma delas luta para manter a monofonia, um familiar hábito lingüístico dessa mãe e dessa filha. *Familiar* porque em família, mas *familiar* também porque desde sempre conhecido, hábito do qual ambas sofrem mas não se dão conta, justamente porque é a única forma de interação continuamente praticada.

Ao mesmo tempo em que mãe e filha parecem confundir-se como se fossem um só sujeito, numa única fala, as palavras revelam as disputas de dois sujeitos que tentam fazer prevalecer sua monofonia. Observemos, por exemplo, dois momentos em que se revelam essas disputas, agora tendo como locutora a filha em relação à fala de sua mãe:

T: *tu mamá dijo*

F: *reforçou? (l.28-l.29)*

M: *um dia nós fomos fazer uma ficha...*

F: *não...uma vez eu estava PREENCHENDO uma ficha... (l.124- l.125)*

Podemos supor que o poder jovem quer mostrar-se mais competente que o velho poder, ao menos no tocante aos efeitos de sentido das palavras. Ao substituir uma forma verbal por outra, ampliando o significado potencial das palavras, a filha expõe também outro foco de luta pela hegemonia (FAIRCLOUGH, 2001:1992, p. 288) e talvez nos permita conjecturar que represente uma *outra* voz por detrás da terapeuta, formando com ela um duplo, assim como o faz com sua mãe, reduplicando a forma de dizer do *outro*, como um eco que altera a relação semântica entre dois termos (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 51).

Nessa disputa pela hegemonia, algumas alianças interessantes podem ser feitas, às vezes: ainda que num momento a terapeuta rejeite a cumplicidade da filha, em outro a aceita, oferecendo-lhe o lugar de pertinaz colaboradora. É como observamos, por exemplo, por meio de um jubiloso “*exacto*”, típico de professora satisfeita diante da boa aluna, pronunciado logo após uma pergunta da filha, que é, na verdade, uma alteração do discurso relatado (l.29 *reforzou?*). Outra estratégia da terapeuta é a retomada de hipóteses anteriores, elocubrando, em voz alta, a respeito das questões relacionadas à **memória** de sua interlocutora e trazendo novamente o *outro* discurso – o da TF – à tona (*me llamó la atención ... y cómo es que tu::... no te acuerdas... entonces... como si tu te esqueceras*). As falas que chamam a atenção (*me llamó la atención*) e seus efeitos de sentido, assim como a hesitação entre dois termos duplicados (*y cómo es que tu ::...no te acuerdas/ como si tu te esqueceras*) (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 151), podem ser entendidas como duplicação de dois pontos de vista diferentes sobre o mesmo referente: “não se recordar” (*no te acuerdas*) nem sempre significa “esquecer-se” (*te esqueceras*), já que a segunda forma pode guardar um sentido muito mais ativo que a primeira e indicar o apagamento de **memórias** incômodas. Todos esses recursos apontam as pegadas da terapeuta pelas trilhas da TF, que lhe ensinam a ouvir e refletir sobre as possíveis vozes que se ocultam por detrás das falas dos pacientes.

Num outro contexto de reflexão, Gnerre (1998:1985, p. 31), referindo-se a Gramsci, discorre sobre a “dupla articulação” da discriminação lingüística: o dito ou explícito e o não dito ou implícito, jogo no qual “ganha quem de saída dispõe dos instrumentos para ganhar”. Podemos perceber esse jogo “para ganhar” quando a filha, que acabara de tentar uma aliança com a terapeuta, deixa seu lugar de eco e assume voz própria, emitindo um solene “não” ao dizer da terapeuta e instaurando novamente a polêmica, por meio da apropriação e especificação do sentido do que falha em sua memória (*não...me esqueço das coisas recentes...do dia a dia::...*). Agora, ao buscar novamente um outro efeito de sentido para o binômio “esquecer/lembrar-se”, não só invalida o que a mãe falara, mas também um dos sentidos propostos pela terapeuta. Esta segue, porém, sua tarefa de separar as falas e os sujeitos imbricados; o recurso que utiliza desta vez, para tentar romper com a monologia é a mudança de turno para a nova pergunta: (l.35) *ah... ok... voy preguntar a tu mamá...que accidente ella tuvo?*

## b) a queda do telhado, o acidente de carro

Para contrapor as falas de suas interlocutoras a respeito de mais dois acontecimentos (a queda do telhado e o acidente de carro), a terapeuta faz uma série de perguntas, ora à filha ora à mãe:

*cuándo fué? hace mucho tiempo?; que pasó? por que no me dices cómo fué el accidente? te caíste?*

Fala como se “sabatina” as duas, não só em busca de informações novas, mas – e principalmente – de acareação de sujeitos e confronto de falas. Assim, dá margem a que as interlocutoras apresentem seus pontos de vista a respeito dos fatos ocorridos, seja pela concordância ou controvérsia. A luta entre sujeitos pelo sentido das palavras prossegue. Cada interlocutora é convocada, então, a expor o “funcionamento de sua **memória**”, o quanto se lembra e do quanto se esquece na convivência do dia-a-dia e nos fatos marcantes de suas vidas, enfocando a descrição de duas possíveis causas da “falta de **memória**” da filha. Bakhtin (2000: 1979, p. 54) diz que “a concordância é rica em diversidade e matizes” e que dois enunciados idênticos em todos os aspectos, pertencentes a duas vozes *distintas* estão unidos por uma *relação dialógica de concordância*. Mas adverte que tal acontecimento dialógico não pode ser confundido com a concepção estreita de eco, o que recairia numa limitada produção verbal monológica.

Se nos atentarmos para a narração da mãe e da filha a respeito desses dois incidentes, poderemos observar a ocorrência dessa produção monológica, com as duas pacientes agarrando-se a seus pontos de vista: embora à primeira vista o relato pareça muito similar, quase um eco, gostaríamos de chamar a atenção, porém, para duas respostas a uma mesma pergunta (*cuándo fué? hace mucho tiempo?*). Enquanto a filha responde *ahn... 96... um em 95 e outro em 96*, a mãe reformula o enunciado, criando alguns efeitos de sentido que, para quem escuta, poderiam variar entre a concordância ou a refutação (*dois anos:: mais ou menos::...*) (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 117), mas, de qualquer maneira, novamente provocando o efeito de sentido de um único sujeito falante.

A terapeuta, diante de mais uma reformulação, recusa a voz da mãe e devolve o turno à filha, colocando as duas falas em contraponto (*voy preguntar a su filha...*



*quiero ver cómo le funciona la memoria... qué le parece? puede ser? por qué no me dices cómo fué el accidente...qué pasó?*). No entanto, a filha retém, por instantes, o fluxo conversacional, parafraseando a pergunta que ouviu (*como foi::?*). Misto de função fática e tentativa de tradução das palavras (op.cit., p. 139), que pode duplicar duas formulações, a pertinaz tradutora desta vez não apresenta tanto empenho em entender o dito da terapeuta, que se vê obrigada a confrontar novamente as falas (*sí::... qué te pasó? un accidente de carro... dijo tu mamá*).

Entrando no campo do discurso relatado (*dijo tu mamá*), modo de representação no discurso de um discurso outro (ibidem, p. 134), confronta as falas das duas pacientes, deparando novamente com um ardiloso jogo de palavras da filha (*o último....um acidente de carro::... antes foi uma queda do telhado...né (1.49-50)*). Mais uma vez um efeito de sentido de discordância, agora parecendo que falam coisas diferentes, quando falam o mesmo, ou seja, a filha reformula o que a mãe diz, invertendo a ordem dos acontecimentos: o que teria vindo em primeiro lugar? O acidente de carro ou a queda do telhado? “Para a palavra (e, por conseguinte, para o homem), nada é mais terrível que a *irresponsividade* (a falta de resposta). Mesmo a palavra que sabemos, de antemão, ser falsa, não é falsa de modo absoluto e sempre pressupõe uma instância que a compreenderá e a justificará” (BAKHTIN, 2000: 1979, p. 357). Por isto, a terapeuta prossegue na tentativa de transformar o efeito monofônico das falas de suas interlocutoras em efeito polifônico, como se estivesse imbuída da missão de levar concordância onde houvesse a discórdia, missão, aliás, quase impossível, pois assim que a filha retoma o relato (*eu ajudava uma pessoa que consertava o telhado::... com as ferramentas... né...ah.... me senti tonta e caí da escada...*), a mãe-**memória** acrescenta, assaltando mais uma vez o turno numa atividade de reformulação: *desmaiou...né::...*

Essa retomada, com caráter de resumo, cientificando a tontura e a queda da filha provoca mais uma fala irônica da terapeuta, que, talvez para algum outro interlocutor, provocasse o efeito de sentido de exclusão: (*irônica*) *gracias... ella me parece que eso se recuerda... me contaba bien... o no?*). Mas a mãe-**memória** não se deixa abater facilmente, como tampouco deixa de se envolver nos turnos e enunciados de sua filha:

(1.57-59) M: *não..quando ela caiu...ela não se recorda como caiu porque...*  
F: *no momento...*

*M: no momento ela desmaiou.*

A mescla de narrativas une as falas (*no momento*) como se se tratasse novamente de um único sujeito com duas vozes: uma, que narra um acontecimento vivido e a outra que avalia esse acontecimento.

A terapeuta retoma o turno, mostrando que, embora seja um *terceiro* nesse diálogo, é um *terceiro* visível, com poder de participação e de compreensão, responsiva, nesse caso, por meio de outra ironia:

*sí...yo entiendo...sabe que yo entiendo a ella? si no entiendo yo pregunto a ella ...si no le entiendo le pregunto... qué te parece?*

A solicitação é aceita, ao menos momentaneamente, agora aumentando um grau na escala da concordância: a um pedido camuflado de que se calasse, momentos antes, ela respondera *tá bom*; agora, diante da escalada crescente de turbulência na comunicação, ela aquiesce enfaticamente: *tá ótimo*.

Na TF esse é um dos momentos que se intitula “escalada simétrica”, de que já falamos no início de nosso trabalho: num diálogo, dois participantes iniciam uma disputa como se subissem degraus de contenda, ou seja, a fala de um imediatamente impulsiona a fala de outro, que retruca, provocando nova contestação, assim prosseguindo indefinidamente. Do ponto de vista discursivo, este é o efeito de sentido provocado pelos seguidos e incontidos assaltos aos turnos feitos pela mãe, com os conseqüentes comentários irônicos e procedimentos de exclusão feitos pela terapeuta, como o que se segue: ((irônica)) *fanTÁStico... entonces... de qué piso te caíste... de qué altura?*

A filha, por seu lado, de alguma maneira também perfaz essa “escalada simétrica” com a terapeuta, procurando ora interpretar sua mãe, em parceria com a profissional, como já mostramos acima, quando substitui a expressão **dijo** por **reforçou**, ora reformulando o que a terapeuta fala, com a mudança de uma preposição:

*terapeuta: OK...y el otro accidente que tuviste **de** carro?*

*filha: **com** o carro? (l.83-84)*

Ora nega a percepção da terapeuta, inclusive ironicamente:

terapeuta: *y tu mamá...entonces...registra por ti?*

filha: **não**

terapeuta: **no?**

filha (risos): *uma agenda(l.79-82)*

terapeuta: *ah...tu diriges::...*

filha: *mas no momento eu não dirigia... não ((risos))*

terapeuta: *pero?*

filha: *estava parada (l.108-110)*

Ora contesta um comentário polido da terapeuta:

terapeuta: *qué mala suerte..*

filha: *não foi TÃO grave assim...(l.93-94)*

Qualquer estratégia é válida quando se trata de acirrar a polêmica ou confundir o interlocutor, principalmente quando sentimentos profundos ameaçam vir à tona:

filha: *mas eu não achei nada disto grave*

terapeuta: *mas tu dijiste eso y tu mamá se preocupa?*

filha: *sim...se preocupa...mas eu não me preocupo*

terapeuta: *ahn...ahn...por que se preocupa tanto?*

filha: *ah... é que somos só nós duas...então...(l.131-135)*

E se o medo e o peso da solidão começam a tomar forma e a agregar incômodas testemunhas, um “malogro linguajeiro” (BARTHES, 2003:1977, p. 12) altera o impróprio e perigoso do enunciado, deixando das revelações perigosas apenas um confuso vestígio:

terapeuta: *entonces de preocupas TANTO com ella también?*

filha: *me preocupo TAMBÉM...mas por razão de doença...não assim...(l.138-139)*

Outro aspecto que observamos e consideramos importante nessa disputa de lugares sociais/familiares aparece por meio de pontos de heterogeneidade na fala da filha, quando outras vozes transparecem por detrás de sua voz. Em muitos momentos, utiliza recursos léxicos e sintáticos próprios de uma fala elaborada, e não de uma conversa espontânea. Entre os recursos discursivos que utiliza estão, por exemplo, termos próprios da linguagem médica (*grave; perder a consciência; não tive traumas*) e jornalística (*eu parei para socorrer... um caminhão...talvez socorro...acesso a algum posto...alguma coisa...quando nós íamos saindo....o motorista não quis socorro...agradeceu...quando íamos saindo da pista...um carro na contra-mão...na pista oposta...veio de encontro; só o impacto que foi grande...porque ele vinha em alta velocidade; no momento do acidente eu não estava em movimento*). Os enunciados, carregados de expressões e vocabulário próprios de quem está familiarizado com entrevistas médicas e reportagens policiais de tom dramático, revelam um outro discurso, que pode ser considerado um discurso dos outros, marcando uma alteridade em relação a si mesmo: o gênero discursivo sessão de terapia deixa transparecer o gênero “depoimento policial”.

Como essa sessão conta com um grande auditório, talvez possamos conjecturar que se deve a esse destinatário não visível, mas pressentido, acrescido à posição superior na hierarquia social ocupada pela consultora e pelas terapeutas, que a filha (principalmente), deixe transparecer tais vozes, próprias de outro gênero. Podemos também pensar, com Bakhtin (1992: 1929, p. 112), que a enunciação, como produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, e a palavra, como função do interlocutor ao qual se dirige, varia segundo o grupo social desse interlocutor: a palavra como “território comum do locutor e do interlocutor”. Nesse caso, a expressão verbal da jovem diante de seu auditório é muito diferente de quando tem sua mãe – com quem tem laços sociais bem mais estreitos – como interlocutora.

Outra possibilidade de reflexão nos é oferecida por Brait (1997, p. 199): referindo-se a eventos conversacionais que também pressupõem uma platéia impedida de se manifestar (por exemplo, tribunais ou mesas-redondas), a autora acredita que eles podem ser entendidos como se incluíssem destinatários indiretos – além dos presentes nas interlocuções –, com importante papel interativo. Esses aspectos interativos ajudam a compreender o papel dos participantes de uma comunicação como a das sessões terapêuticas, e quais os recursos de que eles se

valem para negociar os sentidos do que pretendem dizer, o que permite concluir, com Brait (op.cit., p. 200), que “um ato de linguagem é uma interação pelo fato de fundar-se no olhar avaliativo dos parceiros, isto é, daqueles que participam desse ato com a atenção profundamente voltada para todos os aspectos que, de alguma forma, interferem nesse evento”.

Em se tratando da atividade discursiva dessa filha, outra voz pode ainda ser registrada, por meio de algumas importantes marcas de um discurso outro – o terapêutico. A jovem usa, por exemplo, uma linguagem que poderíamos considerar próxima da terapêutica, tanto pelo vocabulário como pela forma de perguntar. Se, no **Fragmento 1**, pudemos observar: “*você está se relacionando::...à memória do pai... é isso::? quer dizer que ela funciona como a minha memória em função do meu pai... é isso?*” (l.23-25), no **Fragmento 2**, que ora analisamos, registramos “*com o passar do tempo..né...só que as coisinhas::...que não são muito marcantes...eu...é como se não desse importância...eu não memorizo...*” (l.71-73). Com presença abundante de marcas de hesitação, os segmentos acima (ex: *você está se relacionando...à memória do pai... é isso?* ou: *com o passar do tempo...né...só que as coisinhas... que não são muito marcantes... eu...é como se não desse importância...eu não memorizo...*) sugerem um contínuo planejamento e replanejamento de idéias e, principalmente, uma antecipação do diagnóstico da terapeuta, o que equivale a um “chegar antes” a esse poderoso lugar de especialista. Agora, no final do **Fragmento 2**, o diagnóstico – ou autodiagnóstico –, fica por conta da jovem paciente: o poder terapêutico cede terreno para o poder filial.

### 3.1.5 Vozes que tateiam o disco riscado

Passemos, neste ponto, a examinar o terceiro **Fragmento**.

#### Fragmento 3

- |            |          |   |
|------------|----------|---|
| <b>140</b> | <b>T</b> | vocês ficam muito tempo juntas?                               |
|            | <b>M</b> | nós estamos 24 horas junta...                                 |
|            | <b>F</b> | NÃO...  |
|            | <b>M</b> | se eu falei que nós ficamos juntas 24 horas é que nós vivemos |

- 145                    juntas...é claro que você vai namorar vai namorar...quando você não está aí você está comigo, entendeu? aí você se aborreceu com isso ... e disse... foi isso que eu entendi? e disse que não era bem assim...não é?
- F        e na realidade não é bem assim...
- M        não? nós não estamos diretamente juntas...filha?
- 150                    F        estamos juntas...demais...é:::: eu sou um pouco radical com as coisas... e 24 horas são 24 horas...e não 20 horas...não são 24 horas...
- M        não consegui entender...
- F        e eu não quis dizer que você é autoritária...eu quis dizer que você é teimosa...
- 155                    M        se eu sou teimosa você entendeu a minha teimosia? aí você fala de uma outra maneira ... você quer dizer que engole tudo?
- T        ustedes viven juntas?
- F        sim...
- 160                    T        tu tienes 33 años...no estás casada?
- F        no...
- T        ahn...ahn:... pero tienes... un enamorado?
- F        sí...
- T        pero... no vives...acá::::...yo no soy de acá...
- 165                    F        cierto...
- T        yo no sé... cómo son las cosas en este país...entonces...a los 33 años... los hijos viven con los padres... con la MAdre...o        uno se va a vivir com el enamorado...a qué edad se casan        ...no sé cómo es esto en este país:....
- 170                    F        aqui::... acho que o normal é se casar...ahn::... ultimamente não se casam...as pessoas não se casam muito jovens...né?
- T        ahn...ahn...
- F        em função do estudo ou do trabalho...
- T        ahn...ahn::...
- 175                    F        então as pessoas... ou vivem sozinhas... ou vivem com os pais...
- T        a los 33 años...sí::?....todavía?

- F eu acho que ainda tem muita gente...ainda... nesta situação...
- T te pregunto porque soy argentina....pero vivo em Nova York...  
y allá los hijos se van muy jóvenes de la casa...no::?
- 180** F na América sim...
- T entonces no se cómo son las cosas de este país...por esto  
queria saber::...o sea...que...no es raro que tu estés a los 36...33  
años viviendo:: ...morando...com tu mamá...no es raro acá?
- F acredito que não...
- 185** T ok...
- F pelo menos... conheço muita gente que vive na mesma  
situação...os que não são casados vivem com os pais...
- T tú trabajas?
- F atualmente eu trabalho pintando...
- 190** T qué pintas?
- F roupa...
- T ahn...ahn::....
- F eu trabalho em casa...eu trabalhei durante dez anos fora...numa  
joalheria e numa editora...
- 195** T sabe por qué te pregunto eso? Pregunté porque en Argentina  
lo que la gente tiene como aposentada es muy poquito... a lo  
mejor acá es diferente...no?
- M NÃO...é POUco...
- T cómo hacen para vivir? No...porque...
- 200** F juntamos os dois...as duas coisas...
- T quiere decir...usted aposentada y::....
- F Eu faço também doces para fora...
- T ah...y con eso puedes ganar bien?
- F mais com as pinturas...
- 205** T ah... o sea... no trajiste ninguna para mostrar? a cuánto vendes  
un vestido que tu pintas?
- F a cinqüenta...depende...se for longo um pouco mais caro::....
- M ela compra o tecido::...a costureira faz:...ela pinta e vende::...
- F eu pinto antes... o tecido a costureira faz...

- 210 T y cuántos tecidos puedes producir por mês?  
 F eu posso produzir bastante...porém o melhor período é no verão...porque como é seda::...  
 T sí::...seguro...  
 F ah...em média vendo cinco ou seis vestidos por mês para  
 215 amigas...pra um contato...agora estou tentando fazer contato com lojas:...mas eu dependo de uma boa oficina de costura pra fornecer pra loja...  
 T o sea...que tuviste:..  
 F mas não é só vestido...não...echarpe...lenços... um preço  
 220 melhor...não?  
 T ah...entonces eres una artista?  
 F ah...não...gosto de pintar...  
 T sos una artista...( dirigiendo-se a M) usted tiene una hija que es una artista?  
 225 M gosta de pintar...  
 T ella contribui para la casa?  
 M quando consegue...sim...  
 T y cuando no consegue? cómo hace?  
 M a minha aposentadoria resolve...ela faz umas coisinhas...faz  
 230 doces...algo assim...vende para algumas amigas...mas não tem uma grande clientela...  
 T no?  
 M não...  
 T y tu antes trabajabas fuera de la casa...  
 235 T estás viviendo con tu mamá y estás dedicada a tu mamá?  
 F nós vivemos sempre juntas...  
 T siempre juntas?  
 M sempre...  
 T yo pensaba...entonces trabajas para F... no? cuando era  
 240 pequenina...y ahora...ella se queda en casa para cuidar de usted...  
 M NÃO...ela não está em casa para me cuidar::



- T não?
- M NÃO... nós vivemos em casa juntas...
- 245 T ah::
- M como ela está sem trabalho...ela faz alguma coisinha que aparece...
- T no:: pero ella dice que TIENE trabajo...
- M NÃO...trabalho que ela faz é pintura em tecido... quando
- 250 aparece...
- T para usted::: no es trabajo eso::
- F trabalho para ela acho que é trabalhar fora...
- M NÃO...trabalhar para fora ela não conseguiu mais... é?
- T ((para F))pero tu dijiste que no quieres...
- 255 F eu não fui buscar mais trabalho fora...
- M ela quer trabalhar por conta...
- T ahn...ahn...
- M tentou lá em Porto Seguro...voltamos...
- T si::: yo YA entendi...pero usted:: usted dijo que ella no trabaja
- 260 porque no trabaja fuera...
- M não...fora não...
- T ((para F)) y yo te pregunto si trabajas y tu dices que sí... que trabajas...
- F trabalho por conta própria...
- 265 T ta bien...y tu mamá dice que esto no es trabajo...
- M disse que isso não é uma coisa fixa...uma coisa segura...segura de todo mês estar trabalhando e recebendo salário...
- T o sea... que usted gustaria que ella tuviese un trabajo fuera?
- M não... qualquer coisa que ela fizesse ou fizer daqui prá frente tem
- 270 que ser uma coisa mais segura... né... uma coisa que:::
- T ah::
- M eu sou aposentada...ela tem que ganhar para pagar a aposentadoria...o seguro saúde...
- T ya sé... ya entendi...
- 275 M tem que ganhar para isso... GANHAR...nós temos uma crise

aqui...não está fácil, ENTENDEU?

**F** politicamente... economicamente... o país está em crise...

**T** fanTÁStico...ustedes son iGUAles...son GEMELAS...USTED  
traduce para F y ahora F traduce para usted... como si yo no la  
entendiera a usted...

280

No **Fragmento 3**, selecionamos **três focos de luta** – a) entre a mãe e a filha; b) entre a terapeuta, a filha e a mãe e c) entre estas últimas juntas e a terapeuta – pelos sentidos das palavras, em torno, respectivamente, de tópicos sobre a convivência íntima com suas conseqüentes noções de deveres/direitos e sobre as diferenças sócio-identitárias das participantes do evento discursivo. Observaremos também algumas estratégias discursivas da terapeuta para separar as vozes materna e filial, naquele funcionamento discursivo que nos pareceu semelhante a um ponto de heterogeneidade de não-coincidência interlocutiva entre sujeitos, ou seja, naquele efeito de sentido de se tratar de um só locutor que reformula sua fala, quando, na verdade, se trata de dois locutores (M e F). Começamos, então, pelo **primeiro foco de luta**:

#### **a) 24 horas de convivência íntima**

O **primeiro foco de luta** tem como protagonistas a mãe e a filha e é desencadeado por uma pergunta antecipatória, da qual também a terapeuta já conhece a resposta:

(l.140) *vocês ficam muito tempo juntas?*

Com tal pergunta, a terapeuta abre espaço para uma prolongada discussão entre as pacientes a respeito do significado de “viver juntas”. A mãe e a filha começam, então, a falar entre si, como se estivessem sozinhas na sala:

**M** se eu falei que nós ficamos juntas 24 horas é que nós vivemos juntas...é claro que você vai namorar vai namorar...quando você não está **aí** você está comigo, entendeu? **aí** você se aborreceu

- 145** com isso ... e disse... foi isso que eu entendi? e disse que não era bem assim...não é?
- F** e na realidade não é bem assim...
- M** não? nós não estamos diretamente juntas...filha?
- F** estamos juntas...demais...é::: eu sou um pouco radical com as coisas... e 24 horas são 24 horas...e não 20 horas...não são 24 horas...
- 150** **M** não consegui entender...
- F** e eu não quis dizer que você é autoritária...eu quis dizer que você é teimosa...
- 155** **M** se eu sou teimosa você entendeu a minha teimosia? aí você fala de uma outra maneira ... você quer dizer que engole tudo?

Utilizando o tópico **24 horas** como um metadiscorso, as pacientes, monofonicamente, queixam-se da convivência familiar, constante fonte de insatisfação entre elas. Falando sobre metadiscorso, Maingueneau (1997:1987, p. 75) acredita que uma possibilidade de se pensar sobre este tema seja como uma operação metadiscursiva que se inscreve em uma interação rigorosa, reajustando a enunciação em função de coerções imediatas ou gerais, não sendo, em nenhum caso, gratuita. Possenti (2002a, p. 82) considera ingênuo o ponto de vista da pragmática que vê no metadiscorso uma manobra consciente do sujeito, em lugar de uma imposição da formação discursiva ou da heterogeneidade constitutiva da língua e do discurso ou de uma ação indisfarçável do interdiscorso. De maneira geral, o metadiscorso evidencia uma pista importante para a produção de sentido: deve ser entendido como um sintoma. Cada glosa apresenta-se como a exibição de um debate com as palavras, que se pretende exemplar: ela constitui um bom caminho para o co-enunciador ter o domínio do discurso, através do rumor dos signos da língua e do interdiscorso. O sujeito cuja imagem é construída pelas glosas é um sujeito que domina um discurso e que oferece este domínio em espetáculo. Já segundo Authier, assiste-se, pelo metadiscorso, à dupla afirmação da unidade da formação discursiva, pois, de um lado, a glosa permite acreditar que é possível circunscrever a indeterminação do discurso, o erro, o deslizamento etc; de outro, o encaminhamento a um exterior determina automaticamente um interior, o do

discurso. Ao significar seus pontos de divergência com seu exterior, o discurso marca seu território próprio em um campo onde a luta pela existência passa pelo domínio de um certo número de significantes. Por meio de seu metadiscurso, o sujeito denega o lugar que lhe destina a formação discursiva em que se constitui: em lugar de receber sua identidade deste discurso, ele parece construí-la, ao tomar distância, instaurando ele próprio as devidas fronteiras. O metadiscurso apresenta-se, portanto, como um jogo com o interior deste discurso.

No **Fragmento 3**, podemos observar como, polemicamente, a mãe e a filha metacomunicam e disputam diversas questões, em torno do tópico assinalado. Enquanto para a mãe **24 horas** podem significar qualquer número de horas, desde que isto signifique que vivem juntas (o que não impede outras atividades da filha, tais como namorar, por exemplo), para a filha **24 horas** só devem significar **24 horas**, o que também significa uma quantidade muito grande, que ela classifica, logo a seguir, com o modalizador *demais*. Tenta argumentar que as **24 horas** de seu dia não devem ser dedicadas exclusivamente à mãe, com efeitos de sentido que circulam entre queixas e reivindicações.

O dêitico *aí*, metaforicamente utilizado pela mãe para indicar o tempo que a filha passa ao lado do namorado, antecede e confunde-se com o marcador conversacional *aí* pré-posicionado no início de uma unidade comunicativa, provocando um efeito de sentido de ambigüidade, a respeito do tema tratado:

*quando você não está aí você está comigo, entendeu? aí você se aborreceu com isso. (l.143-145)*

As fronteiras do sentido vão-se determinando pela alternância das falas das duas interlocutoras; cada réplica expressa a posição de uma delas, de início aparentemente inaudível para a outra. Segundo a mãe, quando a filha não está namorando, está com ela (única, eterna e verdadeira namorada?), num sistema alternativo que sugere dois mundos amorosos excludentes: o de casa e o *outro*, o *estrangeiro*. Ao empregar o dêitico *aí*, insinua um tempo do (quem sabe?) desperdício, gasto inútil e indevidamente com o namorado, traiçoeiro e oposto ao tempo (quem sabe?) bem empregado que a filha passa ao seu lado. Cria, portanto, um novo efeito de sentido de exclusão, semelhante ao que apontamos no

**Fragmento 1**, quando essa mãe lutava pela exclusão da importância do pai na vida da filha. Aqui, trata-se da exclusão de um outro perigo *estrangeiro*: o namorado.

Essa divisão espacial do *aí* e do *aqui* distancia os pontos de vista e os sujeitos, que passam a ocupar universos qualitativamente diferentes, dificultando o entrecruzamento dos discursos e o estabelecimento das relações dialógicas. As vozes monológicas dessas duas falantes apoderam-se dos sentidos contrapostos dos enunciados, assegurando paradoxalmente o que mais temem: a solidão. Solidão das palavras, dos afetos, esse velho estilo dessas inseparáveis companheiras traz sempre de volta o Bakhtin (2000: 1979, p. 351) que ensina que a relação com o enunciado do outro não pode ser separada nem da relação com o objeto de uma discussão nem da relação com o próprio locutor: solidão de palavras é, sem dúvida, solidão de afetos.

Marcuschi (1991, p. 77), citando Coulthard (1992), a respeito de que tipo de coisas podem formar tópicos de conversação, recorda que algumas coisas podem ser “conversáveis”, e outras não. Entre as coisas “conversáveis”, algumas podem ser ditas a qualquer um e outras a poucas pessoas; algumas devem ser ditas rapidamente, enquanto outras podem esperar. No caso da conversação entre essas duas interlocutoras, a metacomunicação está, mais uma vez, a serviço de proteger um tópico impossível de ser conversado, pelo menos nesse momento, que é a disputa entre a mãe e o namorado da filha, uma segunda instância entre o desejo e o impedimento na relação com o pai. Embora a palavra e os sujeitos queiram ser ouvidos e o discurso possa contar com uma expressão assertiva, de quem sabe o que diz e diz o óbvio:

*se eu falei que nós ficamos juntas 24 horas é que nós vivemos juntas... é claro que você vai namorar... vai namorar (l.142-143)*

e de sinais conversacionais pós-posicionados:

*e disse que não era bem assim...**não é?**(l.145-146)/  
quando você não está aí você está comigo, **entendeu?** (143-144)*

com esse mesmo verbo **entender**, reiteradamente utilizado pela mãe:

*não consegui entender (l.152)/ mas se eu sou teimosa você entendeu a minha teimosia?(l.153)*

os monólogos insistem na ruptura entre o que se diz e o que se escuta ou compreende.

A esses sinais ou marcadores Marcuschi (1991) atribui a função conversacional de sinal produzido pelo falante, que pode servir a várias situações, como, por exemplo, sustentar o turno, preencher pausas, dar tempo à organização do pensamento, monitorar o ouvinte, nomear e referir ações, eliminar posições anteriores, corrigir-se, auto-interpretar-se, reorganizar e reorientar o discurso etc. No caso do marcador **não é**, por exemplo, sua função tanto pode ser interpretada como monitoração do ouvinte, como auto-interpretação ou reorganização do discurso, entre outras possibilidades enunciativas. Já o verbo **entender** pode conter diversos significados, desde que estes permitam ao locutor autocorriger-se ou conseguir o assentimento do alocutário, como se percebe nesta fala da mãe: *quando você não está aí você está comigo, entendeu?*

Enquanto a mãe se desdobra em se fazer *entender* pela filha, esta utiliza as palavras como se tivessem um sentido invariável, contrariando o princípio de que o sentido se constrói no contexto em que desponta. Responde para sua mãe como se as palavras ou expressões lingüísticas só pudessem, monologicamente, ter um sentido, que é justamente aquele que confere a ela o poder de exercer sua autoridade como “tradutora competente”:

*estamos juntas...demais...é::: eu sou um pouco radical com as coisas...e na realidade não é bem assim...eu não quis dizer que você é autoritária...eu quis dizer que você é teimosa...24 horas são 24 horas... e não 20 horas...não são 24 horas...*

Nesse jogo discursivo, a disputa pelo lugar do poder na relação aceita todas as formas argumentativas: paradoxos, discordâncias, incoerências, ambigüidades, mudanças bruscas de temas, assaltos a turnos, hesitações, enunciados incompletos, elipses, anacolutos etc. Castilho (1998, p. 57) aponta processos como esses, de ruptura na elaboração do texto, a que chama *construção por desativação*, opostos àqueles do tipo anafórico, em que, por meio de recorrência de expressões – as

repetições – ou recorrência de conteúdos – a paráfrase – se dá a *construção por reativação*.

Esses recursos lingüísticos das duas pacientes produzem como efeito de sentido uma acentuada desconexão, pois revelam o esforço do locutor em tentar manter satisfeito seu alocutário, por meio de um sutil método de não dizer nada dizendo alguma coisa, ou de dizer um *não* que se assemelha a um *sim*. É como se essa fosse a única forma de diálogo possível nesse insustentável contexto comunicacional, onde as participantes temem revelar sua verdadeira face. Enquanto a mãe pergunta e afirma ao mesmo tempo, utilizando a negativa com valor de afirmação:

*não? nós não estamos diretamente juntas...filha?*

a filha confirma e categoriza a proximidade:

*estamos juntas...demais.*

Embora não negue o significado da proximidade com sua mãe, em lugar de responder com o modalizador *diretamente*, com o qual lhe fora pedida uma confirmação, ela o substitui por *demais*, que significa *muito*, *excessivamente*, talvez *insuportavelmente*. Por meio de uma troca de palavras, em lugar do modo que indica a proximidade de ambas, responde a respeito da intensidade dessa proximidade. Que fiquem *diretamente* juntas, como afirma a mãe, tem valor relacional bastante diferente de que fiquem *demais* juntas, o que traz uma conotação de ir além dos limites, de uma convivência íntima, de uma proximidade que pode ser insuportável.

Para a TF, momentos cruciais como esse são fundamentais para aquilo que se conhece como “mudança de paradigma”. É quando os pacientes, ao polemizarem, têm a oportunidade de perceber que, se algumas palavras matam, outras curam. Em circunstâncias assim, os terapeutas costumam não interromper o diálogo dos pacientes, estratégia cujo objetivo é o de amplificar a proximidade interior entre os pacientes, ajudando-os em seu propósito discursivo, em seu *querer dizer*, a se re-significarem eles próprios, na medida em que puderem exaustivamente tocar em temas difíceis ou até então proibidos ou silenciados.

É o que observamos acontecer entre essa mãe e essa filha: imbricadas na vida e no discurso, ao polemizarem sobre seu espaço/tempo de convivência tentam liberar algumas vozes impedidas até então. A exotopia entra em cena para expor uma imprescindível diferenciação de opiniões entre essas duas mulheres, tão grudadas e tão apartadas, o que possibilita que a simbiose ensaie uma ruptura, na medida em que os pontos de vista atrevem-se a experimentar a diferença.

Talvez essa Hidra de Lerna, gigante de duas cabeças, xifópagas ou *gêmeas*, diante do hercúleo trabalho terapêutico de tornar polifônica uma incomunicável monofonia possa, enfim, experimentar a autonomia da fala. O homogeneizado poderá, então, dar espaço ao heterogêneo, desde que os dois sujeitos possam habitar corpos distintos e desde que (enfim!) o *outro* possa ser reconhecido como *legítimo outro*, ideal de Maturana e da TF, e, de certa forma, ponto de partida do dialogismo bakhtiniano.

#### **b) Na América, o filho é autônomo**

O **segundo foco de luta** (l.157-269) circula inicialmente entre a terapeuta e a filha, a respeito de questões de casamento e trabalho:

- T      ustedes viven juntas?
- F      sim...
- T      tu tienes 33 años...no estás casada?
- 160** F      no...
- T      ahn...ahn:... pero tienes... un enamorado?
- F      sí...
- T      pero... no vives...acá:::...yo no soy de acá...
- F      cierto...
- 165** T      yo no sé... cómo son las cosas en este país...entonces...a los 33 años... los hijos viven con los padres... con la MAdre...o      uno se va a vivir com el enamorado... a qué edad se casan      ...no sé cómo es esto en este país:::...
- F      aqui:::... acho que o normal é se casar...ahn:::... ultimamente não se casam...as pessoas não se casam muito jovens...né?
- 170**



- T ahn...ahn...  
 F em função do estudo ou do trabalho...  
 T ahn...ahn:::...
- 175 F então as pessoas... ou vivem sozinhas... ou vivem com os pais...  
 T a los 33 años...sí::?...todavía?  
 F eu acho que ainda tem muita gente...ainda... nesta situação...  
 T te pregunto porque soy argentina....pero vivo em Nova York...  
 y allá los hijos se van muy jóvenes de la casa...no::?  
 F na América sim...
- 180 T entonces no se cómo son las cosas de este país...por esto  
 queria saber::...o sea...que...no es raro que tu estés a los 36...33  
 años viviendo:: ...morando...com tu mamá...no es raro acá?  
 F acredito que não...  
 T ok...
- 185 F pelo menos... conheço muita gente que vive na mesma  
 situação...os que não são casados vivem com os pais...  
 T tú trabajas?  
 F atualmente eu trabalho pintando...  
 T qué pintas?
- 190 F roupa...  
 T ahn...ahn:::...
- F eu trabalho em casa...eu trabalhei durante dez anos fora...numa  
 joalheria e numa editora...  
 T sabe por qué te pregunto eso? pregunté porque en Argentina  
 195 lo que la gente tiene como aposentada es muy poquito... a lo  
 mejor acá es diferente...no?  
 M NÃO...é POUco...  
 T cómo hacen para vivir? no...porque...  
 F juntamos os dois...as duas coisas...
- 200 T quiere decir...usted aposentada y:::...
- F eu faço também doces para fora...  
 T ah...y con eso puedes ganar bien?  
 F mais com as pinturas...

- 205 T ah... o sea... no trajiste ninguna para mostrar? a cuánto vendes un vestido que tu pintas?
- F a cinqüenta...depende...se for longo um pouco mais caro::...
- M ela compra o tecido::...a costureira faz:...ela pinta e vende::...
- F eu pinto antes... o tecido a costureira faz...
- 210 T y cuántos tecidos puedes producir por mês?
- F eu posso produzir bastante...porém o melhor período é no verão...porque como é seda::...
- T sí::...seguro...
- F ah...em média vendo cinco ou seis vestidos por mês para amigas...pra um contato...agora estou tentando fazer contato com lojas:...mas eu dependo de uma boa oficina de costura pra fornecer pra loja...
- 215 T o sea...que tuviste::...
- F mas não é só vestido...não...echarpe...lenços... um preço melhor...não?
- 220 T ah...entonces eres una artista?
- F ah...não...gosto de pintar...
- T sos una artista...( dirigiendo-se a M) usted tiene una hija que es una artista?
- M gusta de pintar...
- 225 T ella contribui para la casa?
- M quando consegue...sim...
- T y cuando no consegue? cómo hace?
- M a minha aposentadoria resolve...ela faz umas coisinhas...faz doces...algo assim...vende para algumas amigas...mas não tem uma grande clientela...
- 230 T no?
- M não...
- T y tu antes trabajas fuera de la casa...
- T estás viviendo con tu mamá y estás dedicada a tu mamá?
- 235 F nós vivemos sempre juntas. ...
- T siempre juntas?

- M** siempre...
- T** yo pensaba...entonces trabajas para F... no? cuando era pequenina...y ahora ella se queda en casa para cuidar de usted...
- 240 M** NÃO...ela não está em casa para me cuidar::
- T** não?
- M** NÃO... nós vivemos em casa...
- T** ah::
- M** como ela está sem trabalho...ela faz alguma coisinha que aparece...
- 245 T** no:: pero ella dice que TIENE trabajo...
- M** NÃO...trabalho que ela faz é pintura em tecido... quando aparece...
- T** para usted::: no es trabajo eso::
- 250 F** trabalho para ela acho que é trabalhar fora...
- M** NÃO...trabalhar para fora ela não conseguiu mais... é?
- T** ((para F))pero tu dijiste que no quieres...
- F** eu não fui buscar mais trabalho fora...
- M** ela quer trabalhar por conta...
- 255 T** ahn...ahn...
- M** tentou lá em Porto Seguro...voltamos...
- T** si::: yo YA entendi...pero usted:: usted dijo que ella no trabaja porque no trabaja fuera...
- M** não...fora não...
- 260 T** ((para F)) y yo te pregunto si trabajas y tu dices que sí... que trabajas...
- F** trabalho por conta própria...
- T** ta bien...y tu mamá dice que esto no es trabajo...
- M** disse que isso não é uma coisa fixa...uma coisa segura...segura
- 265 T** de todo mês estar trabalhando e recebendo salário...
- T** o sea... que usted gustaria que ella tuviese un trabajo fuera?
- M** não... qualquer coisa que ela fizesse ou fizer daqui prá frente tem que ser uma coisa mais segura... né... uma coisa que:::
- T** ah::

Inicia-se esse **segundo foco** novamente com uma pergunta cuja resposta já é conhecida da terapeuta:

(l.157) *ustedes viven juntas?*

Extraída de um discurso outro, o terapêutico, essa pergunta introduz uma série de outras que, embora aparentem o efeito de sentidos de conseguir novas informações, dão prosseguimento ao trabalho terapêutico em busca da separação das vidas e falas imbricadas da mãe e da filha:

(l.159) *tu tienes 33 años...no estás casada?/ (l.161) pero tienes... un enamorado?*

Diante das respostas monossilábicas da filha, a terapeuta emite uma voz diferente das demais, mostrando um tom de hesitação e de dúvida:

(l.163) *pero... no vives...acá:::...yo no soy de acá....*

O silêncio das palavras não proferidas marca de um outro modo a alteridade: um outro que fala e cala, simultaneamente, mas sempre voltado para a produção de um sentido que rasga a espessura do discurso. A terapeuta agora é a que não sabe, a que pergunta, a que oferece à paciente o poder de contar-lhe como são as coisas em seu país, com que idade se casa uma moça, até quando se vive com os pais:

(l.165-168) *yo no sé... cómo son las cosas en este país...entonces...a los 33 años...los hijos viven con los padres...con la MADre...o uno se va a vivir com el enamorado...a qué edad se casan...no sé cómo es esto en este país::...; (l.177-178) te pregunto porque soy argentina....pero vivo em Nova York... y allá los hijos se van muy jóvenes de la casa...no::? (l.180-182) entonces no se cómo son las cosas de este país...por esto queria saber::...o sea...que...no es raro que tu estés a los 36...33 años viviendo::...morando...com tu mamá...no es raro acá?*

Esse *ethos*<sup>30</sup> terapêutico, onde, por meio da enunciação, podemos desvelar a personalidade do enunciador (Maingueneau 2000-1998, p.98) facilita perguntas óbvias e expõe o *outro* em seus pontos de vista. A relação assume a tensão própria da exotopia no espaço e nos valores: como aproximar mundos tão diferentes como América, Argentina e Brasil? Bakhtin diz que o estilo de um enunciado, assim como sua composição, é determinado pelo objeto do sentido e pela expressividade e que esta é sempre, em menor ou maior grau, uma *resposta* ao enunciado do *outro*. Com efeito, se pensarmos na monofonia prevalecente nas falas da jovem, desde o início, poderemos entender que a terapeuta, nesse momento da sessão, responde a essa monofonia de uma outra exotopia: do lugar da que não sabe, da que desconhece e precisa de uma autoridade para esclarecer-lhe as dúvidas. Assim, ao trocar de lugar com sua paciente, que acabara de antecipar um presumível diagnóstico (final do **Fragmento 2**), ao ceder-lhe o lugar do saber/poder, concede-lhe também o privilégio de assumir seus pontos de vista a respeito desse incômodo tema de viver ainda, aos 33 anos, com sua mãe, apesar de tantas disputas.

Mas, se uma voz estrangeira/ingênua, tentando negociar ao mesmo tempo que preserva a face, se deixa perceber através das perguntas, ainda que de modo pouco convincente, outra voz, irônica, aponta nova marca de heterogeneidade e revela a descrença no discurso da paciente e a acirrada polêmica oculta:

(l.175) *a los 33 años...sí::?...todavía?*

A TF sempre insiste no isomorfismo do sistema: o que acontece no sistema familiar acontece também no sistema terapêutico. Tivemos oportunidade de observar, desde o primeiro fragmento, que há sempre um *estrangeiro* nessa família: o pai, o idioma, o namorado. A terapeuta também é *estrangeira*, é verdade. Mas tudo nos leva a crer que ela, de qualquer forma, tem que se manter *estrangeira* nesse encontro. Este é o único lugar possível de convivência ao lado dessas duas mulheres e é justamente desse lugar que ela procura agora falar, para tentar romper a monofonia reinante. Mas será justamente desse lugar que ela virá a ser expulsa

---

<sup>30</sup> Segundo Barthes, "São os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume ao se apresentar [...]" (apud MAINGUENEAU, op.cit., p. 98).

logo adiante, como veremos, repetindo aquilo que Bateson consideraria um padrão recorrente de comportamento.

Após fazer uma série de perguntas, que levaram a paciente a expor detalhes de sua vida pessoal/afetiva, a terapeuta usará as mesmas estratégias discursivas para fazê-la falar sobre sua vida profissional, nesse emprego que faz do discurso terapêutico seu discurso segundo, onde aprendeu a fazer perguntas de determinado modo e com determinado tom, considerados pela TF como facilitadores do diálogo com ou entre os pacientes.

A pergunta que abre a nova série também pede dados:

(l.187) *tú trabajas?*

A resposta provoca novas perguntas:

(l.188) *atualmente eu trabalho pintando...*

E, por meio destas, sua voz dará lugar a outras vozes, entabuladoras de diálogos seja pelo estimulador sinal de ouvinte:

(l.191) *ahn...ahn::...*

seja pelos delicados argumentos que preservam a face e permitem que o *outro* se exponha:

(l.194-196) *sabe por qué te pregunto eso? pregunté porque en la Argentina lo que la gente tiene como aposentada es muy poquito... a lo mejor acá es diferente...no?/ (l.198)cómo hacen para vivir? no...porque.../ (l.200)quiere decir...usted aposentada y::...*

Novamente, ao distanciar-se exotopicamente de sua alocutária, apresenta-lhe o *ethos* de *estrangeira*, daquela que, em terras estranhas, necessita do saber da outra, saber este que generosamente colabora no fornecimento dos dados de que necessita na construção de suas hipóteses. Mas uma informação pede outra, e depois outra, até que se construa a narrativa esperada para a sessão. Por isto, o

clima de tensão aumenta, rompendo a doçura das perguntas e a meiguice das respostas, mesmo quando estas tentem burlar algum inconveniente investigador :

(l.201) *eu faço também doces para fora...*

Um assalto ao turno feito pela mãe, negando polemicamente a fala da filha a respeito de sua contribuição ao orçamento doméstico, rouba o clima de aparente confiança e revela detalhes inconfessáveis:

(l.197) *NÃO...é POUco...*

A terapeuta acaba de tocar, portanto, em mais um ponto crucial dessa relação mãe-filha: o mundo do trabalho, outra presença *estrangeira* entre as duas, regida pelo mesmo antagônico movimento. A filha já trabalhou fora e não gostou; quer dedicar-se a atividades dentro de casa. A mãe, no entanto, com sua parca aposentadoria, premida pelas dificuldades econômicas, quer que ela trabalhe fora. Esse polêmico jogo *dentro/fora* repete o mesmo proceder com relação ao pai e ao namorado, o mesmo efeito-bumerangue de que falávamos antes. A cada palavra da mãe a contrapalavra da filha: e vice-versa. Diante do crescente movimento de disputa, a terapeuta acirra a polêmica, colocando uma palavra contra a outra e explorando a exotopia de valores e desejos:

(l.257-258) *si::: yo YA entendi...pero usted:: usted dijo que ella no trabaja porque no trabaja fuera...*

Amplifica a tensão, contrapondo opiniões:

(l.221) *sos una artista...( dirigindo-se a M) usted tiene una hija que es una artista?)/((l.222 M: gusta de pintar...)*

E estimulando a confissão do inconfessável:

(l.223) *ella contribui para la casa?/(l.224)M: quando consegue...sim...*

A advogada do Diabo não abandona seu objetivo até poder colher todos os dados de que necessita a respeito das questões econômicas e de trabalho:

*(1.226) y cuando no consegue? cómo hace?/ (227-229) a minha aposentadoria resolve...ela faz umas coisinhas...faz doces...algo assim...vende para algumas amigas...mas não tem uma grande clientela...*

O interdito transforma-se num já-dito, num velho e repetido discurso familiar a respeito de deveres, obrigações e competências. Daqui para a frente as máscaras podem retirar-se, porque a filha não precisa mais representar: a mãe já expôs sua mais verdadeira face, já fez também o seu diagnóstico.

Após a confissão da mãe a respeito de sustentar quase integralmente a filha, a terapeuta tenta re-significar o que foi falado, conotando a dificuldade profissional da jovem como um gesto de amor e proteção:

*(1.233) estás viviendo con tu mamá y estás dedicada a tu mamá...*

A filha retoma a fala da terapeuta, confirmando-a, numa posição de duplo que nada tem que ver com aquela mesma falante do trecho acima, que negava dedicar-se a sua mãe por **24 horas**:

*(1.234) nós vivemos sempre juntas...*

Mas, curiosamente, a mãe não concorda com a filha:

*(1.240 e 242) NÃO...ela não está em casa para me cuidar/ NÃO... nós vivemos em casa juntas...*

Recorda, então, com sua voz reiterante, um Barthes (2003:1997, p. 13), justamente aquele dos fragmentos de um outro discurso (igualmente amoroso?): “Tendo atingido o extremo da linguagem, ali onde ela não pode senão repetir *sua última palavra*, à semelhança de um disco riscado, embriago-me com sua afirmação: a tautologia não seria aquele estado inaudito, no qual se encontram, misturados



todos os valores, o fim glorioso da operação lógica, o obscuro da tolice e a explosão do *sim* nietzschiano?”

### c) no Brasil, o cofre é vazio

O **terceiro foco** é o fecho da sessão: ele se aproxima quando a mãe assume o comando do diálogo e explica, “com todas as letras”, como se a terapeuta estivesse com dificuldade de entender, qual era o verdadeiro problema a ser tratado:

(l.270-272) *eu sou aposentada...ela tem que ganhar para pagar a aposentadoria...o seguro saúde...*

A terapeuta lhe dá um sinal de que já entendeu a mensagem:

((l.271) *ya sé... ya entendi..*

A entonação expressiva da mãe, então, enfaticamente, repete aquilo que, embora lhe pareça óbvio, pode não ter sido compreendido pela terapeuta, expressando novamente por meio do verbo **entender** a desesperada voz materna em busca de compreensão e ajuda:

*tem que ganhar para isso... GANHAR...nós temos uma crise aqui...não está fácil... ENTENDEU?*

A filha, então, inesperadamente, alia-se à mãe, para tentar explicar à forasteira, à *inconveniente-outra*, o que talvez ela não esteja compreendendo, uma vez que é “de fora”:

(l.275) *politicamente... economicamente... o país está em crise...*

Por meio de uma paráfrase, quando a fala da mãe (nós temos uma crise aqui...não...está fácil...ENTENDEU?) é retomada pela filha (politicamente...economicamente...o país está em crise), o diálogo fecha-se num

monologismo enclausurante, aprisionando (quem sabe?) irreversivelmente dois sujeitos num só corpo/mundo, por meio da palavra que exclui o outro, o *estrangeiro*, o perigoso.

Assim, as vozes de ambas, que até então se altercavam e polemizavam, ganham o corpo de uma voz única, social, que informa à terapeuta, à “*estrangeira*”, “àquela que não faz parte”, as coisas de uma terra distante e desconhecida, coisas de que podem e querem falar, coisas que a relação suporta falar: a crise política, as dificuldades econômicas do Brasil. Uma mãe e uma filha que não podem conversar sobre coisas banais, do cotidiano, sem um acentuado derramamento emocional, podem, juntas, utilizar muito bem e coesamente a função referencial da linguagem, ao se tornarem excelentes informantes das crises por que passa o seu país, tão distante da Argentina e da América, onde um filho sai cedo de casa, onde pode ser autônomo. Falar de territórios é tocar fronteiras, expor distâncias (exotopia). É traçar um limite entre o que é de *um* e o que é de *outro*. Falar de territórios é, nesse caso, assegurar-se de que o *outro-estrangeiro*, com sua *palavra-estrangeira*, pode ser alijado para bem longe de qualquer fronteira, em caso de ameaça.

A constatação a que chega a terapeuta, no trecho abaixo, conota o movimento monologizante das pacientes, tentando manter-se como um único sujeito e expõe a busca desesperada das duas para manter essa voz uníssona, se não no lar-casa, ao menos no lar-pátria:

(1.276-278) *fanTÁStico...ustedes son iGUAles...son GEMELAS...USTED traduce para F y ahora F traduce para usted... como si yo no la entendiera a usted...*

Antes, duas estrangeiras, duas desconhecidas em sua própria casa, agora mãe e filha podem coabitar em paz na mesma pátria, desde que garantam, mais uma vez, a expulsão da incômoda presença da palavra alheia, destino de qualquer *estrangeiro* que ouse aproximar-se.

Retomando e resumindo o que vimos falando, sem intenção de esgotar os inúmeros recursos lingüísticos à disposição no texto, consideramos que o funcionamento discursivo da **Sessão 1** aponta para a coexistência de muitas vozes,

poucas vezes em concordância e muitas vezes em discordância. As palavras, usadas polissêmica e polemicamente, são foco de luta entre os sujeitos e indicam uma disputa pela hegemonia dos poderes materno, filial e terapêutico, o que acentua o efeito de sentido de um diálogo composto de vozes dissonantes.

Queremos destacar que, por detrás da voz da terapeuta, a partir das próprias perguntas formuladas, observamos a voz institucional da TF, que consideramos sua primeira interlocutora, seu constante *Outro*. O discurso terapêutico, como um discurso-*outro*, transparece, principalmente, a partir de perguntas antecipatórias, com objetivo de construção ou verificação de hipóteses: seja por recursos preservadores da face seja pela ironia seja pelas retomadas, a voz da terapeuta, tendo como seu *Outro* a voz da TF e deixando perceber diversos pontos de heterogeneidade mostrada (marcada ou não) em seu discurso, segue em busca de dados, alguns que esclarecem fatos obscuros, outros que confirmam as hipóteses com que trabalha. O poder e o saber de um sujeito revestido do grau de especialista, que tudo pode perguntar e a quem todos devem responder, por meio das perguntas enuncia, duplamente, de um lado, o discurso da TF, e de outro, um sujeito que se mostra/oculta, por estratégias discursivas diversas. Essas inúmeras estratégias tentam dar conta das vozes monofônicas do sistema familiar da mãe e da filha, procurando transformá-las em vozes polifônicas, de maneira que aprendam a dialogar sem autoritarismo, estimulando a diferença entre os sujeitos falantes.

As vozes materna e filial estão, efetivamente, em constante discordância, mostrando, também, diversos pontos de heterogeneidade. Diante das perguntas da terapeuta, as duas pacientes funcionam como se fossem um duplo: o eco da voz da mãe seguindo de perto a voz da filha, tanto por oposições como por reafirmações provoca o efeito monofônico de sentido de um só sujeito, como se fosse um ponto de heterogeneidade apontando para a não coincidência interlocutiva entre sujeitos não-simetrizáveis. Se a mãe, por seu lado, é o eco da voz da filha, esta se comporta como se fosse a tradutora da mãe.

No final da sessão esse recurso chega ao seu ápice, quando, invertendo o jogo discursivo, a filha toma o lugar de eco da mãe e mantém a monofonia, arduamente combatida pela terapeuta até então. Nesse momento crucial e final, as duas tornam-se *gêmeas* uma vez mais e expulsam a voz espinhosamente indagadora da terapeuta.

Outro dado importante que observamos foi o confronto de vozes da mãe com a terapeuta, no diálogo com a filha: as vozes de poder (terapêutico e materno) se acirraram durante a sessão, num crescendo até o final, quando, então, o poder materno conta com a aliança do poder filial; mesmo sem autorização para falar ou ironizada pela terapeuta e pela filha, a mãe seguiu assaltando os turnos, retomando as falas da filha e tentando impor sua voz. A filha tampouco mostrou-se diferente: em seu discurso observamos a convivência de diversas vozes, além da filial (psicológica, médica, jornalística etc). Embora disputasse constantemente o lugar de poder com a mãe, aliou-se a ela assim que se sentiu coagida pelas perguntas da terapeuta.

Talvez possamos conjecturar que, no caso desses dois sujeitos (mãe e filha), mantendo a monofonia, tudo seria mais suportável, pois haveria o apagamento das diferentes enunciações, ouvindo-se uma só voz – em lugar de uma pluralidade de vozes –, falando do mesmo objeto (o *outro* de que se fala), fosse ele o pai, o namorado, o trabalho ou a crise econômica do país. Objeto, aliás, muito mais suportável e devidamente afastado dos sujeitos, pois falar dele, do objeto, desse *outro* talvez doa menos que falar da difícil relação entre essas duas mulheres. Na monofonia, não há diversidade de centros discursivos: o sentido tende, portanto, a se estabilizar, pela afirmação de um único ponto de vista, com riscos de transformar o discurso em dogma, monologizando os dizeres sociais, conforme Authier-Revuz (1990, p. 146): “Desde que um discurso tende a se representar, quanto a seu modo de enunciação, como *discurso de Verdade*, fora de toda especificidade histórica e individual, ele elimina tendencialmente todo rastro “mostrado” do outro”.

Há, ainda, um aspecto da complexidade dessa interação que merece ser abordado: as interlocutoras (mãe e filha) apresentam-se em seus enunciados de um modo tal que provocam o efeito de sentido de que a alocutária pode ser qualquer uma das três participantes do diálogo, ou seja, algumas vezes podemos supor que se trata de vários destinatários e ao mesmo tempo de nenhum, como num monólogo. Com isto estamos querendo dizer que locutoras e alocutárias constroem uma relação discursiva com deslizantes efeitos de sentido, pois, além de parecer que ora a palavra se dirige a uma ou a outra destinatária, às vezes podemos supor que retorna a seu ponto de origem, oferecendo ao locutor seu lugar de *respondente* e exigindo que ele fale de si próprio. Ou seja, ao dirigir-se ao *tu*, o *eu* volta-se

novamente a si próprio. Essa questão nos remete mais uma vez a algumas importantes afirmações de Bakhtin: *a palavra se dirige* e procura o *outro*, o interlocutor; sempre há uma *atitude responsiva ativa* para todo enunciado e o locutor é antes de mais nada seu próprio *respondente* (BAKHTIN, 2000:1979, p.290).

Ainda dentro dessas observações, podemos conjecturar que, embora muitos enunciados dirijam-se, aparentemente, para aquela que desempenha o ato de ajudar (a terapeuta), na verdade mantêm-se entre as que “pedem ajuda”, a mãe ou a filha, evidenciando suas relações de oposição. O referente também provoca uma ilusão de sentido, pois supomos que tanto a filha como a mãe tematizam o medo de ficarem sós, embora aparentemente digam coisas diferentes, ou seja, falam sobre um tema que, embora transmita uma informação, é um sentido que promove um efeito de sentido: duas mulheres sós, medrosas e...*gêmeas*, como diagnosticará, ao final, a terapeuta.

A finalidade que esses enunciados perseguem, provoca ainda o efeito de sentido muito mais de desabafo ou de oportunidade de tocar em assuntos que são um tabu no dia-a-dia das locutoras do que propriamente o de pedir uma ajuda terapêutica. O intuito discursivo das duas revela-se, então, discrepante do proposto inicialmente, quando à primeira vista parece que ambas esperam auxílio da terapeuta. Tal observação sugere outras observações, como, por exemplo, a de que o gênero do discurso em questão – a sessão de terapia – é um gênero complexo, com participantes assimétricos, mas assumindo também a forma de um diálogo cotidiano, familiar entre a mãe e a filha (M e F), que, por temerem as conseqüências de seus próprios atos de fala, demandam a presença de um mediador devidamente qualificado, mas convenientemente colocado para fora do diálogo/embate sempre que interessar.

Os enunciados que constituem as réplicas entre a mãe e a filha não nascem nessa sessão; já vêm de muito antes; estão repletos “dos ecos e lembranças de outros enunciados” (BAKHTIN,1992: 1929, p. 316) e se refletem mutuamente; M e F são, como se diria em TF, “um time unido que joga junto há muito tempo”, ou seja, estão imersas no já-dito de seu discurso familiar. É um processo de fala ininterrupto, sem começo nem fim, que remete a outras falas do cotidiano da família, repletos de subentendidos, reminiscências e alusões.

Com efeito, o objeto de discurso dessas duas locutoras, seja ele qual for, não aparece pela primeira vez no momento do encontro terapêutico. Pelo contrário: já

deve ter sido falado muitas vezes, sob muitos e diferentes pontos de vista, o que corrobora Bakhtin (op.cit., 320), quando lembra que os enunciados ligam-se, não só aos elos que o precedem na cadeia de comunicação verbal, mas também àqueles que o sucedem; além do mais, são elaborados em função de uma possível reação-resposta, esperada quando de sua elaboração, o que releva a importância do papel dos outros, que não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. O locutor sempre espera uma resposta, uma compreensão responsiva ativa, e em busca dela constrói seus enunciados. A composição e o estilo dos enunciados dependem justamente da concepção de destinatário que um locutor tem.

Na sessão analisada, no entanto, os destinatários dos enunciados não coincidem *em pessoa* (BAKHTIN,1992: 1929, p. 321) com aqueles a quem o enunciado responde: ou seja: a terapeuta, tendo como principal interlocutor os postulados da TF (estratégias, formas de conduzir a sessão, recursos lingüísticos), promove uma interação entre dois locutores, que só aparentemente fazem dela a destinatária. Se é verdade que “o discurso íntimo é impregnado de uma confiança profunda no destinatário, na sua simpatia, na sua sensibilidade e na boa vontade de sua compreensão responsiva” (op. cit., p. 323), parece-nos que certos discursos íntimos, quando ousam revelar-se diante do *outro* (e, em nosso caso, de muitos *outros*), só o fazem quando podem contar com um mediador que funcione como um “pára-raios” de seus conteúdos agressivos.

Tomando de empréstimo uma nota de tradução, a voz de um *outro* (o tradutor) a respeito de um conceito de Bakhtin (2002, p. 85), em que explica que o termo russo *tchujoi*, literalmente *de outrem*, também pode ser traduzido “conforme a conveniência, por *alheio* ou *estrangeiro*”, arriscar-nos-íamos a conjecturar-interdisciplinar e polifonicamente aliando as vozes terapêuticas e as vozes lingüísticas -, que essas locutoras (mãe e filha), diante de *outrem* com sua palavra *alheia* apresentam, como padrão recorrente, a expulsão do *estrangeiro*.

### 3.2. Segunda Sessão

**A Segunda Sessão** fez parte de um curso de formação de terapeutas, no Instituto de Terapia de Família de São Paulo (ITF). Trata-se de uma situação discursiva formal, própria de um evento de fala profissional, cujo tema (a tarefa de

casa) foi sugerido a partir da supervisão de uma sessão anterior. Duas alunas (uma fonoaudióloga (T1) e uma assistente social (T2)), por meio dessa sessão, são treinadas para atender e supervisionadas por uma equipe situada atrás de um espelho unidirecional, composta por quatro alunas do curso de TF e da supervisora da sessão, que entrava na sala sempre que necessário, ou poderia interromper o atendimento por meio de um telefone. Todos os interlocutores se prepararam relativamente para esse evento, pois, tanto para os pacientes como para as terapeutas, ele é a seqüência de diversos eventos terapêuticos anteriores.

### 3.2.1 Os Sujeitos Falantes

As duas terapeutas em processo de formação atendem a uma família que, previda pelo comportamento de risco de um filho, buscou ajuda no Instituto, por exigência do Conselho Tutelar e do colégio onde o jovem estuda e ao qual falta com freqüência. Esse jovem apresenta problemas de delinqüência, como roubar dinheiro da família, passar a noite fora de casa e andar em más companhias.

A família é composta pelo jovem (F, 14 anos), sua mãe (M, 40 anos) e o companheiro desta (J, 65 anos), que convive com F há muito tempo, considerando-o seu enteado e dizendo amá-lo como filho. O pai de F está preso há muitos anos e seu nome e condição são trazidos à baila sempre que o jovem pratica algum ato indevido. O companheiro da mãe tem outros filhos de um casamento anterior, com os quais não mantém bom relacionamento. Sempre se lamenta por ter perdido tempo com a criação “inútil” de F, diante de sua falta de agradecimento e da falta de limites da mãe em relação a esse filho. J. tem câncer de próstata e repete em todas as sessões que sua morte se aproxima. Como não foi pedida nenhuma avaliação médica para o atendimento terapêutico, fica no ar a veracidade dessa informação, uma vez que J. sempre se coloca como vítima dos fatos.

Essa sessão durou menos de uma hora e foi filmada, para posteriores estudos. As terapeutas, na sessão anterior à que se segue, propuseram uma tarefa a F: manter J. vivo, a qualquer custo. A sessão tem início com uma pergunta, que desencadeia uma disputa pelo significado de “fazer a tarefa”.

Como fizemos anteriormente, transcreveremos a sessão toda, para depois separarmos os **Fragmentos** para análise.

### 3.2.2 O Texto

- T1** vocês fizeram a tarefa que nós demos?
- J** eu nem pude pensar na tarefa, porque esse menino quase me matou do coração...
- T1** então ele fez a tarefa... que era justamente fazer tudo o que ele pudesse para deixar você vivo.... como foi que ele fez a tarefa?
- 5** **J** NÃO... ele não fez a tarefa... ele quase me matou... isto sim...
- T1** pois então: :: a tarefa era deixar você BEM vivo.. . e você está vivo...
- J** desculpe... mas a senhora está engaNAda... ele apronta não é pra me deixar vivo: é pra me maTAR mesmo...
- 10** **T1** (para F) você aprontou alguma pra deixar o J. vivo?
- F** é...eu aprontei... eu dormi fora de casa e não avisei...
- M** menTIra... meu filho... você NÃO dormiu fora de casa... quem dorme vai pra cama... no quarto... você ficou na rua...com os trombadinhas...
- 15** **F** eu dormi fora... só isso...
- J** e também roubou o dinheiro da minha carteira...
- F** não... eu não roubei... eu só peguei sem avisar...mas quando você perguntou... eu falei...isso não é roubar...
- 20** **J** você rouBOU e quer me matar de desgosto...
- T1** então ele trabalhou muito pra deixar você vivo?
- T2** (para o F) você se meteu em enrascada de novo?
- M** meu filho... eu já disse... você tem de amar o seu pai... ele faz tudo por você...
- 25** **J** o problema não é amar...bastava respeitar...
- T1** ele tanto respeita o senhor que faz a tarefa direitinho...
- J** olha...minha filha...eu tenho um câncer na próstata... estou condenado...minha vida não tem mais sentido... eu só precisava um pouco de paz...de sossego...o resto...
- 30** o resto já acabou para mim...



- M** meu filho...você tem de seguir o exemplo deste pai...e não do outro...que está na cadeia...
- T1** (para o filho) como é que você escuta sua mãe falar que você tem dois pais...um que é bom e o outro que está preso...
- 35 F** ela vive falando a mesma coisa...
- T2** é difícil saber que o pai está na cadeia?
- F** (não responde)
- T1** por que você não responde?
- F** (não responde)
- 40 M** responda menino...não seja malcriado...
- J** não sei se vale a pena investir num ser humano que não tem nada de bom...
- T1** (para o padrasto) ficou bravo de novo? Ficou bravo?
- T2** (para o filho) por que você acha que ele fica tão bravo assim?
- 45 F** (não responde)
- T1** você sempre fica quieto quando ele fica bravo?
- F** (não responde)
- J** há muito tempo eu sofro em torno de um ser humano para ver se eu consigo mudá-lo...para ver se pode ter a perspectiva do futuro de um homem normal...pra que eu possa ter uma família perdi a esperança...parece que eu vejo a minha frente um quadrado...
- 50 T1** o que é um quadrado?
- 55 J** vê se entende...quadrado é isto...(faz um quadrado no ar)
- T1** você está bravo...chegou aqui indignado...o que sua mulher e seu filho fazem pra você ficar vivo? pra você não morrer?
- J** mas eu já estou morto...pra eu viver eu tenho que fazer igual Pilatos... lavar as mãos e não olhar para trás...deixar o barco correr...como se costuma dizer...
- 60 T1** o que você está falando? é do seu filho?
- T2** o que seu filho fez pra te deixar tão bravo?
- J** vivo ou bravo? a palavra certa é BRAVO...

- 65** **T2** NÃO! VIVO! vivo e bravo... a tarefa de casa era ver se  
**J** tinha um jeito de sua mulher e seu filho crescerem e você ficar  
vivo...  
**J** pra eu ficar vivo eu tenho de tirar da cabeça as pessoas por  
quem eu luto...
- 70** **T1** o que seu filho fez pra você? fazer no sentido de ajudar...  
**J** o que ele fez é o que vive fazendo...é o que me trouxe pra  
psicóloga...ele é o seguinte...é mentiroso...eu não tinha nenhum  
centavo pra Páscoa...apesar disto ele queria um par de  
patins...eu fui no Extra e comprei no carnê...um patim de 40  
real...porque eu estava infeliz...e quando eu estou infeliz...eu  
**75** quero ver um sorriso de alguém que eu amo...um sorriso pra me  
confortar...alguém feliz pra eu ficar um pouco feliz...  
**T1** seu filho também estava feliz?  
**J** ele ficou feliz com o patim... mas quando foi segunda-feira... ele  
pediu mais sete pra ir pra escola...pra pegar a condução...eu não  
**80** sou caixa registradora...ele não foi na escola...e também sumiu  
um dinheiro meu...sumiu NÃO...foi roubado é a palavra  
**T2** (para o filho) você está prestando atenção no que ele está  
falando? isso toca você? você entendeu a lição de casa?  
**F** não...
- 85** **T2** você não entendeu?  
**F** não...  
**T1** eu tenho a impressão de que você trabalha bastante pra manter  
seu pai vivo...quero dizer...você apronta bastante...o  
tempo todo...o que você fez?
- 90** **F** ah...fiz isso pra ele falar...quer dizer...falar mal...  
**T1** eu queria que você contasse isso melhor...  
**F** ele deu dinheiro para eu ir na escola...eu não fui na escola...eu  
comi um chocolate que era da minha mãe e falei que não fui  
eu...mas depois eu falei que fui eu...
- 95** **M** diga...tem mais coisa...  
**F** o quê?

- M** diga o que falaram...
- F** não é verdade...
- M** como é que eu vou adivinhar?
- 100 F** estão falando na rua que eu estou fumando maconha...
- T1** e você está?
- F** NÃO...
- M** tem MAIS coisa...
- T1** o que mais?
- 105 F** estão dizendo que eu estou cheirando cola...
- T1** você está?
- F** NÃO...
- T1** você está fumando maconha e cheirando cola?
- F** não...ah...um cara falou pra outro cara que estou...
- 110 T1** você está?
- F** não...
- T1** que mais?
- F** nada...
- T1** só está roubando e mentindo...é isto?
- 115 F** NÃO!!! só isso...o dinheiro...
- T1** se você está mentindo a gente pode confiar em você?
- F** não...
- T1** aí você botou a gente numa sinuca também...numa situação difícil... e sua mãe pode acreditar em você?
- 120 F** o quê? mas ela sabe que eu NÃO fumo...
- T1** como é que sua mãe pode saber...se você mente...
- M** eu conheço você pelos olhos...meu filho...
- T2** como ela pode acreditar em você...se você mente?
- F** ela vê quando eu faço uma coisa diferente...e estou
- 125** mentindo...falo uma coisa e faço outra...eu falo a verdade mas não faço a mesma coisa...
- T1** você tem consciência disto? você age de forma diferente do que fala?
- F** tenho...

- 130 T1 é espontâneo? você não percebe?  
M meu filho...você tem que agir como ser humano...  
tudo o que a gente faz a gente paga...quem vai pagar é  
você...meu filho...mostra que você pode ser  
educado...gente... cumprimenta as pessoas...fala a
- 135 verdade...ama seu pai...meu filho...mostra pra ele o amor  
que você não está mostrando...  
J você tinha que ir no psicólogo e ainda matou aula...o que  
é mais importante? Já cansei de falar isto pra sua  
mãe...ela não dá bola...
- 140 M meu filho...você tem de agir como gente...e você vai ter de  
conversar com seu pai...e agir de hoje em diante como um  
rapazinho...porque tudo o que você fizer de ruim você  
paga...você estava andando lá com os meninos que  
roubam...eles passam fome... coitadinhos...meninos de
- 145 rua MESMO...sujos...calça rasgada...não têm mãe...não  
têm pai...vou dar mais uma chance...  
J QUE coitadinhos...que nada...um BANDO de sem-  
vergonhas...igual a este aqui...e a mãe sempre apóia...
- T1 (para a mãe) o que é mais uma vez?mais uma chance?
- 150 M meu filho...a mentira...o roubo...ele não sabe falar com as  
pessoas...não pode falar com o pai sem pedir dinheiro...  
empurra a gente na parede de tal maneira...que só falta  
matar nós dois...consegue tudo empurrando a gente...  
consegue tudo o que quer...eu estou perdendo o meu
- 155 tempo com ele...é isso o que eu sinto...  
J desse jeito vai terminar na cadeia como o pai...lugar de  
bandido é na cadeia..na escola já chamaram porque ele  
não está indo...
- T2 (para a mãe) espere um pouco...quando você diz que  
perde tempo...
- 160 M a gente desanima...é sempre a mesma coisa...fala...fala..  
ele não escuta...o pai fala que eu sou culpada...mas eu

- vivo aconselhando...ele fala que eu mimo...mas eu vivo falando...
- 165**    **J**    mas de que adianta você falar? ele não escuta...eu vou morrer e vocês vão ver só...o médico disse que eu tenho os dias contados...joguei fora minha saúde cuidando de quem não me ama...
- T1**    (para o filho) como é que você escuta isto?
- 170**    **F**    (silêncio)
- T2**    como é que você escuta?
- F**    (silêncio)
- M**    responda...meu filho...seja educado com as moças...elas estão aqui pra te ajudar...nós estamos aqui pra te ajudar...
- 175**    **F**    (silêncio)
- J**    não adianta falar com ele...quando ele fica assim não sai do lugar...gente não é assim... meu Deus...pensar quantos anos eu perdi pra isto...tudo o que estes dois pedem eu dou...a mãe dele e ele são minha vida...não adianta...já estou cansado...não adianta vir aqui também...tenho vontade de largar tudo...perdi minha vida pra criar um marginal destes...não adianta....
- 180**    **T1**    você está desistindo de tudo? é isto?
- 185**    **J**    se a palavra é desistir eu já desisti faz muito tempo...nem sei porque eu continuo...
- T1**    então ele está certo de fazer bagunça pra te manter vivo?
- J**    manter vivo NÃO... pra me matar...isto sim...é isto que ele quer...mas falta pouco...
- 190**

### 3.2.3 Vozes que disputam os sentidos das coisas

Observemos o **Fragmento 1**:

**Fragmento 1:**

- T1** vocês fizeram a tarefa que nós demos?
- J** eu nem pude pensar na tarefa, porque esse menino quase me matou do coração...
- 5** **T1** então ele fez a tarefa... que era justamente fazer tudo o que ele pudesse para deixar você vivo.... como foi que ele fez a tarefa?
- J** NÃO... ele não fez a tarefa... ele quase me matou... isto sim...
- T1** pois então: :: a tarefa era deixar você BEM vivo.. . e você está vivo...
- J** desculpe... mas a senhora está enganada... ele apronta não é pra me deixar vivo: é pra me matar mesmo...
- 10** **T1** (para F) você aprontou alguma pra deixar o J. vivo?
- F** é...eu aprontei... eu dormi fora de casa e não avisei...
- M** mentira... meu filho... você NÃO dormiu fora de casa... quem dorme vai pra cama... no quarto... você ficou na rua...com os trombadinhas...
- 15** **F** eu dormi fora... só isso...
- J** e também roubou o dinheiro da minha carteira...
- F** não... eu não roubei... eu só peguei sem avisar...mas quando você perguntou... eu falei...isso não é roubar...
- 20** **J** você roubou e quer me matar de desgosto...
- T1** então ele trabalhou muito pra deixar você vivo?
- T2** (para o F) você se meteu em enrascada de novo?
- M** meu filho... eu já disse... você tem de amar o seu pai... ele faz tudo por você...
- 25** **J** o problema não é amar...bastava respeitar...
- T1** ele tanto respeita o senhor que faz a tarefa direitinho...
- J** olha...minha filha...eu tenho um câncer na próstata... estou condenado...minha vida não tem mais sentido... eu só precisava um pouco de paz...de sossego...o resto...
- 30** o resto já acabou para mim...
- M** meu filho...você tem de seguir o exemplo deste pai...e não

- do outro...que está na cadeia...
- 35** T1 (para o filho) como é que você escuta sua mãe falar que você tem dois pais...um que é bom e o outro que está preso...
- F ela vive falando a mesma coisa...
- T2 é difícil saber que o pai está na cadeia?
- F (não responde)
- T1 por que você não responde?
- F (não responde)
- 40** M responda menino...não seja malcriado...
- J não sei se vale a pena investir num ser humano que não tem nada de bom...
- T1 (para o padrasto) ficou bravo de novo? ficou bravo?
- 45** T2 (para o filho) por que você acha que ele fica tão bravo assim?
- F (não responde)
- T1 você sempre fica quieto quando ele fica bravo?
- F (não responde)
- J há muito tempo eu sofro em torno de um ser humano para ver se eu consigo mudá-lo...para ver se pode ter a perspectiva do futuro de um homem normal...pra que eu possa ter uma família perdi a esperança...parece que eu vejo a minha frente um quadrado...
- 50** T1 o que é um quadrado?
- J vê se entende...quadrado é isto...(faz um quadrado no ar)
- T1 você está bravo...chegou aqui indignado...o que sua mulher e seu filho fazem pra você ficar vivo? pra você não morrer?
- J mas eu já estou morto...pra eu viver eu tenho que fazer igual Pilatos... lavar as mãos e não olhar para trás...deixar o barco correr...como se costuma dizer...
- 60** T1 o que você está falando? é do seu filho?
- T2 o que seu filho fez pra te deixar tão bravo?
- J vivo ou bravo? a palavra certa é BRAVO...
- T2 NÃO! VIVO! vivo e bravo...a tarefa de casa era ver se

- 65** tinha um jeito de sua mulher e seu filho crescerem e você ficar vivo...
- J** pra eu ficar vivo eu tenho de tirar da cabeça as pessoas por quem eu luto...
- T1** o que seu filho fez pra você? fazer no sentido de ajudar...
- 70** **J** o que ele fez é o que vive fazendo...é o que me trouxe pra psicóloga...ele é o seguinte...é mentiroso...eu não tinha nenhum centavo pra Páscoa...apesar disto ele queria um par de patins...eu fui no Extra e comprei no carnê...um patim de 40 real...porque eu estava infeliz...e quando eu estou infeliz...eu quero ver um sorriso de alguém que eu amo...um sorriso pra me confortar...alguém feliz pra eu ficar um pouco feliz...
- 75** **T1** seu filho também estava feliz?
- J** ele ficou feliz com o patim... mas quando foi segunda-feira... ele pediu mais sete pra ir pra escola...pra pegar a condução...eu não sou caixa registradora...ele não foi na escola...e também sumiu um dinheiro meu...sumiu NÃO...foi roubado é a palavra
- 80** **T2** (para o filho) você está prestando atenção no que ele está falando? isso toca você? você entendeu a lição de casa?
- F** não...
- 85** **T2** você não entendeu?
- F** não...
- T1** eu tenho a impressão de que você trabalha bastante pra manter seu pai vivo....quero dizer...você apronta bastante...o tempo todo...o que você fez?
- 90** **F** ah...fiz isso pra ele falar...quer dizer...falar mal...

O **Fragmento 1 da Segunda Sessão** coloca-nos novamente em contato com a questão da responsividade de todo discurso, mostrando-nos uma vez mais que todo ouvinte carrega em si a semente da compreensão responsiva ativa; quer esta seja mais rápida ou mais lenta, de concordância ou oposição, de qualquer modo e a qualquer momento o falante terá diante de si a resposta do ouvinte.



Nossa sessão começa com a cobrança de uma tarefa dada anteriormente pelas terapeutas aos pacientes. Como um dos interlocutores (J) queixa-se o tempo todo das atitudes do filho (F) de sua companheira e como insiste no fato de que está para morrer e que o jovem vem acelerando seu processo de morte, as terapeutas decidiram, em reunião prévia, re-significar as atitudes do jovem como típicas de um filho que, por muito amar a seu pai, “apronta” para deixá-lo ocupado, e, portanto, vivo. Tudo o que o rapaz fizesse, deveria, então, ser entendido como uma luta desesperada para manter a vida de seu pai. Desta forma, esperavam provocar a mudança do que chamam em TF padrão de funcionamento familiar – homeostase –, ou seja, diante de um pai à beira da morte, dessa irreversível inação, que é a morte, um filho, com uma forma frenética de ação, poderia assegurar a vida do pai, ou, pelo menos, adiar sua morte. Sistemicamente, segundo o que pensavam as terapeutas, enfocando as atitudes do jovem, aliviariam o foco de (J) sobre sua doença. Com este discurso prévio, pertencente ao já-dito do mundo discursivo da TF, ao entrarem em cena, as terapeutas programaram-se para trabalhar com o que se chama “conotação positiva” das atitudes do jovem; quer dizer, tudo o que ele fizesse, por mais errado que parecesse, seria considerado, paradoxalmente, como atitude adequada e tarefa executada. Este seria o discurso prévio, o técnico, que podemos considerar o discurso dos outros, do mundo acadêmico que cerca a TF: um discurso conhecido e divulgado entre pares.

O que percebemos, no entanto, são alguns interlocutores tentando disputar o significado referencial da expressão “fazer a tarefa de casa”, engajados na negociação dos elementos do mundo que consideram representativos de tal expressão, sem que nenhum abra mão de seus efeitos de sentido. Os elementos que ajudariam o paciente (J) a compreender e aceitar os argumentos da terapeuta não são suficientes para tanto; apesar de tentar convencê-lo, a terapeuta não fornece novos/diferentes comentários descritivos que o ajudem nessa interação. Ao insistir na utilização da mesma metáfora, detém-se numa forma arriscada de negociação, jogando com a dissolução de um discurso no outro, o que leva à perda da argumentação, em lugar de sua confirmação (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 34).

Neste momento, temos que admitir, com Gnerre (1998:1985, p. 21), que “a linguagem pode ser usada para impedir a comunicação de informações” e que, para reduzir ou ampliar a faixa de eventuais receptores das mensagens, é necessário ajustar a sintaxe, o quadro de referências e o léxico. Assim, uma construção sintática

mais complexa poderia ser suficiente para dirigir a um grupo mais restrito uma mensagem encaixada dentro de um discurso de nível geral muito mais acessível: o problema é, por um lado, de compreensão de mensagens e de conteúdos e por outro, de produção de mensagem. Nem sempre a compreensão pretendida dá-se de acordo com a expectativa, conforme já falamos a respeito dos conceitos de Bateson sobre a diferença que faz a diferença.

No caso do paciente em questão, que se vê às voltas com a delinqüência desse que diz considerar seu filho, o sofrido conhecimento de mundo e as agruras do relacionamento diário podem ser considerados alguns fatores que impedem a entrada no mundo metafórico construído pela terapeuta, que tenta, em vão, mostrar a função (benéfica) das atitudes do jovem. O significado metafórico pretendido na enunciação não atinge seu objetivo, talvez porque não haja esforço cooperativo (nem desejo) na negociação do sentido; nenhum dos interlocutores desiste do sentido que impõe ao referente: um não quer conhecer, o outro não quer esclarecer. Predomina, portanto, a monofonia, tanto no sistema familiar como no sistema terapêutico.

Para o pai, “fazer tarefa” é ser obediente, e não delinqüente. Para a terapeuta, aparentemente, a re-significação que impôs ao referente abriria o campo interpretativo com novas possibilidades de se perceber o menino: ele seria um salvador, e não um delinqüente, uma vez que se esforça para manter o pai vivo, por meio das loucuras que comete. Em vez de um “Judas”, traidor, mal-agradecido, um “Jesus Cristo” crucificado em prol do sistema familiar e da manutenção da vida do pai. O quadro interpretativo mudaria, então, totalmente; a metáfora, porém, não encontra espaço nem interlocutor disposto a desvendá-la; para um problema concreto, urgente, um referencial concreto, “ao pé da letra”, parece ser a exigência do pai. O contexto exige literalidades, e não simbolizações, quando se tem um filho que corre risco de vida. De que adianta a salvação do pai, se morre o filho? Está impedida até segunda ordem a negociação do referente nesses moldes.

Comprometida com o sentido da expressão e com a tentativa de resolução da aparente contradição entre o significado que atribui a “fazer a tarefa” e o significado socialmente legitimado e teimosamente reiterado pelo pai, a terapeuta recusa a negociação e subordina insistentemente a cura pela palavra a uma exclusiva re-significação para os movimentos do menino: ele está a serviço da cura paterna, o que o tornaria também um terapeuta, aliás, o seu “co-terapeuta” e principal aliado. A

“terapeuta pela palavra” se aliaria perfeitamente ao “terapeuta pela ação”, não fosse o surgimento de dois obstáculos: um, pelo próprio jovem “co-terapeuta”, que ora aceita ora nega o sentido do referente “fazer a tarefa” utilizado pela terapeuta. Outro, por sua colega terapeuta (T2), que tenta promover a convergência do referente indexado por meio da expressão “meter-se em enrascadas de novo”, com a qual tenta aproximar as estruturas cognitivas de representação de mundos diferentes dos interlocutores e tornar mais claro o objeto que se pretende instanciar mediante o uso da expressão “fazer a tarefa”.

Nenhuma das partes, no entanto, abre mão do sentido de “fazer a tarefa” ou se mobiliza para esclarecer a polissemia implícita em “que tarefa é essa de que se fala e de que sofre”, o que provoca a ressonância de muitas vozes contraditórias, a emitir pareceres: a voz do pai, a acusar o filho de desobediência e falta de amor/agradecimento, a voz da mãe a repudiar suas atitudes, a voz de uma terapeuta (T1) a elogiá-lo como obediente, a voz de outra terapeuta (T2) a considerá-lo “arteiro” e a própria voz do jovem, ao revelar-se “réu confesso”. Muitas flechas em direção ao garoto, mas uma única e importante flecha dele mesmo em direção aos adultos presentes, seja por meio das afirmações seja pelos silêncios. Um “arteiro” que é também um arqueiro: um “arteiro arqueiro certo”, que converge sobre si todas as falas e todos os olhares.

Diante da pergunta inicial, algumas vozes se deixam ouvir:

(I.1) *vocês fizeram a tarefa que nós demos?*

E apontam a heterogeneidade de uma voz outra de discursos outros – o da TF e o da sala de aula: as vozes cordiais de terapeutas que devem iniciar a sessão de alguma forma que, embora polida, não deixe dúvida a respeito de quem coordena as conversas; misto de uma pergunta com função fática, de quem “quebra o gelo” incômodo dos momentos iniciais de um encontro profissional, com presença de auditório, e de uma pergunta própria do mundo da sala de aula, típica de professora, na voz da terapeuta destaca-se a iniciativa de aproximação entre os sujeitos presentes.

Talvez se possa conjecturar que, logo após uma pergunta formal como esta, o esperado seja uma réplica com função também fática, conforme o consenso social de polidez: uma fórmula do tipo “tudo bem”. No entanto, nesta sessão, o paciente

(J) foge aos trâmites formais e entra diretamente no conteúdo emocional da sessão, relatando todo seu sofrimento:

*(1.2-3) eu nem pude pensar na tarefa, porque esse menino quase me matou do coração...*

Diante de tal anticlímax, a terapeuta abandona o caminho da “quebra do gelo” inicial e parte para o que se chama, em TF, re-significação, ou seja, renomeando as atitudes do filho, diante da queixa paterna:

*(1.4-5) então ele fez a tarefa... que era justamente fazer tudo o que ele pudesse para deixar você vivo.... como foi que ele fez a tarefa?*

Desta forma, retoma seu posto de comando, entrando também, com o paciente, diretamente no tema a ser tratado, que é o da dificuldade de convivência com o jovem, agravada pela iminência da própria morte. As réplicas, ao se sucederem, revelam as fronteiras claramente delimitadas, não só dos enunciados, mas também da cosmovisão de cada sujeito falante, implícita na palavra *tarefa*. Se para o terapeuta o jovem paciente fez sua tarefa com sucesso, mantendo o pai vivo, para este se trata de mais um percurso dentro do inferno familiar: a idade e o câncer avançados estão a reclamar por sossego, pelo direito de dormir à noite e de se tranquilizar durante os dias que lhe restam. Dois sujeitos falando sobre o mesmo tema, mas com enfoques totalmente diferentes: dois mundos intransponíveis, tentando capturar os alucados desvios da juventude, cada um a seu modo, em busca de efeitos de sentidos diferentes para as mesmas atitudes de um garoto.

O diálogo revela a monofonia. Não há pontes nem caminhos secundários. A terapeuta diz uma coisa, o pai entende outra. Afinal, essa possibilidade do novo, criada pela polissemia, é a própria razão de ser da linguagem e garante que um mesmo objeto simbólico passe por diversos processos de re-significação. O difícil para esses dois falantes é conseguir o caminho do meio. Um, seguindo o manual de um outro discurso – o da TF – apropria-se metaforicamente da linguagem e de seus efeitos polissêmicos, tentando ampliar os sentidos do agir e do viver. O outro, sucumbindo justamente sob o peso do agir e do viver que não mais pode dominar, exige a linguagem literal, a mais dura concretude da expressão: aquela que não

permite vazamentos ou senões, mas que garante o sossego das noites bem dormidas. Afinal, nesse momento da vida, é tudo o de que precisa. O resto, um bom dicionário poderia resolver. Não há mais tempo para polêmicas nem para metáforas. A esfera técnica não consegue abrir caminho para a esfera familiar, paterna. Os gêneros terapêutico e familiar não encontram um repertório comum, talvez em virtude da inadequação da escolha dos recursos lexicais:

(l.6) J: *NÃO... ele não fez a tarefa... ele quase me matou... isto sim.../l.7-8*  
 T1: *pois então: :: a tarefa era deixar você BEM vivo... e você está vivo...l.9-10* J: *desculpe... mas a senhora está engaNAda... ele apronta não é pra me deixar vivo: é pra me maTAR mesmo...*

Diante da palavra *tarefa* as atitudes do pai e da terapeuta opõem-se radicalmente; enquanto para esta a palavra provoca o efeito de sentido de estímulo à ação, para aquele ela representa a mais completa dissonância de uma forma minimamente harmônica de viver e relacionar-se. Bakhtin é confirmado, uma vez mais: a emoção, o juízo de valor e a expressão, alheios à palavra dentro da língua, só tomarão corpo durante o processo de sua utilização ativa no enunciado concreto: uma mesma palavra traz à cena dois mundos totalmente diferentes. Tirada do gênero TF ela vem carregada de determinados sentidos (esforço, empenho, tentativa de mudança); inoculada no mundo desse padrao, ela se converte num veneno familiar (mentiras, roubo, falta de respeito e de amor).

Para o menino, a palavra pode significar “aprontar”, se for uma boa justificativa para seus erros:

(l. 11) **T1**(para F)  *você aprontou alguma pra deixar o J. vivo? l.12 **F** é...eu aprontei... eu dormi fora de casa e não avisei...*

Pode ainda não significar nada ou ser incompreensível, se houver necessidade de fazer parceria com seu pai (ou **não** fazer parceria com as terapeutas):

l. 82-83 **T2** (para o filho)  *você está prestando atenção no que ele está falando? isso toca você? você entendeu a lição de casa? l. 84 **F** não...l.85*

**T2:** *você não entendeu?* l. 86 **F** *não...* l.86-88 **T1** *eu tenho a impressão de que você trabalha bastante pra manter seu pai vivo....quero dizer...você apronta bastante...o tempo todo...o que você fez?*

Pode também ser um bom recurso para fazer parceria com ambos, o pai e a terapeuta:

(l.89) **F** *ah...fiz isso pra ele falar...quer dizer...falar mal...*

É um sujeito com muitas vozes, ditadas, via de regra, pelas conveniências e imediatismos: são vozes heterogêneas, que vivem em constantes contrariedades. Se lhe interessa, ele entende a tarefa e a cumpre adequadamente:

(l.12) *é...eu aprontei...*

Esse eco do discurso da terapeuta representa o discurso do bom filho, menino obediente e amoroso. Se não lhe interessa, diz que não entende a tarefa, mostrando o eco de um outro discurso, agora o do pai, deixando a terapeuta no lugar de incompetente. E se é hora de acelerar o processo terapêutico, a capacidade de compreensão brota, tornando-o um excelente “co-terapeuta” (l.90) *ah...fiz isso pra ele falar...quer dizer...falar mal...*, de novo um eco de quem lhe deu a tarefa e de novo mostrando o perfil de um bom filho, ainda que apresente sob a forma de um ponto de heterogeneidade uma outra palavra de retificação (*fiz isso pra ele falar....quer dizer...falar mal*) (AUTHIER-REVUZ,1990, p. 31).

Entre as duas terapeutas parece também haver divergências quanto aos efeitos de sentidos da palavra *tarefa*, pois, enquanto a T1 empenha-se para re-significar *tarefa* como uma ação importante para a saúde/vida do pai, a T2 considera o comportamento do garoto como “enrascada”:l.22 **T2** (para o F) *você se meteu em enrascada de novo?*

Esta pergunta da T2 permite algumas conjecturas: de um lado, podemos supor que se trata de uma estratégia para tentar uma cumplicidade com o paciente difícil. Ela estaria, então, tentando aproximar-se da linguagem e da intimidade do jovem, para ganhar sua confiança, pois faz parte dos conhecimentos psicológicos dos terapeutas de família, a respeito de filhos adolescentes, a necessidade de “falar a

mesma linguagem do jovem”, tentar estabelecer parceria, para conseguir, por meio de uma aproximação, algum resultado positivo na terapia, visto que se considera que os adolescentes costumam “fechar-se” para o diálogo (tanto com os pais como com outros adultos).

Este fato aparentemente poderia explicar a heterogeneidade da fala da terapeuta: ao transformar o contexto de acusação em contexto de “enrascadas” juvenis, portanto atitudes sem grande conotação de problemas, uma vez que próprias da adolescência, ela produziria uma mudança discursiva dentro da mudança terapêutica pretendida até esse momento, quando se procurava adequar (F) aos padrões de comportamento considerados satisfatórios. O discurso construído com base em proposições implícitas, tacitamente aceitas pelos participantes até então, poderia encontrar outro tipo de coerência, ao re-significar “atitude delinqüente” por “enrascada” juvenil.

Há um dado importante, porém. Após o término dessa sessão, diante da supervisora e das colegas, essa terapeuta contou que passava por problemas semelhantes com seus dois filhos adolescentes e que eles sempre se “metiam em enrascadas”. Disse que não podia deixar de ver o jovem da sessão como via seus próprios filhos e as confusões que vinham aprontando. Abre-se, então a perspectiva de um novo ponto de heterogeneidade: um discurso outro – o doméstico (maternal) – deixa-se entrever por detrás do discurso terapêutico; mas, é importante que se diga: um discurso revelador de uma voz bem mais indulgente do que a dos pais do jovem paciente, uma vez que chama de “enrascadas” aquilo que os pais consideram atos delitivos. De qualquer forma, no tocante à multiplicidade de efeitos de sentido oriundos da *tarafa*, confirma-se a idéia bakhtiniana, segundo a qual as palavras, embora não sejam de ninguém, nos enunciados concretos adquirem expressividade individualizada, de acordo com o contexto individual e irreproduzível de cada enunciado (BAKHTIN, 2000: 1979, p. 313).

Prosseguindo a análise do **Fragmento 1**, perceberemos também outros focos de luta, outras divergências quanto aos significados atribuídos às demais atitudes de (F) (I.12-20): quando este pega dinheiro de (J), alega que não roubou, só pegou, e que confirmou o fato, quando lhe perguntaram. Com isto, já se sente isento de qualquer acusação. Para ele o que vale é a intenção (não roubou, só pegou) e o que o isenta é a confirmação (não negou: confirmou; portanto, não roubou). Esse eufemismo que oferece ao outro uma angelical face - máscara que camufla grandes

perigos e atenua os mais graves gestos – assegura uma confortável não coincidência entre as palavras e as coisas (AUTHIER-REVUZ, 2001, p. 24).

A questão de passar a noite fora é outro contraponto, eufemismo igualmente confortável, competente para transformar qualquer filme de terror materno em conto da carochinha . Para (F), ele simplesmente deixou de avisar, fato que não vê como errado. Dormiu fora, simplesmente. Já a mãe vê nisto um problema sério, pois sabe que ele passou a noite em péssimas companhias. Ela insiste no significado de dormir fora: dormir implica quarto e cama. O contrário disto é representado pelos perigos da rua e do grupo de delinqüentes com quem o filho andaria. O lugar dado ao outro no discurso aqui se pode ver por meio do jogo polissêmico, “do equívoco, do avesso do discurso, brincando sob as palavras de um discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 247), onde a atenuação dos fatos e das falas põe em risco a vida de qualquer um.

A celeuma que se cria em torno dos sentidos de viver/conviver dentro dessa família, ampliada pelos jogos polissêmicos trazidos pela esfera terapêutica, se muito pode confundir falantes e ouvintes, só corrobora Bakhtin (1992, p. 46), quando afirma que o signo não reflete, mas refrata a realidade. Essas implicações para a disputa pelos sentidos de determinadas palavras mostram abertamente a tentativa de domínio dos sujeitos falantes. Conforme o sujeito que enuncia, há um sentido para a palavra, mas sempre enfatizando a sua força centrípeta, fechada a bivocalizações. São vozes autoritárias, que lutam acirradamente pelo lugar de poder. Vejamos: uma terapeuta (T1) entende que (F) obedeceu, cumpriu o que ela combinou com ele, e, portanto, fez sua tarefa; para ela, (F) é obediente, pois executou a ordem dada na sessão anterior, que era a de manter o pai vivo (não importando de que forma, uma vez que esta não fora estipulada). A outra terapeuta, T2, por seu lado, vê nele um jovem “arteiro”, que se mete em “enrascadas”, o que faz supor que essa terapeuta não se ateuve à ordem dada (tarefa) na sessão anterior, como o faz sua colega, mas sim, ao tipo de comportamento de (F). A mãe o vê como um desobediente, que atenta contra a própria vida, ao andar em más companhias, e que não sabe agradecer aos cuidados que recebeu de (J). Este o vê como um desalmado, que tudo faz para encurtar sua vida (de J).

A disputa pelo campo semântico é, assim, plenamente justificada, pois cada um dos sujeitos fala de um lugar discursivo, e procura garantir seu discurso como o mais efetivo. Possenti (2002, p. 43) lembra que a significação tem dupla face: de um



lado, depende dos discursos nos quais aparecem os meios de expressão; e de outro, é ela que faz os discursos serem o que são, o que remete a Bourdieu (1998), em seus estudos sobre a significação como luta de classes, tanto em torno dos bens materiais quanto em torno dos bens simbólicos.

### 3.2.4 Vozes que propagam verdades caladas

Transcrevemos abaixo o **Fragmento 2**:

#### Fragmento 2:

- 90**     **T1**     eu queria que você contasse isso melhor...
- F**        ele deu dinheiro para eu ir na escola...eu não fui na escola...eu comi um chocolate que era da minha mãe e falei que não fui eu...mas depois eu falei que fui eu...
- M**        diga...tem mais coisa... diga...tem mais coisa...
- 95**     **F**        o quê?
- M**        diga o que falaram...
- F**        não é verdade...
- M**        como é que eu vou adivinhar?
- F**        estão falando na rua que eu estou fumando maconha...
- 100**    **T1**     e você está?
- F**        NÃO...
- M**        tem MAIS coisa...
- T1**     o que mais?
- F**        estão dizendo que eu estou cheirando cola...
- 105**    **T1**     você está?
- F**        NÃO...
- T1**     você está fumando maconha e cheirando cola?
- F**        não...ah...um cara falou pra outro cara que eu estou... fumando maconha...
- 110**    **T1**     você está?
- F**        não...

- T1 que mais?
- F nada...
- T1 só está roubando e mentindo...é isto?
- 115 F NÃO!!! só isso...o dinheiro...
- T1 se você está mentindo a gente pode confiar em você?
- F não...
- T1 aí você botou a gente numa sinuca também...numa situação difícil... e sua mãe pode acreditar em você?
- 120 F o quê? Mas ela sabe que eu NÃO fumo...
- T1 como é que sua mãe pode saber...se você mente...
- M eu conheço você pelos olhos...meu filho...
- T2 como ela pode acreditar em você...se você mente?
- F ela vê quando eu faço uma coisa diferente...e estou
- 125 mentindo...falo uma coisa e faço outra...eu falo a verdade mas não faço a mesma coisa...
- T1 você tem consciência disto? Você age de forma diferente do que fala?
- F tenho...
- 130 T1 é espontâneo? você não percebe?
- M meu filho...você tem que agir como ser humano.. tudo o que a gente faz a gente paga...quem vai pagar é você...meu filho...mostra que você pode ser educado...gente... cumprimenta as pessoas...fala a
- 135 verdade...ama seu pai...meu filho...mostra pra ele o amor que você não está mostrando...
- J você tinha que ir no psicólogo e ainda matou aula...o que é mais importante? Já cansei de falar isto pra sua mãe...ela não dá bola...
- 140 M meu filho...você tem de agir como gente...e você vai ter de conversar com seu pai...e agir de hoje em diante como um rapazinho...porque tudo o que você fizer de ruim você paga...você estava andando lá com os meninos que roubam...eles passam fome... coitadinhos...meninos de

- 145                    rua MESMO...sujos...calça rasgada...não têm mãe...não têm pai...vou dar mais uma chance...
- J**                    QUE coitadinhos...que nada...um BANDO de sem-vergonhas...igual a este aqui...e a mãe sempre apóia...
- T1**                    (para a mãe) o que é mais uma vez?mais uma chance?
- 150                    **M**                    meu filho...a mentira...o roubo...ele não sabe falar com as pessoas...não pode falar com o pai sem pedir dinheiro...empurra a gente na parede de tal maneira...que só falta matar nós dois...consegue tudo empurrando a gente...consegue tudo o que quer...eu estou perdendo o meu
- 155                    tempo com ele...é isso o que eu sinto...
- J**                    desse jeito vai terminar na cadeia como o pai...lugar de bandido é na cadeia... na escola já chamaram porque ele não está indo...

O **Fragmento 2** da **Segunda Sessão** abre-se com uma pergunta indireta, uma ordem velada, com aspecto de pedido da terapeuta, como incentivo a que o jovem paciente abra-se e conte o que anda fazendo, que tanto atormenta seus pais:

(l.90) **T1** *eu queria que você contasse isso melhor...*

Fairclough (2001:1992, p. 281) relata situações como estas, onde há evidência de que alguns distúrbios na comunicação exigem que o locutor mude sua forma de interação verbal, mediante solicitação de repetições. Estes momentos de crise são importantes para revelar como os falantes enfrentam a problematização das práticas discursivas. Em nosso caso, a terapeuta optou por usar uma forma polida, com encadeamento verbal de dois pretéritos imperfeitos (indicativo (*queria*) e subjuntivo (*contasse*)), para criar uma atmosfera menos ameaçadora, uma vez que espera que o jovem relate fatos bastante graves. A fórmula “alie-se ao paciente, mas ataque os sintomas” é mais uma vez utilizada, nessa fórmula já vista em nossa análise, em que um ponto de heterogeneidade deixa entrever, por detrás de um aparente e polido pedido de informação, um discurso técnico, pertencente ao já-dito do mundo terapêutico.

A voz da autoridade deixa-se envolver na pele de cordeiro da voz persuasiva. Faraco (2003), ao referir-se à construção socioideológica do sujeito na obra do círculo bakhtiniano, discute o funcionamento do discurso e aponta as vozes persuasivas como opostas às de autoridade: enquanto estas são impermeáveis a bivocalizações, portanto monológicas e ptolomaicas, as outras, galileanas, abrem-se constantemente para o outro, permitindo hibridizações e mudanças. Assim, nosso mundo interior, imerso no embate e nos entrecruzamentos dessas duas categorias discursivas, marcantes para a história da consciência ideológica individual, aponta sua marca sociosemiótica e heterogênea e exige do sujeito uma constante dialogização da heterogeneidade das vozes interiorizadas. No caso da pergunta inicial deste fragmento, podemos observar bem de perto essa dinâmica interior, refletida no exterior da fala da terapeuta: um paciente de difícil acesso, mergulhado num mundo de negações e mentiras, coagido diante dos mais velhos – pais e terapeutas, com suas vozes moralizantes e críticas – precisa ser conquistado de alguma forma, e, se alguma chance há dessa conquista, esta só se pode dar por meio da persuasão. Agora, o canto das sereias deve partir da própria terapeuta...

O pedido da terapeuta surte efeito, ao menos em parte: o jovem começa a expor alguns fatos constrangedores, num tom aparentemente indulgente consigo próprio:

*(l.90-92) ele deu dinheiro para eu ir na escola...eu não fui na escola...eu comi um chocolate que era da minha mãe e falei que não fui eu...mas depois eu falei que fui eu...*

No entanto, a confissão limita-se a um fato já relatado (faltar à aula) e a um pueril ataque ao chocolate da mãe, acontecimento corriqueiro do dia-a-dia de qualquer família. Imediatamente, a voz crítica da mãe sobrepõe-se a essa voz indulgente-pueril, exigindo a verdade por inteiro, num tom que, além do materno, expressa também a fratura de uma voz investigativa. A mãe-detetive, em sua angústia, apoiada pelo contexto terapêutico, tenta fazer com que seu filho revele, a conta-gotas, o que tem feito de errado:

*(l.94-99) M diga...tem mais coisa... F o quê? M diga o que falaram...F não é verdade... M como é que eu vou adivinhar?*

Mas existe uma interdição para um diálogo franco. Um jovem de catorze anos, pressionado por vários adultos talvez precise de um recurso diferente para expor o que vem acontecendo. E esse recurso aparece sob a forma de vozes que propagam verdades caladas: sujeitos indeterminados podem falar o que um sujeito simples, claro e exposto não ousa:

(l.100) **F** *estão falando na rua que eu estou fumando maconha...*

Grigoletto (2003, p. 139-154), ao falar sobre o jogo entre heterogeneidade explícita e efeito de verdade, lembra que essas formas de discurso relatado direto e indireto, que remetem a um discurso-outro determinado (ex: 'x disse que') operam tanto sobre os níveis intradiscursivos como sobre os interdiscursivos, atribuindo as palavras ou ações a um outro que não seja o sujeito da enunciação, o que produz, como efeito de sentido, a construção de um diálogo com outros textos e discursos; o enunciador passa a ocupar, então, uma posição de escuta, como se apenas estivesse reproduzindo outros dizeres.

É o que ocorre com nosso garoto: pela voz dos outros e pelo uso de um verbo *dicendi* (falaram) ele pode relatar o que sua própria voz não ousa confessar. Inicia-se, então, uma conversa a muitas vozes: a voz materna em coexistente plurivalência com a voz detetivesca, a voz do jovem, enunciada pela voz dos outros e a voz da terapeuta, resumidora das questões, que tenta estabelecer, inutilmente, um diálogo franco com o jovem, para aferir o que as outras vozes dizem. Quando ele lhe diz que na rua falam que está fumando maconha, ela tenta romper com esse modo de dizer por meio de outras vozes e lhe pergunta, diretamente:

(l.100) *e você está?*

Diante de uma resposta negativa, a mãe procede com seu sistema de tentar trazer à tona o discurso corrente na vizinhança:

(l.102) *tem MAIS coisa...*

A voz da terapeuta surge como uma segunda voz da mãe, eco persistente a tentar sacar alguma forma de confissão, estremecendo as fronteiras do enunciado concreto, rompendo a unidade da comunicação verbal, no momento em que confunde a alternância dos sujeitos falantes:

(I.103) *o que mais?*

O funcionamento discursivo do jovem paciente prossegue do mesmo modo: mais um verbo *dicendi*, que remete a um discurso-outro determinado, numa marca explícita de heterogeneidade mostrada, ajuda-o a falar de si e a expor-se com mais segurança:

(I.104) *estão dizendo que eu estou cheirando cola...*

A terapeuta também mantém o mesmo funcionamento discursivo, tentando eliminar os outros, “os que dizem”, para saber diretamente de seu paciente o que vem de fato ocorrendo:

(I.105) *você está?*

Diante de nova negativa, nova pergunta, dessa vez mais abrangente:

(I.107) *você está fumando maconha e cheirando cola?*

Nova negativa, agora com mais sujeitos, que não o da enunciação, a se responsabilizarem por graves informações:

(I.108) *não...ah...um cara falou pra outro cara que eu estou cheirando...*

Repete-se a tentativa de diálogo franco por parte da terapeuta e de negação por parte do paciente:

(I.110-113) **T1** *você está?* **F** *não...* **T1** *que mais?* **F** *nada...*

Até que, finalmente, a terapeuta tenta resumir todas as vozes, todas as negativas e todas as verdades, caladas ou não, num único enunciado:

(I.114) *só está roubando e mentindo...é isto?*

Diante de tal pergunta, que contém em si uma afirmação/acusação, surge uma negação veemente:

(I.115) *NÃO!!! só isso...o dinheiro...*

A terapeuta parece não levar em conta o calor da resposta, pois segue com seus questionamentos, agora pressupondo respostas óbvias:

(I.116) **T1** *se você está mentindo a gente pode confiar em você?*

Estas chegam em seguida:

(I.117) **F** *não...*

Epiménides, o cretense, afirmava que todos os cretenses mentiam. Ora, se Epiménides era cretense e se todos os cretenses mentiam, estaria ele falando mentiras ou verdades? Um paradoxo famoso como esse é muito semelhante àquele com que se defronta o jovem paciente algumas linhas acima: se a terapeuta lhe pergunta, afirmando, que ele está apenas roubando e mentindo, fatos que ele enfaticamente nega, e se ela persiste em suas conclusões de que, se ele está mentindo, não há como acreditar nele, ficará muito difícil saber se nosso cretense paulistano nega ou afirma uma proposição verdadeira. As fronteiras deste paradoxo, assim como as dos paradoxos em geral, não são muito definidas, pois contêm o germe de uma dificuldade insuperável. De qualquer forma, elas tanto podem caracterizar uma antinomia, ou seja, um conflito entre duas idéias, como uma aporia, um caminho sem saída. Esta é a marca monofônica do trecho do diálogo que analisamos. Não há saídas, ou, se estas surgem, só podem ocorrer em forma de conflitos de surdos.

Para Bakhtin (2002, p. 30 et seq), um dos principais dons de Dostoiévski é ver coisas múltiplas e diversas onde outros só vêem coisas únicas e semelhantes. Cada voz representa para ele duas vozes em discussão, representando a mais profunda ambivalência e plurivalência de cada fenômeno; no entanto, as contradições evidentes, em lugar de se tornarem dialéticas, apontam para uma harmonia de vozes numa discussão interminável, que dão origem ao romance polifônico, uma ordem superior à monofonia. Estes aspectos são o oposto do trecho da sessão que ora analisamos: muitas vozes discutem o mesmo tema; no entanto, nenhuma delas dá espaço ao ponto de vista do outro: a palavra alheia morre na boca de quem a profere, no momento mesmo em que a profere. Em vez de uma unidade de acontecimento com múltiplas participações dos falantes, cada um com seus direitos e opiniões, o que percebemos são os atos volitivos individuais: não há acordos nem troca de opiniões, mas apenas luta para fazer valer as idéias de cada um. Se na polifonia ocorre a combinação de diversas vontades individuais, em nosso trecho de análise, ao contrário, ocorre a oposição e a negação da vontade do outro.

A tentativa de tornar o garoto um co-terapeuta importante no ataque à morte que paira sobre o sistema familiar cai por terra diante desse processo monofônico. É preciso separar as partes envolvidas, para escapar de uma "sinuca":

(l.118-119) **T1** *aí você botou a gente numa sinuca também...numa situação difícil... e sua mãe pode acreditar em você?*

É também hora de trocar de parceria, agora fazendo eco com a mãe, ao repetir suas palavras e ao confundir novamente as fronteiras do enunciado concreto:

(l.121) **T1** *como é que sua mãe pode saber...se você mente...*

A resposta à adesão vem pronta: a parceria, agora francamente entre as duas mulheres, a T1 e a mãe, abre espaço para que esta explique qual é o método heurístico utilizado para saber se o filho mente:

(l.122) **M** *eu conheço você pelos olhos...meu filho...*

Pronto: agora não há mais recursos para escapar.



Amorim (2001, p. 213 et seq), falando de condições particulares de enunciação, e mais especificamente das situações de transferência psicótica, acredita que se possa, em certas condições, “instalar um jogo de linguagem em que o *eu* e o *outro* se tornam indecidíveis”, ou seja, “é o *outro* que “adivinha” aquilo que ocorre no *eu*, desconhecido até que o outro lhe mostrasse”. Tal condição de enunciação pode ser considerada uma “técnica” de conhecimento, sempre que uma emoção não puder ser nomeada. Neste caso, embora possamos pensar que o sofrimento que não se pode representar seja concernente ao paciente, veremos que pode ser concernente a quem o olha, neste caso, inicialmente à terapeuta e depois à mãe, ou seja: a questão referente a quem pertence o sofrimento terá sempre, no mínimo, duas possibilidades de resposta, por estar atravessada por diferentes histórias.

Na TF, essa confluência de histórias, ao vir à tona por meio da interpretação que o terapeuta faz das questões do paciente, recebe o conceito de *ressonância*, conforme já tratamos anteriormente e que equivaleria a como ressoa em *um* o que o *outro* sente e como esse *um* define esse sentimento. O que acontece, porém, é que, nesse jogo discursivo, somente o *outro* pode reconhecer ou desconhecer o que foi dito em seu lugar. No entanto, se a voz do paciente somente pode ter lugar por meio da voz do terapeuta ou de *outro* sujeito – no caso em questão, a voz da mãe do menino –, somente o paciente pode legitimar a voz desse *outro*. O terapeuta ou outros sujeitos só podem ouvir histórias a partir de sua própria história, mas esta só pode fazer algum sentido por meio do que se deixa entrever nas histórias do sujeito que a narra.

O que costuma ocorrer, porém, em sessões de TF, com duas esferas sociais e culturais intercorrentes – a terapêutica e a familiar –, é que, se o mundo lingüístico, com suas possibilidades de desvios e rotas de fuga traçados pelas negações, silêncios e reticências dos pacientes pode ajudar a acobertar dos terapeutas determinados fatos, o olhar e a voz materna (ou de algum outro membro importante da família) devassam qualquer segredo, esteja ele guardado a quantas chaves estiver. Na sessão que analisamos, por exemplo, mães e fadas banham-se nas mesmas águas mágicas; daí, seus plenos poderes. Já as bruxas, a essas só cabe fazer perguntas e suportar as respostas e as súbitas alianças:

(l.123) **T2** *como ela pode acreditar em você...se você mente? L.124-126*  
**F** *ela vê quando eu faço uma coisa diferente...e estou mentindo...falo uma coisa e faço outra...eu falo a verdade mas não faço a mesma coisa...*

A voz da adivinha, imbricada na voz da mãe, nesse ponto de heterogeneidade em que um discurso materno deixa transparecer um discurso-outro, o da pitonisa, é facilmente assimilada e se torna rapidamente conexa: o filho, oculto sob a saia dos poderes da mãe, imediatamente pode reconhecer-se como visto e entendido pela sabedoria materna. Está, portanto, protegido da invasora, a terapeuta, a quem só resta voltar ao discurso técnico, sob a forma de novas perguntas e de eco da voz do menino:

(l.128-129) **T1**  *você tem consciência disto? você age de forma diferente do que fala? l.132 é espontâneo? você não percebe?*

Como se tivesse encontrado a chave do funcionamento psicológico das perversões do garoto, a terapeuta oscila entre um estilo típico da esfera psicológica e outro, familiar, cotidiano, que parafraseia a fala de seu paciente. O vocabulário utilizado no discurso terapêutico (*consciência, espontâneo, percebe*), ao lado do discurso parafraseador (*você age de forma diferente do que fala*), próprio de quem se alia lingüisticamente ao outro, aponta para aquela heterogeneidade de estilo que Fairclough (2001:1992, p. 43 e p. 89-100) considera parte de uma estratégia do discurso terapêutico, movida por pressões na situação de fala e reveladora de como as relações sociais entre classes e grupos podem ser articuladas.

Com efeito, o que podemos notar nesse estilo heterogêneo do discurso da terapeuta é que os eventos discursivos, enquanto práticas sociais, podem variar segundo o domínio em que sejam gerados e que podem estar, ao menos parcialmente, abertos a transformações. Assim é que podemos observar como a terapeuta, que se vinha aliando ao garoto, ao dar-se conta da forte influência do discurso materno sobre ele, recupera partes de seu discurso de especialista, sem, no entanto, abandonar o estilo familiar/amigo. Tenta assegurar, por meio desse trânsito, seu lugar de poder na interação terapêutica.

Ocorre, porém, um contraponto. Embora se possa pensar que haja uma contradição entre os estilos discursivos da terapeuta, podemos também pensar em

estratégia de redefinição das ordens de discurso, com atenuação dos limites entre o terapêutico e o familiar, o que também favoreceria a mobilização dos limites entre os sujeitos. Ainda que a terapeuta garanta seu lugar de poder, pode também deslizar por outros lugares, fazendo convenientes parcerias entre diferentes sujeitos e ordens discursivas, desde que o lugar de poder de sua enunciação seja preservado.

Não obstante essa preocupação, a mãe retoma o discurso, saindo do papel de adivinha, de leitora de olhos, para manifestar um ponto de heterogeneidade de um novo discurso, cunhado pela religiosidade. Seu sistema de crenças vem à tona, expondo um mundo que se divide entre “crimes e castigos”. O jeito de ver as ações como providas de um efeito-bumerangue, na base do “aqui se faz, aqui se paga” mostra a alteridade de um discurso que tem, também, o efeito de sentido de uma ameaça. Em se tratando da voz materna, em TF muito se pode perceber a força do tom avaliativo com que se revestem determinadas ameaças ou sugestões. O *dixit* materno é quase peremptório, com valor de desígnio, ainda que venha revestido de um tom de súplica:

*(131-136) meu filho...você tem que agir como ser humano...tudo o que a gente faz a gente paga...quem vai pagar é você...meu filho...mostra que você pode ser educado...gente...cumprimenta as pessoas...fala a verdade...ama seu pai...meu filho...mostra pra ele o amor que você não está mostrando...*

Enquanto a mãe pede ao filho que ame seu pai, este revela novos focos de luta, dirigindo ao filho palavras que são, na verdade, direcionadas à mãe:

*(1137-139) você tinha que ir no psicólogo e ainda matou aula...o que é mais importante? já cansei de falar isto pra sua mãe...ela não dá bola...*

E a monofonia persiste, num sempiterno diálogo de surdos.

A mãe, ao prosseguir com seu discurso materno-religioso, deixa esboçar também conteúdos socioideológicos:

(l.143-146)  *você estava andando lá com os meninos que roubam...eles passam fome... coitadinhos...meninos de rua MESMO...sujos...calça rasgada...não têm mãe...não têm pai...*

Estes são refutados imediatamente pelo pai:

(l.147-148)  *QUE coitadinhos...que nada...um BANDO de sem-vergonhas...igual a este aqui...*

O pai ainda reitera a queixa da parceria perniciososa da mãe com seu filho:

(l.148)  *e a mãe sempre apóia...*

Mesmo em meio a tantos pontos de heterogeneidade discursiva, em que o discurso materno revela alguns de seus outros, fazendo fronteira com os planos do adivinhatório, do religioso, do socioideológico, ainda resta espaço para o recurso da chantagem, presente numa nova chance:

(l.146)  *vou dar mais uma chance...*

Para a terapeuta surge, então, uma possibilidade de abertura, para tentar recuperar a parceria com o discurso materno; deixando de lado os demais pontos discursivos, enfoca o da chantagem/oportunidade:

(l. 149)  *o que é mais uma vez?mais uma chance?*

Embora, num primeiro momento, o discurso materno-religioso prossiga, uma outra voz, o de uma mãe que não suporta mais os agravos, as pressões e as exigências, entra polifonicamente em oposição a todas as outras e revela o que até então não ousara confessar:

(l.150-154)  *meu filho...a mentira...o roubo...ele não sabe falar com as pessoas...não pode falar com o pai sem pedir dinheiro...empurra a gente na parede de tal maneira...que só falta matar nós dois...consegue tudo*

*empurrando a gente... consegue tudo o que quer...eu estou perdendo o meu tempo com ele...é isso o que eu sinto...*

O pai, porém, persiste em seu discurso monofônico, que mostra seu conteúdo socioideológico, revelando um discurso-outro, corrente, o de muitas vozes sociais, a respeito da delinquência, o que confirma sua fala inicial: o jovem parece realmente não ter feito a tarefa de casa:

*(l.155-157) desse jeito vai terminar na cadeia como o pai... na escola já chamaram porque ele não está indo...*

### 3.2.5 Vozes que desistem nos desertos silentes

Passemos, neste ponto, ao **Fragmento 3**:

#### Fragmento 3:

- 160**     **T2**     (para a mãe) espere um pouco...quando você diz que perde tempo...
- M**     a gente desanima...é sempre a mesma coisa...fala...fala.. ele não escuta...o pai fala que eu sou culpada...mas eu vivo aconselhando...ele fala que eu mimo...mas eu vivo falando...
- 165**     **J**     mas de que adianta você falar? ele não escuta...eu vou morrer e vocês vão ver só...o médico disse que eu tenho os dias contados...joguei fora minha saúde cuidando de quem não me ama...
- T1**     (para o filho) como é que você escuta isto?
- 170**     **F**     (silêncio)
- T2**     como é que você escuta?
- F**     (silêncio)
- M**     responda...meu filho...seja educado com as

- moças...elas estão aqui pra te ajudar...nós estamos  
**175** aqui pra te ajudar...  
**F** (silêncio)  
**J** não adianta falar com ele...quando ele fica assim não  
sai do lugar...gente não é assim... meu Deus...pensar  
quantos anos eu perdi pra isto...tudo o que estes dois  
**180** pedem eu dou...a mãe dele e ele são minha vida...não  
adianta...já estou cansado...não adianta vir aqui  
também...tenho vontade de largar tudo...perdi minha  
vida pra criar um marginal destes...não adianta...  
**T1** você está desistindo de tudo? é isto?  
**185** **J** se a palavra é desistir eu já desisti faz muito tempo...nem  
sei porque eu continuo...  
**T1** então ele está certo de fazer bagunça pra te manter  
vivo?  
**J** manter vivo NÃO... pra me matar...isto sim...é isto que  
**190** ele quer...mas falta pouco...

No **Fragmento 3** da **Segunda Sessão** observaremos a tensão entre a voz e o silêncio, ou seja, entre vozes que se calam e vozes que falam.

O trecho é uma seqüência da tentativa de aliança da terapeuta com a mãe do menino, que confessara sua desesperança diante do mau comportamento do filho e de como já não suportava mais viver esse conflito. A terapeuta interrompe, então, o queixume materno e, por meio de uma paráfrase, tenta recuperar o diálogo:

(l.159) *espere um pouco...quando você diz que perde tempo...*

A paráfrase, neste momento, pode auxiliar num movimento, ainda que difuso, entre o monologismo e o dialogismo, ora acentuando um ora acentuando o outro. Se, ao repetir a fala da mãe a terapeuta pode manter um discurso monológico, não nos podemos esquecer de que, mesmo uma consciência monologizada, em contato com a palavra de outrem, acaba por diferenciar-se, o que possibilita sua inserção num novo diálogo, com novas vozes de outros exteriores. Se mesmo a mais

monológica das palavras já é uma resposta, então não há como negar que a palavra do outro está sempre lá, mesmo oculta.

Por isto, ao recorrer a uma paráfrase, num momento de muita tensão, a terapeuta promove um retorno ao já-dito e o reformula, abrindo espaço para o novo e possibilitando que outras coisas sejam faladas. Uma vez que a paráfrase produz ruptura e introduz o diferente, multiplicando os sentidos do discurso, pode haver uma possibilidade de um diálogo importante. Ao pedir, utilizando um discurso citado (*quando você diz*) que a mãe re-signifique sua fala, a terapeuta tenta abrir espaço para novos dizeres: em parte, consegue seu objetivo, uma vez que a mãe, embora prossiga no mesmo tom de lamentação, inclui agora o pai - e sua voz crítica- como fonte de lamento:

*(1161-164) a gente desanima...é sempre a mesma coisa...fala...fala..ele não escuta...o pai fala que eu sou culpada...mas eu vivo aconselhando...ele fala que eu mimo...mas eu vivo falando...*

Como já tivemos oportunidade de falar anteriormente, o discurso relatado marca a heterogeneidade do discurso de forma explícita, ao atribuir palavras a um outro sujeito. Este funcionamento discursivo parece costumeiro nessa família, pois, se voltarmos ao **Fragmento 2**, poderemos observar que o garoto também atribuía a outros sujeitos palavras que ele não ousava proferir: assim, é o outro que diz que ele fuma maconha, o outro que diz para o outro que ele cheira cola. A mãe procede do mesmo modo, produzindo também, por meio da reprodução de outros dizeres (os do pai), o efeito de sentido de isenção de culpa:

*(l.162) o pai fala que eu sou culpada...mas eu vivo aconselhando...ele fala que eu mimo...mas eu vivo falando...*

A morte da palavra se avizinha: para tantos discursos relatados, eis que surge a negação de qualquer saída, a negação do dizer e a inutilidade do agir, justamente também pelas asas de um outro ponto de heterogeneidade – um outro discurso relatado mais forte, mais poderoso porque técnico, porque médico:

(l.165-168) *mas de que adianta você falar? ele não escuta...eu vou morrer e vocês vão ver só...o médico disse que eu tenho os dias contados...joguei fora minha saúde cuidando de quem não me ama...*

E mais poderoso, principalmente, porque ameaça com a proximidade inexorável “da indesejada das gentes” : “Vocês vão ver”, “joguei fora minha saúde cuidando de quem não me ama...”: a ameaça expressa, como represália ao desamor, cala todas as falas. E, se o pai, num argumento desesperançoso, perguntava “de que adianta falar”, se “ele não escuta”, talvez estivesse longe de saber o poder de fogo de suas palavras, pois, a partir de então, o silêncio se impõe, corroborando o que disse Lacan: o pai é estreitamente ligado à enunciação da lei.

Por mais que a terapeuta tente romper a ordem, o jovem, porém, “obedece” ao pai: cala-se, de vez :

(l.169-176) **T1**(para o filho) *como é que você escuta isto?/ F (silêncio)/ T2 como é que você escuta?/ F (silêncio)*

Nem a mãe, com sua lição de boas maneiras:

(l.173-174) *responda...meu filho...seja educado com as moças...*

incentivadora do diálogo com as moças/terapeutas:

(l.174) *elas estão aqui pra te ajudar..*

incluindo-se no sistema terapêutico de ajuda:

(l.175) *nós estamos aqui pra te ajudar...*

pode fazer alguma coisa para mudar o veredito paterno. O filho, ao obedecer ao pai, repõe os sentidos mais insuportáveis para a família:

(l. 176) **(silêncio)**



Talvez o que reste, diante desse silêncio cruel, seja a dúvida da terapeuta (e, provavelmente de todos os leitores): teria o garoto realmente feito a tarefa?

Retomando e resumindo o que procuramos dizer, pudemos observar que a **Sessão 2** também aponta para a coexistência de muitas vozes, poucas vezes em concordância e muitas vezes em discordância. As palavras também são usadas polissêmica e polemicamente, constituindo-se em foco de luta entre os sujeitos e indicando uma disputa pela hegemonia dos poderes paterno (aqui compreendido pelo padrasto), materno, filial e terapêutico, com divergência também entre as terapeutas, o que acentua, assim como na sessão anterior, o efeito de sentido de um diálogo composto de vozes dissonantes.

Do lado das terapeutas, a T1, por detrás de suas perguntas, revela uma forte interlocução com o discurso terapêutico da TF, seu primeiro e quase exclusivo interlocutor, seu constante *Outro*, do qual só consegue fugir por poucos momentos, quando tenta se aliar com o poder materno, como um eco da outra voz. Esse discurso-*outro* impõe-se não só pelas perguntas, mas pela irreversível insistência na manutenção do uso da metáfora contida em **fazer a tarefa**, do qual não se afasta sequer diante da impossibilidade de compreensão por parte de seus interlocutores, principalmente o pai. Em alguns momentos utiliza como estratégia discursiva a manutenção da face, por meio de tentativa de aliança verbal com o jovem paciente e pela retomada, em forma de eco, como dissemos acima, da fala da mãe ou das vozes que esta deixa transparecer (religiosa, ameaçadora etc). A T2, com suas poucas entradas na sessão, em lugar do discurso terapêutico, manifesta um discurso de aliança materna com o jovem, minimizando as atitudes entendidas como delitivas pelos pais e por sua colega terapeuta. Assim, podemos pensar que, também nesta sessão, assim como na anterior, as terapeutas revelam a alteridade de outros discursos e se investem do grau de especialistas, que, ao ocuparem o lugar de poder/saber tudo podem perguntar ou comentar, enunciando, duplamente, de um lado, o discurso da TF, e de outro, um sujeito que se mostra/oculta, por estratégias discursivas diversas.

No caso desta sessão, as inúmeras estratégias discursivas da T1 tentaram dar conta das vozes monofônicas do sistema familiar constituído pelos três pacientes, procurando transformá-las em vozes polifônicas. No entanto, resvalaram também

pela monofonia, na medida em que a T1 não conseguiu sair do lugar autoritário de quem traçou uma determinada meta (falar sobre a tarefa) e não se permitiu outra saída, não dando, portanto, espaço para a convivência discursiva com os demais sujeitos falantes.

As vozes paterna e materna também se apresentaram em constante discordância, expondo, assim como as terapeutas, diversos pontos de heterogeneidade do discurso, tanto mostrados como não mostrados, especificando pontos de vista diferentes, por meio dos quais o discurso explicitou uma alteridade em relação a si próprio, como, por exemplo, a ironia ou outro discurso (materno, moral, religioso etc). A monofonia, no entanto, principalmente na fala do pai, não permitiu nenhuma brecha no sentido de possibilitar um verdadeiro diálogo. Observamos também nesta sessão que muitos dos enunciados tinham remetente diferente do que à primeira vista poderia parecer. O pai aproveitou a sessão para culpar a mãe das atitudes do filho, enquanto esta se dirigiu ao jovem para cobrar o pouco amor (ou nenhum) que ele manifesta por (J) que, afinal, seria o único responsável pela sobrevivência dos dois (é ele quem sustenta a mãe e o filho). Assim, desloca-se o remetente: em lugar de pedirem ajuda às terapeutas, aproveitaram o espaço e o tempo da sessão para evidenciar suas relações de aliança e oposição. O referente também aqui provoca uma ilusão de sentido, pois supomos que tanto o padrasto como a mãe, embora tematizem a preocupação com a delinqüência do jovem, também discorrem sobre suas incompatibilidades.

Assim, como na primeira sessão, os enunciados provocam também o efeito de sentido de desabafo ou de oportunidade de tocar em temas espinhosos do casal, mais do que propriamente o de pedir uma ajuda terapêutica e, com certeza, fazem parte de inúmeros outros enunciados anteriores, prendendo-se a uma imensa cadeia verbal, da qual as terapeutas só vislumbram uma ínfima parte. O intuito discursivo de (J) e (M) revela-se, então, divergente do inicial, o que sugere, mais uma vez, que o gênero do discurso em questão é complexo, constituindo-se pelo cruzamento de outros gêneros, tais como a entrevista, com participantes assimétricos, e o diálogo cotidiano, familiar, entre participantes que necessitam da presença de um mediador devidamente qualificado, mas cuja presença pode ser desconsiderada, ocasiões em que pode ser colocado para fora do diálogo/embate.

A fala do filho deixou transparecer muitas vozes, camaleonicamente variáveis segundo o interlocutor: assim, pôde, pela palavra, aliar-se à T1 e rejeitá-la, aliar-se à

mãe e mentir para ela, aliar-se ao pai e mentir para ele e calar, mostrando, em todos esses casos, que uma atitude responsiva nunca é passiva, mas sempre prenhe de resposta (BAKHTIN, 2000:1979, p.290). No caso do filho – por sua história de vida conhecida até o momento desta sessão –, pode-se imaginar a resposta – verbal, comportamental ou silenciosa, mas com certeza muito enfática – com que ele inaugurará o novo encontro familiar-terapêutico. Seu silêncio é a exposição do limite da possibilidade da TF. Ao contrário do silêncio em terapia individual, que pode ser trabalhado pelo terapeuta e pelo paciente, a TF depende de um encontro “tagarela”. Caso contrário, não passará da exposição de vozes que desistem nos desertos silentes.

### **3.3 Terceira Sessão**

A **Terceira Sessão** teve como finalidade a formação de terapeutas, numa universidade pública: duas alunas (uma psicóloga (T1) e uma socióloga (T2)) são treinadas para atender e supervisionadas por uma equipe que, contrariamente ao que deveria ocorrer, teve de assistir à sessão dentro da sala de atendimento, em virtude de problema na aparelhagem eletrônica (microfone), o que impedia a comunicação entre as salas. A supervisora (S) participa dos diálogos. Trata-se de uma situação discursiva formal, própria de um evento de fala profissional, cujo assunto foi sugerido a partir da supervisão de uma sessão anterior. Todos os interlocutores se prepararam relativamente para esse evento, pois, tanto para os pacientes como para as terapeutas, ele é a seqüência de diversos eventos terapêuticos anteriores.

#### **3.3.1 Os sujeitos falantes**

Num primeiro plano geográfico, na sala de terapia, situam-se duas terapeutas e uma família, composta de mãe (M), um filho de quase 22 anos (F1) e um filho mais novo, de 18 (F2). A família conta também com uma filha de 20 anos, que não pôde comparecer nesse dia. O pai não vive com a família há muito tempo, por problemas

causados pelo alcoolismo, segundo informações da mãe. Esta tem uma relação bastante complicada com outro homem, também alcoólatra, que ora se coloca como padrasto e tenta impor ordens, ora desaparece por muitos dias. F1 não aceita esse relacionamento da mãe; esta, além de enfrentar o conflito amoroso e familiar, tem problemas econômicos e de saúde (tuberculose). A família procurou ajuda numa instituição pública (Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP), e foi encaminhada para o Núcleo de Terapia Familiar, para ser atendida por alunas do curso. O paciente “identificado” – terminologia com que se convencionou chamar o membro da família a quem todos reputam o problemático, o causador de conflitos – é F1 que, apesar da idade (quase 22 anos), não trabalha e não estuda. Faz tratamento psiquiátrico com medicamentos, pois tem surtos agressivos.

Conforme já falamos acima, no dia desta sessão houve problema no sistema de som da sala terapêutica, fato freqüente nessa instituição, o que levou ao encurtamento do tempo de atendimento, que durou apenas quarenta minutos. Depois de algumas tentativas infrutíferas de fazer funcionar a aparelhagem, a equipe de supervisão, composta por oito alunas e duas professoras, teve de participar da sessão dentro da sala de atendimento, o que costuma provocar uma mudança grande no comportamento dos pacientes e das terapeutas.

A sessão começa com a leitura de uma carta que um paciente escreveu, como resposta à tarefa dada na sessão anterior, em que lhe foi pedido que refletisse sobre os motivos que o levavam a não colaborar com a família, quer trabalhando, quer estudando e que apresentasse verbalmente o resultado de suas reflexões na sessão seguinte. Eis a sessão em sua íntegra<sup>31</sup>:

### 3.3.2 O Texto

**F1** (lendo) *“Os afazeres do dia-a-dia”*

*A justiça do homem é muito lenta. Quero viver minha vida normalmente. Não quero viver minha vida indo de um hospital a outro. É como minha terapeuta diz: se você quiser ir em frente você tem que buscar suas*

---

<sup>31</sup> Embora as sessões pretendam ter a duração de uma hora, nas instituições esse tempo acaba por ser reduzido, por diversos fatores: atraso dos pacientes, problemas com aparelhos de som e microfones etc.

*coisas. O que eu construí? Nada! Vou fazer 22 anos. O amanhã a Deus pertence. Se eu pensar que meu irmão está entrando no vício...Minha irmã foi seqüestrada. A cada dia que passa estou ficando mais sem forças. Meu irmão está fazendo tudo para chamar a atenção. Meu padrasto só dá problemas. Minha mãe não resolve as coisas.*

*Oh, meu Pai, o que faço agora? A única mulher a quem posso pedir ajuda é Nossa Senhora. Oh, Mãe, me ajude! Sei que tudo o que acontecer pode ser influência de algum espírito maligno ou meu mesmo.*

*Se minha mãe não resolver as coisas com meu padrasto eu vou ficar nervoso. Amanhã é dia da terapia de família. Esses dias de solidão são terríveis. Sei que não estou ficando louco. Falei todas as coisas que estavam entaladas na minha garganta. Consigo me comunicar assim. O que não falei amanhã eu falo. Eu não sei fazer caras e bocas. Só sei me expressar assim.*

- M** eu fico contente porque ele não é expressivo:::na semana passada ele teve pico de euforia...ele ri muito...ele agride...perde a paciência fácil...ele é assim mesmo...
- 5 T1** disso tudo o que ele falou...o que mais te pegou? estou falando do conteúdo e não da forma...
- M** é a angústia o que mais me pega...porque ele quer que eu decida...
- T2** (para F2) e você...o que acha?
- 10 F2** ele já viu todo mundo passar a fase e sabe que ele tem condições de passar isto...você passar alguma coisa para o outro você tem de estar bem estruturado...se eu falo coisas que doem...eu sou assim mesmo...ele falou muitas coisas de mim...da bebida e do cigarro eu concordo...chamar a atenção de minha mãe NÃO...tudo o que eu quero é ser feliz...não quero subir na vida...não preciso das terapeutas para mudar...
- 15 T1** vocês nunca tiveram um momento de pensar, divagar, refletir?
- F2** se hoje eu me envolvo com bebida...com cigarro...minha mãe me levou para a casa do meu pai e lá eu fiz as reflexões...na casa do

- meu pai eu refleti...não quero isto para mim mas escrever eu não escrevo...
- 20** T1 vocês pegam do lado da angústia...mas tem um dado de realidade...a idade é diferente...eu não leio o que ele escreveu como uma angústia patogênica...
- T2 ele está buscando formas de estar no mundo...
- T1 o caminho que você vai escolher é o seu...
- 25** T2 o seu próprio caminho...
- T1 ele vai falando alto...
- T2 ele vai falando alto...
- T1 eu gostaria de saber...
- T2 você pode fazer uma analogia com o que escreveu?
- 30** T1 você tem vontade de fazer faculdade? Pra se crescer...construir pontes.....escolher um caminho...é preciso que se reconheça que se tem uma cor...uma cara...uma identidade...e você está buscando um contorno...você mostrou uma sagacidade...eu concordo com você...está mostrando raiva e hoje é primeiro momento...e isto pode ser uma ponte para fazer faculdade...
- 35** F1 estou de saco cheio de ficar no papel de dono de casa...é importante falar que não quero mais isto...
- T1 o caminho que F2 está correndo é de risco...é importante que se nomeie isto...porque você sabe que você está num caminho de risco...vocês podem fazer diferente...vocês podem ficar juntos sem ficar misturados...
- 40** T2 cada um pode fazer diferente sem papéis tão rígidos...
- F1 todo mundo vai ficar separado...
- T1 você tem medo...não?
- 45** F1 sim...tenho muito medo...
- T2 (para F2) e você...como é isto...
- F2 um dia vai ser assim...vamos levantar e não vamos mais ver o outro...
- T1 (para M) e você?
- 50** M sou parecida com F1...na hora de liberar sou travada...sei lidar com

clientes...com contas...não sei lidar com a noite nem com os fins de semana...como viver só na minha direção?...cada um na sua direção... eu não sei ir nem vir...aliás...não sei sair do lugar...

- F1** eu acho que minha mãe está sentindo um amor precoce...
- 55 T1** eu acho que nós podemos fazer uma imagem...você diz que é preciso a sensação de estar grudado...confuso...para ter o seu caminho...eu estou traduzindo o que ouvi...faz sentido?
- M e F2** ( ao mesmo tempo) faz...
- 60 T1** eu entendo que você disse que é diferente para você... a idéia é construir...
- F1** é como uma simulação?(para a supervisora) é isso que você quer?
- S** não sei...
- F1** posso continuar escrevendo? fica mais fácil...
- S** é muito bom escrever...mas você pode também se expressar muito bem...
- 65 F1** as palavras já expressam por si...né?
- S** acho que a gente trabalhou hoje a dificuldade entre pertencer e deixar de ser...eu fiquei pensando se F2 não tem culpa por seguir o seu caminho... você está fazendo uma ponte sem romper...
- 70 F2** você está no desejo...mas ainda é preciso coragem para romper...
- T1** talvez você possa se expressar...
- S** NÃO...eu quero um desenho...
- T2** é para a supervisora o desenho...
- 75 S** (para M) você tem pânico porque você viu o que você mais tem...
- M** eu estou me educando...percebo que estou indo...mas é muito difícil... é como uma garrafa de fumaça...mas eu tenho de conseguir...
- T1** é como você disse...vamos tentar...
- S** vamos tentar para construir aquela ponte...
- 80 F1** (para todos os presentes) Feliz Dia das Mães!

### 3.3.3 Vozes que penetram territórios invisíveis

Passamos, neste ponto, ao **Fragmento 1**.

#### **Fragmento 1:**

**F1** (lendo) *“Os afazeres do dia-a-dia”*

*A justiça do homem é muito lenta. Quero viver minha vida normalmente. Não quero viver minha vida indo de um hospital a outro. É como minha terapeuta diz: se você quiser ir em frente você tem que buscar suas coisas. O que eu construí? Nada! Vou fazer 22 anos. O amanhã a Deus pertence. Se eu pensar que meu irmão está entrando no vício...Minha irmã foi seqüestrada. A cada dia que passa estou ficando mais sem forças. Meu irmão está fazendo tudo para chamar a atenção. Meu padrasto só dá problemas. Minha mãe não resolve as coisas.*

*Oh, meu Pai, o que faço agora? A única mulher a quem posso pedir ajuda é Nossa Senhora. Oh, Mãe, me ajude! Sei que tudo o que acontecer pode ser influência de algum espírito maligno ou meu mesmo.*

*Se minha mãe não resolver as coisas com meu padrasto eu vou ficar nervoso. Amanhã é dia da terapia de família. Esses dias de solidão são terríveis. Sei que não estou ficando louco. Falei todas as coisas que estavam entaladas na minha garganta. Consigo me comunicar assim. O que não falei amanhã eu falo. Eu não sei fazer caras e bocas. Só sei me expressar assim.*

O **Fragmento 1**, conforme falamos acima, responde à pergunta de uma das terapeutas (T1) a respeito de uma ordem (tarefa) que dera na última sessão: ela queria que o filho mais velho (F1) dessa família em tratamento pensasse sobre quais motivos o levavam a não colaborar com sua mãe e seus irmãos, criando sempre problemas entre todos, não parando em nenhum emprego nem ajudando nas tarefas domésticas. Pedira a ele que refletisse sobre o tema e desse uma resposta no próximo encontro.

Assim que os presentes (terapeutas, pacientes e equipe de supervisão) se sentam, o paciente, sem que lhe perguntem nada, anuncia que vai ler a carta que



escrevera em casa. Mostrando que executara a ordem, toma a palavra e se põe a ler inesperadamente.

O conteúdo tanto pode ser entendido como um recado à família ou às terapeutas. Isto nos traz de volta a insistência de Bakhtin (2000, p. 321) com relação ao fato de que o enunciado tem autor e se dirige a um destinatário, seja este um parceiro do diálogo cotidiano, um conjunto diferenciado de especialistas de alguma área, um auditório composto de adversários e inimigos, superiores, próximos ou estranhos ou um *outro* não concretizado, como ocorre nos enunciados monológicos de tipo emocional. Ora, em nosso caso, o jovem paciente pode supor que seus destinatários preenchem todos esses requisitos: diante dele estão seus familiares, parceiros do diálogo cotidiano, a quem muitas vezes ele considera adversários e inimigos (a recíproca é verdadeira, como veremos em outros trechos da análise); encontra-se diante dele também um conjunto de especialistas e um auditório, todos eles estranhos, independentemente de serem considerados qualificados ou não. Além disto, sendo a carta um enunciado monológico de tipo emocional, tudo leva a crer que o destinatário também pode ser um *outro* não concretizado, ou seja, todos ou qualquer um dos destinatários acima citados e mais alguns, divinos, que darão o ar de sua graça (Graça?) no momento propício.

Se a composição, e sobretudo o estilo do enunciado dependem da concepção que se faz do destinatário e se este é um fator determinante para a constituição de qualquer gênero do discurso, é bastante importante, então, tentar compreender a quem se destina o enunciado (carta) acima e como o locutor (F1) imagina ou percebe tal destinatário. Será ele coincidente *em pessoa* com aquele (ou aqueles) a quem o enunciado responde? Bakhtin acredita que na troca de cartas essa coincidência seja normal, embora nesses casos um dos protagonistas desempenhe dois papéis com importante diferenciação: enquanto o enunciado daquele a quem se responde pertença ao *já-aquí*, sua compreensão responsiva ainda é *porvir*.

No caso desse jovem paciente, a questão pode apresentar uma maior complexidade, pois seu destinatário representa uma pluralidade, não só humana como divina. Se acatarmos o fato de que a posição social/familiar do destinatário influi na comunicação verbal, conforme o lado para onde possamos direcionar nosso olhar, defrontar-nos-emos, então, com uma pluridimensional diferenciação de mundos aperceptivos sobre os quais a fala de F1 será recebida. Mas não apenas isto: mudará também a dramaticidade interna do enunciado, o que, por conseguinte,

poderá expor uma multiplicidade de vozes que revelam a combinação de muitas vontades. Estaremos, portanto, diante daquilo que o círculo bakhtiniano considera a essência da *polifonia*.

Outro fato que nos chama a atenção é o emprego de um gênero do discurso – uma carta lida em voz alta, em forma de solilóquio, prevendo o auditório -, em lugar de outro, esperado ou mais adequado para a ocasião - uma resposta verbal à pergunta da terapeuta. Fairclough (2001:1992, p. 187), estudando entrevistas médicas, ao analisar uma convergência do gênero padrão com outros gêneros, atribui tal fato à interdiscursividade (intertextualidade constitutiva) e observa que, embora se mantenham algumas características do controle interacional do primeiro gênero, estas se realizam de forma “indireta e mitigada sob a influência dos últimos, ou seja, “os próprios atos emanam de um gênero, suas realizações de outros”. No caso das entrevistas médicas de que esse autor trata, a relação interdiscursiva primária parece estar entre o gênero padrão de entrevista médica e o aconselhamento, gênero que permite uma relação mais empática entre os interlocutores.

Para nós, lembrando que Bakhtin diz que o querer-dizer de um locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero discursivo e que essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática e do conjunto constituído dos parceiros, duas conjecturas podem ser feitas a respeito da escolha do gênero discursivo (carta) em lugar do gênero tradicional de entrevistas (pergunta/resposta): de um lado, ocorreu-nos que tivesse como intuito facilitar a comunicação, bastante penosa em virtude do conteúdo emocional prenhe de mágoas e ameaças; de outro, pensamos que o locutor poderia facilmente ocultar-se por detrás do narrador, por meio de um solilóquio com finalidade explícita de desabafo e implícita de ataque, jogando ambigualmente com o receptor, que tanto poderia ser sua mãe, o irmão, a irmã, as terapeutas ou o auditório.

É inegável o fato de que é mais fácil ler do que falar sobre dramas pessoais, mormente diante de pessoas estranhas, que, embora distantes dos acontecimentos do dia-a-dia, no momento da sessão se encontram muito próximas, numa exígua e fria sala de atendimentos de uma instituição hospitalar. Além disto, o locutor, ao ler em voz alta sua carta, encontra possibilidade de exteriorizar para o auditório uma série de “coisas entaladas na garganta”: torna-se, a partir de então, autor de sua

própria narração, sem ter de se submeter às normas das entrevistas das sessões terapêuticas. Faz e não faz a tarefa pedida/exigida, uma vez que escolhe um gênero discursivo diferente do de praxe. Nesse momento, aproxima-se de um personagem teatral, por meio de um solilóquio permeado de acusações, que lhe garante, no entanto, a imunidade do falar, uma vez que se trata de uma dramatização em forma de epístola. Embora seja uma interação face a face, o gênero utilizado o livra de assumir diretamente as acusações que faz, o que permite conjecturar, também com Bakhtin, que esse gênero provavelmente foi escolhido a partir dessa circunstância enunciativa específica, tendo em vista a posição social e o relacionamento pessoal de seus parceiros .

É interessante observar como as ferrenhas críticas que profere em público diluem-se sob a forma de missiva para si próprio, produzindo ambíguos e contraditórios efeitos de sentidos, passíveis das mais diversas re-significações, tanto por parte da família como por parte das terapeutas (ou desta analista e seu leitor). Propondo-se a escrever sobre “os afazeres do dia-a-dia”, o jovem começa por uma crítica, que também pode ser entendida como uma reivindicação, tanto à sua família como às suas terapeutas: *A justiça do homem é muito lenta*. Sua voz parece, então, revelar a fratura de outras vozes, pontos de heterogeneidade que, embora não marcados, expõem outros discursos, advindos ambivalentemente do mundo reivindicatório humano e do mundo moralizante da religião: sagrado e profano entrelaçam-se dialogicamente. Misto de constatação e ameaça, a fala deixa entrever uma expectativa: a justiça divina tarda, mas não falha; por conseguinte, um dia a verdade virá à tona e nada ficará oculto sob os céus... nem sob os tetos de algumas casas ou de algumas salas de atendimento...

Em sessões anteriores, havia muita queixa desse paciente a respeito de ter de desempenhar trabalhos domésticos, como fazer a comida, limpar a casa e a cozinha, fato que sua família considerava justo, uma vez que ele era o único a não contribuir financeiramente com o orçamento familiar, por não permanecer em nenhum emprego. Então, pode-se perguntar: de que justiça se fala? O próprio paciente parece re-significar sua afirmação, ao prosseguir: *Quero viver minha vida normalmente. Não quero viver minha vida indo de um hospital a outro*.

O modalizador *normalmente*, ao mesmo tempo em pode remeter-nos discursivamente ao contexto das sessões anteriores, em que se disputam os papéis domésticos e de trabalho fora de casa, pode também opor-se ao enunciado posterior

(*Não quero viver minha vida indo de um hospital ao outro*), provocando o efeito de sentido de “com saúde”. As esferas familiar e terapêutica se confundem nesse momento: a voz do filho e irmão que reivindicava não ter mais que fazer tarefas domésticas deixa ouvir a voz do paciente, que não mais quer ir “de um hospital a outro”<sup>32</sup>. Estamos diante da mesma pergunta: a quem se dirige essa carta?

Ao persistir com sua fala ambígua, o jovem recorre a um discurso relatado, um discurso de outrem, que revela um ponto de heterogeneidade:

*É como minha terapeuta diz: se você quiser ir em frente você tem que buscar suas coisas.*

Os pensamentos e as palavras atribuídos à terapeuta são os mesmos reiterados pela família (para ter sucesso é preciso lutar pelas próprias coisas), razão, inclusive, para a tarefa que F1 recebeu na sessão anterior. Ora, se sistema terapêutico e familiar confirmam o mesmo sistema de crenças, por que a palavra de outrem – essa forma de discurso direto citado (*é como minha terapeuta diz*) – ficaria restrita apenas ao primeiro?

Podemos pensar que o *dixit* restrito à terapeuta, neste caso, tornaria monofônico um discurso bivocal: emudeceria a família e daria voz à terapia; o locutor, que acabara de protestar quanto a ter de viver “indo de um hospital a outro”, inesperadamente constrói com o sistema terapêutico uma parceria. Ficamos, assim, diante de alguns efeitos de sentido, três dos quais queremos registrar, todos eles reveladores de um paciente que, acuado e pressionado pelos mundos familiar e terapêutico a mudar de atitude, constrói de tal modo um arcabouço defensivo, que acaba por inverter as acusações.

O primeiro efeito de sentido é o de tornar-se vítima. Diante das acusações de que não faz as tarefas próprias de um jovem de vinte e dois anos e que tampouco recompensa os que trabalham por ele (mãe e irmãos), ajudando nas atividades domésticas, vale-se de uma carta para devolver as críticas, apontando os defeitos e as incompetências de cada um. Seu mundo volitivo, antagonizado entre *querer* e *não querer viver* de um jeito determinado, reflete a voz de um sujeito semelhante ao que Discini (2003, p. 45) chamaria de “patêmico abúlico e paradoxalmente volitivo”

---

<sup>32</sup> Essa família foi atendida nas instalações da Psiquiatria da Unifesp, no setor voltado ao tratamento de pacientes portadores de esquizofrenia, do qual o Curso de TF utilizava uma sala.

(*Quero viver minha vida normalmente. Não quero viver minha vida indo de um hospital a outro.*). Como reforço a essa voz que reivindica o livre-arbítrio, surge uma outra voz – a da terapeuta (*É como minha terapeuta diz: se você quiser ir em frente você tem que buscar suas coisas.*). O tema é o mesmo trazido pela família: só muda o locutor. No entanto, muda toda a enunciação e isto aponta para o segundo efeito de sentido que gostaríamos de assinalar: para o paciente (este e todos os outros?), as palavras do sistema terapêutico podem produzir um efeito de fidúcia com relação à percepção das coisas do mundo de forma mais eficaz que as da família, ainda que ambas exponham os mesmos valores e coincidam, portanto, histórica e ideologicamente.

O terceiro efeito do sentido, bastante ligado ao segundo, é o de que o sujeito só encontra permissão para manifestar-se por meio de um outro locutor, devidamente qualificado, como o é o terapeuta. Assim sendo, o *dixit* constituir-se-ia numa astúcia enunciativa para ocultar o sujeito, ou seja, num jeito enunciativo de não assumir responsabilidades com relação aos próprios enunciados. Desta forma, F1 não precisaria assumir suas responsabilidades discursivas, como tampouco assume as familiares. Seu discurso teria uma assinatura alheia – a da terapeuta –, o que o livraria de comprometer-se com ele.

Colocando-se como receptor desse discurso de outrem, respondendo ele próprio ao *dixit*, pergunta-se, então: *O que eu construí? Nada! Vou fazer 22 anos.*

De quem seria, agora, essa voz? Quem é esse outro que agora fala? O jovem que constata a inércia de sua postura em relação à vida – que irrevogavelmente passa –, a mãe ou os irmãos, que sempre lhe dizem o mesmo ou a terapeuta? Nesse momento, por meio de um provérbio, discurso do Outro, faz o poder mudar de mãos: *O amanhã a Deus pertence.*

Com um recurso de tal envergadura, minimizam-se, ou talvez se anulem todas as falas, todas as críticas, todos os perigos: Deus provê e a ele pertence o futuro. Em contrapartida a uma lenta justiça dos homens, a garantia da proteção do Pai, seu novo e grande interlocutor: *Oh, meu Pai, o que faço agora?* Podemos observar, a partir de então, o dialogismo expresso pela construção polifônica, por meio de duas vozes, uma para o mundo sacro, outra para o profano.

O vocativo acentua o tom teatral da interrogação. Um locutor desesperado, diante de um auditório consensual e academicamente preparado para ajudá-lo, pede a interferência de um Pai presumivelmente presente, em oposição aos outros pais (o

biológico e o padrasto), que se recusam a comparecer às sessões terapêuticas. O interlocutor de F1 é Deus, mas não só ele: a família, as terapeutas e a equipe de supervisão o escutam, estes três últimos grupos de interlocutores transformando-se, no entanto, em audiência, sempre que o locutor (F1) sentir necessidade de, ao comprometê-los, afastá-los da interação. O jogo de inclusão de parceiros de interação mais eficazes (ou menos amedrontadores) prossegue quando o locutor convida mais uma interlocutora: agora se trata da companheira do Pai, ninguém menos do que a Mãe, Nossa Senhora. Vale-se, portanto, da ambigüidade ao referir-se à Nossa Senhora como sua interlocutora, por meio de um dramático vocativo: *A única mulher a quem posso pedir ajuda é Nossa Senhora. Oh, Mãe, me ajude!* Poderemos conjecturar a respeito de qual seria essa Mãe, a quem F1 clama por ajuda:

- a) a **Mãe de Deus**, que, por seus poderes extraterrenos pode exercer uma justiça mais rápida e eficaz do que a dos homens. Outra designação apropriada para este vocativo é o de polaridade feminina de Pai, o que permite, fantasmaticamente, que se recomponha a tríade Pai-Mãe-Filho. Podemos pensar que a presentificação da Mãe de Deus é uma forma semiótica de participar do processo divino, onde a oração e a invocação do nome sacralizado têm o efeito de presentificar a própria Nossa Senhora; F1 não utiliza, portanto, uma fala que representa; ao evocar a Virgem, faz coincidir o nome e a coisa nomeada; a Mãe não significa, portanto, a coisa nomeada: ela é a própria coisa nomeada. Seguindo esta hipótese de re-significação, poderemos pensar que F1 permanece como filho, mas dotado agora de poderes maiores do que os de seus pais terrenos; ou, pelo menos, protegido por pais mais adequados do que aqueles que o geraram biologicamente;
- b) a **mãe biológica**, aquela que o criou praticamente sozinha, edipicamente sua primeira namorada – no caso de F1, por enquanto, sua única namorada. Neste momento, é importante ressaltar que esse paciente se mantinha, durante as sessões, numa postura de absoluto embevecimento diante da mãe, com o corpo voltado em direção a ela, sem arredar por um instante seus olhos, embebendo-se em cada um dos gestos ou palavras maternas. A equipe por detrás do espelho,

durante as supervisões, observava sempre esse importante detalhe para as duas terapeutas, chamando a atenção para o fato de que F1 admirava sua mãe como se ela fosse a mulher amada ou Nossa Senhora. Esta ressalva pode fazer pensar que F1 está bastante enciumado pelo namoro da mãe, muito mais do que revoltado pelo comportamento do itinerante padrasto, que ora participa da família e do leito materno, ora desaparece, provocando intensos e freqüentes momentos de depressão na mãe. De acordo com esta hipótese, F1 permanece filho, mas agora de uma mãe traiçoeira, que trocou o amor leal que sente por ela por um amor conflituoso e inseguro. Namorado traído, F1 é um filho sem pai, e com uma mãe inadequada, em quem não se pode confiar, como o demonstram as escolhas de vida que ela faz. A interlocução, neste caso, ocorre entre F1 e a mãe biológica que, por seu comportamento, nega sua origem divina;

- c) as **terapeutas e a supervisora**: todas são mulheres e todas o observam. Talvez F1 espere que alguma delas se apiede dele, tomando seu partido e livrando-o da situação constrangedora em que se encontra.

Voltando à primeira hipótese (a), poderemos pensar que, sem dúvida, com uma dupla de pais como esta, emanada do mundo das entidades divinas, F1 poderá livrar-se de todos os problemas gerados pelos outros, e não por ele:

*Se eu pensar que meu irmão está entrando no vício.../Minha irmã foi seqüestrada...Meu padrasto só dá problemas/ Minha mãe não resolve as coisas.*

Como efeito de sentido, num contexto de práticas discursivas interpretativas, como o é o contexto de terapia de família, poderemos pensar que F1 assumiu, ao menos nesse momento da sessão, o lugar do especialista. Combatido ferozmente em todas as sessões anteriores como o elemento discordante da estrutura familiar, aquele que impede o crescimento dos demais membros, e trazido às sessões “para se tratar”, num espaço aberto a olhares curiosos de sujeitos desconhecidos mas intitulados especialistas, F1, ao utilizar um gênero diverso da sessão de terapia, em que se salientam suas incompetências, muda o jogo discursivo e se torna o próprio

interpretante. A assimetria do diálogo efetivada até então muda de direção: quem fala como especialista é aquele que tem por interlocutores sujeitos divinizados, como o Pai e a Mãe celestiais, aos quais pode revelar todos os males e apontar os verdadeiros culpados. Pode, inclusive, re-significar um comportamento inadequado de um irmão (F2), fazendo dele um cúmplice nesse drama familiar, em que os filhos não são percebidos em sua angústia: *Meu irmão está fazendo tudo para chamar a atenção.*

Pode, inclusive e principalmente, eximir-se de toda responsabilidade de seus atos, ao prenunciar “um outro que vive em mim” e revelar um sistema de crenças onde a divindade dá lugar a entidades maléficas: *Sei que tudo o que acontecer pode ser influência de algum espírito maligno.* Mas, ao final da interlocução, uma auto-referência faz surgir uma voz culpada, prisioneira das acusações do sistema familiar: *ou meu mesmo.*

Em suma, depois de tantas conjecturas, em que F1 tenta interpretar de outra maneira o que ocorre em sua família, depois de ocupar o lugar do especialista que interpreta e denuncia, acaba por concluir que “tudo pode acontecer por influência de um espírito maligno” que pode ser, anaforicamente, ele mesmo. A alternativa *ou*, com possibilidade de inclusão ou exclusão, ao mesmo tempo que o libertaria da responsabilidade por seus atos, pode igualar os dois espíritos malignos: uma provável entidade exterior, sem controle, portanto, ou a emanada dele próprio. O possessivo *meu* pode acentuar a inerência desse espírito, acentuado pelo denotativo *mesmo*, cujo efeito de sentido é duplamente reiterado: o espírito maligno sou eu *próprio* ou, mantendo a homeostase do sistema dessa família, *realmente* sou eu, como todos o dizem, o espírito maligno – no jargão terapêutico, o paciente identificado – da família.

Identificado ou confirmado como o demônio familiar, só resta a esse sujeito a ação demoníaca correspondente: a ameaça, não do que fará, mas de sua capacidade de ira. O tom até pouco súplice revela agora uma voz que ordena e ameaça: *Se minha mãe não resolver as coisas com meu padrasto eu vou ficar nervoso.* Mas, logo em seguida, retira a máscara e revela o seu sofrimento: *Esses dias de solidão são terríveis.* O sujeito nervoso e ameaçador dá voz e lugar ao sujeito angustiado.



### 3.3.4 Vozes que impõem territórios lingüísticos

Passamos, neste momento, ao **Fragmento 2**.

#### Fragmento 2:

- M** eu fico contente porque ele não é expressivo:::na semana passada ele teve pico de euforia...ele ri muito...ele agride...perde a paciência fácil...ele é assim mesmo...
- 5 T1** disso tudo o que ele falou...o que mais te pegou? estou falando do conteúdo e não da forma...
- M** é a angústia o que mais me pega...porque ele quer que eu decida...
- T2** (para F2) e você...o que acha?
- F2** ele já viu todo mundo passar a fase e sabe que ele tem condições de passar isto...você passar alguma coisa para o outro você tem de estar bem estruturado...se eu falo coisas que doem...eu sou assim mesmo...ele falou muitas coisas de mim...da bebida e do cigarro eu concordo...chamar a atenção de minha mãe NÃO...tudo o que eu quero é ser feliz...não quero subir na vida...não preciso das terapeutas para mudar...
- 10 T1** vocês nunca tiveram um momento de pensar, divagar, refletir?
- F2** se hoje eu me envolvo com bebida...com cigarro...minha mãe me levou para a casa do meu pai e lá eu fiz as reflexões...na casa do meu pai eu refleti...não quero isto para mim mas escrever eu não escrevo...
- 20 T1** vocês pegam do lado da angústia...mas tem um dado de realidade...a idade é diferente...eu não leio o que ele escreveu como uma angústia patogênica...
- T2** ele está buscando formas de estar no mundo...
- T1** o caminho que você vai escolher é o seu...
- 25 T2** o seu próprio caminho...
- T1** ele vai falando alto...
- T2** ele vai falando alto...

- T1 eu gostaria de saber...
- T2 você pode fazer uma analogia com o que escreveu?
- 30 T1 você tem vontade de fazer faculdade? Pra se crescer...construir pontes.....escolher um caminho...é preciso que se reconheça que se tem uma cor...uma cara...uma identidade...e você está buscando um contorno...você mostrou uma sagacidade...eu concordo com você...está mostrando raiva e hoje é primeiro
- 35 momento...e isto pode ser uma ponte para fazer faculdade...
- F1 estou de saco cheio de ficar no papel de dono de casa...é importante falar que não quero mais isto...
- T1 o caminho que F2 está correndo é de risco...é importante que se nomeie isto...porque você sabe que você está num caminho de
- 40 risco...vocês podem fazer diferente...vocês podem ficar juntos sem ficar misturados...
- T2 cada um pode fazer diferente sem papéis tão rígidos...
- F1 todo mundo vai ficar separado...
- T1 você tem medo...não?
- 45 F1 sim...tenho muito medo...
- T2 (para F2) e você...como é isto...
- F2 um dia vai ser assim...vamos levantar e não vamos mais ver o outro...
- T1 (para M) e você?
- 50 M sou parecida com F1...na hora de liberar sou travada...sei lidar com clientes...com contas...não sei lidar com a noite nem com os fins de semana...como viver só na minha direção?...cada um na sua direção... eu não sei ir nem vir...aliás...não sei sair do lugar...
- F1 eu acho que minha mãe está sentindo um amor precoce...
- 55 T1 eu acho que nós podemos fazer uma imagem...você diz que é preciso a sensação de estar grudado...confuso...para ter o seu caminho...eu estou traduzindo o que ouvi...faz sentido?
- M e F2 ( ao mesmo tempo) faz...
- T1 eu entendo que você disse que é diferente para você... a idéia é
- 60 construir...

- F1 é como uma simulação?(para a supervisora) é isso que você quer?  
 S não sei...  
 F1 posso continuar escrevendo? fica mais fácil...  
 S é muito bom escrever...mas você pode também se expressar muito bem...  
 65  
 F1 as palavras já expressam por si...né?  
 S acho que a gente trabalhou hoje a dificuldade entre pertencer e deixar de ser...eu fiquei pensando se F2 não tem culpa por seguir o seu caminho... você está fazendo uma ponte sem romper...  
 70 F2 você está no desejo...mas ainda é preciso coragem para romper...  
 T1 talvez você possa se expressar...  
 S NÃO...eu quero um desenho...  
 T2 é para a supervisora o desenho...  
 75 S (para M) você tem pânico porque você viu o que você mais tem...  
 M eu estou me educando...percebo que estou indo...mas é muito difícil...  
 é como uma garrafa de fumaça...mas eu tenho de conseguir...  
 T1 é como você disse...vamos tentar...  
 S vamos tentar para construir aquela ponte...

O **Fragmento 2** compõe praticamente toda a sessão, com exceção da carta analisada acima e da última fala de F1, que comporá o **Fragmento 3**, e com a qual concluímos nosso trabalho. Inicia-se com um comentário da mãe a respeito do que foi lido pelo filho:

*(l.1-3) eu fico contente porque ele não é expressivo:::na semana passada ele teve pico de euforia...ele ri muito...ele agride...perde a paciência fácil...ele é assim mesmo...*

Rejeitando todo o mundo do sentir de que se impregna a fala de F1, a mãe firma-se no percurso do agir e do analisar objetivamente. O jargão médico (*pico de euforia*) e psicológico (*ele não é expressivo*) revela um discurso-outro, muito menos angustiado do que o esperado para uma mãe de um filho problemático: esse

discurso de especialista, ainda que de empréstimo, permite um vão abissal entre o que se supõe sentir seu coração e pensar sua cabeça. E mais: permite minimizar ou banalizar todas as pontiagudas arestas de um comportamento preocupante de um jovem de vinte e dois anos com um diagnóstico bem simples: *ele é assim mesmo...* Esta reação faz lembrar Bakhtin (2000: 1979, p. 25), quando diz que “um autor modifica todas as particularidades de um herói, seus traços característicos, os episódios de sua vida, seus atos, pensamentos, sentimentos, do mesmo modo que, na vida, reagimos com um juízo de valor a todas as manifestações daqueles que nos rodeiam”; na vida, porém, em lugar de nos interessarmos pelo *todo do homem*, reagimos aos atos isolados com que nos defrontamos e que nos dizem respeito, ou seja, estamos sempre e irredutivelmente no mundo das relações. O discurso da mãe, embora oculto pelo discurso-outro do mundo especialista, mantém-na prisioneira da relação que estabelece com seu filho, o que a impede de alheamento ou autonomia.

A terapeuta, porém, ao espiar por detrás desse muro de proteção discursiva, procura a outra voz, aquela que se oculta, a voz da mãe que se angustia:

(1.4-5) *disso tudo o que ele falou...o que mais te pegou? estou falando do conteúdo e não da forma...*

Apesar da impossível separação pedida, entre forma e conteúdo, consegue fazer falar a outra voz, a materna: por meio de uma pergunta própria do discurso terapêutico, que antecipa a resposta da paciente, com a parceria de um intensificador (*mais*), de um pronome indefinido anafórico (*tudo*) e de um verbo (*pegou*), encurrala a possibilidade de escape e faz a voz materna assumir um tom confessional:

(1.6) *é a angústia o que mais me pega...porque ele quer que eu decida...*

Neste ponto, observemos um detalhe desta forma de perguntar, muito comum no meio terapêutico. Além de ser própria do discurso de especialista de que já falamos acima, é interessante refletir, mais uma vez, a respeito do *ethos* terapêutico. A terapeuta, ao deixar de lado o conteúdo da fala da mãe e perguntar a respeito do que a “pegou”, apresenta um *tom* que impõe autoridade a seu discurso, veiculando

sentidos que levam o interlocutor a ter de aceitar e mesmo a pactuar com seu mundo valorativo. Como, nesse momento enunciativo, a profissional se investe de valores socialmente especificados e ocupa o lugar de um perito que domina uma importante área do conhecimento humano (a psicologia), pode, então, fazer supor que sabe antecipadamente o que “pega mais” uma mãe, ou, pelo menos, aquela mãe que está à sua frente. Já falamos desse aspecto discursivo em outro momento de nossa análise (na primeira sessão), quando mostramos que algumas perguntas da terapeuta podem conceder-lhe uma aura adivinhatória, o que lhe concede um imenso poder. Para Maingueneau, um enunciador<sup>33</sup> assim imprime, por meio de sua fala, uma identidade adequada ao mundo que constrói com seu enunciado, legitimando, por meio dele, sua própria maneira de dizer (2001:1998, p. 99). Estas idéias se aproximam das de Fairclough (2001:1992, p. 91), quando afirma que as práticas sociais se relacionam com a estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis e das de Bourdieu (1998;2002); isso se pode perceber, por exemplo, nas relações específicas em instituições, que reafirmam o discurso como prática de representação e significação do mundo; ao constituir e construir o mundo em significado, as práticas sociais contribuem para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, de alguma forma, o moldam e o restringem, por meio de normas, convenções, relações e identidades subjacentes.

Desta forma, podemos pensar que a identidade social da terapeuta em questão e, por extensão, de todo terapeuta, na posição de sujeito, de quem diz “eu”, investe-se de plenos poderes, estabelecendo e fixando o lugar de quem sabe o que se passa com o outro, já que também domina um sistema de conhecimentos e crenças construídos *a priori*, o que confirma a posição de Gnerre (1998:1985, p. 22), ao dizer que, “a começar do nível mais elementar de relações com o poder, a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder”, ao que poderíamos também acrescentar “e também o mais poderoso para ilhar o outro dentro de sua não competência”.

Essa assimetria, que se marca pela autoridade e pelo conhecimento – muitas vezes presente em entrevistas sobre saúde (emocional, em nosso caso) –, contribui para estabelecer e tornar fixos os lugares sociais: pacientes de um lado, terapeutas de outro, distanciando formal e socialmente o relacionamento entre ambas as partes.

---

<sup>33</sup> Maingueneau (op.cit.p.98) utiliza a expressão “fiador” para referir-se à instância subjetiva que emerge da construção de uma representação do corpo do enunciador, por meio do tom utilizado.

Um dos efeitos de sentido provocado é o de que pacientes são, mais do que pessoas, portadores de complicações, enquanto os terapeutas têm ferramentas precisas e infalíveis para entender que complicações são essas (e curá-las).

Os mesmos jogos de poder entre lugares sociais diferentes, como estes que estamos analisando, podem repetir-se entre pares sociais, como podemos observar, nessa sessão, na relação entre as terapeutas (incluindo a supervisora), como sugere, por exemplo, a pergunta seguinte do mesmo texto, feita pela outra terapeuta (T2) ao outro irmão (F2):

(I.7) *e você...o que acha?*

A pergunta dessa terapeuta (pergunta que em TF se chama reflexiva, conforme já citamos), que mais sugere um convite, deixando transparecer um outro discurso, o terapêutico, aparentemente tem o mesmo objetivo da anterior: envolver um novo membro da família na interlocução. Pode, no entanto, trazer algumas pistas implícitas de que as terapeutas continuam protegendo a face, omitindo sua própria impressão sobre a carta de F1; deste modo, a pergunta confirmaria uma dupla função: expor os pacientes e ocultar as terapeutas. E mais: proteger a face positiva da segunda terapeuta (T2), que deveria, em situação de terapia, mostrar sua eficiência em dialogar com os pacientes. Afinal, a regra não explícita mas severamente cobrada durante as supervisões é que todo terapeuta deve participar ativamente das sessões, o que permite supor que T2 se sinta induzida a manifestar sua presença, e o faz, parafraseando T1, o que provoca apenas mudança de interlocutor. Este funcionamento discursivo faz lembrar Rosa (1998, p. 23), que, referindo-se a Goffman, fala sobre as duas formas de pressão que toda interação face a face sofre: as *comunicativas*, que garantem a boa transmissão da mensagem e as *rituais*, que asseguram a mútua preservação da face dos interlocutores, cabendo a estas últimas a maior influência sobre a estrutura do discurso.

A terapia sistêmica, principalmente a de linha estrutural, insiste na questão da hierarquia familiar, traçando uma linha divisória horizontal entre os membros parentais e a fratria (irmãos). Os terapeutas devem também agir de forma hierárquica com relação a seus pacientes, gerindo a interação das sessões. Isto permite conjecturar que a segunda terapeuta (T2), calada até então, sentindo-se em defasagem em relação à loquacidade/desinibição de sua colega, tenta

isomorficamente uma aproximação com o segundo filho (F2), cuja voz tampouco despontara até o momento. Estabelecem-se, assim, alianças entre os pares da comunicação, de sorte que T1 relaciona-se com F1 (em evidência na sessão) e com M, restando à T2 a possibilidade de relacionar-se com F2. Essa divisão pode revelar também uma disputa silenciosa entre T1 e T2.

Ao mesmo tempo que observamos a aliança de algumas vozes, também registramos a variação entre essas vozes e os efeitos de sentido buscado: enquanto a primeira terapeuta (T1) busca, com sua pergunta, um conteúdo emocional (quer saber o que mais *pegou*, ou seja, comoveu a mãe), a segunda (T2) preocupa-se com o que o paciente *acha*, ou seja, pensa. Essa mesma terapeuta fará, mais adiante, outra pergunta distanciada do mundo emocional:

(I.29) *you can make an analogy with what you wrote?*

Estimulado pelo convite da T2, o segundo filho (F2) expõe o que pensa sobre o comportamento de seu irmão, deixando surgir uma polifonia de vozes, ora fraternas ora paternas ora terapêutico/filosóficas:

(I.8-14) *ele já viu todo mundo passar a fase e sabe que ele tem condições de passar isto...você passar alguma coisa para o outro você tem de estar bem estruturado...se eu falo coisas que doem...eu sou assim mesmo...ele falou muitas coisas de mim...da bebida e do cigarro eu concordo...chamar a atenção de minha mãe NÃO...tudo o que eu quero é ser feliz...não quero subir na vida...não preciso das terapeutas para mudar...*

Ao mesmo tempo que recusa a ajuda das terapeutas, aproximando-se, portanto, da fala do irmão mais velho, investe-se do *ethos* terapêutico, interpretando o comportamento do irmão. Vale lembrar, uma vez mais, de Fairclough (2001:1992, p. 97), quando, ao analisar situações como estas, entende que o que se aplica aos limites entre as posições de sujeito e as convenções discursivas associadas de modo geral também se aplica aos limites entre distintas ordens de discurso. No caso, a ordem de discurso de uma família em atendimento complementa-se com a ordem de discurso da terapia, cristalizando suas convenções discursivas. Caso haja contradições, como, por exemplo, na eventualidade de se chamar a atenção para o

fato de que algum paciente não age como tal, mas sim, como se fizesse parte da equipe terapêutica, pode ocorrer que um membro (ou vários) dessa família defenda(m) esse paciente, contrariando a observação feita, para garantir a manutenção do *status* familiar, que, nesse caso, constituirá uma plataforma de disputas para redefinir as relações e os limites de ambos os domínios (grupo familiar x grupo terapêutico).

O que acontece, porém, em nosso texto, é que, ao romper os limites entre os sujeitos socialmente diferenciados e demarcados, F2 rompe também os limites das convenções discursivas, dizendo, diante das terapeutas, que não precisa delas para mudar; com tal atitude, infringe uma convenção de polidez e o próprio estabelecimento dos papéis de autoridade, e se aproxima de um dos sentidos possíveis para uma fala de F1, a respeito de viver em hospitais. Em seu discurso, utiliza a forma pronominal *você* (*para você passar alguma coisa para o outro você tem de estar bem estruturado*), que apresenta, neste texto, uma função interativa, como se se referisse a um pronome de terceira pessoa indefinido (o *on* francês), a quem é atribuída a ação por parte do locutor. Tomando de empréstimo a observação de Preti (2002, p. 58-59) sobre essa forma pronominal, registraremos esse uso em sentido genérico, apontando para o que qualquer pessoa (que não o próprio locutor) possa vir a fazer; o uso do *on* como um elemento expressivo, além de reforçar os argumentos do falante, aproxima-o do interlocutor e aumenta o tom dramático da conversação, como podemos observar na fala desse segundo filho (F2) Cabe, neste ponto, uma comparação entre esta recusa explícita e aquela do silêncio do filho, na sessão anterior. Desta vez, o limite imposto à TF é o da negação que afirma. Naquele é o do silêncio, que exclui.

A primeira terapeuta (T1) não se preocupa, mais uma vez, em responder diretamente a esse paciente, como tampouco se preocupara em responder à fala/carta de F1 e à fala da mãe e torna a fazer uma pergunta semelhante à anterior:

(l.15) *vocês nunca tiveram um momento de pensar, divagar, refletir?*

A negação “*nunca*” ajuda a provocar um efeito de sentido de monofonia em seu discurso. Ao dirigir-se a um destinatário plural (*vocês*) em resposta a um destinatário



individual, incita-nos à seguinte pergunta: quem fala com quem, nessa sessão? Qual é o verdadeiro destinatário?

Marcuschi (1991, p. 38), que pôde observar em suas pesquisas um tipo semelhante de perguntas, chama a atenção para o fato de que algumas delas podem indicar um traço de polidez, permitindo uma resposta seca, sem expectativa definida. Concordamos com ele no tocante ao tipo de resposta que uma pergunta dessas pode provocar; no entanto, o corte imposto à fala de F2 parece-nos romper com algum possível traço de polidez e sugere alguns efeitos de sentido de luta pelo poder: um deles é o de retaliação feita pela terapeuta, ao sentir-se desqualificada como profissional, por um jovem, diante de uma platéia. Neste caso, ela atribuiria à família (observe-se que ela usa o destinatário plural “vocês”) uma impossibilidade de usar o tempo para pensar, acentuada pelo emprego de um modalizador com aspecto tão definitivo como “nunca”.

A heterogeneidade de sua fala poderia reafirmar, então, o “eu profissional”, eivado de autoridade e competência explícitas, distanciado dos pacientes e protegido deles pela formalidade de uma pergunta-afirmação com aspecto de negação. Assim sendo, poderíamos pensar no contexto terapêutico como um campo de luta, onde um dos interlocutores (T1) entra em relação de contestação e luta com os demais, com a permissão/garantia do lugar de especialista que ocupa.

Outro efeito de sentido, absolutamente imbricado no primeiro, é o de que o destinatário conta muito pouco nesta sessão, e que a terapeuta prossegue à revelia dos sujeitos presentes, ou seja, seu discurso terapêutico é soberano. Não importam as réplicas, não importa o outro: importa que o discurso aconteça e siga seu roteiro. Contribui para isto o fato de que essa terapeuta faz uma pergunta (insinuação) sobre a incapacidade/impossibilidade de pensar, utilizando seqüências com conteúdo semântico próximo, mas não igual (pensar, divagar, refletir) como fechamento da elocução desse segundo filho (F2), que, embora sem se prender a tópico nenhum, circulara por vários tópicos, interligando-os. Ou seja, o paciente vinha justamente *divagando* ou *pensando* ou *refletindo* sobre sua própria vida e a de sua família, as fases da vida e a necessidade de estrutura para superar essas fases, num processo dialético entre concordância/discordância a respeito desses temas. A pergunta que fica é, então, a seguinte: se todo ouvinte é também um respondente, todo falante será também um ouvinte?

A segunda parte da pergunta ainda não tem resposta; mas a primeira já está respondida, por sinal, pelo próprio paciente, que prossegue *divagando, pensando ou refletindo*, ao mesmo tempo em que deixa claro que a casa do pai é o lugar adequado:

(l.16-19) *se hoje eu me envolvo com bebida...com cigarro...minha mãe me levou para a casa do meu pai e lá eu fiz as reflexões...na casa do meu pai eu refleti...não quero isto para mim mas escrever eu não escrevo...*

A terapeuta, então, esmerilha o vocabulário de especialista e amplia o fosso entre os locutores:

(l.20-22) *vocês pegam do lado da angústia...mas tem um dado de realidade...a idade é diferente...eu não leio o que ele escreveu como uma angústia patogênica...*

Falávamos acima a respeito da tensão que sofre um terapeuta quando se sente coagido a falar em público com seus pacientes, tendo de estabelecer diálogos pertinentes, que propiciem um bom encaminhamento discursivo nas sessões. Essa tensão é sentida principalmente se seu parceiro de atendimento costuma tomar a

frente das sessões e fazer perguntas ininterruptas. Restam, então, poucas saídas: ou esse terapeuta rompe os grilhões com que sua timidez o aprisiona e conquista seu próprio espaço interlocutivo ou fica à sombra do outro, contentando-se em aquiescer ou parafrasear. Se a sabedoria popular garante que “quem cala consente”, nas sessões de co-terapia esse mesmo provérbio pode ganhar alguns adendos ou contraposições. Poderemos observar, por exemplo, que “quem cala, nem sempre consente: apenas não fala o que sente”. Poderemos observar, também, que “quem cala consente somente até que possa mostrar-se presente”, e, quando o faz, muitas vezes cria um bakhtiniano foco de luta discursiva, como veremos na seqüência da sessão.

A fala de especialista da T1 apontada acima, com jargões tão típicos do mundo terapêutico:

*(l.20-22) vocês pegam do lado da angústia...mas tem um dado de realidade...a idade é diferente...eu não leio o que ele escreveu como uma angústia patogênica...*

traz como contrapartida uma resposta de T2 em defesa do paciente:

*(l.23) ele está buscando formas de estar no mundo...*

Abre-se, então, um jogral, às vezes parafrástico, às vezes antagônico entre as duas terapeutas. Enquanto o destinatário da T2 parece ser a T1, esta parece dirigir-se a F2, sem ouvir a colega:

*(l.24) T1 o caminho que você vai escolher é o seu.../ (l.25)T2 o seu próprio caminho.../ (l.26)T1 ele vai falando alto.../(l.27)T2 ele vai falando alto...*

A literalidade parafrástica prossegue, com falas que se reforçam e se opõem a si próprias: se, “cada um escolhe seu caminho”, alguns trilham sobre o caminho dos outros, atropelando algumas vozes e deixando ouvir outras, como, por exemplo, a da competição. Enquanto uma voz quer pedir nova informação:

(l.28) T1 *eu gostaria de saber...*

a outra tem solicitações diferentes:

(l.29) T2  *você pode fazer uma analogia com o que escreveu*

Antes, porém, que o paciente responda, o império terapêutico da primeira voz contra-ataca:

(l.30)  *você tem vontade de fazer faculdade?*

E antes também de que haja um novo impedimento, o falante, à maneira que descreve Bakhtin, comprova ser ele mesmo seu próprio respondente:

(l.30-35) T1  *Pra se crescer...construir pontes.....escolher um caminho...é preciso que se reconheça que se tem uma cor...uma cara...uma identidade...e você está buscando um contorno...você mostrou uma sagacidade...eu concordo com você...está mostrando raiva e hoje é primeiro momento...e isto pode ser uma ponte para fazer faculdade...*

Estabelece-se, assim, a identidade de cada uma das terapeutas, quiçá essa mesma identidade de que a T1 fala acima para um indefinido e/ou múltiplo destinatário (F1?F2? a mãe? o auditório?). Aquele *ethos* de que tratam Maingueneau e tantos outros autores (DISCINI, 2003; POSSENTI, 2003, por exemplo) acaba de configurar-se na fala da T1: mesmo que os diálogos sejam ferinos, mesmo que se perceba que a fala *está mostrando raiva, é preciso*, com efeito, tanto na esfera terapêutica como na familiar (para só citar as de que vimos tratando):

*que se reconheça que se tem uma cor...uma cara...uma identidade... um contorno... uma sagacidade...*

Quando não exteriorizamos com clareza o direcionamento de nossa fala, o mais provável é que ela mude de percurso ou de destinatário. Tanto é verdade, que

o filho mais velho, o paciente que lera a carta e se calara, coloca-se no papel do alocutário, reiterando suas queixas iniciais:

(l.36 ) *estou de saco cheio de ficar no papel de dono de casa...é importante falar que não quero mais isto...*

Mas a terapeuta (T1) não o escuta e persiste em seu monólogo, lendo sua cartilha única, pessoal e intransferível de interpretação e re-significação terapêutica:

(l.) *o caminho que F2 está correndo é de risco...é importante que se nomeie isto...porque você sabe que você está num caminho de risco...vocês podem fazer diferente...vocês podem ficar juntos sem ficar misturados...*

A segunda terapeuta (T2) retoma a voz parafrástica, eco de sua colega, como se pudesse garantir que o já-dito, repetido, pudesse surtir mais efeito:

(l.42) *cada um pode fazer diferente sem papéis tão rígidos...*

Com isto, aciona novamente o jogral, que, em lugar da polifonia, ressalta a solidão monológica dos discursos sem ouvintes, dos endereçamentos sem destinatários, cartas escritas ou faladas, desprovidas, porém, do nome do remetente:

(l.43) *F2 todo mundo vai ficar separado...*

Se, no meio da monofonia, surgir, ainda que de leve, uma esperança de diálogo, uma concordância de, ao menos, duas vozes:

(l.44) T1 *você tem medo...não?!* (l.45) F1 *sim...tenho muito medo...*

a voz do outro, de dentro de um discurso-outro, que aprendeu que “devemos fazer perguntas reflexivas para envolver todos os pacientes” faz sua tarefa perguntadora de terapeuta e põe fim ao diálogo de sua colega com F1:

(l.46) para F2 e você...*como é isso?*

Parceria feita, está garantido o isomorfismo ensinado na TF e percebido desde o início da sessão: a T1 associa-se ao filho mais velho e à mãe; enquanto, paralelamente, a T2 alia-se ao mais jovem, que lhe responde prontamente:

(l.47) *um dia vai ser assim...vamos levantar e não vamos mais ver o outro...*

Esse lamento sobre a falta do outro, do que me abandona e sai da minha vista, do que não me preenche os dias – tom monocórdico dessa família desde o primeiro momento –, deixa-se perceber sempre que encontra uma fissura: a ferida aberta ao menor toque pergunta sempre, como o fazia Barthes (2003:1997, p. 60), “*Quem escreverá a (nossa) história das lágrimas?*”

Falta, então, para compor as parcerias, a inclusão da mãe:

(l.48) T1 (para M) e você?

A voz consonante da tristeza expõe, em resposta, o desespero dos dias e noites vazias, nesse jeito que ela encontrou de viver, ao mesmo tempo só e mal acompanhada:

(l.50-53) *sou parecida com F1...na hora de liberar sou travada...sei lidar com clientes...com contas...não sei lidar com a noite nem com os fins de semana...como viver só na minha direção?...cada um na sua direção... eu não sei ir nem vir...aliás...não sei sair do lugar...*

A incompletude do outro, a falta do abraço amoroso é como a bússola rota que aponta a rota falsa: de onde se verá a estrela do norte, em noites tão escuras?

Manoel de Barros<sup>34</sup> diz que não precisou ler São Paulo, Santo Agostinho, São Jerônimo, São Tomás de Aquino ou São Francisco de Assis para chegar a Deus,

---

<sup>34</sup> “**Não precisei ler São Paulo, Santo Agostinho,**

porque as formigas lhe haviam ensinado o caminho. Manoel de Barros é doutor em formigas. Algumas boas interpretações também são assim, vêm de onde menos se espera. Se, para Manoel de Barros, a possibilidade do caminho e do conhecimento veio pelas formigas, para nossa sessão terapêutica, essa possibilidade surgiu do lugar menos imaginado até então: da boca do paciente identificado, justamente aquele que as famílias (e esta família não é exceção) costumam considerar o problema, o culpado pela desgraça de todos. O que era considerado doente virou terapeuta e fez o diagnóstico:

(l.54) *eu acho que minha mãe está sentindo um amor precoce...*

A voz do terapeuta, expressa pelo fio do discurso da voz do filho mais velho, do “filho-doente”, desloca os sentidos das possíveis incongruências do sentimento materno: a mãe não é imatura, não se comporta como uma adolescente. Nada disto: ela apenas sente *um amor precoce...*

A partir desse momento, o lugar central da enunciação é ocupado por F1, que se investe do saber e do poder do terapeuta. Por isto, quando T1 lhe dá uma ordem de fazer uma dramatização, ele imediatamente busca um destinatário inesperado: a supervisora da sessão. Dirige-se a ela, reconhecendo o lugar de importância que ela ocupa e mostrando que só receberá ordens de poderes mais altos do que os da terapeuta com quem vinha se tratando:

(l.61) *é como uma simulação? (para a supervisora) é isso que você quer?*

Ao convidar para o jogo discursivo aquela que hierarquicamente ocupa o principal lugar da sessão, alia-se ao ponto mais alto do lugar de fala, passando a interagir apenas com ela e exigindo também dela uma disputa pelo lugar do poder.

---

***São Jerônimo, nem Tomás de Aquino, nem São***

***Francisco de Assis/***

***Para chegar a Deus.***

***Formigas me mostraram Ele.***

***(eu tenho doutorado em formigas).”***

Ensaio Fotográfico. 2003. Editora Record. p. 55

Ainda quando esta se recusa a participar da relação conflitiva que ele tenta estabelecer:

(I.62) *não sei...*

F1 não desiste de mostrar que cabe a ela o lugar de comando da sessão e segue desafiando a tarefa pedida pela T1, que é a de fazer uma imagem, ou seja, atuar psicodramaticamente:

(I.63) *posso continuar escrevendo? fica mais fácil...*

A voz do menino teimoso impera no corpo do jovem de vinte e dois anos, recusando qualquer ordem e transformando os imperativos: onde lhe pedem uma fala ele oferece uma carta; onde pedem uma dramatização, ele oferece outro texto, com um argumento imbatível:

(I.66) *as palavras já expressam por si...né?*

Em TF sempre se aprende a respeito do poder do sistema e do enredamento de suas malhas; talvez F1 apenas esteja reproduzindo o que desde sempre aprendeu com sua família: quando não se é dono da voz do comando oficial, a desobediência ainda é a melhor forma de poder.

### 3.3.5 Vozes especializadas em pôr ponto final

Passamos, neste momento, ao **Fragmento 3**.

#### **Fragmento 3:**

**80**    **F1**    (para todos os presentes) Feliz Dia das Mães!

Neste **Fragmento** final, podemos observar como F1 faz irromper magistralmente todas as interlocuções. Depois de recusar-se a aceitar a tarefa, tentando criar polêmica entre as ordens dadas pela T1 e pela supervisora, levanta-se teatralmente,



mira a todas as mulheres presentes e, pondo um ponto final à sessão, deseja, emocionada e matreiramente, nesse encontro terapêutico que ocorreu no início de um mês de maio: Feliz Dia das Mães!

Com a mudança repentina de atitude, ao deixar de lado a voz turrone de menino mimado e assumir o *ethos* de um galã, gentil e sedutor, hiperboliza o movimento e constrói o efeito de humor, num anticlímax muito parecido ao movimento inicial, quando irrompeu a sessão com a leitura inesperada de uma carta. Assim, F1 abriu e fechou o espetáculo, como convém a um grande ator em cena.

Uma conjectura nos vem à mente a partir dessa atitude de ator que põe um ponto final à dramatização, que talvez se aproxime da que F1 teve quando ofereceu, no início da sessão, a tarefa sob a forma de gênero diverso da solicitada: talvez ele só possa ter voz, tanto no sistema familiar como no terapêutico, se criar um efeito cômico. De fato, conforme Bakhtin nos ensina, é de acordo com o domínio dos gêneros para os quais temos mais desembaraço que descobrimos melhor nossa individualidade; é por meio de tais gêneros que realizamos com o máximo de perfeição o intuito discursivo que livremente concebemos. Pode ser, então, que F1 tenha encontrado pela diferença uma maneira eficaz de destacar-se num sistema que não aceita o diferente. Aquela voz irônica do velho Horácio, que de longa data e já nas páginas anteriores de nosso trabalho apregoava que “ridendo castigat mores”<sup>35</sup> pode ter sido a única atitude responsiva ativa possível para um sujeito que não encontra seu lugar. Contrariar, discordar, recusar, polemizar pode ser também, polifonicamente, uma forma contundente de ter voz e de dialogar, rompendo a monofonia reinante.

Discini (2003, p. 54) fala muito bem desse efeito de humor observado em Garfield, o irreverente gato dos quadrinhos. Fala dele como aquele que, sem fazer, faz. O mesmo percebemos em F1: ao não fazer nada, tudo faz. Ao manter-se parado, sem fazer as tarefas exigidas, mobiliza a todos que o cercam e o criticam. Cala todas as vozes moralizantes a sua volta, deixando no ar inúmeros efeitos de sentido a respeito de seu enunciado final: para quem tão livremente circula entre as esferas celeste e terrena, entre o profano e o divino, todas as enunciações podem ser cabíveis, num estilo que oferece ao interlocutor a validade de qualquer compreensão, muito semelhante ao que Pirandello tão bem intitularia “assim é se lhe

---

<sup>35</sup> “Rindo, castigam-se os costumes.”

parece”. E que o Feliz Dia das Mães emocione a quem emocionar e doa a quem doar.

Retomando e resumindo o que observamos, não pretendendo, de forma alguma, esgotar os inúmeros recursos lingüísticos do texto, queremos ressaltar que consideramos que o funcionamento discursivo da **Sessão 3** aponta também para a coexistência de muitas vozes, poucas vezes em concordância e muitas vezes em discordância. Aqui também as palavras, com seu uso polissêmico e polêmico, constituem-se num foco de luta entre os sujeitos e revelam uma disputa pela hegemonia dos poderes materno, filial, fraterno e terapêutico, o que provoca o efeito de sentido de um diálogo composto de vozes dissonantes, cujo efeito de sentido, porém, é autoritário, monofônico.

A voz das terapeutas deixou transparecer a voz institucional da TF, tanto pelas perguntas formuladas como pelas afirmações e diagnósticos, impregnados de jargão técnico. Ao mesmo tempo em que se colocaram no lugar do especialista que pergunta o que quer e espera sempre uma resposta, utilizaram diversas estratégias discursivas de preservação de face. Os diálogos, mesmo quando tentavam fugir à monofonia, acabavam por manter um tom autoritário, que pouco estimulou a diferença entre os interlocutores.

As vozes familiares também se apresentaram bastante monofônicas; mesmo falando de sentimentos profundos, cada sujeito manteve-se em seu lugar solitário de fala, aparentemente sem escutar o outro. As palavras de outros, revelando outros discursos, apontaram para uma dificuldade muito grande de comunicação entre os participantes da sessão e para disputa pelo poder. Em contrapartida, um dos pacientes, F1, mostrou um diálogo polifônico de grande riqueza, com muitas vozes dialogando entre si, sem que uma abafasse as outras. Deveu-se a ele, sem dúvida, a maior parte do dinamismo da sessão, pois foi capaz de dirigir-se a muitos interlocutores e a enunciar a partir de muitos pontos de vista diferentes. Fez o contraponto entre os lugares de poder presentes e, conseguindo um efeito cômico, pôde expressar o que sentia e falar o que pensava.

Também nesta sessão observamos que os pacientes, com sua fala, provocam o efeito de sentido de que o alocutário pode ser qualquer um dos presentes, e não forçosamente as terapeutas. Tampouco se exclui o monólogo, onde o próprio locutor pode converter-se em respondente, o que provoca o efeito de sentido de diálogos de surdos-mudos.

O ato de pedir ajuda também pareceu conflitante, uma vez que a fala dos pacientes mais se apresentava como um desabafo ou uma queixa sem esperança de solução de conflito. Com isto, o referente também provocou uma ilusão de sentido, pois, embora parecesse algumas vezes que os pacientes tematizassem a vontade de estar juntos, às vezes parecia que apregoavam principalmente a necessidade de preparar-se para ficarem sós. Este caso comprova o fato de que o gênero do discurso em questão não é somente uma entrevista, com participantes assimétricos, nem tampouco apenas um diálogo cotidiano entre participantes que solicitaram a presença de um especialista competente para o papel de mediador, para perpetuarem, agora diante de testemunhas devidamente habilitadas, uma velha forma de (in)comunicabilidade, repetindo *ad eternum* os mesmos enunciados e garantindo a mesma solidão. Mais complexo do que uma pura justaposição de gêneros, sua constituição se faz pelo cruzamento de vários gêneros, mesmo daqueles que, assim como a carta nesta sessão, poderiam ser vistos como pouco prováveis.

## Considerações Finais

Tentar olhar algumas sessões de terapia de família de abordagem sistêmica a partir de uma ótica enunciativo-discursiva permitiu-nos algumas reflexões, embrionárias há imemoráveis tempos, mas que precisaram gestar ao longo de toda a pesquisa para ousar vir à luz (enfim!) apenas no momento de pôr um ponto final.

A primeira reflexão é que todo trabalho parece encontrar seu caminho somente no instante em que termina, como se fosse aquela serpente – a uróboro – que circula em torno de si mesma, cabeça e cauda num infinito e inseparável abraço. Aliás, imagem muito semelhante à desenhada nos cadernos dos terapeutas de família em seu início de aprendizado, quando ainda têm muita dificuldade para entender a família e os casais como um sistema. Depois eles aprendem. E daí, já está na hora de entender que o círculo não oferece saídas, assim como a uróboro não se desgruda de sua própria cauda. É preciso construir espirais, porque a família e os casais precisam crescer, desprender-se de seus velhos padrões (ruins/sofridos) de funcionamento, para poder viver a plenitude da relação. É isto mesmo! Amar também se aprende e se exercita, mas apenas sob a forma de reciprocidade e de respeito pela diferença. Pelo motivo óbvio (mas tão difícil de perceber, talvez justamente por ser óbvio) muito bem assinalado por Bakhtin: “Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos” (BAKHTIN, 2000:1979, p.43). Diagnóstico da família e dos casais feito, falta o ato ético de ajudar do terapeuta. E agora, como fazer? A prova de que se pode e se deve trabalhar interdisciplinarmente nas questões de terapia é dada pelo próprio Bakhtin, que nunca foi terapeuta, mas encontrou a resposta: “Graças a posições apropriadas, é possível reduzir ao mínimo essa diferença dos horizontes, mas, para eliminá-la totalmente, seria preciso fundir-se em um, tornar-se um único homem.”(op.cit.). Pronto, agora já é trabalho de cada estudioso da linguagem/terapeuta, que sabe muito bem que a fusão é disfunção e que o bom mesmo é a saudável convivência da diferença.

A segunda reflexão é uma extensão da primeira e nos veio a partir da análise. Quando iniciamos nosso trabalho, tínhamos uma pergunta principal (que continha uma porção de outras) e uma hipótese: a pergunta, se respondida, poderia abrir um caminho muito amplo para os terapeutas, uma vez que focaria seu principal instrumento de trabalho e sua principal meta: a linguagem e o processo de re-significação. A pergunta que fazíamos era a respeito de como se dá o processo de (re)constituição desse referente fugidio, que se representa como a concepção de cada um a respeito do lugar que ocupa na vida familiar/social e do significado de viver bem em família e em casal e que os terapeutas conhecem por re-significação.

E tínhamos nossa hipótese de trabalho: as sessões de terapia parecem encontros. Mas não são: são confrontos. O discurso terapêutico é um confronto entre vozes que disputam papéis/lugares sociais e familiares, cada uma delas tentando, em geral, autoritária e monofonicamente sobrepor-se às outras. Pois bem: a análise confirmou nossa hipótese. Nós nos confrontamos o dia inteiro, por meio do discurso e usamos, para sobreviver, trabalhar e, por meio de nosso trabalho, ajudar o outro – o paciente, que, em nosso caso é sempre plural, múltiplo – um arsenal insuspeitado de vozes, algumas em concordância e outras em sonora discordância. A voz mais audível – e, sem dúvida, a principal aliada – é a dos cursos que fizemos, dos livros que lemos, das incontáveis e penosas supervisões a que nos submetemos. Porém, como toda boa aliada, ela também tem seu preço: alto e perigoso. Alto porque, se descuidamos, cala inclusive a voz de nossa própria subjetividade: passamos a falar como se fôssemos ela. Perigoso porque esquecemos o outro, o paciente a nossa frente. Esquecemos que ele tem suas crenças, seus motivos, seus pontos de vista, sua ótica, sua agonia. Esquecemos também que ele tem seu poder. E que, assim, como nós, é dotado de um imenso arsenal de vozes, que o antecede, por gerações que ele sequer pode suspeitar. Nem nós. E essas vozes são retumbantes, espinhos encravados no sangue e confirmados no dia-a-dia. Cada um é um. E temos de viver em conjunto. Na família, no casamento, no amor, no trabalho, no infortúnio. Então, o jeito é ir além da vontade individual. O jeito é combinar as várias vontades individuais. O jeito é a polifonia, como diria Bakhtin.

E, se “a essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes [...] permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à homofonia” (BAKHTIN; 2002:1929, p.21), então, é preciso estar atento a

toda voz, venha de nós, venha do outro. É preciso a consideração de todas as vozes. Só não vale fazê-las calar. Aliás, o silêncio também tem suas vozes. Basta escutar.

A terceira reflexão vem lembrar que toda hipótese, confirmada ou não, tem seu momento de virar tese. Tivemos algumas dificuldades, é certo. Na verdade, tivemos muitas dificuldades, ao nos propormos a fazer uma pesquisa de quase auto-observação. Pretendíamos lidar com a idéia de que o sujeito e seu discurso se constituem na relação com outros sujeitos e outros discursos, o que assegura o aspecto dialógico constitutivo da manifestação verbal. Pretendíamos lidar com a idéia de que a dialogia com o já-falado aponta para o fato de que as falas podem ser consideradas produtos do já-dito, o que propicia uma visão do discurso como produto de interdiscursos. Tínhamos em mãos o aparato teórico de muitos autores, dentre os quais selecionamos Bakhtin. Faltava-nos, porém, um instrumento que nos auxiliasse em nossas pesquisas, e que desse conta de nossa vontade de interdisciplinaridade. Encontramos a obra de Authier-Revuz. Ela nos ajudou muito, pois também, interdisciplinarmente, buscava respostas para suas análises por meio de Bakhtin. E da Psicanálise. Authier-Revuz nos guiou, por caminhos muitas vezes obscuros e pedregosos, em direção às marcas de heterogeneidade mostrada por meio das quais o falante negocia com a heterogeneidade constitutiva de seu discurso. Authier-Revuz nos ajudou a escutar as vozes dos terapeutas e dos pacientes.

Por ser uma pesquisa qualitativa, não podemos atestar categoricamente a passagem de uma situação A para uma situação B. No entanto, quando avaliamos os processos de (re)construção dos sentidos podemos observar as direções (e, especialmente, as mudanças de direção) dos sentidos. Conforme já falamos anteriormente, nossa análise não pretende ser uma demonstração exata de argumentos, o que por si só já inviabilizaria nosso trabalho e nossa perspectiva diante dele. Não acreditamos em um método estabelecido que dê conta de tal tipo de análise, como tampouco o daria das interpretações nas sessões de terapia. Acreditamos que o método se constrói durante, e não em função de – como já o dissemos em outra parte deste trabalho –, e que cada análise nos oferece diferentes e nem sempre excludentes caminhos, convidando-nos a pensar sempre numa outra trajetória possível e nos fazendo defrontar com o princípio da alteridade bakhtiniana. Não reivindicamos certezas e absolutos, mas nos empenhamos pela

dupla condição de que toda pesquisa necessita: a primeira delas é que amplie o debate na área da terapia e da lingüística e de outro, que mantenha esse diálogo aberto e em processo de construção.

A quarta e última reflexão expõe nossa tese: os terapeutas de família e de casal de abordagem sistêmica constroem hipóteses para o estabelecimento dos conflitos pelos deslizamentos dos sentidos (re-significação). Essa construção de hipóteses não é um momento anterior, mas simultâneo ao que a TF considera um processo satisfatório de re-significação, que é a mobilidade dos sentidos. Do ponto de vista terapêutico, o término do atendimento deve dar-se quando o confronto diametral transformar-se numa possibilidade de se escutarem as muitas vozes sociais em interação. Do ponto de vista lingüístico, isto só poderá ocorrer quando as vozes, em acordo ou desacordo, se fizerem ouvir polifonicamente e, do exercício da polêmica, o confronto deixar de ser monológico para ser dialógico.

Em tempo: todo terapeuta gosta de perguntar. Isto nós já pudemos ver. Para não perder o hábito, agora, vem a pergunta final, que, por certo, a Lingüística poderá responder: a cura pode estar na deriva?

## Bibliografia

ABAURRE, M. B. e RODRIGUES, A. C. S. **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2001.

ANDERSEN, T. **Diálogos y Diálogos Sobre Diálogos**. Barcelona: Gedisa, 1994.

ANDRADE, M. L. C. V. O. A Digressão Como Estratégia Discursiva na Produção de Textos Oraís e Escritos. In: PRETTI, D. **Fala e Escrita em Questão**. S.P.: Humanitas, 2000, p. 99-128.

ARROJO, R. (org.). **O Signo Desconstruído**. Campinas: Pontes, 1992.

ARROJO, R. e RAJAGOPALAN, K. A Noção de Literalidade: Metáfora Primordial In: ARROJO, R. (org.). **O Signo Desconstruído**. Campinas: Pontes, 1992, p.47-55.

AUSTIN, J. L. **Quando Dizer É Fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a Transparência e a Opacidade**. Revisão Técnica da Tradução: L. B. Barbisan e V. N. Flores. Porto Alegre: EDITPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. **Palavras Incertas. As Não Coincidências do Dizer**. Tradução: C. R. C. Pfeiffer et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2001: 1998.

\_\_\_\_\_. Falta do Dizer, Dizer da falta: As Palavras do Silêncio. In: ORLANDI, E.P.(org.) **Gestos de Leitura: Da História no Discurso**. Tradução: B.S.C.Mariani et. al. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). Tradução: Celene M.Cruz e João Wanderley Geraldí. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, v. 19, p. 25-42, jul/dez, 1990:1984.

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002b:1929.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética**. Tradução:Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2002c.

\_\_\_\_\_. **O Freudismo**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo. Martins Fontes, 2000: 1979.



\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992: 1929.

BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1999: 1994.

BARROS, D.L.P. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: Faraco, C. A., Tezza, C. e Castro, G. (Orgs.) **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

\_\_\_\_\_. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, D.L.P.; FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1999: 1994.

BARTHES, R. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. Tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003:1977.

BATESON, G. **Mente e Natureza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral**. Tradução: Maria da Gloria Novaque e Maria Luisa Néri. Campinas: Pontes, vol I, 1995: 1966.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Lingüística Geral**. Tradução: Eduardo Guimarães e outros. Campinas: Pontes, vol. II, 1989:1974.

BIRMAN, J. **Entre Cuidado de Si e Saber de Si: Sobre Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BOURDIEU, P. **A Dominação do Macho**. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **Le Bal des Célibataires**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

\_\_\_\_\_. Outline of a Theory of Practice. (1977) Cambridge, Nova York e Melbourne: Cambridge University Press. In MEY, J.L. **As Vozes da Sociedade**. Tradução: Ana Cristina de Aguiar. Campinas: Mercado de Letras, 2001:2000.

\_\_\_\_\_. WACQUANT, L. A Nova Vulgata Planetária. In: **Le Monde Diplomatique**, 2000, p. 1.

\_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1998.

BOWEN, M. **De la Familia al Individuo**. Barcelona: Paidós, 1991.

BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin. Conceitos-Chave**, São Paulo: Editora Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. Interação, Gênero e Estilo. In: PRETI, D. (Org.) **Interação na Fala e na Escrita**. São Paulo: Humanitas, 2002.

\_\_\_\_\_. (org.) **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade, Argumentação, Polifonia: A Propaganda da Petrobrás**. São Paulo: Unesp, 1997.

BREUNLIN, D. C., SCHWARZ, L. e KUNE-KARRER, B. M. **Metaconceitos**. Transcendendo os Modelos de Terapia Familiar. Tradução: Heloiza da Cunha Bueno Garman. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000: 1992.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Círculo do Livro, 1989: 1982.

CARMAGNANI, A. M. G. e GRIGOLETTO, M. **Questões de Linguagem e Identidade**. São Paulo: Humanitas. Crop. n.9, p.1-332, 2003.

CASTILHO, A. T. **A Língua no Ensino do Português**. São Paulo: Contexto, 1998.

CERUTI, M. O mito da onisciência e o olhar do observador. In: WATZLAWICK; KRIEG. **O Olhar do Observador**. Campinas: Editorial Psy, II, 1995.

CERVONI, J. **A Enunciação**. Tradução: L. Garcia dos Santos. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CHAFE, W. Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. Vienna, 2 nd, Congress of the International Association for Semiotique Studies. In: FÁVERO. L.L. **Aspectos da Coesão no Texto**. São Paulo: Humanitas, USP, número 11, 1997.

CINTRA, G. A. Transcrição do Discurso Oral. In: MOURA, D. (org.). **Os Múltiplos Usos da Língua**. Maceió: Edufal, 1999.

CORACINI, M. J. **O Jogo Discursivo na Aula de Leitura**. Campinas: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. Homogeneidade vs Heterogeneidade num Discurso Pedagógico. In: PASCHOAL; CELANI.(orgs.). **Linguística Aplicada**. São Paulo: Educ, 1992.

\_\_\_\_\_. **Um Fazer Persuasivo**. O Discurso Subjetivo da Ciência. São Paulo: Educ, 1991.

CORRÊA, M. L. G. **O Modo Heterogêneo de Constituição da Escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Linguagem & Comunicação Social: visões da lingüística moderna**. São Paulo: Parábola, 2003.

\_\_\_\_\_. **As Vozes Prementes**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

COSTA, J. F. **Violência e Psicanálise**. São Paulo: Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999:1979.

COULTHARD, M. **Advances in Spoken Discourse Analysis**. Routledge, 1992.

DERRIDA, J. **O Animal Que Logo Sou**. Tradução: Fabio Landa. São Paulo: Unesp, 2002: 1999.

\_\_\_\_\_. **Gramatologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

DIAS, A.R.F. **O Discurso da Violência**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

DISCINI, N. **O Estilo nos Textos**. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. **Intertextualidade e Conto Maravilhoso**. São Paulo: Humanitas, 2002.

DONZELOT, J. **A Polícia das Famílias**. Tradução: M.T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986:1980.

DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. Tradução: Alice Kyoko Miyashiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998: 1972.

ELKAÏM, M. **Panorama das Terapias Familiares**. Tradução: Eleny Corina Heller. São Paulo: Summus Editorial, vol 1 e 2, 1998:1995.

\_\_\_\_\_. **Se você me ama, não me ame**. Tradução: Nelson da Silva Jr. Campinas: Papyrus, 1990: 1989.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Editora UNB, 2001:1992.

FARACO, C. A., Tezza, C. e Castro, G. (Orgs.). **Linguagem e Diálogo**. As Idéias Lingüísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003

\_\_\_\_\_. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001:1996.

FÁVERO, L. L. Aspectos da Coesão no Texto. In: **Linha D'Água**. Humanitas, USP, número 11, 1997.

FÁVERO, L. L. et al. **Oralidade e Escrita**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

FIORIN, J. L. **Astúcias da Enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2001: 1979.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Ed.Loyola, 1999: 1970.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luís Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1987: 1969.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Clínica**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980: 1977.

FREITAS, M. T et al. **Ciências Humanas e Pesquisa**. Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.

GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1997.

GIDDENS, A. **Mundo em Descontrole**. Tradução: Maria Luisa Borges. São Paulo: Ed. Record, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Sentido da Modernidade**. Tradução: Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

\_\_\_\_\_. **As Conseqüências da Modernidade**. Tradução: Raul Filker. São Paulo: Unesp, 1990.

GNERRE, M. **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998:1985.

GOLDGRUB, F. **A Máquina do Fantasma**. Piracicaba: Unimep, 2001.

GRANDESSO, M. **Sobre a Reconstrução do Significado**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GREGOLIN, M. R.; CRUVINEL, M. F.; KHALIL, M. G. (Orgs). **Análise do Discurso**. Araraquara: Cultural Acadêmica Editora, 2001.

GRICE, H. P. **Logique et Conversation. Communications**. Ed. du Seuil, p. 56-72, 1979.

GRIGOLETTO, E. **Sob o Rótulo do Novo, a Presença do Velho**. Rio Grande do Sul: UFRGS Editora, 2003.

GRIGOLETTO, M. A Desconstrução do Signo e a Ilusão da Trama. In: ARROJO, R. (org.) **O Signo Desconstruído**. Campinas: Pontes, 1992.

GRIGOLETTO, M.; CARMAGNANI, A. M. G.(orgs.). **Inglês como língua estrangeira**. São Paulo: Humanitas, 2001.

GRIGOLETTO, M. **A Resistência das Palavras**: Discurso e colonização britânica na Índia. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

GUIMARÃES, E. **Os Limites do Sentido**. Campinas: Pontes, 1995.

HENRY, P. **A Ferramenta Imperfeita**: Língua, Sujeito e Discurso. Tradução: Maria Fausta Pereira de Castro. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. Os Fundamentos Teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In HAK, T.; GADET, F. (orgs). **Por Uma Análise Automática do Discurso**. Tradução: Enil Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

HILGERT, J.G. Procedimentos de Reformulação: a Correção. In: PRETI, D. **Análise de Textos Oraís**. São Paulo: Humanitas, 1999.

JAKOBSON, R. **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

KADOTA, N. P. **A Escritura Inquieta**. São Paulo: FAPESP, 1999.

KOCH, I. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. São Paulo: Ed. Contexto, 1998a.

\_\_\_\_\_. **A Inter-Ação Pela Linguagem**. São Paulo: Editora Contexto, 1998b.

KORZYBSKI, A. **Ciência e Sanidade**: Uma Introdução para Sistemas Non-aristotélicos e Semântica Geral. Connecticut: A Biblioteca Non-aristotélica Internacional que Publica Companhia, 1980.

LAGAZZI, S. **O Desafio de Dizer Não**. Campinas: Pontes, 1988.

LEITE, M. Q. O Diálogo no Diálogo: a Dupla Expressão do Discurso do Outro. In: PRETI, D.(Org.) **Diálogos na Fala e na Escrita**. Humanitas: São Paulo, 2005.

LOPES, E. **Fundamentos da Lingüística Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1995.

LOPES, L. M. **Identidades Fragmentadas**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

MAGRO, C., GRACIANO, M. (orgs.). **A Ontologia da Realidade**. Humberto Maturana. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

MAINGUENEAU, D. **Análise de Textos de Comunicação**. Tradução: Cecília P. de Souza e Décio Rocha. São Paulo: Cortez Editora, 2000: 1998.

\_\_\_\_\_. **Termos-Chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Tradução: Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997:1987.

MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso**. Campinas: Editora Pontes, 2003.

MARCONDES FILHO, C. **A Produção Social da Loucura**. São Paulo: Paulus, 2003.

MARCUSCHI, L.A. **Da Fala Para a Escrita**. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Anáfora indireta: O Barco Textual e suas Âncoras. Universidade Federal de Pernambuco, 2000. In: **Revista de Letras da UFPR**. Curitiba, UFPR – versão revista do texto apresentado IV Jornada do CELSUL – UFPR, nov./2000.

\_\_\_\_\_. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ed.Ática, 1991.

MATOS, M. **Reinvenções do Vínculo Amoroso**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MATTELART, A.; NEVEU, E. **Introdução aos Estudos Culturais**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004: 2003.

MATURANA, H. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. **Da Biologia à Psicologia**. Tradução: Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998a: 1995.

\_\_\_\_\_. **Emoções e Linguagem na Educação e Política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 1998b.

\_\_\_\_\_. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

MELMAN, J. **Família e Doença Mental**. São Paulo: Escrituras, 2001.

MEY, J.L. **As Vozes da Sociedade**. Tradução: Ana Cristina de Aguiar. Campinas: Mercado de Letras, 2001:2000.

MINUCHIN, S. **A Cura da Família**. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995: 1993.

MONDADA, L et al. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MORENO, J. L. **Fundamentos do Psicodrama**. São Paulo: Summus, 1983.

MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução À Lingüística 2**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Introdução À Lingüística 1**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

NICHOLS, M. P; SCHWARTZ, R. C. **Terapia Familiar: Conceitos e Métodos.** Tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998: 1995.

NIETZSCHE, F. W. **Obras Incompletas.** São Paulo: Abril Cultural, 1983.

OLIVEIRA, R. C. et al. **Pós- Modernidade.** Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso.** Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura.** Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico.** Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Linguagem e seu Funcionamento: as Formas do Discurso.** Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Discurso Fundador.** Campinas: Pontes, 1993.

OSAKABE, H. **Argumentação e Discurso Político.** São Paulo: Kairós Editora, 1979.

PAIVA, R. Prefácio. In: VATTIMO, G. **A Tentação do Realismo.** Tradução: Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2001.

PALAZZOLI, M. et al. **Los Juegos Psíquicos de la Familia.** Tradução: Beatriz E. Anastasi de Lonné. Barcelona: Paidós, 1995.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso.** Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M e FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T (Orgs). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: Editora da Unicamp, 1997:1975.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação. A Nova Retórica.** Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

POSSENTI, S. **Os Limites do Discurso.** Curitiba: Criar Edições, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Indícios de Autoria.** Florianópolis: Perspectiva, 2002b.

\_\_\_\_\_. **Discurso, Estilo e Subjetividade.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001: 1988.

\_\_\_\_\_. Observações sobre discurso e texto. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos.** Campinas, (44), p. 211-222, Jan./Jun, 2003.

PRETI, D. (Org. ). (Org.) **Diálogos na Fala e na Escrita**. São Paulo: Humanitas, 2005.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Interação na Fala e na Escrita**. São Paulo: Humanitas, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Fala e Escrita em Questão**. São Paulo: Humanitas, 2000.

\_\_\_\_\_. **Análise de Textos Orais**. São Paulo: Humanitas, 1999.

RAJAGOPALAN, K. **Por Uma Lingüística Crítica**. São Paulo: Editora Parábola. 2003.

RASTIER, F. **Sémantique et recherches cognitives**, Paris: PUF, 1991.

RORTY, R. **A Filosofia da Criação e da Mudança**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ROSA, M. M. **Marcadores de Atenuação**. São Paulo: Ed.Contexto, 1992.

RUSSELL, B. **O Casamento e a Moral**. Tradução: de Wilson Velloso. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1966.

SANTOS, R. C. **Modos de Saber, Modos de Adoecer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução: Antonio Chelini et. al. (Org. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. ) São Paulo: Cultrix, 1975.

SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e Identidade**. Campinas: FAPESP, 2001.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Investigando a Relação Oral/Escrito**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SILVA, T.T. **Identidade e Diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SOUZA, G. T. **Introdução À Teoria do Enunciado Concreto do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev**. São Paulo: Humanitas, 2002.

SPINK, M. J. (Org.). **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1998.

TEZZA, C. **Entre a Prosa e a Poesia: Bakhtin e o Formalismo Russo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

VATTIMO, G. **A Tentação do Realismo**. Tradução:Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2001.

VERÓN, E. **A Produção do Sentido**. Tradução: Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Editora Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1981.



VOGT, C. **O Intervalo Semântico**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

WATZLAWICK, P.; KRIEG, P. **O Olhar do Observador**. Campinas: Editorial Psy, 1995.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J.; JACKSON, D. **Pragmática da Comunicação Humana**. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1999:1967.

WHITE, H. **Trópicos do Discurso**. Tradução: Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 2001:1978.

WHITE, M., EPSTON, D. **Medios narrativos para fines terapêuticos**. Tradução: Ofélia Castillo et. al. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993.

WHITE, M. **Guías para una terapia familiar sistémica**. Barcelona: Gedisa, 1994.